
Em um lugar desconhecido,
ela encontrou a dor, a perda e o amor!
ÁREA
MILITAR
NATHANY TEIXEIRA

ÁREA MILITAR

Nathany Teixeira

© Copyright 2019 Nathany Teixeira
2º Edição
Revisão: Artemia Souza
Capa: Dalton Menezes
Diagramação: Tici Pontes

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as Normas da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados a autora. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Opinião de quem leu
Agradecimentos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24

Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Epílogo
Sobre a Autora
OUTRAS OBRAS DA AUTORA



Opinião de quem leu

Um livro cheio de romance, aventura, ação e com uma escrita fluida e poética. Nathany me arrancou lágrimas. Conseguimos sentir as dores e angústias das personagens o que nos conecta ainda mais com essa história maravilhosa.

Tici Pontes, autora de Dante

O livro é um arraso! Possui um plot maravilhoso. Senti-me lendo um enredo de cinema.

Miah, (@reflexoeliterarias_)

Surpreendi-me com a história desse livro. A autora foi muito feliz em escolher os elementos certos, e construir um enredo que fosse instigante e coerente.

Paula, (@clandestinafelicidade)

Bem difícil expressar tudo que senti lendo Área Militar, mas se fosse para escolher uma palavra que representasse, seria INTENSO!

Rilza, (@maniaca_literaria)



Agradecimentos

Como mensurar em palavras o quanto sou grata por cada pessoa que participou da realização desse sonho?

Dalton Menezes, meu capista e amigo, obrigada pela paciência e criatividade empenhadas em meu trabalho. Cínthia Sampaio, de todos os presentes do mundo, você foi o melhor. Responsável pela revisão de Área Militar, além de amiga, tornou-se uma irmã de alma que levarei em meu coração.

Tici Pontes, minha diagramadora, amiga, irmã, confidente. Que escuta meus áudios imensos e retribui da mesma maneira. Só posso agradecer pela sinceridade e incentivo.

Silvana, obrigada por ser meu mundo, meu tudo, a minha mãe e acima de qualquer coisa, sempre apoiar meus sonhos. Suellen, a minha crítica literária mais empenhada, sou grata por ter você como minha irmã, como minha amiga e cúmplice. Sei que estaremos andando sempre juntas e isso me conforta.

Neuza, o amor de vó é excepcional e gratidão é pouco diante dos 27 anos que vivi ao seu lado. Sei que do céu a senhora olha por mim.

Victor Pires, um amor maior não há. Seu cuidado e incentivo me ajudaram a caminhar novamente sempre que eu tropeçava. Obrigada por ser meu anjo protetor e acreditar em Área Militar acima de tudo.

Minhas amadas amigas do grupo “Área Militar”, minhas agentes especiais, rsrs, lembro que falar de vocês nunca é fácil. Como expressar o que cada uma representa para mim? Obrigada por existirem. Já disse isso um

milhão de vezes, entretanto, não me canso de repetir. Tive sorte ao conhecer vocês, as luzes que clareiam meu caminho.

Kelly Nascimento, minha beta sensacional. Sua opinião sempre atenciosa e verdadeira me ajudou a moldar enlaces da história que fizeram toda a diferença. Amo você, minha amiga!

Miah, Sunshine, obrigada por segurar minha mão — mesmo à distância — e impedir que eu desistisse no meio de vários caminhos. Quando se trata de amizade verdadeira, a distância é um mero detalhe. Tenho você bem guardada em um potinho, minha irmã.

Aos meus amigos, tenham em suas mentes que eu nada seria sem vocês. Obrigada por abraçarem a mulher de fases que sou. Completamente complicada, cheia de opiniões e ideias. E permitirem que meu sorriso se alojasse em seus corações. O brilho em meu olhar vem da certeza de que jamais estarei sozinha.

Aos leitores, sejam bem-vindos ao meu mundo. Agradeço a oportunidade de fazer parte da história de vocês, e saibam que, um leitor absorve um pedaço da alma do autor. Alegro-me, ciente de que estamos todos juntinhos.



Prólogo

Comandante Primeiro

ERGUI MEU CORPO possuído pelo ódio. Guardei em meu subconsciente os olhos negros de Kian. Eu voltaria para resgatá-lo, mas antes faria cada um naquele lugar pagar.

Avancei sentindo cada passada mais pesada que a anterior. Meus coturnos pareciam carregar aço em cada uma das solas. Deixei brotar em mim cada fúria que há muito estava guardada. A explosão em meu peito revelou minha pior versão. Iria destroçar a vida de quem cruzasse o meu caminho. Meu corpo estava carregado de uma dose extra de vingança. Aquilo me inspirava.

Sentia minha HK USP 9 milímetros leve como um papel, enquanto mirava em todos os cantos, ansiando encontrar meu alvo.

Era um caminho sem volta! Pensei quando arrombei aos chutes a primeira porta fina, de madeira oca e fraca, como quase todas naquele lugar, jogando-a sem piedade ao chão.

Era um caminho escuro e sem volta! Derrubei outra porta, envolto em angústia, cego pela raiva, causando um estrondo ainda maior.

Quando parei na penúltima porta percebi, antes mesmo de tocá-la, que era diferente das outras. Desde a madeira até a maçaneta.

Acima dela havia um símbolo negro em forma de estrela. Observei por segundos tudo o que a luz amarelada e abatida me permitia. Foi quando escutei claramente uma voz feminina, dissipada em pavor e desespero.

Instantaneamente, senti meu sangue congelar.

Kimberly!

Trinquei os dentes, possesso. Já não podia me reconhecer. Era um caminho pelo qual jamais voltaria.

Não sem ela!



Capítulo 1

Daria tudo que sei pela
metade do que ignoro.
René Descartes

Kimberly Digory

ESTAVA A MAIS de uma hora deitada de cabeça para baixo em minha cama. Escondida pelas várias almofadas rosadas que ficavam espalhadas pelo edredom branco. Encarei sistematicamente o pequeno varal de fotos que havia feito na parede em cima da cabeceira. Meus pensamentos voavam entre as fotos expostas. As luzes de led davam a ele um toque especial, além de combinar com a madeira branca dos móveis. Sempre me sentia bem ali. Era meu espaço. Meu cantinho. Hoje, entretanto, na véspera da volta ás aulas, me sentia deslocada.

A esquerda do pequeno varal havia uma foto em que minha mãe sorria, com seus grandes olhos amendoados, ao lado do meu pai que, como sempre, mantinha os cabelos negros partidos de lado. Mais embaixo havia uma foto de Olivia, minha melhor amiga. Sorríamos contentes em sua festa de quinze anos, há sete anos que ficaram para trás.

Ela continuava a mesma. Linda, estilosa! A simpatia em pessoa. Eu, por outro lado, nunca fui apegada a moda. Mas gostava de me arrumar. Usar os cabelos em ondas, exalando meu perfume adocicado, despretensiosamente,

até o ano passado, quando conheci Marcus. Três fotos depois, lá estava ele. Os cabelos jogados para o alto, olhos escuros e penetrantes. Uma pele macia, impecável. Seu terno azul escuro destacava sua beleza.

Estávamos em uma festa da universidade com direito a roupa de gala e salto alto, o que me fez andar como uma pata, pronta para botar ovos. Entretanto, perto de Marcus, aquilo mal me importava. As luzes piscavam, uma dança envolvente nos uniu e um beijo foi dado. Daqueles que vemos em cinema. Que arranca nosso fôlego e traz ao peito um calor imensurável. O que eu não sabia era que seria a primeira e última festa que iríamos juntos. Na mesma semana, juntamente com o término das aulas, nosso namoro se foi. E a culpada fui eu!

Comprimi as mãos, temendo o que estava por vir. Afinal, meu coração acelerava apenas com a hipótese de revê-lo. O que seria de mim no dia seguinte quando teria que encará-lo, frente a frente?

Droga! Eu era uma mulher medrosa e covarde!

— Kim, posso entrar? — Minha mãe empurrou a porta do quarto causando um rangido agoniante. Ela espiou pela porta, colocando apenas a cabeça no alcance da minha visão e encontrou sua filha em estado semivegetativo. — Vi a luz acesa. O que houve? — Sorriu observando o bico formado em meus lábios. — É assim que pretende se preparar para as aulas amanhã? — Ela empurrou a porta e caminhou até mim com a postura impecável de sempre. Empurrou duas almofadas que cercavam minha cabeça e sentou-se ao meu lado. Seu perfume tomou conta do lugar. Uma mistura de segurança e colo quente aqueceu meu coração. Eu amava aquele cheirinho de mãe.

— Estou um pouco nervosa. — Ergui os olhos para vê-la melhor.

— Percebi no momento em que vi as luzes acesas. — Franziu as sobrancelhas, como sempre fazia quando estava preocupada. — Querida, já

são duas horas da manhã e você ainda está arrumando essa mochila. — Ela apontou para um caderno de capa rosa que estava largado em cima da escrivaninha branca.

— Comecei a organizar o material de amanhã, mas — ponderei as palavras — não consegui!

— O que está acontecendo? — Sua mão alcançou meus cabelos e deslizou por eles até encontrar a cama.

Eu nunca conseguiria esconder nada da minha mãe nem se quisesse. O trabalho dos meus pais era descobrir o que ninguém mais conseguia. Eles trabalhavam para uma organização secreta do governo e isso nunca foi segredo para mim. Meu pai decidiu me contar quando eu tinha quatorze anos e poderia entender melhor o que eles faziam. Ele queria me preparar para tudo, pois aquele tipo de emprego era atribulado e coisas ruins poderiam acontecer a qualquer momento.

Não sabia ao certo o que eles faziam ou o que tinham que descobrir, mas entendia quando eles não voltavam para casa certas noites e eu tinha que dormir na casa da Olivia. Por outro lado, sabia bem que não deveria mexer no armário sob a escada. Algumas armas ficavam guardadas lá dentro a sete chaves. Coisas que nem eu filme eu havia visto. Sempre temi o estrago que qualquer uma delas poderia fazer. Principalmente aos meus pais. Nunca revelei como realmente me sentia a respeito disso. Acreditava que não seria bom confessar que sempre que eles se afastavam, tinha a sensação de que eles jamais voltariam e isso quebrava o meu mundo por instantes até que aquela sensação fosse embora. Então, já que não havia mais nada a fazer, me restava simplesmente esperar que voltassem para mim.

Cansei de ouvir o telefone tocar na madrugada. Logo após isso, coturnos pesados batucavam contra o piso de madeira brilhante e encerado da nossa casa. Minha mãe provavelmente tentava evitar a todo custo me acordar.

Mas o maldito telefone fazia esse trabalho por eles. Segundos depois, a porta da frente da casa batia e o alarme era ligado novamente. *Haviam saído*. E meu coração mais uma vez colidia com o medo e a preocupação.

Certa vez, em uma tarde acalorada, diferente das que vivíamos em nossa rotina, meu pai fritava ovos que exalavam um cheiro delicioso pela cozinha, enquanto eu me distraia com um vídeo engraçado sobre animais, escorada na bancada de aço, degustando minhas torradas esperando pelos ovos mexidos. Ora e outra ele corria os olhos negros até mim. Encarava-me por menos de um segundo e desviava o olhar. Meus pais estavam diferentes desde a última vez que saíram. Trabalharam por três dias, ligando ocasionalmente para saber como eu estava. Pedindo que eu chamasse Olívia para me fazer companhia enquanto isso.

Eu sabia que algo havia acontecido quando eles retornaram no quarto dia, completamente abatidos. Um silêncio envolveu nossa casa pelos dias que se seguiram. Os olhos da minha mãe carregavam um fardo imenso e uma tristeza desoladora. Não entendi, e sequer perguntei. Sabia que não me contariam, mas rezei para que falassem algo. Esperei o momento certo para perguntar. Foi enquanto eu aguardava esse momento que escutamos minha mãe chorar no banheiro.

Um choro alto, descompassado. Meu pai correu até ela, largando os ovos ainda no fogo. Eu não fiquei para trás. Abandonei na mesa minhas torradas e meu chá quente e corri feito uma louca pela casa, desviando dos móveis como se fossem barreiras e eu, um carro desgovernado. Meu coração estava pronto para parar. Chegamos ao banheiro juntos. Minha mãe estava sentada no chão, em um estado lastimável, seus cabelos molhados agarrados ao corpo, diminuía sua estatura. Seus olhos estavam vermelhos e ela se entregava ao choro, segurando com todas as forças sua toalha cor de mel. Meus olhos instantaneamente se encheram de lágrimas. Não importava o que

estivesse acontecendo, era insuportável ver minha mãe, minha heroína, sofrendo daquela forma.

"Tudo bem filha, está tudo bem!" Repetia atordoada enquanto eu disparava perguntas, tentando descobrir qualquer coisa. Ao menos uma palavra que me fizesse acreditar que ela logo estaria bem novamente.

Decifrei com as palavras entrecortadas, lançadas ao ar, que o seu sofrimento era devido a um casal de amigos terem perecido.

Mortos! Um homem e uma mulher. Um casal, como meus pais. Parceiros de profissão, talvez seus melhores amigos. Pessoas importantes, pois nunca havia visto minha mãe chorar. Aquela foi a primeira vez que ouvi falar algo que envolvesse o sobrenome Clarent. Tudo o que havia conseguido descobrir acabava bem aí.

Provavelmente se conheciam há anos. Pessoas que eu sequer vi. Afinal, vivíamos assim. Eu não sabia o que era ter avós, ou tios... Nem mesmo primos distantes.

Naquela noite eu também chorei. Escondida no meu quarto, na época de paredes cor de rosa e enroscada embaixo do meu cobertor, pedi a Deus que protegesse meus pais e senti as lágrimas quentes de medo rolarem por meu rosto e repousarem sobre meu travesseiro.

Não conhecia mulher mais forte que minha mãe.

Mais independente? Impossível!

E a inteligência e perspicácia do meu pai me incentivavam. Queria seguir seus passos, mas algo em mim era diferente do que habitava no peito deles. Eu tinha medo, eles não! No fundo eu sabia que meus pais estavam provavelmente salvando o mundo por aí, e que a cidade de Dashville era pequena demais para eles. Mas seria pequena demais para mim também?

Continuei encarando minha mãe, que apesar do horário, estava bem alerta. Aguardando minha resposta. Reparei em como nos parecíamos. Esse

era meu grande orgulho. Ser um xérox perfeito de Savanna Digory.

— É o Marcus — respondi, desfazendo-me daqueles pensamentos pesarosos. Sentei-me na cama, agarrando uma almofada sob o olhar curioso da minha mãe.

— O que tem ele? — Meu pai apareceu na porta do quarto, como se estivesse escutando a conversa o tempo todo.

— Pai! — reclamei alto pela falta de privacidade.

— Paul, sai daqui! — Minha mãe rebateu e ele saiu resmungando.

Meu pai nunca gostou do Marcus e quando começamos a namorar, ele o odiou ainda mais. Marcus morava a duas ruas da minha casa e era normal nos encontrarmos pelos lugares. Principalmente, na universidade. Quando começamos a namorar, ele veio até à minha casa conversar com o meu pai e foi um desastre completo.

Eu tinha mais de vinte anos e nunca havia namorado. Mal sabia como me portar, e além de tudo, sempre soube que tinha uma mãe ciumenta e superprotetora, mas eu não esperava que meu pai fosse dez vezes pior que minha mãe. Cinco meses depois, nosso namoro havia acabado. Não tínhamos liberdade nem intimidade o suficiente e quando percebi aquela situação, resolvi terminar. Mesmo gostando dele a ponto de sentir meu coração pular, preferi tomar a iniciativa, caso contrário, ele o faria e eu me sentiria pior.

Afinal, quem quer namorar alguém que estaria sempre embaixo dos olhos do pai? Palavras que saíram dos doces lábios de Marcus, enquanto conversava com um de seus amigos na noite que deveria ser perfeita para nós dois. Ele obviamente não esperava que eu escutasse tudo e terminasse nosso namoro no dia seguinte.

O motivo real pelo qual meu pai o odiava, eu não sabia. Talvez fosse um ódio gratuito, ciúmes entre pai e filha. O estranho era que em diversos momentos sentia que meu pai tinha algo pessoal contra Marcus. Os olhares

que trocavam claramente precipitavam uma guerra. Comecei a acreditar que o problema maior não era a sua única filha namorar, mas que o escolhido fosse Marcus.

— Esqueça seu pai, os homens não sabem de nada! — Sussurrou sorrindo. — Marcus está te incomodando?

— Não, mãe. — Apressei-me em dizer. Pensei em quantas maneiras diferentes meu pai o mataria se ao menos sonhasse com isso. — Tem dias que não o vejo. Nem pela vizinhança. — Suspirei. — Desde que terminamos ele desapareceu. Não faço ideia se ele entendeu o motivo que me fez tomar essa decisão.

— E qual foi esse motivo? — Ela se inclinou em minha direção. — O real motivo!

—Escutei ele dizer que namorar comigo não era fácil. Não tínhamos liberdade! — Minha mãe enrugou a testa, provavelmente controlando a vontade de ir atrás de Marcus. — Ah, esquece! Eu só estou com medo de encontrá-lo amanhã na universidade e ver que ainda gosto dele, entende?

— Sim, meu amor! — Soltou um ar forte pelas narinas. — Você pode até pensar que não entendo o que está passando, ou até mesmo a atitude nada gentil do próprio Marcus, mas eu compreendo. — Endireitou a postura encarando o varal de fotos a nossa frente. —Já tive a idade de vocês. Os nervos à flor da pele, a descoberta de cada sentimento. É tudo incrível! — Abriu os braços demonstrando uma expansão imaginaria. — Mas ainda assim, é tudo uma fase. Esse desespero por rever alguém que não faz mais parte da sua vida logo passa. Vocês terminaram recentemente e é normal se sentir estranha por um tempo, mas vai passar. Pode acreditar. — Ela me deu um beijo na testa.

— É o que espero! Poder vê-lo e seguir em frente, sem sentir esse aperto chato no peito.

— Você vai. Não sabe a força que tem dentro desse coraçãozinho. — Abracei minha mãe, suspirando mais uma vez. — Agora vá dormir que amanhã o dia será cheio para todos nós. E se precisar conversar, é só me chamar. Se eu não escutar, seu pai provavelmente ouvirá, não é Paul?

—*Isso mesmo*! — Ele respondeu do corredor, revelando seu esconderijo secreto.

— PAI! — Gritei novamente, nervosa.

— Dá próxima, me lembre de amordaçar seu pai no quarto — ela se levantou, ajeitando o robe preto de seda que arrastava no chão enquanto caminhava — assim ele não nos atrapalha! — Ela abriu um largo sorriso e eu retribuí enquanto observava minha mãe sair do quarto.

Joguei-me na cama e fiquei encarando novamente o teto branco do meu quarto.

— Um novo começo. — Sussurrei ao vento.



— Kimberly Digory, estamos muito atrasadas por sua causa! — Ouvi Olivia reclamar quando meus pais estacionaram o carro em frente à sua casa.

Ela ajeitou sua jaqueta de couro na tentativa de aplacar os ventos do início do outono.

A cidade de Dashville era conhecida por suas estações bem definidas. Tínhamos um verão tão quente quanto eu imaginava ser o inferno, e um inverno rigoroso que era quase impossível mexer os dedos dos pés. O outono e a primavera eram minhas estações favoritas. Eu amava o cheiro das árvores pela manhã. A cor que cada folha assumia diante sua renovação. Os pássaros que voavam livres e cantavam melodias que melhoravam imediatamente

qualquer mau humor.

Era incrível observar de longe as montanhas ao redor da cidade e ansiar pelo dia que eu as conheceria de perto. Acamparia no topo mais alto. Deixaria o vento brincar com meus cabelos e comeria muitos marshmallows derretidos em uma fogueira. Um passeio simples e delicioso.

— Vamos no meu carro! — Olivia se exaltou, empolgada. Arrancando-me dos meus pensamentos. — Sinto muito, senhor e senhora Digory, mas não podemos chegar acompanhadas dos nossos pais na universidade. — Ergueu o dedo indicador em riste. — Não mesmo! — Reforçou comprimindo os lábios e arregalando os olhos.

Olivia fazia sempre a mesma expressão quando queria afirmar algo e parecer convincente. Foi assim que ela me convenceu que depilação a cera era mais rápida do que dolorosa. E eu, tola, acreditei.

— Não perca tempo, Olivia! — Minha mãe deu uma gargalhada, quando encontrou aqueles olhos esbugalhados em sua direção. — Divirtam-se. — Desci do carro percebendo meu pai encarar o retrovisor, atento.

Seu terno cinza escondia sob a maciez do tecido uma arma prateada. Diferente das armas de cor preta que eu costumava ver sendo escondida sob a roupa dos meus pais. Um pressentimento ruim assolou meu coração.

— Kim, quero falar com você duas palavrinhas. — Ele me chamou. Dei a volta no carro, porém quando me aproximei, seu telefone tocou. — É Jason Stevens! — Ele trocou um olhar estranho com minha mãe.

— O que será que ele quer? — Ela perguntou erguendo uma sobrancelha. Meu pai fez um sinal para que eu esperasse e me afastei um pouco para que ele pudesse conversar à vontade com esse tal de Jason.

Aprendi isso com facilidade. Sempre que eles iam falar de trabalho ou algo do tipo, eles se afastavam ou pediam licença. O que não me impedia de tentar descobrir o que estava acontecendo.

Jason Stevens...

Seria outro agente do governo? Nunca ouvi nada que envolvesse seu nome ou de qualquer outro agente, a não ser sobre os Clarent. *O casal assassinado*. Senti um calafrio percorrer meu corpo quando as lembranças esquentaram minha mente. O tempo passava, mas o temor que senti naquela noite, não.

— Querida, à noite conversamos! — Sorri.

—Espero vocês. Podemos ver aquele filme com o carinha careca!

— *Jason Statham*! — Meu pai me corrigiu. Era um dos seus ídolos e ator conhecido nas telas do cinema. — Combinado! — Ligou o carro. — Agora temos que correr ou chegaremos atrasados no trabalho. — Ele me lançou um sorriso fraco.

— Amamos você! — Minha mãe deu uma piscadela junto a um beijo jogado em minha direção. — Cuidado e juízo! — Seus cabelos ruivos escaparam pela janela à medida que o carro se afastava.

— Adeus! — Olívia berrou ao meu lado, ficando na ponta dos pés.

Acenei para eles enquanto o Toyota RAV4 fazia a primeira curva a direita e se perdia de vista.

— *Amo vocês.* — Sussurrei, sentindo aquele aperto no coração que sempre me atacava quando eles saíam.

— O que eles fazem mesmo? — Olivia perguntou pela vigésima vez em toda a nossa amizade.

— Há quanto tempo somos amigas? — Perguntei sarcasticamente. Preparando mais uma mentira bem contada a respeito dos meus pais.

"*A reunião é quarta* — dizia a professora — *seus pais comparecerão*?"

"*O aniversário do pequeno Timothy é neste domingo* — dizia a vizinha nariguda da casa ao lado. — *Posso contar com vocês?* — Todo ano

ela espalhava convites pela vizinhança inteira, a fim de comemorar mais um aniversário do franzino Timothy. Um garoto tão estranho quanto a mãe. E educadamente, todos os vizinhos compareciam, menos meus pais.

Menti consideravelmente para cada uma daquelas pessoas. Sempre com a mesma desculpa. Um fardo que cabia a mim e a mais ninguém. Ajudar meus pais a se manterem no anonimato e em segurança. Olivia era minha melhor amiga, mas no fundo, era para quem eu mais mentia. E isso me matava por dentro.

— Uns dez anos. — Ela respondeu corretamente.

— Exatamente! — Concordei. — Eles são engenheiros e por isso precisam sair a qualquer hora da noite ou do dia se tiverem algum problema nessas obras malucas por aí. — Joguei as mãos para o alto. — Você sabe disso, só deve ter escondido em alguma parte do cérebro.

Aquela era a desculpa padrão para qualquer um que perguntasse o que os meus pais faziam. Não me sentia bem mentindo para ninguém, mas se tratava da segurança dos meus pais, e isso eu não arriscaria nunca.

— Desculpa. Sabe que não gravo essas chatices. — Ergueu a sobrancelha. — Agora, vamos logo ou perderemos nossa primeira aula. — Entramos no Subaru Just, 1988 de Olivia.

O carro azul desbotado fedia a gente velha e fazia um barulho estranho quando se dava a partida. Ainda assim, nos sentíamos o máximo toda vez que sentávamos naqueles bancos de couro gasto. Os pais de Olivia juntaram suas economias e compraram o Subaru por um preço bem acessível. Podia não ser o carro do ano, mas tinha quatro portas, um som que seria bem útil e alcançava até 80 quilômetros por hora. Ainda que fosse pouco, era necessariamente tudo o que precisávamos.

— Espero conhecer um cara bem gato nesse semestre! — Olívia conferiu o batom rosado no espelho retrovisor.

— Vamos conhecer, inclusive os novos professores. — Abri a mochila procurando meu brilho labial. — Esses são os piores, vamos ter que prestar atenção no que eles falam. — Gargalhei.

—Vai ser difícil! — Deu de ombros. — Mas vamos conseguir.

Em dez minutos, estávamos no estacionamento da Universidade Central de Dashville.

Os monumentos espalhados pelo jardim central pareciam ter sido polidos com cera e reluziam contra o sol fraco. A estátua “Homine”, que nada mais era que um homem nu e representava o corpo anatomicamente humano em sua versão real, foi escolhido a dedo pelo ex-diretor Alan Petter para habitar a entrada da universidade, havia sido ornamentada com uma faixa branca com as escritas “Sejam bem-vindos”.

Olhei para o órgão sexual semiexposto embaixo do tecido quase transparente e me perguntei quem havia escolhido aquela estátua para levar a faixa de recepção. Seria a nova diretora? Que assim como o senhor Petter, tinha um afeto tempestuoso por estátuas nuas?

Subimos a grande escadaria de mármore e entramos na Universidade. Vários estudantes estavam espalhados pelo grande corredor a nossa frente. Por alguma razão desconhecida, meu coração começou a saltitar dentro do peito. Talvez por uma razão não tão desconhecida assim. Eu o vi!

Minhas mãos se fecharam em volta da alça da mochila. Comprimi o maxilar enquanto ele caminhava a passos firmes em minha direção. Seus lábios estavam contraídos em um fino sorriso, e seus olhos, ah, seus olhos, pretendiam me tirar do chão. Marcus me encarava como se estivesse prestes a me pegar pela cintura e colar meu corpo ao dele. Lembrei dos beijos apaixonados que trocávamos todos os dias. Das conversas animadas e dos sorrisos pretensiosos. Mais rápido que isso, lembrei-me de suas palavras...

“*Quem quer namorar alguém que está sempre embaixo dos olhos do*

pai?!”

— Nossa! — Olívia alfinetou. — Lá vem ele! Isso não vai prestar.

Marcus se aproximou e um largo sorriso se formou em seus lábios. Não consegui tirar os olhos dele. Sentia-me hipnotizada. Queria ignorá-lo, mas era tão atraente que parecia impossível.

Eu tinha que tirá-lo da minha cabeça, nós nunca daríamos certo.

— Achei que esse dia nunca chegaria! — Ele parou a nossa frente e cruzou os braços, encarando-me perto o suficiente para que eu sentisse seu perfume amadeirado.

— A volta às aulas acontece duas vezes por ano! — Respondi sarcasticamente sem deixar de olhar em seus negros olhos.

— Tudo bem, estou saindo da zona de tiroteio! — Olivia sumiu pelo corredor, deixando-me sozinha com ele. Ótima amiga!

— Como você está? — Aproximou-se mais.

— Estou ótima! — Não conseguiria falar mais nada nem se quisesse.

— Fico feliz! — Por um momento seu sorriso estremeceu. — Almoça comigo hoje? — Surpreendeu-me.

— Não sei se é uma boa ideia. — Tentei me desviar de todos os sentimentos estranhos que me atacaram naquele momento.

— Não é nada demais, Kim. — Talvez nada demais para ele, mas para mim seria o fim do mundo. — Preciso conversar com você. Não acha que merecemos ao menos isso? — Seu olhar firme me desestabilizou. — Talvez mais algumas palavras além de “*Não dá mais. Me desculpe*!” — Repetiu as palavras que eu duramente lhe disse no dia seguinte a festa da universidade.

Em menos de um minuto trilhões de pensamentos me aturdiram. Fui dura demais quando terminei nosso relacionamento. Isso era uma certeza. Sequer expliquei o motivo pelo qual estava terminando. Mas Marcus também

foi um indelicado, chegava a ser idiota. Suas palavras haviam ficado tatuadas em minha memória, entretanto jamais revelei que ouvi sua conversa, mesmo sem querer. Nunca o questionei nada. Ou procurei saber porque pensava daquela forma. Poderíamos ter dado um jeito. O nosso jeito. Mas ele preferiu falar a um amigo sobre os problemas que andava enfrentando em nossa pequena relação do que se abrir comigo. Por quê? Era uma pergunta sem resposta.

Talvez um almoço pudesse responder aquela pergunta e colocar um fim a qualquer coisa ou sentimento que ainda restasse. Pelo menos era essa a minha desculpa para aceitar o convite.

— Quer saber, são só dois amigos almoçando juntos! — Concordei. Não teria nada a perder. De qualquer forma, seria divertido.

— Kim, a aula já vai começar. — Ouvi Olivia me chamando.

—Preciso ir!

— Espero pelo nosso almoço. — Ele se inclinou, segurou minha mão e desferiu um beijo demorado em meu rosto, fazendo-me arrepiar da cabeça aos pés.

Soltei sua mão, antes que arfasse diante seu corpo. Despedi-me com um breve aceno e caminhei a passos rápidos até minha sala.

— O que aconteceu? — Olívia perguntou quando se sentou atrás de mim.

— Depois nós conversamos. — Disse rápido quando um dos professores entrou na sala.

As horas da parte da manhã resolveram não passar. Cada minuto era angustiante. Arrependi-me umas boas quatrocentas vezes enquanto o relógio se arrastava em direção ao almoço. Batuquei na mesa de madeira, enquanto o os alunos prestavam atenção no que era dito pelo professor. Por duas vezes Olívia me cutucou para que eu me acalmasse.

Haviam se passado duas horas de aula, e eu não tinha prestado atenção em quase nada.

— Alunos — o professor, um homem pequeno e ranzinza, de cabelos tão ruivos quantos os meus, completamente desalinhados e de postura curva, que gentilmente chamávamos de Senhor Todd, interrompeu a aula quando uma mulher de aparência dura, com óculos meia lua pendurados no pescoço entrou pela porta — essa é a diretora Geórgia Herrera.

Ela acenou para a turma e se aproximou do professor, dizendo algo que ninguém escutou.

— Sim. — Senhor Todd, o hobbit, percorreu os olhos pela sala. — Kimberly Digory! — Congelei instantaneamente.

— Sim! — Levantei a mão.

— Poderia acompanhar a diretora Geórgia por um minuto? — Sua pergunta era mais uma imposição.

— Claro. — Respondi pegando minha mochila e olhando para Olivia assustada. O que quer que fosse, não podia ser boa coisa. Ninguém parava na sala do diretor no primeiro dia de aula à toa. Respirei fundo, evitando a tremedeira em minhas pernas.

Andamos lado a lado até a sala da diretora que ficava no segundo andar da universidade. Ela não disse uma palavra enquanto subíamos e eu estava tensa com aquela situação. Entramos em uma sala típica de um diretor. Havia uma grande mesa de madeira com alguns porta-retratos espalhados. Medalhas e troféus enfeitavam o canto direito da sala em um armário de vidro. Uma grande janela, também amadeirada, dava vista para o pátio de recreação da universidade e todo o ambiente era bem iluminado.

Havia três cadeiras, em uma delas a senhora Géorgia se sentou, indicando que eu me sentasse a sua frente. Olhei para a cadeira preta e quadrada e me lembrei do único funeral que fui na vida. O de um tio distante

de Olívia. Ela não queria ir sozinha e me arrastou com ela. Nunca mais esqueci o cheiro de morte que habitava aquele lugar, e por incrível que parecesse, sentia novamente aquela sensação enquanto olhava para a cadeira vazia a frente. A sensação de morte.

Os minutos passavam velozes. Talvez já tivéssemos perdido horas ali, esperando. Apesar do tempo ameno, comecei a sentir calor. A grande sala clara e reluzente onde me encontrava parecia ter diminuído. Uma aflição tomava conta de mim.

Que diabos estava acontecendo?

Havia encarado os inúmeros porta-canetas que estavam organizados sobre a mesa da diretora mais de mil vezes, enquanto Geórgia digitava sistematicamente alguma coisa em seu notebook preto. Franzia o cenho, comprimia os lábios, enrugava todo o rosto na tentativa de entender algo que pulava pela sua tela. Enquanto isso, seus pés batiam delicadamente contra o solado amadeirado. Também estava nervosa.

— Senhora Geórgia, o que estamos aguardando? — Impaciente, remexi-me na cadeira macia e horrorosa. —Tenho um compromisso e não posso adiá-lo. — Senti um frio percorrer meu estômago ao pensar em meu almoço com Marcus.

— Tenha calma, senhorita Digory. — Ela me olhou por cima de seus óculos meia lua. — Em breve, entenderá. — A inquietação começou a me dominar.

Alguém bateu de leve na porta e antes de permitir a entrada, Geórgia passou as mãos pelos curtos cabelos loiros, arrumou o casaco vermelho e endireitou a postura atrás da grande mesa de madeira que a pertencia como diretora. Quem quer que fosse, parecia ser alguém muito especial.

— Por favor, entre.

A porta foi aberta lentamente e quando meus olhos alcançaram quem

caminhava em minha direção, por um segundo, prendi a respiração.

Um homem totalmente vestido de preto, com a postura impecável e fortes braços, adentrou a sala, acompanhado de mais três vestidos praticamente da mesma maneira. A diferença era que o primeiro estava com um sobretudo preto e longo, que arrastava elegantemente pelo chão rente a seus pés a cada passada que dava. Seus coturnos amarrados até metade da canela ressoavam batuques pesados pelo piso de madeira. Os cabelos claros daquele homem contrastavam com toda aquela escuridão e quando olhei em seus olhos, por mais que não passasse de míseros dois segundos, pude ver que eram de um verde esmeralda magistral.

— Herrera! — Ele passou direto pela cadeira em que eu estava sentada, seguindo até a diretora.

Percebi que ele a chamou pelo segundo nome, sem ter a educação de chamá-la de senhora. Estranhamente, a própria diretora pareceu não se importar, mas meus pais me ensinaram assim e aquilo me incomodou.

— É uma honra, senhor! — Geórgia apertou a sua mão.

Tentei compreender aquela cena. Ele aparentava ter uns vinte e seis anos, e ela uns quarenta, e mesmo assim, Geórgia o chamava de senhor.

— É ela. — A diretora apontou em minha direção e enfim, fui notada por ele.

— O que tem eu? — Temi, sentindo meu coração acelerar drasticamente.

Encarei-o por um segundo, tentando captar algo. Sua roupa escura, sua postura impecável, o olhar de quem nada temia. Comprimi os olhos e senti minha pressão cair quando percebi o volume em sua cintura. Um volume que eu estava acostumada a ver todos os dias, entretanto, na cintura dos meus pais.

Levantei-me em um pulo, quase derrubando a cadeira de funeral.

— Você vem conosco! — Ele disse rispidamente.

— Não! — Gritei. — Nem sei quem são vocês. — Caminhei de costas até a janela. Sentia-me como um animal encurralado. Os outros três, que para mim poderiam ser bandidos, tinham a mesma aparência jovem e ameaçadora. Eles se entreolharam, vendo minha resistência.

— Meu nome é Kian Ross e estamos aqui para ajudar. — Um deles deu um passo à frente e completou calmamente. — Precisa vir conosco agora, não temos tempo a perder.

Sua voz era bem mais agradável do que a do ignorante dos olhos claros. Ele tinha os cabelos negros e jogados levemente sobre os olhos escuros. Seu charme era notável à distância, mas, para mim, eles eram sequestradores e eu estava disposta a pular pela janela ao invés de sair dali com aqueles malucos de preto.

— Quero falar com meu pai! — Arranquei meu celular do bolso. Eles não sabiam com quem estavam se metendo.

— É por isso que estamos aqui. Seu pai nos autorizou a levá-la conosco se fosse necessário. E acredite, é necessário! — Ele lançou um estranho olhar para o idiota dos olhos claros. — Explicaremos no caminho. — Kian estendeu a mão para mim. Os outros dois homens ficaram vigiando a porta.

— Chega disso. Leia e vamos embora. — A educação em pessoa de sobretudo preto me entregou um papel e eu gelei ao reconhecê-lo.

Era um bilhete que meu pai há muitos anos me instruiu como código. Ele dizia que se algo acontecesse, enviaria alguém de sua confiança com aquele bilhete em mãos e eu deveria confiar naquela pessoa. E ali estava a carta, ali estavam as pessoas, mas onde estavam os meus pais?

—Não, não! — Repeti desnorteada. Que brincadeira de péssimo gosto era aquela? — Cadê os meus pais? — Todo tipo de pensamento ruim

começara a permear minha mente. Lembrei-me mais uma vez do casal de amigos dos meus pais. Mortos!

— Ei! — Kian Ross, considerando que aquele era mesmo o nome dele, caminhou rapidamente em minha direção, eliminando a pouca distância entre nós. Suas mãos alcançaram meus ombros com delicadeza e me seguraram de forma firme. — Preciso que se acalme e venha comigo. Juro pela minha vida que estará em segurança.



Capítulo 2

E se eu desmoronasse?
Se não pudesse mais aguentar isso?
O que você faria?
The kill (Bury me) - 30 Seconds To Mars

Kimberly Digory

UM AR QUENTE entrava pelas minhas narinas e parecia não chegar aos meus pulmões. Respirar estava sendo uma tarefa difícil. As mãos de Kian permaneciam imóveis sobre meu ombro. Desejei fugir dali. Abandonar aquela maldita sala, correr para minha casa e encontrar meus pais. Olhei para o chão, incrivelmente lustrado, quase conseguia ver meu reflexo ali. Foquei em um ponto, tentando lutar contra a tontura que me abraçava. Um sopro frio entrou pela janela aberta atrás de mim, fazendo-me arrepiar. Precisava decidir. Poderia confiar naquelas pessoas?

Provavelmente, cada um deles estava armado. Que outra opção eu tinha? Estava claro que não se tratava de um pedido, e sim, de uma ordem. O que meus pais fariam naquela situação? Se eu pensasse como eles, decidiria facilmente.

— Não podemos mais esperar. Vamos! — Kian pediu.

Olhei mais uma vez para a carta e segui o que o meu pai me ensinou. Segundos depois, estávamos correndo pelos longos corredores da

Universidade.

Kian seguia na minha frente ao lado do homem de sobretudo preto, enquanto os outros dois marchavam atrás de mim, incentivando-me a andar o mais rápido possível. Imaginei as armas escondidas sob o manto negro que usavam, prontas para serem usadas, em qualquer momento, em qualquer o lugar. Tremi por dentro.

O que já teriam feito com elas? Vítimas? Eu não sabia!

Conviver com armas não deveria me assustar, já que meus pais andavam armados vinte e quatro horas por dia, mas eles eram os meus pais e eu não fazia ideia de quem eram aqueles caras.

Quando viramos o corredor da saída, algumas salas já estavam entrando no horário de almoço e as pessoas passeavam pelos corredores, indiferentes a tudo que estava acontecendo ao redor. Era inquietante caminhar entre adolescentes normais cercada por pessoas estranhas, possuídas por uma postura militar impecável.

— Kimberly? — Parei de andar quando ouvi Marcus me chamando. Em seu rosto havia espanto. — O que está acontecendo?

— Não podemos parar! — Kian sussurrou.

Marcus encarou o homem de coturnos negros e permaneceu paralisado como uma estátua. Parecia ter visto o próprio diabo bem na sua frente. Kian passou por ele e lhe ofereceu um breve aceno. Diferente do seu parceiro indelicado que continuava a caminhar, ignorando os olhares das meninas em cima dele.

— Eu ligo para você! — Gritei para Marcus enquanto caminhava a passos largos no curto espaço destinado a mim. Seus olhos arregalados sequer cruzaram com os meus novamente.

Descemos as escadas às pressas. Vi o Subaru Just azul de Olivia no estacionamento para onde íamos. Precisava dizer a ela que estava bem,

mesmo que não tivesse aquela certeza.

Fui guiada por eles até um grande furgão preto de quatro portas. Os vidros escuros estavam embaçados com a pequena garoa que caia do céu, deixando o tempo mais frio. Olhei o meu reflexo pela pintura reluzente do carro e agradeci por ter escolhido uma jaqueta quente. Pelo menos, não congelaria de frio.

— Preciso dizer a minha amiga que estou bem. — Como um gato aflito, meus olhos encararam os de Kian que pacientemente disse:

— Não se preocupe! — Ele abriu a porta do furgão. — A diretora Geórgia se encarregará de alertá-la. Entre! — Apontou para o furgão. Encarei-o com uma visível interrogação nos olhos.

— Por que vieram até aqui? O que querem comigo? — Comecei a perder a paciência com aquele mistério todo.

— Em breve você entenderá tudo.

— Ross, a rota já foi passada. — Um dos outros homens afirmou, estendendo um tablet preto para Kian.

Ross? Por que se chamavam pelo sobrenome? Homens da polícia? Do governo? Perguntas rondavam minha cabeça e novamente percebi que não fazia ideia de quem eles eram.

— Não espera que eu entre em um furgão preto com quatro homens armados sem fazer a mínima ideia do que está acontecendo, não é? — Cruzei os braços na tentativa de esconder minhas mãos trêmulas. Não queria demonstrar fraqueza.

— Senhorita Digory, precisa confiar em nós. — Percorreu os olhos sobre a rota que lhe fora passada. — Seu pai confia! — Desarmou-me.

Sem saída, me sentei no banco de couro macio do furgão, preparando mais um arsenal de perguntas. Ao menos uma delas poderia ser respondida.

— Passe a rota para o Primeiro. — Kian balançou a cabeça em

direção ao homem dos olhos claros.

Primeiro? Que droga de nome era aquele?

— Esse é o nome dele? — Perguntei enquanto Kian tentava colocar o cinto de segurança em mim, como se eu tivesse dez anos de idade.

— Pode-se dizer que sim. Este é Billy. — Referiu-se ao homem que lhe entregou o Tablet. Billy era sério e tinha a expressão de poucos amigos. — E aquele é o Adam. — Kian apontou para o homem que estava segurando a porta direita do banco de trás do carro. Até agora, Adam não havia dito nenhuma palavra e ele era o que mais me dava medo. Sua estatura alta se igualava aos outros três homens, mas havia algo estranho em seus olhos negros. Poderia não ser nada, mas meu subconsciente estava apavorado demais para raciocinar. — Estará segura conosco. — Ele me olhou gentilmente e mesmo envolvida no desespero de não saber o que estava acontecendo, ter Kian por perto estava me deixando mais calma. Seu braço roçou no meu naquela confusão de cinto e quando notei sua proximidade, resolvi tentar mais uma vez.

— Ross! — Sussurrei seu sobrenome. Seus olhos negros encararam os meus. Engoli seco, temendo sua resposta. — Vamos encontrar meus pais? — Perguntei quando ele acabou de travar o cinto. Kian sustentou meu olhar e pude tremer com a expressão em seu rosto. Tão negra quanto a noite.

— Você saberá assim que chegarmos ao nosso ponto de destino. Eu prometo.

— Qual é o ponto de destino? Droga, ao menos isso eu deveria saber! — Soltei o ar pela boca. — Para qual canto do mundo estamos indo? — Reclamei.

— Valloren, nos arredores de Briston! — Revelou. —Todos os seus pertences já foram retirados da sua casa e encaminhados para lá.

— Valloren? — Que maravilha! Íamos para o meio do nada, há mais

de seis horas de Dashville. — Meus pertences? Vocês levaram minhas coisas para Valloren?

— Foi necessário! — Aquela seria a única resposta que eu conseguiria.

Respirei com dificuldade e antes que pudesse perguntar mais alguma coisa, o “Primeiro” fez um sinal com a mão e Kian Ross foi se sentar no banco da frente ao seu lado.

O Primeiro se virou em minha direção. Seus olhos claros pareciam querer ler minha alma. Um silêncio constrangedor se formou, e quando pensei que não poderia ficar pior, ele estendeu a mão aberta em minha direção.

— O celular! — Pediu de forma rude, como sempre.

— Ah, — dei uma risada sarcástica — mas de jeito nenhum! — Conclui por fim. Que absurdo! — Para que você quer o meu celular? — Perguntei nervosa.

Ele tinha algo que mexia com todas as minhas emoções. Conseguia ficar irritada somente por escutar o som de sua voz, entretanto não desejava que ele parasse de falar, apenas para continuar ouvindo-a. Muito confuso para alguém que eu nem conhecia.

— Ele pode ser rastreado e você não pode correr nenhum risco. — Seu timbre grosso me causava raiva. Queria bater o pé e negar a entrega do meu celular, mas ele poderia estar certo. Soltei o ar pela boca, ciente de que as coisas eram bem mais serias do que eu imaginara.

Entreguei meu celular ao Primeiro com muito receio e o vi quebrar o chip e colocar o aparelho em uma embalagem transparente com lacre.

— Descarte! — Ele entregou o saco para Kian Ross que o guardou no porta-luvas.

—Mas... — Minha boca se abriu, incrédula.

Adam se sentou à minha direita e Billy à esquerda. O pânico começou a me consumir. Meus pais não permitiriam que pessoas estranhas me levassem da nossa casa em Dashville para Valloren se não fosse algo sério. Comecei a temer o motivo de tudo aquilo. Será que meus pais estavam bem? O simples pensamento de que algo pudesse ter acontecido a eles desestabilizou minha vida. Senti os olhos arderem na mesma medida que a minha voz desaparecia.

Deus, ajude-me! — Clamei em pensamentos. Implorando que meus pais estivessem em segurança.

Eles estariam bem! Esperando-me em Valloren. Afinal, já havíamos falado em fazer uma viagem pelos arredores. Talvez conhecer Briston e suas cidades montanhosas. Não passava de um mal entendido. Eles talvez precisassem de mais privacidade. Um vizinho poderia estar desconfiando do trabalho secreto dos meus pais. Sim, era isso!

Acabaríamos tendo que nos mudar de Dashville e eu morreria de saudades de Olivia, mas meus pais estariam bem, e eu iria com eles aonde fossem.

Olhei para trás quando o carro começou a se mover, tentando segurar uma teimosa lágrima que queria descer com a dura realidade de deixar todos a quem eu conhecia sem nem sequer me despedir.

A universidade se distanciava a cada segundo e minha vida, da forma como eu conhecia, provavelmente estava ficando para trás também.

O olhar de pânico de Marcus para o tal “Primeiro” me fez questionar se ele nem ao menos pensou em perguntar o que estava acontecendo. Simplesmente deixou que estranhos enormes me levassem embora da universidade sem se impor, sem olhar em meus olhos mais uma vez. Talvez aquela fosse uma realidade que eu não queria encarar. Ele nunca se importou o suficiente. Mas isso importava? Provavelmente aquela seria a última vez

que eu o veria.



Três horas se passaram e ainda estávamos na metade do caminho. O “Primeiro” estava dirigindo acima de 140km por hora e em algumas situações, eu travava a unha no banco do carro, nervosa.

Lembrei-me de Olivia e de sua calma ao volante.

O que ela estaria fazendo agora? Com certeza as notícias da minha saída repentina já deveriam ter chegado aos seus ouvidos. Será que Olivia estava preocupada? Será que procuraria meus pais? Talvez ela os encontrasse antes de mim.

O horário do almoço há muito havia passado e eu não sentia fome. Era impossível! A ansiedade não me permitia sentir nada, além de desespero. Olivia provavelmente iria me esperar para irmos embora juntas em seu carro, desfilando pela cidade. Não fazia ideia do que a diretora falaria para ela, mas sentia que Olivia me esperaria e desejei poder estar lá.

Fechei os olhos e apertei ainda mais as unhas nos bancos de couro. Eu provavelmente acabaria rasgando o estofado, mas pouco me importava.

— Digory, está tudo bem? — Em todas essas pequenas crises que tive, Kian se virava para trás com a mesma pergunta.

— Estou bem... — Entramos rápido demais em uma curva íngreme. Meu estômago revirou. — *Droga!*

— Tem certeza?

Como o fôlego ainda não havia retornado aos meus pulmões, eu apenas concordei com a cabeça. Em tese, ainda estava tudo bem. Ficaria melhor assim que eu encontrasse os meus pais.

Em alguns momentos, o Primeiro me olhava de relance pelo retrovisor, tão discretamente que até eu duvidava de que ele realmente estivesse olhando. Algumas horas depois, passamos por uma gigantesca placa escrita:

“Seja bem-vindo à Valloren!”.

— Chegamos! — Kian informou, tentando me acalmar.

Entramos em uma longa estrada de terra cercada por áreas florestais. As árvores dançavam ao vento, livres. Raros rastros de luz solar cortavam por entre as galhas, iluminando o caminho entre as pedras soltas da estrada. Percorremos aquele caminho por longos trinta minutos até avistarmos uma barreira com duas guaritas e muros altos, o que contrastava com o ambiente verde ao redor. Parecia um forte muito bem protegido por um enorme portão cinza. Homens vestidos de preto estavam ao redor da guarita, assim como acima dela haviam cinco homens caminhando de um lado para o outro. Notei que cada um possuía uma enorme arma nas mãos e mais uma vez, apertei o banco.

Kian olhou para mim e sorriu.

— Não se preocupe.

Claro, para ele era fácil falar. Afinal, quem estava longe de casa com quatro desconhecidos, entrando em uma fronteira protegida por homens armados, era eu. Sendo assim, eu tinha sérios motivos para entrar em pânico.

— Não, eu não vou me preocupar! — Novamente o tom sarcástico surgiu implícito em minha voz. Estava perdendo o controle. — Vou ignorar o fato de estar entrando em um lugar cheio de gente armada, e a propósito, até agora sem ter certeza que meus pais ao menos sabem que estou aqui. — Bufei.

Minha mãe se envergonharia pelo meu comportamento, mas vê-la novamente era tudo o que eu mais ansiava. Estava completamente

descontrolada. Apenas meus pais me acalmariam novamente.

— Estamos chegando! — Kian era a paciência em pessoa. Aquilo estava me irritando. Tudo estava me deixando bem irritada. Principalmente não saber o motivo para eu estar ali.

— Liberem a entrada. É o Primeiro! — Um dos homens que vigiavam a guarita anunciou em um rádio quando nos avistou.

O grande portão se abriu ressoando um estrondo esganiçado. Novamente, o furgão acelerou por uma estrada de pedras até chegarmos ao asfalto. Olhava para todos os lados, buscando entender em que lugar havia chegado. Cinco minutos mais tarde, avistei uma cidade se formando em meio a relva da floresta. Havia um enorme prédio central com aproximadamente seis andares e de largura incontável. As paredes amarronzadas praticamente escondiam aquela construção. Ao redor, haviam algumas casas menores, entretanto grandes o suficiente para abrigar cem pessoas. Uma delas estava cercada de mesas e cadeiras, como um refeitório.

Alguns jovens, talvez da mesma idade que eu, entre uns mais velhos e outros bem mais novos, caminhavam pelo lugar distraidamente envoltos em conversas. No mesmo ambiente, circulavam soldados, portando todo tipo de armamento que eu sequer tinha visto na vida. Algumas pessoas no caminho não disfarçavam a curiosidade em saber quem estava dentro do carro. Outras, no entanto, não paravam de encarar os dois homens sentados no banco da frente.

Fizemos uma curva e adentramos um estacionamento a céu aberto, ao lado do grande prédio cor de terra. Vários furgões como o que o Primeiro dirigia estavam estacionados naquele lugar ao lado de alguns jipes. Porém, nada daquilo foi tão chamativo quanto o que ainda estava por vir. Meus lábios se abriram quando me deparei com um helicóptero gigantesco parado aos fundos do estacionamento. Em seu casco preto reluzente estavam escritas

as palavras douradas: ÁREA MILITAR. E antes que eu pudesse pensar no que aquele nome representava, o Primeiro estacionou o furgão e desceu, sendo acompanhado pelos demais.

— Digory, venha comigo. — Ele começou a andar na minha frente, nitidamente mostrando o caminho que eu deveria seguir.

— Não vou a lugar nenhum! — Bati o pé sentindo as costas doerem pela longa viagem em que permaneci praticamente imóvel. — O que significa Área Militar? — Havia raiva em minha voz. Estava odiando esse maldito joguinho de “Em breve você entenderá”, “Fique calma”. Para o inferno com a calma! — Quero saber agora, onde estou?

Senti a presença de Kian atrás de mim, acompanhado de perto por Billy e Adam.

— Agora você vai saber o que está acontecendo! — O Primeiro respondeu secamente e prosseguiu a passos largos para nosso destino. Caminhei o mais rápido que eu conseguia para alcançá-lo.

Saímos do estacionamento e entramos em uma porta que revelou a imensidão do grande prédio por dentro. Haviam várias escadas que direcionavam diferentes partes de cada andar.

— Leve-a até Madeleine e depois, mostre suas instalações. Aguardo você na minha sala. — Ele acenou para Kian e seguiu para uma das escadas.

— Acompanhe-me, por favor. — Kian deu um sorriso fraco.

Um medo absurdo tomou conta do meu corpo. Por um segundo desejei não saber o que estava acontecendo. Temi a resposta. Mas sabia que precisava ir até o final com aquilo tudo.

Segui-o por uma escada que dava acesso ao segundo andar. Ele não me dirigiu a palavra em nenhum momento. Seus olhos haviam assumido um tom sombrio. Sequer se parecia com o homem que havia conhecido a pouco. Algo ruim estava por vir. Paramos em frente a uma porta branca com as letras

M.S presas a ela. Kian bateu duas vezes e antes que batesse pela terceira vez uma voz doce respondeu.

— Pode entrar. — Ele abriu a porta e aguardou que eu entrasse primeiro.

— Ei, Digory! — Kian segurou meu braço antes que eu pudesse entrar e sussurrou. — Seja forte, estarei aqui.

Senti um calafrio terrível subir por minha coluna.

— Senhorita Digory, é um imenso prazer conhecê-la. — Uma mulher de aparência simples, mas beleza notável veio até mim com a mão estendida e eu a cumprimentei. — Meu nome é Madeleine Solomon e irei lhe esclarecer muitas coisas.

Meus olhos varreram a grande sala de Madeleine. Um tom bege reinava em todas as paredes que eram cobertas por fotos. Pareciam turmas de algum colegial. Várias e várias fotos de jovens reunidos. Alguns armados, outros não. Mas todos com um enorme sorriso estampado no rosto. Que lugar era aquele?

— Queria dizer o mesmo, senhorita Madeleine, mas acredito ter sido raptada! — Desferi meu ódio.

Seus cabelos castanhos estavam presos em um coque que combinava com o terninho que ela usava. Kian fechou a porta e se manteve em pé. Madeleine me encarou de forma terna e pousou seus olhos no homem de preto atrás de mim.

— Olá, comandante Ross. — Ela lançou um olhar respeitoso para Kian e voltou sua atenção para mim. — Sente-se, por favor. Fique à vontade. Garanto que não foi raptada.

— O que estou fazendo aqui? — Sentei-me na cadeira marrom em frente à sua mesa.

Diferente das cadeiras da sala da diretora Geórgia, aquelas não me

lembravam um funeral, mas eram muito desconfortáveis. Enfim, mesmo se fossem de extremo conforto, ainda assim, me sentiria sentando em espinhos, tamanha era minha ansiedade.

— Você está na Área Militar.

Pisquei os olhos, tentando me lembrar o que minha mãe já havia me dito sobre aquele lugar, mas não me lembrava de nada, apenas das palavras marcadas naquele helicóptero.

— Por que estou aqui? — Meu tom de voz era urgente.

— Fique calm...

— Desculpe, mas se me disser para ter calma, perderei a cabeça. — Jamais havia respondido alguém daquela forma. Estava desesperada. — Esses homens foram até a minha Universidade em Dashville, DASHVILLE! — Soltei o ar preso em meu peito, batendo um dedo contra a mesa de vidro a minha frente. — Viajamos seis longas horas para que eu pudesse descobrir o que estava acontecendo. Por favor, não me faça esperar mais. Vá direto ao ponto!

— Sou a psicóloga da Área Militar! — Apressou-se a dizer, ainda com o tom leve e delicado que estava usando desde que chegamos. — E cada um que está aqui dentro já passou por mim. Preciso que entenda o que aconteceu e saiba qual o seu papel nisso tudo. — Sem perceber comecei a tamborilar o dedo na mesa, fazendo um barulho irritante. — Trabalhar na nossa área não é fácil e todos os agentes trabalham por amor ao que fazem. São muito bem remunerados, é claro, mas isso não vem ao caso. — Ainda estava segurando a minha mochila com meu caderno dentro e comecei a sentir que ela ficava mais pesada a cada momento. Abandonei-a no chão de mármore. — Seus pais trabalham para a nossa organização secreta há muitos anos e sempre foram os melhores.

— E? — Perguntei tentando forçá-la a falar sem rodeios.

— Quero que saiba que muitos habitantes da Área Militar passaram exatamente pelo que você está passando agora. Kimberly, você não está sozinha! — Após um discurso extenso sobre os valores de cada ser humano, a importância de expormos nossos sentimentos e a confiança que deveríamos ter naquele lugar, enfim, Madeleine começou a falar o que eu realmente desejava saber. — Eles estavam trabalhando em um grande caso como agentes infiltrados. A missão dos Digory era vigiar a criação de um dispositivo e acionar a base quando ele ficasse pronto. O reforço chegaria e o local seria invadido, como de costume, levando a prisão da quadrilha envolvida. — Ela parou para respirar. — A Área Militar foi criada para proteção dos familiares dos nossos agentes. Existe um alerta que somente um agente pode emitir para que a retirada aconteça. — Olhei para Kian que permanecia parado atrás de mim. — Hoje pela manhã, recebemos o alerta de solicitação de retirada para a Área Militar. — Algo muito ruim havia acontecido para que o alerta de retirada fosse acionado. — Sinto muito ter que lhe dizer isso, mas seus pais sofreram um ataque de um dos nossos inimigos antes que a nossa equipe, ao menos, soubesse que o dispositivo estava pronto.

— Ataque? — Gritei. — O que aconteceu? — Levantei-me da cadeira com força, jogando-a no chão.

— Senhorita Digory, preciso que entenda.

— Entender o que? Me diga! Que merda eu tenho que entender? — Trinquei os dentes.

— Eles foram cercados em uma emboscada. Ainda não localizamos os responsáveis, mas toda a nossa inteligência está trabalhando nisso.

— Onde eles estão? — Meu tom de voz aumentou. Estavam brincando comigo? — Cadê os meus pais?

— Seu pai ainda não foi localizado, mas temos certeza de que ele

sobreviveu, pois recebemos o alerta de retirada de familiar para a Área Militar. Isso é um bom sinal. Ele está em segurança, porém não sabemos onde.

— Ele sobreviveu? O que quer dizer com isso? E minha mãe? — Minhas pernas bambearam.

Madeleine fez um silêncio ensurdecedor. Seu olhar passou para trás de mim novamente, provavelmente encontrando o olhar de Kian.

— A agente Savanna não resistiu. — Suas palavras dilaceraram meu peito. Não podia acreditar. — Sinto muito, Kimberly. — Ela esticou a mão em minha direção, tentando me segurar.

— É mentira! — Dei um passo para trás batendo contra o peito de Kian. — Fazem ideia de quem é minha mãe? — Lágrimas queimavam meu rosto. — É a Savanna Digory! — Ergui a mão aos céus. Era óbvio que ela estava bem.

— Kimberly... — Madeleine começou.

— Não! — Impedi que falasse. — Ela nunca me deixaria sozinha. Nunca, está ouvindo? — Apontei para a mulher a minha frente. — Ela prometeu! — Engasguei. — Vamos nos ver hoje à noite, em casa. — Virei-me para Kian. — Podem conferir novamente a informação, por favor?

— Realizamos a conferência pessoalmente! — Havia pena estampada no rosto de Kian.

Senti uma fincada no estômago, como se tivesse levado um soco. Era um pesadelo!

— Não, não! Por favor, me diga que é mentira. Por favor! — Implorei, olhando para o rosto contorcido daquela mulher. Cravei as unhas em meu próprio pescoço. O desespero parecia querer me matar.

Ela sustentou meu olhar e naquele momento eu senti. Sabia que havia algo errado desde o momento em que eles apareceram na minha

Universidade.

Madeleine lentamente abriu um saquinho ao lado de sua mesa e de lá retirou um conjunto de documentos pessoais. Aproximei-me dos documentos e a um metro de distância pude ver a identidade da minha mãe, ao lado de vários papeis com fotos e rabiscos, exatamente iguais aos filmes da TV. Os papéis da perícia. Minha mão foi de encontro as fotos. Precisava vê-las.

— De forma alguma! — Kian alcançou o pacote antes de mim. — Não suportaria permitir que você visse isso.

— Ah, meu Deus! NÃO! — Berrei completamente cega.

— Digory! Estamos aqui! — Um turbilhão de sentimentos explodiu em meu peito. Não conseguia enxergar. Tudo se tornou um borrão sem sentido. Bati em uma mão que tocava meu ombro.

— Tire a mão de mim! — Debati-me contra o toque que tentava me conter. Afastei-me de costas, levando as mãos à boca, totalmente incrédula até sentir a parede fria me apoiar.

— Ahhhhh! — Segurei as têmporas. Minha mãe? Morta? — Não, meu Deus! Por favor, por favor. — Senti as pernas fraquejarem. Os olhos da minha mãe vieram a minha mente. Seu sorriso, suas palavras. Meu porto seguro.

Um grito irradiou por meu peito. Urrei, perdendo as forças.

— Kimberly! — Uma voz distante me chamou.

Já não podia ouvir, já não queria escutar.

Não conseguia controlar o meu próprio corpo que tremia compulsivamente.

O último beijo que minha mãe tinha me dado me veio à cabeça. Seu toque, seu carinho, sua proteção se foram? Não conseguia aceitar que nunca mais a veria. Eu nem pude dizer que a amava direito. Solucei forte, enquanto Kian tentava me acalmar.

Por favor, me acordem desse pesadelo.

— Querida, eu sei que é duro, mas ainda não acabou. — Madeleine se aproximou do meu corpo sem forças no chão. Kian segurava minha mão. — Seu pai precisa que você seja forte nesse momento. — Levantei meu rosto juntando toda a força que tinha e olhei para ela. — É por isso que você está aqui. Até encontrarmos nosso agente, o único lugar seguro para você é aqui. Se nossos inimigos colocarem as mãos em você, eles conseguirão encontrar seu pai com muita facilidade.

Tentei raciocinar, mesmo que uma dor insuportável rasgasse o meu peito em dois. Não conseguia pensar!

Depois de quase uma hora, consegui erguer a cabeça e tentei me levantar daquele chão. Madeleine me olhava ainda imóvel, como se quisesse poder fazer mais por mim. Mas nós duas sabíamos que não havia mais nada a ser feito.

— Até o momento, isso é tudo o que precisa saber. — Suspirou. — Se tiver alguma dúvida quanto aos horários e atividades da Área, pode me procurar que terei o maior prazer em informá-la. — Madeleine deveria ser treinada para lidar com aquele tipo de situação com firmeza, pois em nenhum momento ela alterou o tom de voz que era agradável e convidativo. — Você não está sozinha, senhorita Digory. Estaremos sempre com você. Quero que venha se encontrar comigo dentro de dois dias.

— Vou levar você para o seu quarto. — Kian me ajudou a levantar.

Coloquei-me de pé, como se não soubesse mais como caminhar. Senti uma tontura imensa. Aos poucos minha visão se tornou turva.

— Kimberly! — Perdi os sentidos, sendo levada a uma escuridão menos dolorosa da que me encontrava.

— Chame o doutor Klaus, Madeleine! Agora! — Kian berrava.

Caí, desistindo de lutar!

Meu corpo tremia sem meu controle. Estava apoiada em algo macio. Mãos deslizavam por meu braço até encontrar meus dedos. Abri os olhos, sentindo o ardor da luz me incomodar. Pisquei várias vezes tentando conseguir enxergar com clareza. Braços firmes sustentavam meu corpo, aquecendo-me.

— Que susto você me deu! — Escutei uma voz sussurrada sobre minha cabeça e soube que estava nos braços de Kian.

— Seja bem-vinda de volta, senhorita! — Um homem de barba cerrada e jaleco branco aferia pacientemente minha pressão. — Como imaginei, ela está bem. O coração da nossa guerreira aqui acelerou, enquanto sua pressão caía. O resultado foi uma queda brusca. — Ele fez anotações em uma prancheta pequena. — Ainda bem que a segurou, comandante. Geralmente, as quedas são mais prejudiciais que todo o resto. — O médico suspirou. — Alimentação e repouso. Além disso, dê um desses a ela. — Ele entregou a Kian um comprimido rosa. — Isso bastará para que consiga descansar.

Kian deslizou a mão por meu braço e pegou o comprimido.

— Deixe-me ajudá-la! Precisa descansar. — Fechei os olhos, sentindo as lágrimas escorreram novamente. Recostei minha cabeça no ombro de Kian e permiti que ele me ajudasse.

Ele enlaçou minha cintura com um braço, suportando todo o peso do meu corpo, pois de forma alguma eu sabia como caminhar novamente. Tomei o comprimido sem senti-lo descer por minha garganta.

Saímos da sala de Madeleine e fomos andando lentamente. As lágrimas desciam em silêncio pelo o meu rosto e nem se eu quisesse seria capaz de dizer algo. Notei que algumas pessoas me observavam enquanto passava. Todos jovens como eu, mas isso foi o máximo que consegui notar.

Subimos mais um andar e Kian abriu uma porta de madeira escura

para que eu entrasse. Quando fechei a porta, ele abriu a janela e observei o quarto com todos os meus pertences, organizados da mesma forma como os mantinha em casa. Meus olhos encontraram o varal de fotos, pendurado de forma meio torta, mas ainda assim, continha todas as minhas fotos. Encarei o rosto da minha mãe e estremeci, permanecendo paralisada. Eu me sentia sem forças e estava me rendendo a dor que me atormentava.

— Digory! — Kian me encarou de perto. — Por favor, você tem que reagir. Eu sei que é doloroso, mas se você se entregar a dor, nunca mais irá conseguir se levantar.

— A minha mãe não merecia. Ela era uma pessoa boa. — Comecei a chorar compulsivamente imaginando a forma como ela poderia ter morrido.

Espalmei as mãos na porta as minhas costas e em um rompante de inquietação, desviei de Kian e caminhei até meu varal de fotos, ali posicionado como se tudo estivesse bem. Como se ela ainda estivesse viva.

— Ahh! — Agarrei o varal e o puxei com força, arrebentando as malditas luzes ao redor. — Ela não merecia! — Repetia incansavelmente enquanto destruía o maldito varal, rasgando as malditas fotos.

Dor nenhuma no mundo poderia ser maior que aquela. Eu desejava morrer!

Cada lágrima descia pelo meu rosto como uma navalha em chamas. Kian correu até mim e me abraçou, tentando me impedir de destruir as fotos que ainda restavam.

— Shii! — Solucei até mais uma vez perder as forças em seus braços.

Kian me segurou por um longo tempo. Balançando meu corpo, embalando-me enquanto eu tremia desesperadamente. Aos poucos fui me calando, sentindo a dor em meus ossos, em minhas células. Espalhada por toda a minha vida ou o que restava dela.

— Savanna era especial. Ela e Paul cativavam qualquer um. —

Prosseguiu em um tom baixo. Eu era incapaz de ao menos olhar em sua direção. — Todos nesse lugar sabem quem eram seus pais. Existem motivos bons para isso, e eu juro que lhe contarei quando estiver mais calma. — Kian passou a mão pelo meu rosto molhado. — Está ouvindo?

Não! Não conseguia entender nem uma palavra, mesmo que tentasse.

— Preciso ficar sozinha! — Com grande esforço, consegui pronunciar as palavras.

Seus olhos mostravam solidariedade ao que eu estava sentindo. Somente alguém que já passara pela mesma situação poderia entender o que eu sentia apenas com um olhar.

— Ok. Mas se lembre de uma coisa. — Olhei-o atenta por trás dos olhos embaçados. — Confúcio disse: “Até que o sol não brilhe, acendamos uma vela na escuridão.” Serei sua vela, Digory, caso precise. — Balancei a cabeça, engasgando com minhas lágrimas.

Ele suspirou fundo, como se não quisesse ir embora, mas respeitando meu desejo, levantou-se.

— O jantar será servido às 19:00. Se estiver bem para ir, estarei esperando por você. — Ele ponderou na porta, provavelmente pensando se saía ou não.

Olhei para ele e esbocei um sorriso, dizendo subliminarmente que ele poderia sair, estava tudo bem. Então, ele se foi.

Algum tempo depois, obriguei meu corpo a ficar de pé. Caminhei fraca até a janela e me escorei nela.

Olhei pela janela e vi a imensidão da Área Militar. Áreas verdes espalhadas por todo o canto, um lago enorme um pouco distante e o sol que lutava para brilhar em meio ao tempo fechado. Mordi os lábios, vendo que a beleza do lugar não conseguiria apagar a dor que eu sentia. Abaixei minha cabeça no parapeito da janela e chorei pela perda da minha mãe. Um choro

que começou baixo, mas aumentou vorazmente à medida que eu percebia o que estava acontecendo ao meu redor. Um grito contido saiu desesperado.

Berrei até sentir o gosto de sangue em minha garganta.

Minhas mãos batiam com força contra o batente da janela e a única coisa que me vinha a cabeça era que eu queria estar lá para ajudar minha mãe, como ela me ajudou a vida inteira. Não pude protegê-la, eu não pude fazer nada. E agora? Não sabia por onde recomeçar, meu caminho virou um borrão.

Queria desaparecer daquele lugar. Correr até Olivia. Encontrar meu pai. Eu precisava deles. Precisava da minha família. Sentei-me na minha antiga cama, que agora parecia diferente e abracei os joelhos.

Estava sozinha! Aquela era minha realidade. Não poderia voltar para Dashville, ou colocaria as pessoas que amava em perigo. Também não poderia me encontrar com meu pai. Sequer fazia ideia de onde ele estava.

Olhei para o céu, ainda nublado. Tingindo as cores do meu coração e percebi que não poderia comparecer ao enterro da minha mãe!

— Meu Deus! — Engasguei-me novamente em meu choro.

Tudo o que eu tinha eram os meus pais, apenas eles. Quanto mais eu me via sozinha naquele lugar completamente estranho, mais alto eu chorava. Ali, ninguém poderia me enxergar. Quem se preocuparia com meus problemas ou meus medos? Quem cuidaria de mim? Meus lábios tremiam fortemente enquanto baixinho, eu começava a implorar.

— Pai! Volta para mim, eu preciso de você.



Capítulo 3

Não existem métodos fáceis
para resolver problemas difíceis.
René Descartes

Kimberly Digory

A BRISA FRIA do final da madrugada ainda soprava para dentro do quarto. Aos poucos, a manhã surgiu com um sol tímido entrando pela janela aberta e eu ainda permanecia acordada, paralisada no mesmo lugar, com as mesmas roupas. Não sentia frio, mas uma dor excruciante se espalhou pelo meu corpo. Meus olhos queimavam como brasa, as veias em minha cabeça latejavam sem parar, meus ossos doíam. Tudo doía.

Eu estava caminhando no inferno.

Uni as mãos na altura dos lábios e senti minha respiração quente tocar minha pele. Eu acabara de ter a pior noite da minha existência. Nada poderia ser tão terrível. Senti-a me destruída.

Eu estava viva, os batimentos no meu peito comprovavam isso. Mas minha alma, ou um pedaço dela, morreu, junto com minha mãe.

Mantive-me da mesma forma quando o ponteiro do relógio anunciou o horário do almoço. O tic-tac me incomodava. Saber que o tempo passava e eu não acordava daquele maldito pesadelo era angustiante.

Encolhida sobre a minha cama, pressionei meu estômago que reclamava compulsivamente. Precisava comer. Mas *como*? Não tinha apetite. Não conseguiria beber um copo de água sequer. Decidi continuar ali, paralisada pelo resto da tarde.

Meus pensamentos estavam acelerados. A perda dos pais não deveria ser algo inesperado. Os pais, depois os filhos. Essa era a ordem natural da vida. Mas como explicar a dor infindável que nos arrebatava quando isso acontecia? Não havia como descrever.

Por horas a fio encarei o varal de fotos semidestruído e voltei a chorar compulsivamente. Revirei o corpo na cama e observei através da janela de madeira o sol começar a se pôr. A luz foi se afastando e a noite chegou revelando um rastro brilhante de estrelas. Não conseguia ver beleza em absolutamente nada.

Ergui a cabeça quando ouvi alguém bater na porta. Cogitei a ideia de não abrir e fiquei calada por alguns instantes.

— Digory? É o Kian. — Escutei sua voz grossa chamar. — Se não abrir, eu vou arrombar essa porta!

Levantei meio tonta e segui o som de sua voz.

— Olá! — Kian entrou no quarto com uma bandeja nas mãos. Perfumando o ar com um aroma de comida caseira e bem temperada.

Percebi a beleza singular que o rodeava. Estava lindo. Ainda que usasse um traje preto parecido com o que usava quando o vi pela primeira vez. Seu rosto retangular era esguio. O que contrastava com o queixo inexpressivo, marcado pela barba serrada.

Ele me encarou por segundos antes de fechar a porta. Seus olhos apertados estavam me analisando. Podia sentir. Foi então que percebi a pena surgir em seu olhar. Ele estava com dó da mulher que encontrara no lugar da antiga Kimberly.

Kian se aproximou devagar, como se eu fosse fugir na primeira oportunidade que tivesse. Abandonou a bandeja sobre a mesinha no canto do quarto e ergueu uma das mãos em minha direção. Em seguida, tocou meu rosto com apreensão. Passando os dedos pela área abaixo dos meus olhos.

— Eu realmente sinto muito, Digory! — Sua voz estava carregada de uma tristeza profunda.

Virei-me para o espelho e encontrei o motivo de tudo aquilo. Haviam enormes olheiras, fundas, avermelhadas, marcando meu rosto claro. Meus olhos perderam o tom de mel que, segundo o meu pai, brilhavam como o sol. Agora não passavam de olhos sombrios. Meu cabelo estava embaraçado, cor de terra, sujo, embolado. Por fim, depois de tudo, eu estava destruída.

Comprimi os olhos inchados e engoli o choro antes de começar a falar.

— Eu... — abri os lábios ressecados, assuntando-me pelo tom rouco da minha voz — preciso de um minuto. Volto já.

Entrei no banheiro sem olhar na direção de Kian novamente. Lavei o rosto e prendi os cabelos em um coque. Não tinha forças para muito mais. Sabia que minha imagem estava horrenda, mas o que isso importava?

— O que está fazendo aqui? — Saí do banheiro e encarei Kian, que estava em pé no mesmo lugar.

— Você não vai se matar de fome. — Apontou para a bandeja cheia de comida. — Isso, eu garanto. — Ele se sentou na minha cama e fez um sinal para que eu me sentasse também.

— Não estou com fome. — Olhei para ele, provavelmente parecendo um cão abandonado.

— Você é uma vampira? — Arqueou a sobrancelha. — Não. Então, trate de comer. — Ele apontou mais uma vez para a bandeja.

Sorri, mesmo que não quisesse. Kian era um cara legal, totalmente

diferente daquele tal de “Primeiro”.

— Não saio daqui antes que tenha comido tudo.

— Está bem! — Peguei a bandeja sob os olhos atentos de Kian. Ele observava cada um dos meus movimentos, como se me estudasse. — Vai mesmo ficar me olhando comer?

— Claro que vou! — Kian cruzou os braços.

Tentei esboçar um sorriso e me dei conta de que pensei que nunca mais poderia sorrir na vida, mesmo sabendo que não era isso que minha mãe queria. Ela sofreria se me visse desistindo de viver.

— Pronto. — Disse quando terminei.

— Está vendo? — Ele sorriu. — Não foi o fim do mundo. — Balancei a cabeça concordando. — Como você está? — Seu rosto assumiu uma forma séria.

— Nada bem, mas irei sobreviver.

Ele segurou minha mão, para meu espanto. Seu toque era extremamente firme, mas havia uma leveza incrível em sua pele.

— Tente descansar um pouco. Dormir, relaxar, sem pensar em muita coisa. — Manteve os olhos firmes nos meus. — Acredite, às vezes é o melhor a se fazer.

Kian ficou em silêncio por um tempo, apenas me observando.

— Se precisar de algo é só me dizer. — Concluiu. — E se não aparecer no café da manhã, voltarei aqui. Estamos combinados?

— Combinado. — Respondi sentindo um frio no estômago.

— Hoje à noite teremos a cerimônia de apresentação. Precisamos que você esteja lá. Todos os novos membros da Área têm que estar. Ela começa às nove da noite e é no salão principal, no primeiro andar.

— Estarei lá.

— Esperarei por você, Digory. — Completou, levantando-se.

— Pode me chamar de Kim.

— Até logo, Kim. — Meneou a cabeça em minha direção e seguiu seu caminho.



Desejei continuar reclusa em meu quarto, mas sabia que não poderia me esconder por muito mais tempo. Escolhi a contragosto uma calça jeans clara, uma camiseta preta e calcei meus bons tênis brancos. Não sabia que tipo de evento era aquele, mas sabia que não dava para errar usando jeans...

— Merda! Dá para errar usando jeans! — Murmurei baixinho quando cheguei ao salão principal e notei todos os outros convidados vestidos socialmente.

Eu era um peixe fora d’água em meio a camisas sociais e vestidos glamorosos.

Caminhei entre as várias mesas espalhadas pelo local. A maioria das pessoas já estavam sentadas.

Encontrei uma mesa vazia com três cadeiras e resolvi me sentar, ignorando os olhares críticos das pessoas ao meu redor. Torci muito para ver Kian em qualquer lugar. Um rosto conhecido agora seria ótimo.

— Os outros lugares estão desocupados? — Uma moça de semblante calmo me perguntou. Ao seu lado estava uma jovem de cara emburrada.

— Sim. — Respondi educadamente.

— Podemos nos assentar? — Ela perguntou sutilmente.

— Senta logo, ela disse que estão vazios. — Sua amiga respondeu.

Assustei-me com o seu jeito estranho.

— Desculpe a indelicadeza da minha amiga. Eu sou Lucy Harper e

essa é Chloe Evans.

— Kimberly Digory, mas pode me chamar de Kim. — Apertei as mãos de Lucy e Chloe.

Lucy usava um vestido azul muito bonito que realçava seus cabelos negros e Chloe parecia desconfortável em um vestido simples amarelo, mas tão lindo quanto o de Lucy.

— Está vendo! — Chloe disse à Lucy com raiva. — Eu deveria ter vindo de jeans. Eu sabia que alguém viria assim também.

Lucy movimentou o corpo em sua cadeira, impaciente com a amiga.

— Quer dizer que você é da família Digory? — Virou o rosto fino em minha direção. — Que interessante. — Lucy me olhava curiosa.

— Conhece minha família?

— Todos conhecem. — Chloe interrompeu. Era a segunda vez que eu ouvia isso.

— Seus pais são os maiores agentes da organização. Amigos íntimos do Primeiro, pelo que ouvi dizer. — Lucy pareceu empolgada com o assunto. Concordei, tentando fugir de qualquer assunto relacionado aos meus pais.

— Estou meio perdida. O que está acontecendo? — Mudei de assunto.

— A apresentação semestral! — Lucy continuou eufórica.

— Essas apresentações geralmente são um saco. — Chloe completou.

— O que acontece aqui? — Antes que elas pudessem me responder, a luz do local diminuiu drasticamente e apenas o palco ficou visível.

— Boa noite e bem-vindos a mais uma apresentação de liderança. — A voz de Madeleine ecoou pelo salão.

Ela usava um vestido dourado espalhafatoso e seus saltos finos deram a impressão de que ela estava torta no palco, mas ainda assim, estava deslumbrante.

— Eles sempre apresentam os líderes da Área Militar na sequência de suas atribuições e depois, temos um pequeno discurso de boas-vindas. — Lucy me informou, tentando inutilmente diminuir sua euforia.

— Que comecem as apresentações. — Fiquei atenta para tentar me situar melhor.

— O comandante Primeiro!

Ele entrou com imponência, vestido com um terno preto e os cabelos arrepiados. De longe, eu conseguia ver seus olhos verdes. Ele caminhou lentamente e parou ao lado de Madeleine.

— Comandante Kian Ross. — Me assustei ao ouvir seu nome.

Ele entrou, vestido com a mesma elegância que o Primeiro. Kian parou ao lado dele e percorreu os olhos pelas mesas do lugar. Seu olhar parou quando me encontrou, observando-o.

— Comandante Jason Stevens. — Aquele nome era familiar. Já o ouvi em algum lugar, mas não conseguia me lembrar de onde.

Jason surgiu no palco como se estivesse incomodado. Seus cabelos eram negros assim como os de Kian e reluziam embaixo de toda aquela iluminação. Ele caminhou até chegar ao lado de Kian. Madeleine disparou algumas palavras rápidas antes de passar o microfone para o Primeiro.

— Prepare-se, lá vem grosseria. — Chloe passou as mãos nos curtos cabelos loiros.

— Eu imagino. — Resmunguei, cruzando os braços. — Ele não é o que podemos chamar de pessoa educada! — Desde o momento que aquele homem entrou na minha vida tudo deu errado, começando pela sua infinita ignorância.

— Você já conversou com ele? — Lucy perguntou surpresa.

— Poucas palavras. Quando ele foi me buscar em Dashville com Kian... Ou Ross, não sei como o chamam, pude ter o prazer de conhecer sua

indelicadeza.

— Está brincando? — Arregalou os olhos. — Ele foi buscar você? — Chloe se inclinou para o meu lado na mesa.

— Sim. O que tem de mais?

— Ele nunca busca ninguém. Isso geralmente é trabalho do Jason, buscar e trazer as pessoas em segurança. Nem Ross deveria estar lá, eles são os maiores e não fazem esse tipo de coisa. *Nunca!* — Ergueu um dedo em riste. — Realmente é muito estranho. — Chloe olhou em direção ao palco, como se ainda não acreditasse no que eu havia dito.

— E você pode se considerar privilegiada. A maioria dessas pessoas sequer ouviu uma palavra do Primeiro sem ser nessa apresentação de todo semestre. — Lucy completou as frases de Chloe.

— Sim, é um enorme privilégio! — Zombei. — Vocês têm noção do quanto ele é grosseiro?

— Boa noite! — Ouvi sua voz ressoar pelo salão antes que qualquer uma das duas respondesse.

“Quero dar boas-vindas aos novatos e dizer que todos devem se sentir em casa. Estão aqui para serem protegidos e serão. Somos os comandantes da Área Militar. Diante de qualquer dúvida, vocês deverão se reportar aos agentes responsáveis por cada uma de suas alas. Caso necessário, eles se reportarão diretamente a um de nós. As regras são simples e devem ser acatadas com máxima cautela. Os dormitórios de homens e mulheres são separados por um motivo e quem invadir o dormitório feminino ou masculino será responsabilizado de forma severa. Porte de arma é permitido a quem conclui o módulo de defesa pessoal e inicia os trabalhos na agência, além disso, é necessária a autorização direta do comandante Ross. Fora isso, quem for pego portando arma ilegalmente, será punido.”

Endireitei a coluna, absorvendo o que acabara de escutar. *Porte de*

arma? Agora eram os meus olhos que estavam arregalados.

— Podemos conseguir porte de arma aqui? — Perguntei a Lucy.

— Querida, estamos em uma área militar!

Fiquei observando o Primeiro falar e falar sobre regras e estatutos, horários e tudo mais, sobre o acompanhamento que teremos e sobre oportunidades. Aquela voz era grossa, em um tom autoritário. Era impossível não me imaginar desafiando-o. Parecia que era exatamente isso que ele esperava. Algo que o desafiasse.

Quando percebi, estava observando cada onda de seus músculos por baixo do terno. Subi os olhos para o seu rosto sério e chamativo. Suas feições me traziam um ar de mistério, algo que eu faria de tudo para poder desvendar. E se eu o desafiasse? Queria saber o que aconteceu a ele que o fez ser assim, completamente alheio às pessoas ao seu redor. Um alvo inatingível. Balancei a cabeça quando percebi no que estava pensando. Isso não era um bom sinal, lembrando também de que ele mal sabia da minha existência e que era um poço de indelicadeza!

— E, por último, recomendamos aos rapazes que tenham o maior respeito possível pelas moças da Área. Vocês não vão gostar de saber o que acontece com quem tenta algo que não é permitido.

Ele estava falando sobre abuso sexual? Será que era isso?

— O que...

— Tentativa de abuso sexual! — Lucy disse antes mesmo que eu perguntasse. — É o que eles mais abominam. Ouvi boatos de que há alguns anos um rapaz tentou algo com uma menina que não queria “ficar” com ele, se é que me entende. A história foi parar nos ouvidos do Primeiro e do Ross, e pronto, nunca mais ele foi visto aqui na Área.

Olhei para o palco enquanto os comandantes desciam e sumiam na escuridão, e fiquei pensando o que poderia ter acontecido com aquele rapaz.



Capítulo 4

Nunca existiu
uma grande inteligência
sem uma veia de loucura.
Aristóteles

Kimberly Digory

AS LUZES FORAM ACESAS e, no mesmo instante, meus olhos se enrugaram, acostumando-se aos poucos com claridade que se estabelecia. Percorri a sala com os olhos, agora bem abertos, observando as mesas simetricamente organizadas no espaço em que estávamos acomodadas. Forros brancos de um tecido macio cobriam cada uma delas.

Passeei com os dedos sob o pano, deslizando até sua beirada lisa e uniforme. Havia um vaso transparente, fino e comprido sobre cada uma das mesas, que abrigavam uma solitária rosa vermelha, viva e brilhante, enfeitando o ambiente quase fúnebre. Notei que alguns homens continuavam parados, imóveis, em cada uma das quatro saídas do salão. As costas permaneciam eretas, o peito estufado como um bom lutador, e o rosto mantinha-se franzido, de poucos amigos.

Cada um vestia um terno negro e reluzente. E elegantes, continuavam a observar os jovens que transitavam no lugar. A postura militar que possuíam logo revelou quem poderiam ser.

Agentes!

Ao menos era o que eu tentava adivinhar.

— Você está com uma interrogação no meio da testa. — Chloe interrompeu meus pensamentos. — O que quer saber?

Antes de falar qualquer coisa, observei o salão mais uma vez, na esperança de ver Kian, mas tanto ele como o Primeiro desapareceram depois da apresentação.

— Considerando que eu não sei nada, qualquer coisa que me contarem será ótimo. — Dei de ombros. — O Primeiro! — Tentei soar o mais natural possível, escondendo minha curiosidade monstruosa. — Qual a história dele?

— Eu sei tudo sobre ele. Aliás, todos nesse lugar sabem tudo sobre ele e o Ross. — Lucy respondeu olhando ao redor.

— Conte-me o que sabe. Quem são eles? — Tapei a boca com o dorso da mão para não parecer tão afobada.

— Bem, como já percebeu, todos o chamam de Primeiro. Isso tem um motivo. — Arqueou a sobrancelha, como se fosse revelar algum tipo de segredo. — É porque ninguém sabe o nome dele, ou fingem não saber. — Ela sorriu e eu a olhei confusa.

— Como alguém pode esconder o próprio nome?

— Ele não escondeu! — Ela o defendeu. — O Primeiro é como uma lenda viva. Ele não escolheu ser chamado assim. Entretanto, recebeu esse nome pelas pessoas que estavam aqui na época em que tudo aconteceu e depois disso, ninguém se atreveu a chamá-lo pelo nome. — Lucy narrava à história como se estivesse vivendo-a naquele exato momento.

— Mas por que “O Primeiro”? — Perguntei ainda totalmente perdida na situação.

— Primeiro a mandar, primeiro a ser obedecido! — Chloe zombou.

— Não é nada disso! — Lucy rebateu, tamborilando os dedos sobre a mesa. — Vou te contar o que eu sei. — Suspirou forte pelo fino e arrebitado nariz de porcelana.

Claramente, Lucy e Chloe eram boas amigas, o que não impedia Chloe de perturbá-la.

— Há sete anos, os criadores da Área Militar sofreram uma emboscada em sua própria casa e foram mortos por uma bomba implantada embaixo da casa.

— Que horror! — Senti os pelos dos meus braços se arrepiarem com tamanha crueldade.

Lucy despejou aquela informação como um rádio gravador, fazendo-me ficar impressionada. Sem parar para respirar, ela virou o corpo esbelto em minha direção, ganhando toda a minha atenção enquanto, minha visão periférica captava os vultos das pessoas que transitavam ali, de um lado para o outro, envoltos em conversas paralelas.

— Eles estavam com a namorada do filho deles, que por sua vez, havia saído por alguns minutos e já estava retornando. — Ela apoiou os cotovelos na mesa e me encarou com aqueles olhos arregalados e curiosos. — Quando esse rapaz, que na época tinha vinte anos, voltou para casa, ele encontrou tudo destruído e seu pai, sua mãe e sua namorada mortos no meio dos destroços. — Franziu os lábios após revelar aquela grande tragédia. — Alguma coisa mudou dentro dele naquele dia e pelo que eu ouvi, ele se fechou para o mundo desde então.

— Mas alguém tinha que assumir de onde seu pai havia parado na Área Militar ou não teríamos um lugar protegido para ficar. — Chloe completou.

Olhei de uma para outra esperando qual seria a próxima a falar.

— O jovem rapaz se esforçou e chegou ao seu extremo. — Lucy

contou. — Algo lhe dava força e ele conseguiu ser o maior e mais respeitado comandante de todos. — Ela abriu os dedos no ar, emoldurando algo importante. — Desde então, aquele rapaz virou a fortaleza que hoje chamam de Primeiro, e ninguém menciona o seu nome.

Meu queixo caiu, literalmente.

Jamais imaginaria que aquele homem, carrancudo e mal-encarado, tinha passado por uma tragédia imensurável como aquela. Encolhi os ombros, começando a me sentir mal pelo julgamento que fiz dele.

— Estou sem palavras! — Minha voz surgiu como um sopro tímido.

Perder minha mãe já estava sendo terrível, não conseguia imaginar como foi para ele perder todos daquela forma.

— Algumas pessoas dizem que o coração dele ficou naquela explosão. Ele é frio e seu olhar me dá medo, mas, mesmo assim, é um gato. — Chloe comentou.

— Não acredito que ele não goste ou não tenha afeto por ninguém. Isso é impossível. Ainda mais por sete anos! — Retruquei incrédula, tentando reforçar um motivo concreto pelo qual eu ainda poderia odiá-lo sem pudor.

— Podemos dizer que ele e o comandante Ross são quase irmãos. — Lucy completou, enquanto seus dedos dançavam inquietos pela mesa, fazendo círculos imaginários.

— Daqueles que brigam e discordam o tempo todo, mas acredito que um morreria pelo outro, mesmo que não assumam isso. — Chloe assegurou.

— Ross chegou aqui na mesma época desses acontecimentos. Ele é um ano mais novo que o Primeiro, tem vinte e seis anos e é um gênio. Tem Ph.D. em Ciência da computação, códigos e criptografia. Além de ser especialista em Análise de inteligência e Ciência Aplicada. É o que dizem! — Lucy disparou.

— Dizem também que aos vinte e três anos, o FBI em pessoa entrou

em contato com o comandante Ross, mas ele não abriu mão da Área Militar para atuar com os federais. — Chloe completou.

— O FBI é uma pessoa, assim como você é uma anta! — Lucy zombou e logo irrompeu em uma gargalhada baixa. Vingando-se de Chloe sorrateiramente.

— Idiota! Você entendeu! — Chloe revirou os olhos.

— E se tudo isso é verdade, o que aconteceu com Kian para que ele viesse parar na Área Militar? — Perguntei.

Chloe me olhou como se me recriminasse por chamá-lo assim. Foi como ele se apresentou para mim. Que mal podia existir naquilo?

— A mesma coisa! — Chloe encarou o chão laminado. — Os pais foram mortos praticamente na mesma semana da explosão na casa dos pais do Primeiro.

— A diferença é que quem atacou os pais do comandante Ross foi pego e condenado no mesmo dia. — Lucy acrescentou estalando o dedo no ar.

— Acho que isso os uniu e fez com que se fortalecessem juntos. Eles são os maiores daqui. Os que mandam em tudo, mas você já deve ter notado a diferença entre eles.

— Com toda certeza! — Afirmei.

— Ross é muito mais agradável, mesmo que seja raro vê-lo conversando com algum de nós, pobres mortais. — Lucy fez um parênteses com os dedos. — Você consegue ver em seu rosto que ele conseguiu superar algo que o Primeiro não conseguiu. — Colocou simbolicamente a mão sobre o peito.

— Policial bom e mau. Já viu isso em filmes? São os dois. — Chloe sorriu, suavizando seu rosto triangular. — A única coisa que eles concordam em absoluto é sobre a punição dada a quem tenta abusar de alguma das

garotas. Os dois são muito protetores, o que faz deles os comandantes perfeitos para estarem no poder.

— Até que enfim, a voz da sabedoria começou a falar. — Lucy alfinetou Chloe.

Não prestei atenção na resposta mal-educada que se sucederia. Comecei a pensar novamente em qual seria a punição para alguém que faz uma atrocidade daquelas.

— E lá vem ela! — Chloe trincou os dentes, olhando por cima do meu ombro.

Senti um perfume forte adocicado no ar e quando me virei, vi uma garota incrivelmente loira, com um vestido cintilante cor de marfim e saltos altos azuis. Seus olhos negros me encaravam, redondos, profundos e maldosos.

— Belas calças. Está super combinando! — Ela começou a rir alto e as duas garotas que a acompanhavam fizeram o mesmo.

— As roupas de vadia tinham acabado. Acho que você comprou todas as peças! — Chloe retrucou irritada, chamando atenção de dois rapazes que conversavam perto de nós.

Permaneci parada, sem reação. Não tive palavras para responder. Fiquei feliz por Chloe interceder.

— Vamos, Hannah! — A morena ao seu lado segurou levemente seu braço. — Sabe que não podemos arrumar problemas com os comandantes. — Ela sussurrou, mas mesmo assim pude ouvir.

— Talvez seja disto que estou precisando! — Ela limpou o brilho labial dos cantos dos lábios. — Um momento a sós com algum deles. Uma briga me levaria a isso?

— Anda, vamos! — A jovem de cabelos encaracolados e volumosos manteve-se firme, puxando com delicadeza o braço da amiga.

— Me deixa, Jas! — Ela se livrou do puxão da amiga. — A gente se vê por aí, raio de sol! — A insuportável, de nariz arrebitado, encarou o vestido amarelo de Chloe e seu rosto claro se transformou em um misto de nojo e tédio.

Chloe se pôs de pé em um rompante, ameaçando começar uma guerra e rapidamente Jas conseguiu arrastar aquela louca para longe de nós, junto com seu perfume doce enjoativo, antes que uns tapas fossem distribuídos.

— Quem era essa? — Meu rosto queimava de vergonha e raiva.

— Hannah Collins! — Lucy praticamente cuspiu o nome que, a partir dali, eu odiaria com todas as minhas forças. — Ela se acha a melhor.

— Uma hora, vou mostrar para ela quem é "a melhor". — Chloe estalou os dedos e até eu fiquei com medo, vendo o ódio em seu olhar.

— Qual é a dessa garota? — Deixei que meu corpo relaxasse novamente na cadeira macia.

— Kim, é bem simples. — Lucy começou. — Hannah vive por dois motivos. — Ergueu um dedo no ar. — Número um: Tentar ficar a qualquer custo com algum dos comandantes, mas apenas com os maiores. Já que Jason é intitulado como o "Terceiro quase nada comandante", ela não se importa com ele. — Deu de ombros.

— Número dois: — Chloe interviu. — Infernizar qualquer ser vivente que cruze o seu caminho. — Disse enojada.

— E ela já ficou com algum deles? — Assim que as palavras saíram da minha boca, me senti uma idiota. Aquilo não era da minha conta.

— Claro que não! — A resposta veio mais rápida que um tiro. — Você ouviu o que eu disse? O Primeiro e Ross são intocáveis.

— Nenhuma das garotas da Área Militar sequer chegou perto deles. Até mesmo Hannah, que às vezes se arrisca, nunca se aproximou o suficiente. — Não sabia se tinha ficado aliviada com o que Lucy dizia, mas uma

pergunta não saia da minha cabeça.

Por que eu me importava?

Era difícil assimilar a imagem daqueles grandes homens, como Lucy dizia, ao lado de um ser humano igual à Hannah, tão desprezível.

— Esquece a Hannah, ela é uma idiota. — Lucy tentou quebrar o clima estranho que se estabeleceu.

—Esquecer? — Chloe retrucou. — Qualquer dia desses eu quebro essa garota no meio. Ela não é melhor que ninguém aqui.

—Fica calma! — Lucy pediu.

Senti-me nervosa por toda aquela merda de situação. Não me bastavam as minhas roupas em desacordo com todos os outros membros da Área Militar, meu rosto continuava abatido, com olheiras que eram vistas até mesmo da galáxia, e agora comecei a ser perseguida por alguém com sérios problemas mentais. Ótimo!

— Aonde vai? — Chloe perguntou quando fiquei de pé.

— Para o meu quarto. Já passei vergonha demais por hoje. Já chega, não acham? — Esbocei um sorriso, apontando para minha calça jeans e o vestido de Lucy. Sabendo que desejava sumir daquele lugar e voltar para os meus infinitos pensamentos isolados.

— Nossos dormitórios são próximos. Podemos ir juntas. — Lucy ofereceu sua companhia gentilmente e se levantou.

— Há quanto tempo estão aqui? — Perguntei enquanto desviávamos do fluxo de jovens que começava a caminhar para os dormitórios, tropeçando uns nos outros enquanto mantinham suas conversas calorosas.

— Eu estou há três meses e Chloe, dois. — Sorriu. — Gosto daqui. Você também vai gostar. — Sua convicção era animadora.

— Por qual motivo tiveram que vir parar aqui? — Perguntei sem pensar e acabei me arrependendo. Talvez não fosse um assunto que ela

gostaria de falar.

— Todos estão na Área Militar porque seus familiares trabalham para alguma organização do governo e, em algum momento, tiveram sua vida e a de seus familiares ameaçada. — Ela pegou fôlego enquanto eu encarava o teto alto do prédio. Havia um desenho preto, como lanças bem no centro de toda a estrutura.

— Foi assim comigo e com a Chloe. Nossos pais foram ameaçados e remanejados para outro distrito, começando do zero, sem nenhuma ameaça visível e nós, os filhos, tivemos que vir para a Área Militar, longe do perigo. Noventa por cento das pessoas desse lugar estão aqui por esse motivo. — Lucy parou, permitindo que eu observasse mais de toda a arquitetura ancestral do lugar.

— E os outros dez por cento? — Meus olhos encontraram a escada de mármore branca que me levaria de volta ao quarto.

— Esses dez por cento tiveram seus pais mortos. E por isso, estão aqui! — Chloe respondeu, deixando aflorar uma compaixão mínima, quase imperceptível. — E você? Por que está aqui?

— Faço parte dos dez por cento. — Voltei a caminhar e percebi que as duas permaneceram paradas no lugar onde estavam.

— Ai, meu Deus! — Lucy levou as mãos até a boca, surpresa. — Seus pais foram mortos?

— Minha mãe, sim. — Respirei fundo antes de continuar a falar.

Precisava assimilar aquela informação antes de prosseguir. Era uma realidade avassaladora. Temia desabar bem ali, na frente delas.

— Meu pai ainda está desaparecido. — Chloe trocou um olhar com Lucy e ficamos em silêncio por um longo minuto. — Vamos. Vocês ainda não me contaram o que fazem para se divertir nesse lugar. — Suspirei com minha inútil tentativa de mudar de assunto e parecer uma pessoa normal

diante aquilo tudo.

— É. O que fazemos? O que fazemos é que... — Lucy não conseguiu formular a frase.

— Sinto muito. — Chloe falou pelas duas, aproximando-se o bastante para tocar meu cotovelo com a ponta dos dedos.

— Obrigada. — Respondi firme.

Chorei tanto desde que cheguei na Área Militar que poderia jurar que minhas lágrimas tinham secado, enquanto isso, um nó dolorido se formava em minha garganta.

Seguimos em silêncio uma ao lado da outra até chegarmos à escadaria principal. Eu ainda parava por alguns instantes, observando como o lugar era enorme por dentro. Lucy quebrou o silêncio, me explicando onde cada escada ia dar. Notei que Hannah me observava da escada que dava acesso aos dormitórios masculinos. Ao seu lado havia um rapaz de cabelos claros jogados para trás. Eles pareciam irmãos. Preferi não perguntar quem era, tive informações demais para um dia só.

— Adorei a calça! — Ouvi uma voz bem próxima do meu ouvido e me virei assustada.

Era Kian.

— Senhor Ross, boa noite! — Lucy cumprimentou desesperada. Percebi que seus olhos brilhavam.

— Boa noite. — Ele respondeu, encarando Lucy por um longo tempo. Alguns segundos depois, desviou o olhar para o meu.

— Você não me avisou que era uma festa social. A culpa por isso é sua! — Apontei para a minha calça. Chloe suspirou baixinho atrás de mim.

— Que bom que não avisei. Você ficou linda vestida assim.

Prendi a respiração, estatizada pelo elogio descolocado. Além de ter absoluta certeza de que eu estava longe de estar linda, fiquei incomodada

pelas palavras ditas por um homem tão belo, com tamanha naturalidade, como se fossemos íntimos.

— Meninas, espero que não se importem se eu roubar a companhia da senhorita Digory de vocês por alguns minutos. — Ele olhou para Lucy e Chloe, que ficaram paralisadas, assim como eu.

— Claro que não. Fique à vontade. — Chloe disparou a falar. Temi que ela exagerasse. — Traz ela inteira, está bem?

— Prometo pela minha vida. — Ele sorriu e encostou levemente uma das mãos em minhas costas. — Venha, quero mostrar alguns lugares da Área.

Senti um calafrio estranho subir por meu corpo com seu toque. Os olhares das pessoas ao redor se prenderam a nós dois.

— Estão olhando! — Sussurrei quando estávamos indo em direção à porta principal.

— Não se preocupe com nada. Existem duas autoridades principais neste lugar. E adivinha só! — Ele me olhou nos olhos. — Eu sou uma delas!

Sorri e continuei a acompanhá-lo. Quando passamos pela escada do dormitório masculino, Hannah ainda estava escorada no mesmo lugar, porém, agora, estava sozinha e me encarava de forma medonha. Resolvi não me importar, estava curiosa para saber o que Kian tinha para me mostrar. Aquela idiota não teria importância.

— Uau! — Exclamei quando chegamos a céu aberto. — Quantas estrelas! — Rodei no mesmo lugar, olhando para o céu.

— É linda, não é? — Kian afirmou e quando o encarei, percebi que ele olhava para mim com seus olhos negros e místicos.

Ele exalava uma aura positiva, um olhar sublime e uma postura respeitável. Os cabelos continuavam caídos, negros, sobre os olhos.

— O quê? — Perdi-me naquela visão a minha frente. Kian brilhava, assim como as estrelas.

— A noite! — Ele se aproximou, ainda com os olhos presos aos meus. — A noite é linda. — Colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Muito! — Foi só o que consegui dizer.

—Estou extremamente feliz que esteja aqui, agora! — Ressaltou, enfiando as mãos nos bolsos da calça social preta.

— Onde mais eu estaria? — Lembrei-o de que não tinha mais opções além de continuar ali, na Área Militar.

—Poderia estar no quarto, como antes. — Um vislumbre de tristeza tonalizou meu rosto. — E eu seria obrigado a te arrastar aqui para fora. Não suportaria deixá-la sozinha. — Sorriu com os lábios, tentando me animar.

— Não me ajudaria em nada mofar naquele quarto. — Apoiei a mão na cintura, olhando mais uma vez para o céu, que como uma pintura, moldava o universo.

— Já está ficando tarde. — Ele esfregou as mãos. — Vamos! Quero te mostrar um lugar especial! — Ele tocou em meu cotovelo e o segui por uma trilha cercada de arbustos baixos que escondiam árvores majestosas por trás de sua simplicidade. Não andamos muito e de longe, consegui ver do que ele estava falando.

— Não acredito!

Havia cercas esculpidas em madeira que fechavam parcialmente a visão do lugar. Mas, mesmo assim, consegui ver a imensa piscina que havia por trás da cerca, de onde subia uma fumaça pela fria noite fazendo um caminho para o céu.

— É aquecida! — Completou, empurrando o grande e rangente portão de madeira.

O que Kian não sabia era que eu tinha um fascínio absoluto pela natação. Amava a sensação que ela me trazia e desde pequena praticava

aquela atividade.

— Amo nadar!

— Eu sei! — Kian me pegou de surpresa.

— Como pode saber?

— Histórico escolar! — Respondeu colocando as mãos para trás sem se dar conta e torceu os lábios. — Desculpe-me! — Se apressou. — Mas preciso conhecer cada um neste lugar. E para saber mais sobre a senhorita Digory, entrei no sistema da rede escolar da sua cidade, localizei seu perfil e vi que a atividade física escolhida em todos os anos era a natação. Achei que lhe trazendo aqui, faria se sentir melhor.

— E fez! — Um sorriso verdadeiro brotou em meus lábios. — Podemos entrar?

— Claro! Mesmo que você não estivesse comigo poderia entrar. Aqui não é um lugar restrito.

Adentrei pelos portões de madeira sob o som do fino rangido que ele emitia. Um lugar imenso surgiu a minha frente. Meu coração saltou quando avistei a grande piscina com iluminação em spot, formando um gigantesco oito até a outra extremidade, cheia até a beirada por uma água cristalina, evaporando leves fios de fumaça pela noite gélida. A água me aproximava dos melhores sentimentos que já fluíram em meu peito desde que eu era apenas uma criança. A emoção, a descoberta, o novo... aquilo me aproximava de casa, quando eu ainda podia chamá-la assim.

Havia dois vestiários nos cantos direito e esquerdo da piscina. Uma das portas era sinalizada por uma placa rosa, a outra, sinalizada por uma plaqueta azul. Caminhei em direção a piscina, observando as estrelas refletidas na água. Em um canto mais distante, encontrei algumas bolas laranjas, alguns coletes e boias coloridas de todo tipo. Acessórios para uma natação divertida e prazerosa. Ao redor da piscina, o chão amadeirado

tornava o ambiente rústico. Comecei a caminhar ao redor da piscina iluminada, sentindo que a água quente me chamava.

— São caixas de som? — Apontei para as quatro caixas quadradas penduradas em ferros espessos, cercando os cantos da piscina.

— Sim!

— E funcionam?

— Basta conectar um Pen drive na mesa de som e “Bum”! — Kian fez um gesto de explosão e apontou para o sistema de som. — O som se espalha por todo o lugar. É incrível nadar assim.

Levantei a calça até os joelhos e tirei o tênis.

— Ótima ideia! — Kian fez o mesmo. Retirou sapatos sociais — que naquela noite substituíam os coturnos pretos — e os largou em um canto.

Em segundos, estávamos sentados na beirada da piscina, apenas com os pés dentro da água. A palavra “inacessível” não saía da minha cabeça. Parecia algo surreal quando se tratava de Kian.

— Você está há muito tempo aqui? — Perguntei como se não soubesse nada sobre ele.

— Aposto que já sabe de toda a minha vida! — Ele sorriu com o olhar parado na água.

— Ouvi alguns boatos. — Encarei-o, notando que em sua cintura havia o mesmo volume da última vez que o vi.

— O que foi? — Kian encontrou meu olhar apreensivo em sua direção. — Ah! É isso? — Ele colocou a mão sobre o volume. — Quer ver? — Meu silêncio temeroso respondeu à pergunta. — Caso não queira, não tem problema.

— Por que eu não gostaria de ver? — Perguntei ainda apreensiva, mas me esforçando para confiar em Kian.

— Você ficaria impressionada em saber quantas pessoas neste lugar

entram em colapso só de pensar que estão vendo uma arma. É incrível, visto que na maioria das vezes os seus pais andam armados o tempo todo.

— Eu não tenho medo. — Menti. — Quero ver! — Com relutância, Kian levantou o blazer do terno e sacou uma arma preta das costas. Senti um frio na barriga.

— É uma H&K USP, 9 mm da Alemanha, geralmente usada por brigadas de operações especiais. Muito boa, está comigo há algum tempo.

Ele falava e eu não entendia praticamente nada. Meus olhos estavam focados na arma preta em suas mãos.

— O que foi?

— Não tem perigo de disparar? Tipo, disparar e me matar? — Perguntei nervosa e Kian sorriu.

Eu não entendia nada sobre armas e meus pais evitavam ao máximo que eu tivesse algum contato com elas. E para ser sincera, eu nunca havia pegado em uma arma ou feito questão daquilo.

— Kim, eu trabalho com armas desde que me entendo por gente e sou especialista há sete anos na Área Militar. Nunca machucaria você.

Tentei manter a tranquilidade.

— Melhor guardar isso. — Ele olhou em meus olhos.

— Vou me acostumar. Só preciso de tempo. — Bati o pé na água, espirrando algumas gotas em seu terno. — Desculpe! — Passei a mão em seu peito, enxugando as gotas que haviam caído sobre ele.

— Não se preocupe. — Kian segurou a minha mão contra seu peito e algo em seus olhos mudaram. — Eu não entendo você!

— Por que diz isso? — Pude sentir seu coração batendo, provavelmente no mesmo compasso que o meu.

— Você é diferente. Age como se não se importasse com quem está ao seu redor.

Abri a boca para falar, mas ele continuou.

— Se você está bem, está bem. — Deu de ombros. — Se não está, que se dane o mundo! — O rosto de Kian sucumbiu a um largo e brilhante sorriso.

Sorri com sua ousada descrição. Seu peito largo e forte se ergueu lentamente, enquanto suspirava fundo,

— Ainda não sei explicar direito, mesmo que tenha tentado, pela primeira vez na minha vida, não consegui analisar seu perfil. Você foi a primeira pessoa que me instaurou alguma dúvida. — Sua voz diminuiu em um leve sussurro. — Mas, para o bem ou para o mal, você chama muita atenção.

Virou o rosto expressivo em minha direção.

Meu peito saltou de timidez, retrai-me com a observação. Então ele soltou minha mão.

— Por que vocês foram me buscar? — Questionei.

— Seus pais foram muito importantes para nós. Sem eles, a Área não seria o que é hoje. Contarei essa história, outro dia. Nunca fomos buscar ninguém, mas, no seu caso, o Primeiro fazia questão.

O Primeiro? Fiquei surpresa. Meus pais realmente deviam significar algo para ele. Ficamos em silêncio por alguns instantes e acabei sorrindo de vergonha.

Ele se levantou e me ajudou a fazer o mesmo. Voltamos o caminho envoltos em um silêncio leve. Deixando que os sons da noite falassem por nós dois. Não ousamos quebrar aquela sensação até que chegamos na entrada principal.

— Quer que eu entre sozinha? Não sei se quer ser visto chegando há essa hora ao lado da novata.

— Não permitiria que entrasse sozinha. Você saiu comigo e vou lhe

deixar na porta do seu quarto. É mais seguro.

Entramos no prédio alto e quadriculado, passamos pelo hall principal, seguindo em direção às escadas. Não havia ninguém por ali, deixando-me mais aliviada.

— Chegamos! — Kian colocou a mão ao lado da porta de madeira maciça do meu novo quarto.

— Chegamos! — Conclui, sentindo na pele o toque leve da brisa que escapava pela única janela do corredor vazio e silencioso.

— Boa noite. — Kian se aproximou.

Pude sentir sua respiração forte quando depositou um beijo rápido em meu rosto. Fechei os olhos com a sensação do toque de seus lábios.

— Desculpe-me! — Ele se afastou. Apressei-me em dizer que não havia problemas, porém ele interrompeu. — Não é costume nos despedirmos assim!

— Neste caso, acostume-se! — Lutei para que as palavras saíssem.

— Até logo, Kim! — Kian se afastou de mim, mantendo um belo sorriso estampado no rosto. Meneou uma saudação e partiu.

— Boa noite, comandante! — Refleti sobre aquelas palavras.

Alguns dias antes, eu vivia minha vida como qualquer outra garota. Conversava praticamente vinte e quatro horas por dia com Olivia, uma jovem comum, assim como eu. Minha melhor amiga e parceira de crimes como assaltos noturnos à geladeira. Hoje, tinha como amigo um dos maiores comandantes do lugar. Kian Ross. Que loucura!

Fechei a porta, me escorando nela por dentro. Meu coração estava acelerado e por incrível que parecesse, eu me sentia melhor do que havia acordado naquela manhã. Estar ao lado de Kian me fazia bem e eu desejava mais daquilo.



Capítulo 5

O caminho do inferno
está pavimentado de boas
intenções.
Karl Marx

Kimberly Digory

DEITEI-ME NA CAMA cercada por minhas almofadas e abracei uma delas aleatoriamente. Não cheguei a conferir às horas, mas sabia que era tarde demais. A madrugada havia chegado, ainda assim, o sono me abandonara completamente.

Revirei de um lado para o outro sem encontrar uma posição confortável naquela cama macia e quentinha. Comecei a pensar em Kian de forma relutante, como se eu desejasse evitar que ele permeasse minha mente. O que ele representava para mim era muito mais do que eu poderia pedir a alguém naquele lugar. Ele representava companhia, segurança. Ao lado do comandante Ross, pude sentir um pouco de leveza, esquecendo-me por um momento do fardo que andava carregando.

Não demorou muito tempo para que eu começasse a me sentir sozinha. Mesmo em minha antiga vida, quando meus pais estavam distantes, não havia espaço para a solidão, jamais me acostumaria com aquilo. Olivia sempre esteve ao meu lado em todos os momentos difíceis da minha vida.

Meu peito se retraiu em uma fincada de dor pulsante. Uma dor que eu poderia nomear como saudade. Desejava poder olhar para ela ou ao menos escutar o som de sua voz.

Meu coração acelerou, comecei a arranhar o colchão levemente perdida em pensamentos, tentando imaginar em que lugar do mundo meu pai estaria naquele exato momento, enquanto a sensação de inquietação tomava conta de mim. Esfreguei os olhos, passei as mãos pelos cabelos, sentei e deitei incontáveis vezes, por fim, entendi o que poderia estar acontecendo. Em um frenesi de emoções, comecei a sofrer algum tipo de crise de ansiedade.

Levantei-me em um acesso de coragem e determinação. Para quê? Eu não fazia ideia.

Andei descalça, de um lado para o outro no quarto, enquanto a madeira fria rangia sob meus pés. A todo momento, olhava pela janela, buscando algo. Uma agonia se estabeleceu em mim, quando pensei que todas as minhas coisas estavam arrumadas em um quarto desconhecido, grande demais para apenas uma pessoa.

Motivos não faltavam para que eu me sentisse estranha e deslocada. O que quer que fosse estava me deixando inquieta.

Enfim, criei coragem e olhei para o relógio, eram três horas da manhã. E mais uma vez, eu estava pendurada na janela, como uma criança, observando o horizonte em busca de algo que me distraísse. O vento balançava levemente algumas árvores e em um súbito de coragem, encontrei uma saída.

A piscina! — Lembrei-me estupefata pela ideia, conseguindo sentir certo alívio por ter algo que me tiraria daquele quarto impostor.

Abandonei a janela e, com uma rapidez impressionante, vesti um short de malha curto e um topper, jogando por cima dos dois um vestido de

mangas compridas e minha jaqueta para aplacar o frio da noite. Agarrei a toalha amarela e felpuda que eu tanto amava e sai a passos rápidos e silenciosos pelo corredor vazio, como um gato fujão.

Parecia uma loucura, mas a água me acalmava e talvez eu precisasse de um mergulho para me sentir melhor. Desci as escadas na certeza de que não haveria ninguém andando pelo hall ou pela piscina àquela hora.

Percebi o que estava fazendo quando comecei a descer a trilha no escuro, sozinha em um lugar desconhecido. Um medo doloroso cercou meu peito, forcei-me a abandoná-lo. Precisava daquela liberdade mais do que o ar que respirava.

Entrei pelos portões, ouvindo os conhecidos rangidos da madeira contra os pinos de aço que a sustentava. A fumaça ainda se espalhava pelo ar, desta vez mais nítida do que antes, trilhando um caminho até o céu repleto de estrelas.

Observei aquela cena por alguns segundos, maravilhada com as luzes azuis que iluminavam a água límpida. Coloquei minhas coisas em um canto escondido do vestiário. Arranquei a jaqueta e vestido com pressa, e sem titubear, sendo recebida pelos ventos noturnos que arrepiavam minha pele, endireitei a coluna, até que ficasse completamente ereta, ergui as mãos em linha reta acima da cabeça, mantendo os braços rentes as minhas orelhas enquanto minhas mãos permaneciam sobrepostas. Respirei fundo, esquecendo-me de tudo ao meu redor. Naquele momento, eu deixei de lado os pensamentos dolorosos que me cercavam, esqueci de me preocupar com cada segundo dos meus dias, abandonei a saudade e a dor que sentia constantemente. Deixei de ser Kimberly Digory e saltei.

A água tocou minha pele em uma explosão de sentimentos, dando-me à sensação de leveza que eu tanto precisava, explodindo gotículas azuladas por todos os lados. Nadei por um longo tempo sem parar para descansar. Indo

e voltando no infinito oito que a piscina formava.

Após várias voltas, agarrei-me a beirada, sentindo o calor da água quente emergir por meu corpo. Fechei os olhos prestando atenção no único som que tonalizava a noite. O barulho das árvores balançando delicadamente em um vai e vem eterno, ninando algo invisível.

Então, um barulho diferente chamou minha atenção. Eram passos bem pesados, descendo pela mesma trilha que eu havia passado.

Apoiei-me na beirada para sair da piscina, escutando os passos se aproximarem.

— Quem pode ser uma hora dessas? — Falei comigo mesma, sentindo o coração bater contra meu peito, desesperado.

O medo começou a me abalar.

Seria algum vigia? Um soldado trilhando alguma rota? Era seguro?

Saí da água e me encolhi no vestiário jogando a toalha felpuda ao meu redor. Tremendo descontroladamente, sem saber se era de frio ou de pavor. Escutei o ranger do portão sendo aberto.

— Droga, droga, droga! — Seja lá quem for, estava entrando na área da piscina.

Procurei ao redor algo que pudesse me defender. Um pedaço de madeira ou uma barra de ferro, mas não encontrei nada.

Prendi a respiração, sugando o ar gélido da noite para meus pulmões... o lugar era cercado de militares, pessoas treinadas para proteger.

Era isso que faziam!

Tentei me convencer, mas talvez não confiasse totalmente naquela afirmação. Permaneci no escuro, observando como uma espiã. Meus olhos cercavam o portão com tamanha imensidade que mal podia me mexer. O homem corpulento adentrou a região das piscinas e quando eu vi de quem se tratava, senti um frio subir pela minha espinha.

—Não acredito! — Era o Primeiro.

Ele usava uma blusa de moletom preta e calças combinando. Uma toalha branca em uma das mãos e algo pequeno na outra. Andando lentamente, ele caminhou até a mesa de som e encaixou o que agora eu reconhecia como pen drive no som. Um metal alternativo e agressivo inundou o lugar. Ele tirou a blusa e a calça, ficando apenas com uma bermuda preta que estava por baixo de suas roupas. Fiquei envergonhada por observá-lo assim, com o peito sarado exposto, revelando os músculos que se mantinham escondido embaixo de toda aquela roupa preta.

Desejei fugir e evitá-lo a todo custo, mas como faria aquilo? Eu já estava ali, não havia o que ser feito.

O Primeiro se posicionou na beirada da piscina e fechou os olhos. Parecia estar sentindo a música que trazia consigo uma letra profunda, tórrida, em mistos de elevações gritadas e sussurros melancólicos agradáveis de escutar. Seus músculos reluziam com a luz da noite, acompanhando levemente o som ao redor. Ele saltou na piscina, mantendo a postura dura. Vários respingos de água quente se espalharam pelas beiradas da piscina. Eu o invejei, pois ali fora estava fazendo muito, muito frio. Fiquei ali com o som do rock, encorajando-me a sair e enfrentá-lo de uma vez.

Depois de três longas voltas na piscina, ele saiu sem pressa, observado de longe por mim, a garota trêmula da toalha amarela, e voltou para onde tinha deixado suas roupas. Sua playlist estava cheia de músicas de rock, hard rock, metal alternativo e similares. O comandante balançava levemente a cabeça, acompanhando o grave da melodia. O homem de ombros largos, músculos reluzentes e a fixa expressão de quem comeu e não gostou, estava exatamente no meu caminho e não havia como sair sem que ele me visse.

— Que seja! — Abandonei meu esconderijo, controlando minhas

pernas trêmulas.

O som estava muito alto. Teria que chegar bem próximo para que ele pudesse me escutar. Suas costas molhadas estavam viradas para mim. Prendi o ar ao me aproximar mais, tomando coragem. Ele não percebeu, estava distraído mexendo em algo em cima da mesa.

— Comandante! — Disse baixo, comparado a música alta que tocava. — Oi! — Chamei novamente, encostando a mão em seu ombro.

Eu não deveria ter feito isso!

Ele se virou tão rápido que não percebi como, mas, de repente, com uma mão, o Primeiro segurava meu pescoço e com a outra, apontava uma arma igual à de Kian para a minha cabeça. Minhas pernas bambearam.

— Digory? — Ele se assustou, erguendo imediatamente as duas mãos para o alto.

Não esperei mais nenhuma palavra. Saí correndo o mais rápido que pude. O vento batia no meu rosto, deixando um ar frio percorrer meus pulmões.

— Espera! — Ouvi ele chamar do portão da piscina, mas não parei.

Ele poderia ter me matado. Seu olhar era de quem não precisaria pensar para atirar. Negaria até a morte, mas estava aterrorizada de medo.

— Ei, espera! — Ele correu atrás de mim e me alcançou em questão de segundos.

Tentei continuar correndo, mas não consegui. Virei para trás assim que ele segurou o meu braço. Eu respirava com dificuldade, sentindo meus pulmões arderem pelo esforço.

— Me solta! — Pedi segurando o choro. Meu coração batia tão alto que cheguei a pensar que ele poderia ouvir.

— Digory, eu não quis fazer aquilo. — Soltou meu braço.

O tom de voz não mudou em nada das últimas vezes que tive o

desprazer de escutá-lo falar. A raiva era tanta em meu peito que me tornei incapaz de sentir o frio que cercava meu corpo molhado, com roupas minúsculas.

— Aquilo o quê? — Gritei. — Ser um completo idiota? Não era essa a sua intenção? — Apontei o dedo em seu rosto, enquanto seus olhos claros me observavam com a mesma expressão congelada. — Sinto muito decepcioná-lo, mas foi exatamente o que você fez desde que colocou os olhos em mim. E agora? — Meus gritos poderiam ser ouvidos de longe. — Você quase me matou! — Perdi o controle e as lágrimas começaram a descer. Estava nervosa, chateada e com muito medo. A sensação de quase morte não saía da minha cabeça.

O Primeiro permaneceu em silêncio, observando-me agora com o rosto enigmático.

Virei-me para a trilha e continuei a correr sem olhar para trás. Entrei pelo hall, correndo feito louca, subi os degraus tão desesperadamente que tropecei em alguns, batendo o joelho contra o chão. Ignorei a dor.

A imagem do Primeiro, segurando meu pescoço não saía da minha mente, ficava se repetindo, como um terrível filme sem fim. Sentia um incômodo no pescoço, talvez pela força que ele segurou. Quando virei o corredor que dava acesso ao meu quarto, parei de correr com a imagem que tive. O garoto loiro que vi conversando com Hannah mais cedo estava caminhando pelo corredor, em direção à saída. Quando me viu, ele brecou os passos, ficando próximo à minha porta. Seus olhos percorreram todo meu corpo, dos pés à cabeça. Não soube definir se deveria ter medo ou não. Afinal, o que ele estava fazendo ali àquela hora?

— Oi, gata selvagem! — Sua voz surgiu carregada de sedução, atrás de um enorme sorriso pregado em seu rosto.

— Do que me chamou? — Perguntei congelada no meio do caminho.

— Chegando a essa hora, toda molhada num frio desse e com os cabelos desarrumados... — Mordeu os lábios finos de forma nojenta. — GATA SELVAGEM! — Ele começou a se aproximar e eu fui andando de costas.

— Você não deveria estar aqui. — Gaguejei. — Quer dizer, você está no dormitório das mulheres e homens não podem...

— Vir aqui? — Comprimiu as sobrancelhas, como se visse um alvo bem na sua frente. — Vou onde eu quiser, meu bem. — Ele foi se aproximando.

— É melhor parar onde está ou eu vou gritar tanto que vou acordar todo o lugar.

— Por que vai gritar? Não estou fazendo nada. — Deu de ombros, aproximando-se cada vez mais. — Estou?

A cada passo que ele dava, eu arredava um para trás.

— Está me assustando! — Como se eu já não estivesse apavorada o suficiente.

— Eu vi você na apresentação hoje. — Observou. — Sei que você me viu também.

— O que quer aqui? — Perguntei trincando os dentes.

— Nada que interesse você, mas já que nos encontramos, talvez eu te conte... — Ele abriu os braços e piscou um dos olhos para mim.

— Talvez não interesse a ela, mas, com toda certeza, interessa a mim!

Ele encarou alguém por cima do meu ombro, mudando rapidamente sua expressão de tarado sedutor para desesperado medroso e instantaneamente, eu reconheci a voz do Primeiro. Olhei para trás e ele estava com a calça de moletom molhada por ter vestido por cima do short e sua blusa de frio estava aberta. Suas mãos seguravam minha roupa abandonada às presas e seus olhos profundos se mantinham fixos no rapaz à minha frente.

— Você tem exatamente três segundos para explicar o que está fazendo aqui, Hunter. — O Primeiro passou por mim a passos duros.

Seus punhos estavam fechados, a arma criava um volume estranho em sua cintura. Permaneci estarrecida no mesmo lugar, incapaz de ao menos tremer.

Aquilo só podia ser um pesadelo!

— Não fiz nada demais, comandante. — Hunter olhou para mim esperando que eu confirmasse. Sustentei seu olhar hipócrita. — Fui até o quarto da Hannah. — Ele apontou para uma das portas no fim do corredor. — Ficamos conversando e não vi a hora passar. Quando sai, encontrei essa moça chegando e estava conversando com ela.

— Conversando? — O Primeiro chegou mais próximo a Hunter e o segurou pela gola da blusa, jogando seu corpo atleta com facilidade contra a parede. — Eu posso imaginar o que você estava fazendo e espero que seja apenas fruto da minha imaginação. Caso contrário, você já era! — Hunter concordou com a cabeça veementemente. — Nunca mais se aproxime dela. Preciso repetir?

— Não senhor, nunca mais! — Ele respondeu trêmulo, pressionado contra a parede, agora mais apavorado do que eu.

O Primeiro o soltou com relutância.

— Depois acabamos essa conversa, você não deveria estar aqui, mesmo que seja com sua prima. Desapareça da minha frente!

Hunter saiu caminhando a passos largos, sem olhar em minha direção e por um momento, me senti aliviada. Não sabia qual era a sua intenção, mas o Primeiro parecia saber, com certeza. Hunter nos deixou a sós no corredor.

Recostei-me na parede e encarei seu rosto por menos de meio segundo, sem saber qual atitude deveria tomar. Talvez chamar a maior autoridade do lugar de idiota poderia não ter sido uma boa ideia.

— Que droga você está fazendo andando por aí sozinha essa hora? — Cerrou os dentes. Suas mãos estavam agitadas. Ora ele as passava pelo cabelo, ora pelo pescoço. Seus olhos vagamente encontravam os meus.

— Eu... — Tentei formular alguma frase, qualquer coisa que fosse, mas não consegui. Meus dentes batiam desesperadamente de frio.

— Você está tremendo! Abre a porta do quarto. — Pediu e por um milagre, sua voz arrogante quase desapareceu.

Abri a porta e ele fez um sinal para que eu entrasse. O Primeiro fechou a porta e ligou o aquecedor. Sem que eu percebesse, ele agarrou duas toalhas que estavam em cima da cama esperando para serem guardadas e me deu, retirando do meu ombro a que eu estava enrolada. — Tome, vai se aquecer rápido.

— Obrigada! — Resmunguei sem encará-lo.

Ele começou a andar de um lado para o outro no quarto.

— Você imagina o risco que correu essa noite? — Chamou minha atenção, fazendo sua voz ecoar alto no quarto silencioso e parou na minha frente. — Sabe o que poderia ter acontecido com você? — Ele falava sério, mas o desespero em seu rosto era visível.

— Não, eu não sabia que esse lugar poderia ser tão perigoso. Saí apenas para nadar e a piscina nem é tão distante assim do dormitório. — Concluí irritada. — Bastou apenas uma noite para que eu ficasse desesperada e com medo de tudo e de todos nessa Área Militar. — Parei para tomar fôlego e como ele não me interrompeu, continuei meu desabafo. — Caso você não saiba, as pessoas que conheço não costumam apontar armas na minha cara e nem me cercar pelos corredores! — Joguei as toalhas no chão e me virei de costas para ele. Passei a mão no pescoço, ainda sentindo o incômodo.

— Desculpe! — Ele disse se aproximou.

Virei-me para o comandante e vi que me observava. Levou uma das mãos com cautela até o lugar avermelhado em meu pescoço e franziu os olhos, mostrando arrependimento. Senti seus dedos gelados tocarem minha pele com cuidado.

— Digory, quero que entenda que eu não queria machucá-la, de forma alguma. Não existe verdade maior. — Soltou um ar pesado pelas narinas. — Você me pegou desprevenido. Não esperava por aquilo. — Seus olhos verdes brilhavam, desviando minha atenção.

— Não precisa me explicar nada. — Respirei fundo, buscando a calma e a voz da razão. — Eu não deveria ter chegado atrás de você sem que tivesse notado a minha presença. — Franzi os olhos, buscando entender tudo o que acontecia ali. — Só não sabia que você era uma bomba prestes a explodir. — Tentei esboçar um sorriso, inutilmente.

— Bomba? É assim que me vê? — Perguntou alternando as pernas de posição.

— Por que se importa com o que eu penso? — Sentei-me na cama, buscando as toalhas que havia abandonado.

— Não quero que pense que sou um idiota com o poder nas mãos.

Assenti com a cabeça. Um silêncio profundo se instalou no quarto.

— Jamais a machucaria, Digory. Nem a você, nem a ninguém da Área. Estamos aqui para proteger e apenas isso. O resto foi um grande mal-entendido. — O Primeiro passou as mãos uma na outra de forma ansiosa.

Um silêncio constrangedor se formou entre nós. Eu podia sentir sua culpa, seu arrependimento. Mas não sabia decifrar o que acontecia dentro do meu peito, com a sua presença ali, decidido a se desculpar.

— Tenho que ir. — Anunciou me encarando poucos segundos a mais do que o de costume.

— Espere! — Por reflexo, segurei sua mão ficando de pé ao seu lado.

Ele se assustou olhando para mim.

— Desculpe. — Soltei sua mão, sentindo o arrepio que o contato com a sua pele me trazia. — Eu só queria agradecer, pela ajuda lá fora.

— Não se preocupe. Hunter é meio idiota, mas tem noção do perigo. — Esboçou um sorriso quadrado. — Ele nunca mais vai te incomodar.

— Você sabe sorrir? — Pensei alto demais.

— Claro que eu sei sorrir! — Ele abriu um largo sorriso que pareceu clarear o ambiente, mas logo, seu rosto ficou sério novamente. Como se estivesse se obrigando a isso. — Como está se adaptando? — Questionou.

— Tudo é muito novo. — Ergui os ombros. — Parece que todo mundo conhece mais sobre meus pais do que eu mesma.

— Isso não está longe da verdade! — Admitiu em um sussurro. — A Área Militar é um mundo paralelo à realidade que as pessoas vivem lá fora. Seus pais são considerados como verdadeiros heróis. — Comprimiu os lábios.

— Ouvi algo parecido hoje cedo!

— Inclusive para mim. — Não me surpreendi. — O que não significa que eles revelaram tudo à única filha que tiveram. — Seus lábios se transformaram em uma linha expressiva. — Não se engane, você significava tudo para eles, então pouparam sua mente das coisas que viviam diariamente. Agora, aqui dentro, — ergueu as mãos — nada é poupado. Tudo é explícito e claro. Por isso as pessoas conhecem seus pais e os admiram. Sabem de verdades que você ainda vai conhecer.

Pensei por alguns segundos naquelas palavras e o sentido que faziam. Meus pais mantinham-me alheia aos problemas que passavam, as dores que sofriam, apenas para que eu tivesse uma vida normal. Tranquila e calma. Algo que eles jamais tiveram.

Desejei saber detalhe por detalhe. Sentir cada dor, desespero, lamento

e perda que meus pais sentiram. Saber o que todos sabiam sobre eles, e talvez mais. E conhecer melhor o lugar que eles tanto amavam. Essa tal Área Militar.

— Pode me contar mais sobre meus pais e a Área Militar?

Seus olhos fixaram os meus.

— Podemos conversar amanhã? Quer dizer... hoje mais tarde? — Apontou para o relógio de madeira pendurado em frente à cama e cruzou os braços — Já são cinco horas da manhã.

— Tudo bem!

— Encontro você assim que possível. — Deu um passo para trás, distanciando-se de mim. — Até logo, Digory! — Meneou um aceno de longe, como se evitasse se aproximar a todo custo, entretanto, manteve seus olhos ligados aos meus.

— Até logo!

O Primeiro segurou a maçaneta da porta e ficou olhando para baixo por alguns segundos.

— De qualquer forma, tome cuidado com o Hunter. — Concluiu.

Concordei com a cabeça, sem saber ao certo o que ele queria dizer com aquilo. Ele saiu pela porta e a fechou com cautela. Arranquei toda aquela roupa molhada e me joguei na cama com os pensamentos à mil.

Ele não era tão insensível quanto eu imaginava, mas também não era o que podíamos chamar de pessoa amorosa. Existia algo bom ali, mas havia uma enorme névoa negra escondendo tudo. Olhei pela janela, onde uma estrelinha ainda brilhava resistente no céu. E olhando para ela, adormeci.



Abracei o edredom, sentindo o corpo leve repousar em um sono gostoso. A janela continuava aberta, e uma brisa fina anunciando o amanhecer. Um sol fraco banhava o quarto e minha pele descoberta.

Queria ficar ali o dia todo, encontrando descanso pela primeira vez. Mas uma voz insistente não me permitiria.

— Abre logo, Kim. Não adianta se fingir de morta! — Chloe gritava da minha porta.

Peguei no sono desde que o Primeiro saiu e estava exausta pela segunda noite mal dormida, mas infelizmente tinha que levantar. Meus olhos estavam pesados. Cambaleei até à porta e a abri.

— Querida, você está com uma cara horrível! — Lucy entrou pelo quarto, sendo seguida por Chloe. — Não se preocupe. Irei te arrumar em cinco minutos. Cinco não, dez! — Ela franziu a testa ao se aproximar de mim. — Temos que sumir com essas olheiras.

— Como foi a noite, Kim? — Chloe sentou-se na cama enquanto Lucy fazia um milagre na minha cara.

— Emocionante!

— Não deve ser fácil passar por essa barra. — Lamentou sem fazer ideia do que eu queria dizer com aquelas palavras. Seu olhar duro e autoritário cruzou com o meu e pude sentir a empatia que Chloe demonstrava por mim.

— Ela não está sozinha. Isso já é um começo! — Lucy soprou as palavras próximo ao meu rosto, enquanto ela insistentemente tentava “ajeitá-lo” da melhor forma. O frescor de menta logo entrou pelas minhas narinas. — Não esquece, tá? — Perguntou arregalando os grandes olhos em minha direção.

— Não vou! — Era bom saber que podia contar com elas.

Apesar de sermos completamente diferentes, algo em comum nos

unia. Talvez a forma de ver o mundo e de desejar o bem para aqueles que estivessem do nosso lado.

— Pronto! — Lucy ergueu as mãos aos céus. — Não está linda? — Sorriu eufórica.

— Aham! — Chloe arrastou as palavras e torceu o nariz, fazendo-me desacreditar em Lucy.

Corri até o espelho e realmente, estava bem melhor que antes. No mínimo, apresentável. Lucy escondeu um pouco das olheiras com um leve corretivo e marcou meus cílios para completar o disfarce.

— Podemos ir, ou pretendem passar o dia aqui se maquiando? — Chloe reclamou. — Não esqueçam que vamos suar essa beleza toda...



— E para onde vamos? — Perguntei quando descemos as escadas indo em direção à porta principal.

Lucy me aconselhou a usar uma calça confortável e tênis. O que quer que fosse deveria exigir algum esforço físico. Em vinte minutos, adentrávamos o salão principal a caminho do centro de treinamento.

— Vamos para a aula de defesa pessoal. — Lucy respondeu. — Hoje é o dia da visita do comandante Ross. — Ajeitou o cabelo com delicadeza. — É só por isso que ainda frequento aquele módulo. — Riu.

Chloe lembrou a Lucy à importância de uma mulher saber se defender.

— Você precisa saber dar um soco bem dado, quando for necessário!

— Que violência! — Lucy torceu o fino nariz. Sorri distraidamente.

— Desembucha! — Chloe se voltou para mim. — O que foi aquilo

ontem? Você e o Ross? — Lucy corou discretamente.

— Não seja curiosa, Chloe!

— Até parece que você também não quer saber!

— Nada demais! — Apressei-me. — Ele me mostrou algumas partes da Área Militar. — Sorri com a expressão de Lucy, ansiosa por detalhes.

— Como ele é? Digo... — pensou — pessoalmente?

—Lindo de qualquer jeito, né, Lucy! — Chloe revirou os olhos.

— Ele é gentil e educado.

—E inteligente, tenho certeza! — Lucy concluiu.

— Muito! — Chloe ergueu as sobrancelhas, esperando por mais detalhes. — Eu me senti um pouco melhor na madrugada de ontem.

Lembrei-me dos olhos claros do comandante Primeiro, encarando-me, conhecendo-me e senti em meu íntimo uma gota de desejo. Desejava conhecê-lo um pouco mais. Ter a mesma proximidade que tive com Kian. Entretanto, sabia que aquilo era praticamente impossível. Eles eram completamente diferentes.

— Melhor mudarmos de assunto! — Lucy sussurrou apontando o nariz para Hannah que começava a desfilar na nossa frente indo na mesma direção.

Ergui o queixo e continuei a caminhar ao lado de minhas novas amigas, encontrando uma desculpa perfeita para adiar aquele assunto, pelo menos por hora.



Capítulo 6

Precisamos resolver nossos
monstros secretos, nossas feridas
clandestinas, nossa insanidade oculta.
Michel Foucault

O Primeiro

OS PASSOS EM direção ao meu loft eram apressados e concisos. A madeira sob meus pés rangia de forma sôfrega, sendo assolada pelos meus coturnos pesados. O momento em que segurei Digory pelo pescoço se repetia constantemente em minha memória, como um filme longo e tortuoso. Seus olhos assustados me deixaram angustiado e aquela sensação rasgava meu peito de ponta a ponta. Não fazia ideia de como me redimir. Uma das poucas habilidades que eu não dominava era a arte de pedir desculpas. Ela chorou por minha causa e não a julgaria por me chamar de idiota. Foi exatamente isso que eu fui e muito mais.

Abri a porta do loft como se houvesse uma perseguição em meus calcanhares. A porta bateu contra a parede, um barulho oco ecoou pela pequena sala e eu a fechei com a mesma ira.

Merda! — A palavra perambulava em minha mente enquanto eu arrancava minha roupa molhada, caminhando a passos largos pelos cômodos milimetricamente organizados.

Passei pela sala enquanto tirava a blusa que se agarrava nos meus ombros, causando uma sensação estranha de pele repuxada. Minha calça já estava aberta quando cheguei ao quarto, faltava apenas desentalá-la do meu corpo. Roupas molhadas tendem a virar tatuagem com uma facilidade incrível.

Acendi a luz e mirei a cama solitária ao lado do gaveteiro de madeira escura. Coloquei minha 9mm sobre a mesa preta e logo ela estava camuflada por ser da mesma cor. Apoiei-me na cômoda que guardava a maioria das minhas calças e arranquei as únicas peças de roupas que me restavam enquanto me amaldiçoava em pensamentos.

“Você poderia ao menos ter olhado antes de se virar!”

“Ela tocou em você.”

“Aqueles grandes olhos brilhantes transbordavam lágrimas e a culpa era de quem?”

Minha consciência não me deixava em paz.

Fui tomar um banho quente na esperança de encontrar um pouco de descanso, mas fui bombardeado por pensamentos vagarosos envolvendo Kimberly Digory. A imagem de seus cabelos vermelhos encharcados sendo jogados para trás na força que ela se virou para correr, esmagava meu peito.

— Chega! — Obriguei-me a pensar em qualquer outra coisa assim que desliguei o chuveiro. Algo que não a envolvesse, ou que no mínimo afastasse meus pensamentos dela.

Sentei-me na cama e senti o macio acomodar meu corpo. Em minhas mãos minha HK USP reluzia contra a fraca luz do abajur. Coloquei-a com cautela em cima do pequeno criado mudo que ficava ao lado da minha cabeceira. Instantaneamente, meus olhos se fixaram ali, naquele criado escuro, arranhado pelo tempo, de onde três gavetas se firmavam com dificuldade pelo peso de papeis e objetos que eu enfiava dentro delas.

Apenas uma daquelas gavetas, a primeira, guardava algo que tinha um peso substancial para minha vida. Dentro dela estava a minha força de cada dia, a lembrança do meu tormento, da minha tristeza e o motivo pelo qual eu nunca iria desistir.

Todas as manhãs, eu abria aquela gaveta e encarava o que tinha lá dentro, buscando força e inspiração. Sentindo a dor pulsar em minhas veias mais uma vez, renovando meus votos para com a Área Militar. E em dias nebulosos, quando tudo parecia desmoronar, eu chegava em meu loft à noite, tomava meu banho e sentava em minha cama, abria aquela gaveta e sentia as forças voltarem aos meus ossos exaustos mais uma vez. Hoje não seria diferente.

Abri a gaveta e logo o estampido costumeiro do ranger da madeira velha me deu boa noite. Enfiei a mão e tirei de lá o pedaço de papel mais valioso do universo. Suspirei, observando com cautela a foto que guardava com minha própria vida, como uma herança de família.

Melissa fazia uma careta e obrigava os meus pais a acompanharem nessa loucura. Eu bati a foto e mesmo que não estivesse nela, foi colocada em destaque na parede. Embaixo do porta-retratos estava escrito “Os Clarent”. Nos divertimos por muito tempo com aquela foto. Meu pai parecia uma criança e sabendo por tudo o que ele já havia passado, eu tinha certeza que era um dos raros momentos que ele se permitia relaxar com a família. Aquela pequena lembrança foi tudo que sobrou da nossa casa e da minha família.

Às vezes, durante a noite eu ainda sonhava com Melissa e seu perfume floral. Sua risada gutural e animada. Seu toque, seu carinho, seu amor. E o pior, eu sonhava com os planos que minha futura noiva tinha para sua vida. Ser médica, viajar até países desolados e prestar ajuda. Trabalhar na ONU. Ir para a guerra.

Lembro-me perfeitamente que, quando Melissa me revelou esse

último desejo. Eu quis amarrá-la até que mudasse de ideia. Como eu poderia permitir que o amor da minha vida se enfiasse em um mundo caótico e violento, onde os médicos eram sempre os alvos mais procurados?

“Elimine o socorro do seu oponente e ele não terá para onde fugir!”

Entretanto, tive uma certeza quando vi o olhar sonhador de Melissa. Eu jamais poderia impedir sua decisão, afinal, ela já tinha sido tomada. Poderia rolar no chão e chorar feito um bebê que ainda assim, ela não me daria ouvidos. Melissa ia aonde o seu chamado a levasse e eu não podia negar, admirava e amava a força que percorria as veias daquela doce mulher.

Meu coração se contraiu, socando com força minha caixa torácica. Ela jamais teve a oportunidade de salvar uma vida, nem mesmo a sua!

Passeei os dedos pelo rosto jovial do meu pai, que mantinha no peito a certeza de que um dia eu assumiria meu papel na Área Militar. Algo que eu não desejava na época.

Ele morreu sem saber que o filho iria assumir a posição de comandante mais respeitada do lugar e eu, não tive a chance de dizer o quanto me orgulhava de ser filho do grande Clarent.

Geralmente, antes que meus olhos se fechassem buscando descanso, o barulho da explosão irradiava por minhas têmporas e eu me demorava ali, tentando esquecê-lo.

Desde aquele dia me tornei uma sombra, escura e fria. Implorando, pedindo, clamando para que voltassem. Mas tudo foi em vão. Hoje aquela foto servia para me lembrar que perdi tudo, para me lembrar que as pessoas que eu mais amava se foram e que nunca mais poderia vê-las. Que em nosso ramo, a vida e a morte andavam lado a lado e era assim que eu escolhia acordar cada um dos meus dias, com minha dose exclusiva de dor e lembranças.

Guardei a foto e deitei-me sobre a cama. Por um segundo imergi em

um grande nada, sem pensamentos sem vontades, sem ação. Mas não demorou mais que isso para que meu cérebro começasse a trabalhar novamente.

Comecei a repassar meu dia, e por onde começaria. O plano de busca e resgate do agente Digory havia sido traçado e já estava em andamento. Esperava encontrá-lo logo. Não apenas por que ele fez parte de uma decisão especial na minha vida, mas principalmente, pela filha dele.

Pensando nela novamente, lembrei-me do dia em que ela chegou aqui. Fiquei a observando, cada passo, cada palavra arredia. Digory era exatamente como a mãe. Corajosa, ousada. Era como ver um reflexo perfeito de Savanna, até mesmo pelos cabelos cor de fogo. Cheguei a pensar que ela fosse pular pela janela da sala da diretora Herrera para não nos acompanhar. E então, ela recebeu a devastadora notícia da perda da mãe. Algo doloroso demais para se suportar.

Assim que Kian a deixou sozinha no quarto, comecei a fazer uma ronda por lá insistentemente. Simplesmente não conseguia ficar calmo sem saber como ela estava se sentindo. Aquilo não era nada demais, faria com qualquer um que chegasse nas mesmas condições que ela.

Kimberly não dormiu naquela noite e eu também não. Fiquei vagando pelo corredor como uma alma sem destino. Não sabia explicar por que meu peito doía como se arrancassem meu coração para fora em todos os momentos que ela gritava e chorava copiosamente.

Ela berrava e eu me continha do lado de fora de sua porta. Evitando a todo custo que ela soubesse que eu estava ali, ao seu lado.

Por três vezes, tive que me controlar para não entrar em seu quarto. Comecei a murmurar para mim mesmo que ela precisava de tempo para lidar com a situação.

Tempo!

Foi isso que dei a ela.

Digory não quis jantar, tomar café, almoçar e nem sair do quarto. Aquilo já era demais, eu precisava intervir. Fiquei verdadeiramente feliz quando pedi a Kian que levasse o jantar no quarto e ela aceitou. Ele sempre teve uma forma melhor de lidar com as pessoas do que eu. E deu certo. Para mim, era o suficiente.

Revirei-me incontáveis vezes naquela cama. Não adiantava. Senteime frustrado, percebendo que aquela seria mais uma madrugada de sono perdida. Um tempo depois, meus olhos arregalados e sem sono me mostravam que eu poderia desistir.

Comecei a escutar com atenção os barulhos da noite. O cricrilar de um grilo, as folhas balançando com o vento atemporal, os sussurros da madrugada cedendo lugar ao sol que banhava o solo com um tom laranja e aquecido. Em cima de toda aquela tranquilidade, meu rádio ecoou um barulho desenfreado pelo loft, assustando-me.

Ergui-me da cama em um salto e procurei pelo aparelho. Encontrei-o sobre o sofá, camuflado entre as almofadas.

— Na escuta, Kian!

— Primeiro, preciso que alguém ministre a aula de defesa pessoal de hoje. Avistamos alguns movimentos estranhos nos infravermelhos ao redor da Área e estou indo conferir com Jason e o agente instrutor da aula. — Raspei a garganta, arrumando a voz. — Positivo?

— Precisa de ajuda?

— Não, está tudo bem! Estamos no meio do caminho.

— Vou ministrar a aula.

— Ok. — Kian pareceu receoso. — Ah, mais uma coisa. Se por acaso for até nossa sala de armas, o fuzil americano M16 com lança granada está comigo. — Completou naturalmente.

— Kian, que DROGA está acontecendo aí? — Exaltei a voz.

— Apenas prevenção, Primeiro.

— Não estou certo disso. — Ponderei a ideia de ir atrás deles. — Qualquer coisa entre em contato imediatamente e se não voltar até o horário do almoço, irei liberar a equipe de busca atrás de vocês, entendido?

— Positivo! — Ele riu e desligou o rádio.

Encarei o aparelho, sentindo-me pesaroso. Kian não investigaria algo simples. Temos agentes treinados para isso. O que ele estava me escondendo?

Aquele tipo de coisa me deixava impaciente. Digory não fazia ideia, mas ela era o maior alvo do lugar no momento.

Qualquer um que soubesse com o que Paul e Savannah estavam trabalhando estaria em perigo. Desde o momento que Paul desapareceu com aquele objeto eu soube que um alvo havia surgido nas costas de sua única filha. Tendo Kimberly nas mãos, encontrar Paul seria apenas uma questão de tempo e pensar na quantidade de pessoas que estariam dispostas a sequestrá-la para esse fim, deixava-me ensandecido. E era por isso que eu tinha que ficar de olho nela. Proteção, apenas por isso.



— Formação! — Parei em frente aos onze alunos que aguardavam o treinador de forma desorganizada.

Olhos começaram a se arregalar, sussurros foram ouvidos e um remexer de corpos inquietos produziu uma dança em frente aos meus olhos. Eles não esperavam me ver ali, ministrando aquela aula.

Alguns rostos eram mais conhecidos do que outros e infelizmente peguei a turma do Hunter. Ele conversava baixo com sua prima Hannah, que

não soltava a mão de uma de suas amigas. Os alunos se reuniram rapidamente e pude ver saindo do canto do pátio a garota dos cabelos vermelhos que ultimamente estava no topo da minha lista de preocupações.

Digory.

Ela caminhava para o centro do pátio, acompanhada de duas colegas, Harper e Evans. Seus braços balançavam tranquilamente, o cabelo preso em um alto rabo de cavalo e o olhar perdido. Em que lugar aqueles pensamentos estavam? Quando olhou em minha direção, seu semblante mudou. Os olhos se estreitaram, as sobrancelhas grosas e desenhadas se uniram em um enrugar duvidoso e contemplativo. Não sabia dizer se ela ficou surpresa com minha presença, ou pior, com medo.

Não poderia julgá-la se sentisse medo do homem que a segurou pelo pescoço na noite anterior, mas, ainda que eu entendesse o motivo, não conseguia deixar de sentir um torpor frio invadir meu interior. Não suportava a ideia de que qualquer um naquele lugar sentisse medo dos comandantes, dos soldados ou agentes da Área Militar. Estávamos ali, fardados e armados vinte e quatro horas por dia para protegê-los. Seria surreal que nos temessem. Seria devastador que alguém como ela, que havia perdido quase tudo, ainda vivesse com medo de... mim.

— Bom dia! — Voltei minha atenção para os alunos assim que elas se juntaram a turma. — Hoje irei repor a aula de defesa pessoal. Tivemos alguns imprevistos e essa mudança foi necessária.

Um silêncio banhou a área coberta que nos servia para treinamentos corporais. Então, lenta como uma picada de abelha e tão dolorosa quanto, a voz melosa de Hannah inundou o lugar.

— Interessante! — Ela murmurou da fileira da frente e sua amiga começou a rir baixinho colocando a mão sobre a boca. — Poderia ser uma mudança permanente.

— Collins, limite-se a dizer apenas o essencial na hora da aula, ok? — Tentei ser o mais educado possível.

— Sim, senhor! — Ela piscou para mim.

— Formem duplas. — Caminhei entre as três fileiras formadas, sentindo o chão escorregadio retumbar sob os coturnos. — Vamos fazer o alongamento e treinamento juntos. É importante ter um parceiro e saber trabalhar com ele.

A área de treinamento de defesa pessoal era espaçosa como uma quadra, mantinha duas barras de ferro presas em suas laterais para facilitar os alongamentos, mas o piso lustrado sempre foi um enorme problema para realização dos movimentos de queda por ser extremamente escorregadio, por isso, uma medida foi tomada. Abri o armário que ficava aos fundos e tomava conta de toda a parede branca do lugar e deixei cair sobre o chão as peças coloridas do tatame que utilizávamos para sanar aquele problema.

— Cada um de vocês deve pegar uma peça do tatame e montar, formando um quadrado com as peças. — Pedi. — Logo após, organizem-se com suas duplas. Vamos treinar.

Minutos se passaram. Longos e torturantes minutos. O tatame montado aguardava o início do que era para ser uma aula produtiva, mas as duplas sequer tinham se formado. Algumas garotas discutiam quem seriam os pares da vez, enquanto outros aguardavam ser convidados.

— Vocês têm dois segundos para se apresentar ao lado de sua dupla ou serão desqualificados imediatamente. — Minha voz soou grave enquanto meus braços permaneciam atrás das costas, parado em minha postura militar. — Escolheram esse módulo por espontânea vontade, mas se não passam de crianças deveriam fazer ballet, caso não saibam, temos também esse módulo. — Desferi com ironia.

Entre outros exercícios, a aula de defesa pessoal era o mais

requisitado. Todo mundo desejava se sentir um pouco mais útil e menos indefeso, e mais, talvez alcançar o porte de armas legalmente e quem sabe, investir na carreira militar dali em diante. Entretanto, nem todos ali tinham o mesmo objetivo e alguns poderiam até estar no módulo errado, mas outros se destacavam pela vontade de aprender, o desejo de se defender, mesmo que seu corpo não estivesse adepto a isso.

Como Lucy Harper, por exemplo. A garota era a primeira da sua turma no módulo de redes e computadores. Claramente, a garota possuía uma inteligência notável. Isso não a impedia de fazer também o módulo de defesa pessoal, mas era claro sua inabilidade no assunto. Ela estava em um terreno desconhecido, ainda assim, lutava a cada dia para aprender um pouco mais, para resistir um pouco mais e eu ficava sabendo através dos relatórios das aulas entregue pelos monitores que seu desenvolvimento subiu em uma escala alta. O que me lembra que, se quisermos muito alguma coisa, basta lutar para alcançar. A perfeição vem com o tempo, mas é você quem limita esse tempo e o meu tempo com aquela turma desorganizada estava por um fio de terminar com uma suspensão ou duas.

— Se estivessem em um combate já estariam todos mortos! — Minha voz rude se sobressaiu aos jovens que tentavam se organizar como uma manada de elefantes fugindo de um predador.

Eles formaram as duplas com a primeira pessoa que viram na frente. Restaram apenas três pessoas na pista ainda sem formação. Hannah, Hunter e Digory.

— Não posso ser parceira do meu primo! — Hannah choramingou. — Ele é horrível!

— Hannah, cala a boca e vem logo ser minha parceira. — Hunter apertou os lábios e arregalou os olhos em direção a sua prima mimada.

Era óbvio que eu jamais permitiria que Hunter fosse o parceiro da

Digory. Não depois daquela maldita cena no corredor feminino e ele parecia ter entendido o recado.

— Collins e Hunter. — Apontei para um dos cantos do tatame e aguardei que se posicionassem.

Hannah revirou os olhos e ergueu o peito em uma tentativa de me dissuadir.

— A novata vai acabar ficando sozinha. — Ela cruzou os braços e me encarou. — Talvez seja melhor para ela começar com alguém menos experiente, como o meu primo, por exemplo.

Perdi a paciência.

— Eu não falo duas vezes! — Tentei não trincar o maxilar, mas já era tarde demais. — Se posicionem AGORA, Collins. — Caminhei em direção a Digory, ignorando o beiço de Hannah. Kimberly olhava receosa para os alunos ao seu redor.

Pela minha experiência com Hannah, gritar com ela não adiantava, parecia que a incentivava ainda mais, mas por hoje já bastava daquela perseguição de gato e rato.

— Eu serei o parceiro da Digory. Ela vai aprender comigo. — Seu rosto corou combinando com a cor de seus cabelos, então percebi o que havia falado. Ou melhor, a forma com que havia falado. — Fiquem na base. Pé esquerdo na frente, direito atrás. — Comecei a ministrar a aula.

Digory tinha certa dificuldade com a direção e a defesa de seus golpes. Era como atirar no escuro. Você mirava em algo, e acertava em outro canto possivelmente distante. Com aquela garota estava sendo um pouco mais difícil do que acertar um alvo no breu. Eu pedia que ela chutasse com a perna direita e ela me surpreendia com um chute de esquerda. Por fim, tive que posicionar sua perna e me senti estranhamente envergonhado por encostar em sua pele. Geralmente, aquele tipo de coisa era normal para mim e

para qualquer professor, mas com ela era como se fosse algo proibido.

Abaixei-me até ficar de joelhos em frente a ela, prendendo a respiração como se o sopro dos meus lábios pudesse aumentar o tremor que eu via refletido nos olhos de Digory. Toquei seu joelho com meus dedos cautelosamente, ainda assim senti o retesar de sua pele. Ela estava prestes a fugir. Posicionei sua perna para que sua base ficasse mais forte e resistente. Assim, ela poderia dar um chute mais amplo e com mais pressão.

Ergui-me sendo seguido por olhos atentos, tentando ignorar que o medo que eu antes supunha existir a cada minuto parecia mais real.

— Ao chutar, gire o quadril. — Afastei-me o suficiente, mantendo a voz firme e um contato visual fraco. A verdade era que não queria confirmar que a garota a minha frente estava apavorada. Ergui o aparador de chutes até a cintura. — Assim terá mais força.

Ela assentiu sem voltar a me encarar. Agora, sua visão estava focada no aparador azul preso em meu braço.

— Repitam esse movimento dez vezes em cada perna, alternem a base. — Comecei a incentivar a turma a fazer o mesmo. — Girem o quadril para aumentar a força do golpe. — A turma estava entrosada e pegava com facilidade as técnicas de chutes passadas. Entretanto, com a minha atual parceira, nada tinha mudado.

— Digory, chute com o pé esquerdo agora. — Ela chutou com o direito mais uma vez.

— Desculpe! — Ela passou a mão no cabelo e me encarou decepcionada consigo mesma.

— Não se preocupe. — Aproximei-me. — Pode ser raro, mas existem pessoas com dois pés esquerdos. — Seus lábios se enrugaram e por um segundo eu jurava que tinha a feito sorrir. Talvez o medo não fosse tão real quanto eu imaginava.

Ela começou a tentar novamente.

Balancei a cabeça, achando interessante que, por mais que ela errasse todas as tentativas de acertar ou se defender de um golpe, absolutamente TODAS, ela nunca parava de tentar.

— Ok, troquem os pares no tatame, vamos trabalhar projeção. — Alguns suspiros cansados e outros sorrisos motivados invadiram o lugar.

— Acho que nunca nos exercitamos tanto nessa aula. — Chloe Evans comentou limpando o suor da testa.

— Não reclama. — Um dos garotos ao seu lado irrompeu em um discurso quase sussurrado. — É a melhor aula em meses e com o comandante Primeiro. Já imaginou isso?

Comprimi os olhos, anotando mentalmente que deveria analisar melhor como o instrutor estava comandando aquela aula e me preparei para a sessão de tombos que viriam dali em diante.

Se Kimberly Digory tinha facilidade para trocar direita e esquerda, ela era insuportavelmente dez vezes mais desequilibrada do que isso. Trabalhei sua projeção junto a Harper, que era da mesma altura que ela, para evitar contusões. Harper não precisava se esforçar. Ela clipava a perna de Kimberly quando recebia um chute e segundos depois puxava uma bela rasteira na ruiva que logo se erguia do chão furiosa.

— Desculpe! — Mais uma vez peguei Harper se desculpando.

— Não peça desculpas. — Intervi. — Se estivessem em uma guerra, não haveria tempo ou necessidade para isso. Você está evoluindo, Harper. — Olhei em seus olhos que raramente ficavam expostos sem estar escondidos atrás dos óculos quadrados que usava e vi seu rosto se iluminar com um sorriso. — Digory, continue tentando. Lembre-se, é a sua vida em risco, precisa disso para sobreviver. — Eu poderia estar falando hipoteticamente, mas no fundo, eu sabia que aquela era uma verdade incontestável. Ela

precisava aprender a se defender.

A aula terminou sem que nenhum dos meus alunos se ferisse. Nem sequer um tornozelo torcido, mas em comparação ao suor, todos pareciam ter saído de uma sauna.

Cada um dos alunos recolheu uma das peças do tatame e se despediram com acenos e elogios exagerados, especialmente Hannah que dizia ter sido a melhor aula que já realizara.

Percorri o local com os olhos e notei que quase não havia ninguém, a não ser pela garota dos olhos dourados que se dirigia até sua mochila caída em um canto da área de treinamento. Senti a necessidade de ter a conversa que havia prometido a ela na noite passada e aproveitar a oportunidade para descobrir se algo a assombrava, mesmo que esse "algo" fosse minha presença.

Aproximei-me silenciosamente.

— Digory! — Ela deu um salto para trás com o susto e me encarou com olhos arregalados. Percebi então que eu era o "algo". Se antes ela não estava com medo, agora com certeza estava. — Desculpe-me, eu não queria assustá-la.

— Não... — Ela olhou de mim para a porta de entrada onde suas amigas a esperavam. — Eu não vi você chegar.

— Tenho vinte minutos livre. — Minha voz se ergueu parecendo ressoar sobre o silêncio que se formava. — Se quer conversar comigo, a hora é essa.

Ela respirou fundo e franziu os lábios, enfiando a garrafa de água dentro da mochila.

— Kim! — Uma voz estridente a chamou. Era Evans.

— Encontro vocês mais tarde! — Ela respondeu.

Evans pareceu querer retrucar ou questionar algo, mas Lucy Harper

cutucou suas costelas e a arrastou dali contra a sua vontade.

Antes que eu a perdesse de vista, a garota de cabelos curtos ergueu dois dedos em direção aos seus olhos e os jogou em minha direção fazendo um sinal, que pelo que entendi, significava algo como “Estou de olho em você”, e logo depois, saíram.

— Tem certeza que está tudo bem? — Apontei para as garotas.

— Elas são legais. — Esbocei um sorriso cauteloso, mantendo qualquer tipo de intimidade distante da nossa conversa. — Vamos conversar aqui mesmo?

— Não. — A rapidez da minha resposta a assustou, mas não me expliquei. Existiam lugares mais leves para aquele tipo de conversa e era em um daqueles lugares mágicos que eu a levaria. —Vamos andar um pouco pelo campo. É perto, seguro e bem aberto. — E um dos lugares preferidos de Savanna, mas evitei mencionar aquele detalhe.

Ela me encarou receosa. Mordeu os lábios e alternou o ombro que apoiava sua mochila.

— Se desejar, é claro. — Completei, dando a ela a opção da escolha.

— Tudo bem!

Meneei um aceno com a cabeça e a conduzi por uma caminhada em silêncio até o campo.

Tateei levemente a arma em minha cintura. No campo, ninguém conseguiria aparecer sem ser visto e a única coisa que eu não queria era ser pego de surpresa. A preocupação pairava em minha mente após a ligação de Kian.

— Que lugar maravilhoso! — Ela por fim quebrou o silêncio ainda agarrada a sua mochila como se fosse seu bem mais precioso.

Começamos a caminhar por uma trilha com algumas árvores de raízes grandiosas no caminho. O sol perpassava as folhas e ornamentava com luzes

o chão de pedras soltas, como se um caminho brilhante fosse colocado a nossa frente para passarmos. Não a culpava pelo espanto, o lugar era perfeito. O verde da mata assumia um tom brilhante e dava a sensação de um lugar mágico.

— A Área Militar tem lugares incríveis. — Tentei não olhar diretamente para ela, sabendo que aquilo era praticamente impossível, visto que até o sol conspirava ao seu favor. Os únicos raios que brilhavam no céu pareciam ir direto para seu rosto. — O que você queria saber sobre seus pais?

— Quero saber o que esse lugar significava para eles. — Ela chutou algumas pedras do caminho. — Escutei várias vezes as pessoas falando que eles eram conhecidos por aqui, mas não sei o motivo.

Parei em um dos montes que nos permitiam uma vista privilegiada dos campos ao redor. Olhei para o lado e Digory estava sentada no chão.

— O que foi? Achou que depois de longas e cansativas horas de defesa pessoal, eu ficaria em pé?

Balancei a cabeça segurando um sorriso e me aproximei.

— Seus pais foram os maiores pilares da Área Militar quando ela quase sucumbiu. — Parei por um momento sem saber até onde deveria contar a ela. Seu olhar se perdeu na imensidão dos campos à sua frente e quase duvidei que estivesse prestando atenção no que eu dizia. — Há sete anos esse lugar passou por uma situação complicada.

— Eu sei! — Ela murmurou sem olhar em minha direção.

— O quê?

— Sei o que houve! Ouvi algumas histórias desde que cheguei aqui. — Ela se virou para mim me pegando perdido em seu rosto e totalmente sem reação.

Existia um bloqueio sobre aquela história para a maioria das pessoas da Área Miliar. Tocar naquele assunto comigo era procurar problema. Os

únicos com quem conversei sobre a explosão que tirou a vida dos meus familiares foram o casal Digory e Kian. Depois daquilo, nunca mais. Nenhuma palavra. E todos pareciam entender minha decisão.

— Sinto muito. — Ela voltou a encarar os belos campos a sua frente. — Acredito que ninguém saiba como é passar pelo que você passou, mas olha só. — Abriu os braços ao redor de seu pequeno corpo. — Bum!

Fiquei olhando para ela, paralisado.

— Olha só você aí! Dando a volta por cima, sobrevivendo. — Ela suspirou. — Queria saber como consegue.

Espremi os olhos, como se estivesse diante de algo indecifrável. Fiquei em silêncio por um segundo vendo que nada do que ela me dizia despertava aquele sentimento de raiva que geralmente me atacava quando falavam sobre minha família.

— Sabe o que fiz na época? — Assumi com dificuldade, endireitando a voz rouca. — Confiei em duas pessoas e elas me aconselharam. Na verdade, elas me ensinaram como ficar de pé novamente e devo muito a eles. Paul e Savanna! — Digory me olhou surpresa. — Desde aquela época eles eram os melhores no ramo, como já deve ter ouvido, e amigos íntimos da nossa família. Quando tudo aconteceu, Paul impediu que eu morresse junto com eles. — Uma dor forte começou a brotar em meu peito e eu decidi que era hora de parar. — Ele me lembrou que nesse lugar haviam pessoas que precisavam de alguém para cuidar delas, alguém para seguir com esse trabalho. E aqui estamos nós, é isso.

— Ainda assim, você nunca mais foi o mesmo, correto? — Ela perguntou olhando para baixo.

Não respondi, não precisava.

— Pode me dizer que tipo de trabalho é esse? O que é ser um agente? O que eles fazem?

Fiquei feliz que ela tenha entendido minha restrição e mudado de assunto. Segurei por um segundo a respiração pensando na melhor forma de responder.

— Depende do nível do agente. — Dei de ombros, tão acostumado a conhecer cada uma daquelas funções que elas pareciam fazer parte do meu corpo, como órgãos vitais para minha sobrevivência.

— Por exemplo, em uma categoria simples de 1 a 10. O agente nível 1 fica responsável por organizar os arquivos e provas no banco de dados criminais do governo. O agente nível 10 se infiltra em máfias estrangeiras e estuda sobre possíveis ataques terroristas ou golpes contra o governo e tudo relacionado. Eles trabalham disfarçados e geralmente denunciam a instituição criminosa há tempo, para que nenhum dos planos contra o país dê certo.

— Os meus pais eram...

— Nível 10! — Encarei seus olhos que brilhavam de uma forma diferente e encantadora. — Os melhores. — Completei satisfatoriamente.

— Eu imaginava. — Ela voltou sua atenção para o horizonte, suspirando alto.

Um silêncio estranho se instaurou ali. Era cálido, seco, mas ainda assim, confortável. Eu sabia que os pensamentos de Kimberly Digory estavam torneando a vida que seus pais tiveram ou talvez mais, pensando no que eles poderiam ter vivido se toda aquela desgraça não recaísse sobre sua família. Observei seus dedos se unirem sobre o joelho, os pés se esfregarem nas pedras soltas na encosta a sua frente, os cabelos, ainda presos em um rabo de cavalo, balançarem sobre o vento tímido da colina. Meu peito se comprimiu. Ela sofria em silêncio.

Lembrei-me do olhar assustado que vez ou outra Digory dirigia a mim, como se eu fosse um monstro prestes a me libertar. Ainda assim, ela estava ali, comigo. Isso poderia significar alguma coisa boa, não? Talvez ela

tivesse a certeza de que o incidente de ontem a noite jamais se repetiria. Pelo menos era o que eu insistia em pensar para aliviar meus próprios receios.

Suspirei fundo. Precisava saber a verdade.

Meus lábios se abriram, criando coragem para questioná-la. Desejava ter certeza de que não restara medo nas fibras do seu corpo, mas antes que eu quebrasse aquele mantra silencioso, um som esganiçado irrompeu pelos ares.

Recebi uma mensagem no bip.

Merda!

“Hora do almoço! Chegamos. Onde você está? Precisamos conversar com urgência.”

— Temos que ir! — Conclui frustrado.

Os minutos que estipulei haviam passado e eu não notara. Digory se levantou sem me encarar e começou a caminhar de volta para a trilha.

— Você vai aprender tudo o que precisa saber nas aulas de história e organização militar. — Alcancei seus passos.

— Ótimo! — Seu tom de voz havia mudado mais uma vez.

Notei que ela estava variando as emoções facilmente. Ao mesmo tempo em que se empolgava para conhecer mais, se via abatida e triste. Definitivamente, ela ainda não tinha aprendido a lidar com a dor e isso eu não podia ensiná-la, por mais que já tivesse vivido isso da forma mais excruciante existente.

Percorri a breve estrada ao seu lado, mentalizando o quanto ela ainda descobriria sobre os pais. O quanto eram queridos nesse lugar. Não havia sorriso igual ao de Savanna. Era contagiante. Parecia que a filha levava consigo mais uma herança. Mesmo que em raros momentos, o pouco que sorriu me transmitiu a mesma alegria.

Inevitavelmente, comecei a reparar seus movimentos enquanto, distraída, Digory passeava com os olhos por todo o lugar. Delicadamente, ela

passava a mão em alguma árvore que encontrava pelo caminho, seus olhos buscavam alguma novidade a todo o momento. Uma vez ou outra, ela olhava para trás e me pegava observando-a.

— O que foi? — Abriu o sorriso encantador que tanto esperei para ver.

— Como está se sentindo em relação a tudo isso? — Perguntei, colocando os braços para trás, como de costume.

— É diferente. Estranho e muito assustador. — Ela se manteve parada e eu fui me aproximando. — Penso que tudo sempre tem algo positivo. Em meio a trevas escuras, um simples vagalume é uma enorme fonte de luz. Basta encontrá-lo e se agarrar a ele.

— Já o encontrou? — Dei um passo furtivo em sua direção, sentido a proximidade de nossos corpos e percebendo pela primeira vez que o assombro que antes vislumbrava o olhar de Digory com a minha proximidade se fora.

— Talvez! E você? — Perguntou me jogando outro sorriso, um pouco mais fraco que o primeiro e então, virou-se e continuou a caminhar.

A pergunta solta no ar me fez ficar pensativo. Quantos anos mais eu iria demorar a encontrar algo que clareasse minha vida? Meus olhos se prenderam a garota dos cabelos ruivos que caminhava a passos curtos pela trilha a minha frente. Talvez eu já tivesse encontrado, mas nunca poderia realmente alcançá-la!



Capítulo 7

O que não
provoca minha morte faz
com que eu fique mais
forte.
Friedrich Nietzsche

O Primeiro

ANDEI O MAIS depressa possível, caminhando sobre pedras soltas na velha estrada de terra que me levaria até Kian. Avistei de longe a figura corpulenta de Jason olhando ao redor, alheio em seus pensamentos. Ele observava o céu, que estava mais uma vez nebuloso. Aquele ar escuro trazia a sensação de mau presságio. Se acreditasse naquilo, teria me preocupado, mas não acreditava. Não nos tempos de hoje. Talvez o jovem e inocente rapaz que fui um dia colocaria fé em coisas como a sorte, hoje eu acreditava apenas na HK USP de 9mm que carregava assiduamente em minha cintura. Uma crença que somente a vida poderia ensinar, da pior forma.

— Primeiro! — Jason me cumprimentou respeitosamente, alinhando sua postura relaxada. Ele me encarou por cerca de um segundo ou mais com um olhar melancólico sob as sobrancelhas grossas e desviou os olhos para o chão, quase que instantaneamente.

Jason era um homem estranho, não demostrava emoções em nenhum

âmbito de sua vida, sua postura facilmente irritável o privava do convívio com os jovens, uma escolha que eu havia feito pensando em ambos os lados. Expor Jason a uma turma de alunos que ele iria preferir esganar a ter de dar aula não seria nada agradável. Em vários momentos, pegava-me observando Jason, procurando alguma certeza de que suas habilidades superariam seus defeitos. E admitia, talvez com certa dificuldade, que ele conseguiu se superar, ganhando minha confiança e um lugar no posto de comandante. Um bom profissional, que ainda me intrigava quando afirmava algo. Sua voz dizia que estava disposto a ajudar, mas seu rosto mostrava o contrário

— Teve problemas? — Kian completou, enquanto um vinco se erguia no meio de sua testa.

— Estava resolvendo uma situação. — Tentei fugir do assunto "Digory". — Nada que devam se preocupar.

Havia acabado de deixar aquela garota dos cabelos de fogo na entrada principal, sob olhares indiscretos e curiosos. O real motivo pelo qual eu estava atrasado chegaria até os ouvidos de Kian mais rápido do que eu poderia prever, mas naquele momento acreditava que tínhamos outros assuntos para tratar.

— Qualquer que seja a situação, não é maior do que o que temos aqui! — Kian agarrou seu notebook que estava jogado no banco traseiro do jipe camuflado. Espremi os olhos, aguardando atento o que ele tinha para me mostrar.

— Observe os pontos vermelhos! — Kian apontava para o notebook.

Ergui as sobrancelhas e inclinei meu corpo até ele, tentando entender o que surgia diante dos meus olhos.

A tela escura e completamente criptografada do notebook de Kian estava mostrando toda a relação de infravermelhos que baseavam a segurança fundamental da Área Militar e respectivamente, seus pontos de origem

divididos pelas cores azul, amarelo e vermelho.

Linhas finas subiam e desciam pela tela, transformando-se em um emaranhado de traços coloridos difíceis de se identificar, ou sequer entender quando visto por olhos não treinados. Como uma cadeia sem início, meio e fim. As luzes azuis marcavam os locais protegidos por uma barreira estratégica. A amarela, por sua vez, orientava os locais de mais difícil acesso, onde deveríamos realizar a sondagem através de drones e sensores térmicos e as luzes vermelhas, representavam os pontos fracos da Área Militar e, com toda certeza, era a mais importante de todas elas, pois cuidava para que não fossemos pegos de surpresa.

Antes que acontecesse uma quebra de sigilo dos nossos códigos fonte, cada uma dessas barreiras de infravermelhos nos comunicaria e poderíamos iniciar um plano de reação a tempo.

— Estão ativos! — Aparentemente, não havia nada de errado.

— Esse é o problema. Tentaram burlar um de nossos sensores. — As palavras saíram ressentidas e eu podia sentir que o mesmo ódio que estava crescendo em mim, já habitava a mente de Kian.

— Como? — Trinquei os dentes como se aquilo pudesse aliviar a raiva que se apoderava de meus músculos.

— Hackers, criando um ponto cego. Eles invadiram parte do sistema. — Ele completou, ainda encarando o notebook.

Podia ouvir seus pensamentos, podia sentir que Kian sabia com quem estávamos lidando. E, de certa forma, temi que nossos pensamentos estivessem de acordo.

A Área Militar era considerada o lugar mais seguro de todos os tempos, perdendo apenas para as bases de segurança da ONU, devido aos locais remotos onde são implantadas. Para invadir a Área Militar teriam que passar pelos infravermelhos sem que nenhum dos nossos agentes detectasse a

presença ou emissão de algum dos sinais irradiados. Caso passassem, teríamos o esquadrão de entrada e os soldados internos aguardando os inesperados visitantes. E se ainda assim, eles sobrevivessem, teriam que enfrentar Kian, Jason e eu. Não seria fácil, nem mesmo para um agente combatente treinado e sem nenhuma sanidade mental, mas isso não os impediria de tentar.

Em meu subconsciente um nome pulsava forte, como uma artéria rompida jorrando sangue descontroladamente. Não havia outra explicação, ou pelo menos eu não conseguia pensar em uma. Apenas um homem ousaria tentar a duros passos invadir a Área Militar e sua motivação era óbvia demais.

Kimberly Digory estava a cada segundo mais perto do perigo e mal sabia disso. Uma onda percorreu meu corpo com um pensamento negativista. Se ele colocasse as mãos nela...

Balancei a cabeça, suprimindo aqueles pensamentos e acabei tendo a atenção especial de Jason e Kian sobre mim.

— Você supôs o mesmo que eu, imagino! — Kian fechou o notebook e se apoiou no jipe, encarando-me com uma expressão desanimada.

— Temos mais algum nome a citar? — Indaguei, cruzando os braços. — Se tiver, esse é o momento para falar. — Desejei que Kian citasse qualquer nome no mundo, apenas para tirar das minhas costas a preocupação que acabara de me assolar.

— Estamos falando de quem? — Jason pousou a mão sobre a arma em sua cintura.

— De um demônio em forma de homem, Jason. — Kian enfiou os dedos dentro do colete e aguardou que eu respondesse a pergunta de nosso terceiro comandante.

—Aidan! — Sussurrei, desacreditando da minha sorte.

A última coisa que esperava daquele outono era que ele chegasse juntamente com um nome tão obscuro quanto Aidan Morton!

Por diversas vezes, aquele nome havia me trazido tristeza e ódio. Por onde ele passava, a destruição era a única coisa que restava. Ele liderava uma organização de fornecimento de armas e drogas para terroristas. Geralmente, contrabandos roubados do governo em uma de suas inúmeras operações. Tive o desprazer de encontrar Aidan em uma missão há alguns anos. Oscar Blake lutava ao seu lado violentamente, como um cão ao lado de seu dono. Um homem sádico que estava disposto a entregar sua vida por Aidan. Não me orgulhava do que aquela noite me proporcionou. Nunca me orgulharia, mas existiam marcas que jamais cicatrizariam. E aquela era uma delas.

Com as lembranças daquele tempo vindo à tona, recordei-me, mesmo que sem vontade, de mais uma época dolorosa em minha vida, como se meu mundo já não fosse repleto de dor o suficiente.

Há quatro anos, uma emboscada colocou minha tropa frente à frente com a equipe de Morton. Naquele momento, eu tive a oportunidade de colocar um fim à vida de pesadelos que ele proporcionava com tanto prazer às pessoas ao seu redor. Na época, eu era um principiante, tinha assumido o comando com garra há pouco tempo, minhas balas eram precisas e minha força impunha medo. Mas algo diferente me freou e por meio segundo eu precisei raciocinar. Eu tive que fazer uma escolha que decidiria vidas. Permitir que Aidan fugisse salvaria minha tropa da emboscada que havíamos caído tão facilmente, por outro lado, se iniciássemos uma perseguição, eu abandonaria meus homens à própria sorte, entregando-os à morte. O que eu jamais deixaria acontecer.

Eu tomei minha decisão, porém, os tiros do inimigo nos alcançaram e então, começamos a lutar pela nossa sobrevivência. Lembro-me de ter percebido de relance que os homens de Morton não recuavam, assim como os

meus. Blake se escondeu em um dos túneis por onde meus homens haviam invadido, e não estava sozinho. A minha tropa avançou, obrigando os homens de Morton a recuar, Blake aguardou em silêncio, como uma cobra preparada para dar o bote. Os tiros ecoavam por todo o lugar e com força, continuamos a avançar. E então, aconteceu. Um tiro veio de um lugar diferente. Não de cima, juntamente com os homens de Morton, mas de frente, encarando nossa frota. Meus homens!

Não demorei dois segundos para localizar Blake em seu esconderijo e sem pensar, deixei que a adrenalina tomasse conta de mim. Quando percebi, corria com a arma em punho. Disparei várias vezes na imagem negra que emergia das sombras e revelei um monstro em forma de homem. A escuridão não me assolou. O desejo pela morte dele era maior que qualquer medo. A blusa preta que o homem usava se encharcou de sangue e quando pensei que ele havia chegado ao fim, fui surpreendido por outro homem, muito similar a Blake em suas feições. Descobri logo depois que era seu irmão. Escutei o tiro e sabia que havia saído da minha 9mm. Ele caiu de joelhos, ainda me encarando como se não desejasse que eu fosse sua última visão.

Olhei para a escuridão e Blake não estava mais lá. Ele conseguiu fugir nos segundos em que seu irmão tentou salvar sua vida, desistindo talvez da própria. Os tiros cessaram e o silêncio começou a nos tranquilizar. Foi neste momento que meu coração parou, assim que avistei um dos meus soldados caídos, segurando o peito, olhando para os colegas ao redor com uma expressão sem vida e vestes ensanguentadas. A sensação de perda foi devastadora. Aidan Morton e Oscar Blake ganharam um inimigo pessoal naquela emboscada, e isso com certeza não acabou ali.

Eu matei o irmão de Blake e ele matou um dos meus homens. O primeiro homem que perdi sob meu comando. Uma culpa que eu levaria até o fim. A sensação de incapacidade me assombrou dia após dia, uma guerra sem

fim havia começado.

Hoje, tanto tempo depois, eu ainda sentia o pesar da vida perdida do meu fiel soldado. Não poderia perder mais ninguém, nem que para isso eu mesmo tivesse que morrer. Aidan não levaria mais nenhum dos meus. Se realmente foi ele que tentou invadir a Área Militar, enfim a guerra havia nos encontrado e estávamos preparados para ela.

— Se foi o Morton, ele não conseguiu passar escondido em uma das redes que eu deixei aberta nos infravermelhos quando foram instalados. Criei uma armadilha imperceptível. — Por sorte, o maior Hacker que eu conhecia era Kian.

— Me diga que você conseguiu rastrear o desgraçado! — Por um momento, aquela atmosfera não rodava somente ao meu redor e dos meus homens. Existia algo maior, algo mais delicado, que deveria ser protegida e Aidan jamais colocaria as mãos nela. Mesmo que dependesse da minha vida.

— Quase! — O tom de voz alto de Jason ganhou minha atenção. — O endereço pertence a uma cabine telefônica no centro da cidade. É quase impossível de se rastrear, utilizaram uma técnica pouco conhecida e de eficiência louvável. Como disse, podemos ter ciência de com quem estamos lidando.

— Jason, comunique às tropas de proteção que a atenção deve ser redobrada. Não quero ninguém, absolutamente ninguém, andando pela Área Militar depois que o sol se pôr. — Soltei forte a respiração, buscando um escape para a combustão que estava acontecendo na minha mente. — Ficaremos atentos e nos prepararemos para o pior. — Kian segurou o fuzil M16 que, minutos atrás, estava jogado no banco do Jipe.

— Eu já estou preparado! — Balancei a cabeça negativamente, Kian amava aquele bendito fuzil.

— Jason! — Minha função me colocava em uma posição de escolhas

difíceis. Sem sombra de dúvidas, aquela seria uma delas. — Vou te passar ordens específicas.

— Sim, Primeiro! — Ele aplumou o peito erguendo à postura, como em todas as vezes que eu o mencionava em uma de nossas conversas.

— Se tiver algo que precisemos combater, quero que pegue a Digory e a escolte até a zona 04 de segurança máxima. — O local mais seguro da Área Militar. — Os jovens devem ser levados a seguir.

— Acreditam mesmo que ela seja o motivo de tudo isso? — Jason perguntou descrente.

— Você sabe em qual projeto os pais dela estavam trabalhando!

— Se Aidan colocar as mãos naquilo, ele pode literalmente se aposentar. — Kian olhou ao redor como se procurasse alguém ouvindo aquela conversa.

— Aqui não é lugar para falarmos sobre isso! — Interrompi quando avistei alguns jovens que caminhavam em nossa direção.

— Se o Primeiro acredita que Aidan seria tão ousado a ponto de tentar invadir a Área, temos sérios problemas. Precisamos falar sobre o assunto. — Jason agitou as mãos.

— Vamos para a sala de reunião. — Informei passando a mão em minha arma, como de costume.

Jason começou a caminhar dois passos na nossa frente. Kian discretamente segurou meu braço, chamando minha atenção e quando olhei em seu rosto o comandante meneou um aceno em direção a Jason que seguia seu caminho sem notar nossa comunicação silenciosa. Seus olhos se comprimiram e naquele instante entendi qual era sua real preocupação.

Kian Ross era observador, decifrava sinais em questão de segundos, era o único em que eu confiava plenamente. Soube que ele andava receoso

com Jason por algumas atitudes comportamentais. Procurei saber do que se tratava, mas Kian sempre alegava que sua percepção aguçada em certas situações poderia o enganar e que ele cismava com algumas pessoas sem motivo aparente, talvez vendo algo que não existia. Não continuei o assunto. Kian raramente errava e aquele papo de que só havia cismado com Jason, não me convencia. Mas não era o momento para aquela discussão e tive de adiá-la, porém não havia esquecido.

Balancei a cabeça de forma positiva, havia entendido o recado e conversaríamos sobre aquilo em breve. No momento, não me restavam muitas opções.

Seguimos em silêncio, descendo a mesma estrada que minutos atrás eu subi com bem menos preocupações na cabeça. Cada um dos rostos jovens e inocentes que passavam ao nosso lado me lembravam o motivo pelo qual eu lutaria. Um ruivo de aproximadamente 18 anos nos observava de forma diferente. Alex Wilson. Havia brilho em seu olhar. Filho de um casal remanejado, ele tentava se destacar em todas as aulas, principalmente nas de defesa pessoal e infantaria. Era nítido que seu interesse não pararia ali. Eu via nele um soldado, um agente. E isso me deixava empolgado. Até o momento que eu me lembrava até onde isso poderia levá-lo. As lembranças do jovem soldado baleado por Blake vinham à mente, me fazendo desejar que o jovem Alex pegasse suas sardas e ficasse bem longe de um fuzil.

Entramos lado a lado no salão principal e a quantidade de pessoas espalhadas por ali me surpreendeu. Olhei para o relógio que ficava pendurado no centro do saguão e o horário de almoço justificou aquele movimento todo. Um a um os olhares foram nos alcançando, sem exceção. Imaginei que poderia ser pelo motivo de estarmos os três comandantes juntos, algo que raramente acontecia.

Havia me enganado. O real motivo era o quase “imperceptível” fuzil

com lança-granadas que estava pendurado no braço de Kian.

— O que foi? — Ele disse quando olhei para ele.

Continuamos seguindo em frente e ignorando os observadores ao redor e o silêncio que se formou quando entramos no salão. Antes que subíssemos às escadas, me peguei correndo os olhos pelo lugar, procurando alguém que não estava lá.

— Algum problema? — Kian me questionou parando ao lado de Jason.

— Não, nenhum. — Ela não estava ali. Poderia estar com as novas colegas ou apenas tomando sol na beirada do alpendre, mas eu desejei ver seu rosto no meio daquela multidão e saber que ela estava bem. Pelo menos, naquele momento. Estranhamente, um aperto no peito me incomodou.



Capítulo 8

Eu não sei o que quero
ser, mas sei muito bem o que
não quero me tornar.
Friedrich Nietzsche

O Primeiro

A NEBLINA DOS nossos pensamentos embalava todo o ambiente de uma forma obscura. Subimos a passos rápidos pelas escadas escuras de cerâmica luminosa do salão central até que alcançamos o quarto andar. Sem diminuir o ritmo, entramos em fila no longo corredor branco cercado por imagens penduradas em quadros com fotos de grandes agentes que já não estavam mais entre nós.

Algumas dessas imagens eram antigas e estavam em preto e branco. O brilho de cada uma das molduras tinha a intenção de enfeitar o lugar em uma demonstração de respeito. Por mais que eu tivesse caminhado todos os dias por aquele corredor, nunca havia deixado de sentir o peso daquelas imagens. Perdas irreparáveis através dos tempos, de nossos passados e antepassados, impedindo que nos esquecêssemos deles. Não que fosse a intenção de nenhum de nós esquecer, assim como eu tinha meu fardo diário e guardava uma foto da minha família na gaveta do criado mudo, apenas para que as lembranças nunca se perdessem. Os momentos de alegria, como os

momentos de tristeza e dor intensa, estavam ali para me lembrar o que passei para chegar onde eu cheguei.

Paramos diante da única porta branca do corredor. O símbolo em forma de dois revólveres atravessados indicava a Sala de Armas. Ao entrarmos, o cheiro de madeira lustrada invadiu nossas narinas. Cada uma das estantes que abrigavam as armas de todo o pelotão era protegida por grandes portas feitas da madeira mais pura de Valloren. Um detalhe antigo que continuávamos a manter. Meu pai se orgulhava quando abria uma daquelas portas, revelando seu fundo de ferro resistente, onde as armas ficavam protegidas e trancadas. Um acesso que atualmente apenas eu e Kian possuíamos.

Por um instante, me lembrei de minha mãe falando por uma hora sem parar sobre a importância de manter aquelas armas limpas. Cada um era responsável pela arma que recebia, inclusive pela limpeza. Meu pai rebatia gentilmente, segurando sua espingarda de caça, há muito aposentada e trocada por armas de guerra. Ele sempre achou que minha mãe tivesse algum transtorno obsessivo compulsivo com a limpeza. E em diversos momentos, eu gostaria de concordar com ele, mas me faltava coragem e loucura ao mesmo tempo.

Leah Clarent não era conhecida pela sua calma, e aquele temperamento eu certamente tinha herdado dela. Uma prova nítida eram os tremores em meus dedos desde que Kian revelou suas novas descobertas.

– Sabemos o que ele quer! – Argumentei os fatos. – Colocar as mãos no decodificador de senhas bancárias que está com o pai da Digory.

– E sabemos como pretende conseguir. – Kian afirmou, mantendo suas passadas firmes. Um suspiro silencioso o assombrou. – Com a filha de Paul.

Meus passos batiam no piso da sala de armas, ecoando. Kian e Jason

me seguiam de perto, fazendo com que o barulho de coturnos contra o chão aumentasse. À esquerda da sala de armas havia uma pequena porta, bem mais singela do que a porta triunfal que nos levava até aquele lugar. Seu tom escuro escondia uma sala para até dez pessoas. A sala de reunião, onde discutíamos veementemente por horas. Traçávamos infinitos planos, rotas, melhorias e cursos. Nos sentamos na primeira ponta da mesa quadrada. Kian a minha esquerda e Jason, à direita.

— A solução está diante os seus olhos, comandantes. Não veem? — Jason assumiu uma face sombria, dançando com os dedos sobre a mesa a nossa frente. — Como dizem, estamos com a faca e o queijo na mão. — Cruzou as mãos abrindo um largo sorriso.

— O que quer dizer com isso, Jason? — Tentei me convencer de que havia entendido errado, mesmo sabendo que aquelas palavras estavam claras o suficiente.

— A Digory! É o que ele almeja, correto? — Jason riu. — Daremos isso a ele! — Arqueei as sobrancelhas.

Um gosto amargo subiu por minha garganta. A ideia de Jason era tão absurda que jamais poderia ao menos ser dita em voz alta. Claro que o que mais queríamos naquele momento era ter uma chance, mínima que fosse, de capturar o desgraçado do Aidan, junto com sua equipe. Cerrei o punho com força, sentindo as falanges arderem. Presenciei dois casos como aquele, onde uma isca humana era lançada na boca do leão e quando ele mordia, o pegávamos com tudo. Dois casos muito bem sucedidos, por sinal. Um deles sob meu comando. Ainda assim, com Kimberly era diferente. Diferente dos agentes treinados que foram estrategicamente usados como isca, ela não passava de uma jovem inexperiente, que provavelmente nunca sequer tocou em uma arma. Cheia de traumas pela perda precoce da mãe e o desaparecimento do pai. Inocente, linda.

Que inferno!

Meu coração se apertou novamente, imaginando o que ele faria se conseguisse colocar as malditas mãos nela.

Jason colocou sobre a mesa uma estratégia extrema. Mas como eu o julgaria sem tentar entender o que estava passando realmente em sua mente? Ele queria ajudar? Queria emboscar Aidan? Sua experiência ainda não havia lhe ensinado que não se colocava em risco vidas inocentes por nenhuma circunstância? Eu não queria acreditar que ele colocaria a vida de um dos nossos em risco. A vida dela.

— FICOU LOUCO? — Kian gritou energicamente.

— Ross, preste atenção! — Ele agitou as mãos no ar, pedindo uma calma que Kian não estava disposto a dar. E muito menos, eu. — Aidan não espera que o Primeiro abra mão de um de seus preciosos protegidos. Então, será perfeito. Fazemos Digory de isca. Ela fica à vista por um momento e quando Aidan tentar algo... BUM! — Coloquei a mão sobre a boca quando ouvi o barulho de explosão que Jason simulou, dando ênfase a sua tese. — Podemos pegá-lo!

— Nunca! — Kian se exaltou novamente. — Vai colocá-la em perigo sem necessidade. Conseguimos pegar Aidan sem jogar com a vida dela.

— Você não está pensando direito, Ross. — Jason aumentou o tom de voz, tentando nos convencer. — Essa é a única solução. — Fiquei observando até onde ele chegaria.

— NÃO! — Kian se levantou e deu um tapa na mesa, encarando Jason ferozmente. — Eu não vou permitir que façam isso com ela.

— Ross, estamos falando de um dispositivo que permite ao usuário transferir valores de qualquer conta bancária do mundo para outra conta. — Jason se levantou encarando Kian. — Tem noção de quanto dinheiro pode ser

roubado com isso? Tem certeza que essa não é a oportunidade perfeita? Temos o Primeiro. ‒ Ele me encarou, esperando o meu apoio. ‒ E temos você, Ross. ‒ Seu rosto franziu com uma breve careta antes de continuar o discurso. ‒ E sei que vocês não vão permitir que nada aconteça a essa garota. Mesmo sabendo que o risco vale a pena, por um bem maior. ‒ E lá estava o sarcasmo novamente.

‒ Desgraçad...

‒ JASON! ‒ Gritei me levantando e impedindo que Kian pulasse em cima de dele. Já tinha ouvido o bastante para entender até que ponto devíamos confiar em Jason. ‒ Nunca, NUNCA colocaremos a vida de alguém em risco. Cadê os seus princípios? ‒ Seu semblante empalideceu. — Não me faça questionar sua posição na Área Militar.

A raiva de Kian era refletida através dos olhos sombrios de Jason. Travavam uma guerra silenciosa naquele exato momento. Percebi que a situação havia chegado ao ápice.

‒ Defesa e ataque, é assim que trabalhamos e é assim que continuaremos a trabalhar. — Tentei manter o diálogo. — Não vamos expor civis como reféns de forma alguma.

‒ Primeiro, vocês não estão em condições de tomar nenhuma decisão. ‒ Jason apontou rapidamente para Kian e eu. ‒ Sei muito bem o que estão pensando. Ou melhor, o que estão sentindo pela garota. ‒ Engoli em seco. ‒ Ela vai destruir vocês.

‒ COM QUEM PENSA QUE ESTÁ FALANDO? ‒ Uma raiva descomunal irrompeu por meu peito.

Não sabia dizer se a raiva abrupta que me atingiu foi pela petulância descabida de Jason ou pelo sopro da verdade que acabara de escapar por seus lábios. Quando dei por mim, segurava Jason pela gola da blusa, faiscando de

ódio.

– Não pense que vou tolerar esse tipo ridículo de insinuação, porque não vou. – Colei meu rosto ao dele.

– Desculpe senhor, foi uma observação idiota. — Seus olhos estavam arregalados diante dos meus que nitidamente pegavam fogo.

– As regras continuam as mesmas. — Completei entre os dentes. – Melhor não se esquecer disso.

Ele havia acertado exatamente onde doía.

— Acabamos a reunião por aqui. — Soltei-o com força.

Jason saiu pela porta como se houvesse cães raivosos em seu encalço e eu soltei o ar preso em meus pulmões. Controlar a raiva estava sendo um problema nos últimos dias.

– Você sabe que ele não pode ficar responsável por ela. – O olhar de Kian me fuzilava.

– Sei disso. – Conclui.

Como eu confiaria a vida de Kimberly nas mãos de um homem que pretendia usá-la como moeda de troca, sem ao menos ter a decência de disfarçar sua indiferença sobre ela sair viva disso tudo, ou não? Estávamos em um beco sem saída. – Sinceramente, o que eu ainda não sei é em quem confiar essa situação. – Assumi. – Jason pode protegê-la.

Ainda que estivesse agindo como um grande merda, o comandante Jason era dotado de habilidades extraordinárias.

– Será que ele *quer* protegê-la? – Kian abaixou o tom de voz. — Estou avaliando o comportamento do Jason há meses e noto similaridades peculiares em suas ações. – Disparou.

— O que descobriu? — A aflição me consumia.

– Ele sempre faz a ronda no turno da tarde. Olha todas as entradas da

Área e confirma os plantões de cada um dos nossos homens. A princípio, pensei que poderia se tratar de algo relacionado à síndrome do pânico ou necessidade de confirmação excessiva, mas hoje, já não tenho certeza.

– Ele sempre foi estranho, isso não é novidade. Agora, até que nível devemos nos preocupar com isso? – Apoiei as mãos sobre a mesa, calculando minhas opções. – Vou remanejar essa ordem. Talvez você possa cuidar dela. E Jason fica responsável pelo combate comigo. Afinal, parece que você e ela se dão bem.

– Sim, nos damos bem. – Aquelas palavras não me acalmaram. – Ela é uma boa pessoa. – Sentei-me na cadeira, pensativo.

Kian e Digory estavam cada vez mais próximos. Olhei para ele e como se ouvisse meus pensamentos, Kian franziu os lábios.

– Você poderia ir em frente se quisesse – comecei. – Sabe que eu não o impediria. Não há regras quanto a isso. – As palavras cortavam a minha boca.

– Você mais do que ninguém sabe por que nunca vamos em frente.

— É perigoso demais. – Senti uma mistura estranha de sentimentos, enquanto a verdade me assolava mais uma vez.

– Mas se fôssemos pessoas normais, o que não somos claramente, eu ficaria com ela. — Minha garganta se fechou. — Isso, se um dia a Kimberly olhasse para mim como olha para você, meu amigo. – Ele encarou meus olhos, vendo que eu estava paralisado na cadeira. – Aí sim, acima de tudo, daria certo. – E deixando esse pensamento no ar, com uma tranquilidade impressionante, Kian saiu da sala, fechando a porta atrás de si.

Minha nuca começou a transpirar, como se alguém a apertasse. Minhas mãos se enrijeceram e eu podia jurar que conseguia ouvir as batidas do meu coração. Comecei a pensar nela desesperadamente e me levantei

quando não conseguia parar. Seu rosto claro, os cabelos longos, aquele jeito delicado, tudo. Nitidamente, tudo passava pela minha mente. Por um momento, imaginei como poderia ser. Como seria tocar sua pele? Como seria segurar aquelas pequenas mãos entre as minhas? Seu cheiro, seus lábios...

– Droga! – Murmurei, voltando para a realidade.

Mesmo se eu quisesse com toda a minha vida, ou, pelo menos, se eu me permitisse me apaixonar por outra mulher na vida, mesmo que ela estivesse ocupando cem por cento dos meus pensamentos como estava agora, eu não poderia ficar com ela.

Abaixei minha cabeça olhando pela janela da sala tentando descobrir o que fazer, inutilmente. Eu deveria me afastar. Seria o melhor para nós dois.

A minha escolha me obrigava a arriscar tudo ao meu redor, vinte e quatro horas por dia. Minha vida, a vida dos meus soldados e agentes e a segurança de cada um de seus familiares. Era uma rotina que aceitei há anos, mas hoje percebi que existia algo que eu não arriscaria nunca. Aquele sorriso lindo. E é por ele que eu continuaria distante, junto com cada um dos perigos que me cercavam.



Capítulo 9

Se ao lado da biblioteca
houver um jardim, nada faltará.
Cícero

Kimberly Digory

O SOL ESTAVA se escondendo entre a neblina, formando uma penumbra nostálgica que embalava meu corpo e minha mente confusa.

— Se você não estudar, nunca vai entender! — Lucy jogava os curtos cabelos de um lado para o outro, enquanto seus olhos encaram Chloe com determinação.

— Tem noção do quanto é difícil prestar atenção naquele monte de números? — Reclamou. — Prefiro as aulas práticas.

Desviei o olhar, sentindo-me entorpecida, exausta emocionalmente e fisicamente.

Aos poucos, minha mente começou a vagar. Chloe e Lucy continuaram sua conversa agitada. Suas vozes ficavam cada vez mais fracas, desde que eu tinha resolvido não prestar atenção nelas, e olhando para o horizonte, eu me perdi em pensamentos.

Minha cabeça estava confusa e a todo momento eu desejava sair dali. Não pela receptividade harmoniosa de soldados armados e pessoas desconfiadas que perambulavam por todo o lugar, mas pela saudade de sentir

que eu estava realmente em casa, em segurança. Cercada por minha família. Abraçada por meus pais.

Agora tudo aquilo não passava de uma ilusão da minha mente sonhadora. Jamais voltaria a acontecer. A verdade era muito dolorosa.

Suguei o ar e senti o vento gélido repousar sobre meus pulmões. Sentia saudade do cheiro do café fresco que emanava da cozinha às sete da manhã, os estalos que as tábuas do meu quarto faziam quando eu pisava. Sentia uma falta absurda de tudo, por mais simples que fosse. Até mesmo das brigas que minha mãe tinha com meu pai porque ele ainda não havia trocado o barulhento piso do quarto. Como se explicava aquela sensação? Era egoísta demais querer algo que ninguém ali tinha?

Um pássaro majestoso estava pousado em uma árvore a poucos metros de distância, exibindo sua penugem colorida com graça e tranquilidade. Seu ar de superioridade era impressionante. Em silêncio, ele mostrava que era o mais belo dentre todos os pássaros que ali habitavam. Sua postura se mantinha rígida. Aprumava o peito cheio de penas para frente, como se comandasse um exército e, antes que eu pudesse admirá-lo um pouco mais, ele içou voo, crescendo para o meio da neblina e desaparecendo por ali.

A semelhança entre aquele pássaro e o Primeiro era notável. A mesma superioridade emanava daquele comandante. O ar de quem nada temia, junto aos seus olhos profundos, silenciosos e absurdamente claros, facilmente tirava a minha atenção, similar ao pássaro que desapareceu deixando um estranho vazio.

Peguei-me ansiando por ouvir aquela voz rouca, ordenando coisas que, para mim, não faziam sentido algum. E em uma explosão de conflitos, em menos de um segundo, eu sentia novamente a falta da minha mãe e de seus conselhos estranhos sobre homens, que variavam entre observar a forma

como um rapaz dizia o nome da garota, que de acordo com ela, exibiria suas verdadeiras intenções, ou apenas saber utilizar um spray de pimenta.

“Esse Marcus diz seu nome como se você fosse propriedade dele. Não tem paixão, não tem cuidado. Somente possessão. Tome cuidado, não estou gostando disso. E leve aquele Spray de pimenta que seu pai comprou.”

“Ah, mãe!”

O que ela diria ao perceber como o Primeiro me chamava?

Digory para cá, *Digory* para lá!

Revirei os olhos com a lembrança do meu nome surgindo nos lábios do comandante com várias entonações diferentes. Havia raiva, insignificância, preocupação, raiva mais uma vez, precaução... e...

Tentei dar um nome a forma como o Primeiro se dirigiu a mim nos poucos minutos que passeamos pela Área Militar, mas não consegui formular nada. Ao menos não queria me iludir tentando, mas tinha certeza de que era diferente de todas as outras formas que presenciei.

A breve lembrança da caminhada matinal que fizemos juntos fez com que um calafrio percorresse meu corpo. Se isso era bom, eu ainda descobriria. Era forte, um sentimento avassalador que chegava a me dar medo. Se tornava nítida a mudança que ocorria em mim quando ele caminhava em minha direção. Minhas pernas vacilavam, um nó se formava em minha garganta e por um momento, eu não conseguia respirar.

Droga!

Minha mãe saberia o que estava acontecendo comigo e todos aqueles abismos que eu estava tendenciosa a me entregar. Aquela mistura completamente insana de sentimentos iria acabar comigo, antes mesmo que eu descobrisse porque diabos aqueles olhos mexiam tanto com a minha mente.

Não sabia qual era a verdadeira história que levou o Primeiro a chegar

até ali, mas sabia que ela existia. Quando pensava naquilo sentia um desejo imenso de descobrir qual era ela e o que ela teria a me ensinar. Gostaria de sondar seu passado, voltando com ele em seus dias mais difíceis, ao ataque contra seus pais, vivendo tudo o que ele já viveu. Talvez isso me fortalecesse, como o fortaleceu.

"O Primeiro!"

Seu nome ainda representava um enigma para mim, assim como o homem que era, em um todo.

— Kim!

— *Kimberly*? — A voz distante havia se intensificado, me trazendo novamente para a realidade. — Obrigada por notar nossa existência. — Chloe sorria sarcasticamente.

— Desculpe. — Forcei um sorriso amarelo.

— O que deu no Primeiro hoje de manhã? — Endireitei o corpo às pressas, como uma criminosa prestes a ser descoberta. Ela leu meus pensamentos?

Lucy segurava uma maçã e a girava inconscientemente, franzindo o rosto.

— N-nada! — Gaguejei. Não sabia o motivo de todo aquele nervosismo, afinal, nada demais havia acontecido, mas, mesmo assim, sem minha permissão, meu rosto queimava feito brasa.

— Ele me esclareceu algumas dúvidas. — Dei de ombros. — O Primeiro tentou me preparar para o que tem aqui. — A garota contorceu o nariz. — O que foi? É normal, sou uma novata que não sabe nem qual o nome dessas coisas pretas que eles têm na cintura. — Retruquei por baixo dos olhares acusadores das duas.

— Coldre! Esse é o nome das "coisas pretas". — Lucy me lançou um olhar meigo e solidário.

— Normal seria se o comandante principal não soubesse os nomes dos novatos. — Chloe revirou os olhos maliciosamente. — Passear com eles por aí, não entra na lista de normalidades.

— Senhoritas, parece que o comandante não gosta muito da minha presença. — Revelei, correndo os olhos de uma para a outra. —Acreditem em mim quando digo que foi apenas um favor. Provavelmente, ele se sentiu culpado, pelos meus pais.

Lucy escutou o que eu disse e instantaneamente ficou pensativa, disparando um turbilhão de palavras em seguida.

— Eles eram amigos, talvez mais que isso. —Seus lábios se transformaram em uma linha fina, como se pensasse antes de falar. — O Primeiro tinha pelos Digory o mesmo respeito que tinha pelos pais. Faz sentido, Chloe. — Lucy balançou a cabeça visivelmente tendo mais especulações sobre esse assunto. Não adiantaria querer escapar do que ela pretendia falar. — Talvez seja isso. Ele sente que tem alguma responsabilidade a respeito da Kim. Algum favor aos seus pais.

— É o que eu penso. — Concordei contra vontade.

Ser um estorvo ou peso não era o meu objetivo naquele lugar. Eu não precisava da pena de ninguém, muito menos vindo dele.

— Lá vem aquela peste! — Chloe sussurrou e soltou o ar pesado pelas narinas. Tanto eu quanto Lucy acompanhamos seu olhar assassino.

Ao longe, caminhando lentamente em nossa direção, Hannah e uma garota um pouco mais alta que ela, conversavam distraídas. Até agora eu havia percebido que ela era uma idiota. Mas não tinha entendido por que era a “*nossa idiota*”. O que ela havia feito para Chloe, para que seu ódio fosse destinado a ela.

— Qual o problema dessa garota? — Desejei conhecer toda a história ao fundo.

— Antes, era eu! — Chloe admitiu. — Mas agora parece que ela destila veneno em sua direção também.

— Ainda não entendi!

— Eu só preciso de cinco minutos com ela num lugar fechado. — Os olhos de Chloe brilharam com a ideia. — Vou dar uma surra na vadia qualquer dia desses.

— Aí seremos todas expulsas sabe Deus para onde. — Lucy rebateu. — Não vale a pena.

— Não mesmo. — Conclui. — Como essa história toda começou?

— Hannah tem dificuldade em dividir a atenção. — Lucy começou.

— Ela é uma escrota, isso sim! — Chloe estava indignada.

— Tá, deixa eu continuar! — Lucy bradou, olhando por cima do ombro para se certificar de que Hannah estaria longe o bastante de nós. — Chloe, mesmo meio desajuizada... — Lançou lhe um olhar acusatório. — Tem uma facilidade enorme para se enturmar. E foi isso que aconteceu.

— A vadia ficou com ciúmes dos amiguinhos. — Chloe desferiu.

— O problema é que Hannah não tem limites! — Lucy se contraiu, cautelosa e percebi que analisava Chloe sob os seus óculos quadrados.

— Estamos entre amigas, certo? — Incentivei.

— A maldita espalhou para todas as suas amigas que eu tenho herpes genital. E fez mais.

— Tá brincando comigo! — Meus olhos se arregalaram, enquanto involuntariamente, meus lábios se abriram e permaneciam assim.

— Ela observou a fofoca se espalhar até que chegasse nos ouvidos de um rapaz que Chloe tinha interesse. — Lucy continuou, percebendo que Chloe não tinha estruturas para prosseguir.

— Teríamos uma pequena festa organizada por Madeleine e poderíamos ir em pares. Quando Chloe apareceu comigo ao seu lado depois

de levar um fora do rapaz, Hannah espalhou que eu e Chloe éramos... um casal. — Seu rosto corou bruscamente.

— Gente, que garota demoníaca! — Minha expressão estava congelada.

— Isso rendeu um grande barulho, — Chloe retornou com grande ressentimento em sua voz. — onde eu acabei arrancando alguns fios dos cabelos maravilhosos de Hannah.

— Alguns fios? — Lucy deu uma gargalhada. — Você passou por cima dela que nem um trator.

— Ao menos isso! — Conclui exasperada, batendo a mão na mesa de pedra.

Eu costumava ser completamente contra a violência, mas naquele caso, desejei estar presente para ver a cena e torcer por Chloe a plenos pulmões.

— O resultado? — Lucy continuou. — As duas *quase* foram expulsas. Os monitores foram ríspidos com as palavras e ameaçaram envolver os comandantes caso o episódio fatídico se repetisse.

Passei as mãos pelo rosto, assimilando tudo que acabara de escutar. *Garotas brigando!* — Pensei. Que sentido teria aquilo no meio da Área Militar? Um lugar que era contemplado por militares armados vinte e quatro horas por dia, sentinelas na entrada e até mesmo uma equipe antibombas, sem contar com o enorme helicóptero que ficava parado no estacionamento militar, aguardando o momento certo para invadir os céus.

Quando cheguei na Área Militar, as pequenas preocupações eram tudo o que eu tinha.

Alguém já chegou a pensar em bala perdida por aqui?

As facas têm ponta!

Sabem o quanto isso pode ser perigoso em um ambiente cheio de

jovens?

E cadê os cachorros? Militares têm cachorros, certo?

Pouco a pouco fui percebendo, que até o ar naquele lugar poderia ser de certa forma sufocante, seguro demais. E ver aqueles pequenos detalhes, como o velho pé de guerra feminino acontecendo, era aborrecidamente infantil e comum, e, de certa forma, reconfortante. Eu sentia falta de normalidade.

— Esqueceu suas calças jeans? — Uma voz estridente, bem conhecida, interrompeu nossa conversa sussurrada, me pegando de surpresa.

Olhei por cima do ombro, encontrando o olhar esnobe de Hannah. Chloe instantaneamente endireitou a coluna, sentindo-se desconfortável com a presença daquela garota. À direita de Hannah, estava a moça alta, dos cabelos negros brilhantes que vimos a pouco ao seu lado. Mantinha preso em seu belo rosto um olhar esnobe e arrogante. Ela era um clone na versão morena de Hannah, com certeza.

Respirei fundo, olhando para Lucy, que de longe era a pessoa mais calma naquela mesa. Ignorei por alguns segundos o pior cosplay das patricinhas de Beverly Hills da história, que se remexiam eufóricas em provocações bem na minha frente.

— Você não se cansa de parecer alguém com problemas mentais? — Hannah arregalou os olhos assim que fechei a boca.

— Kimberly, Kimberly! — Cantarolou. — Não deveria me desafiar, querida! — Seu nariz branco se curvou para cima, provavelmente almejando tocar o céu.

— Eu deveria temer você? — Espremi os olhos, curiosa para saber sua resposta. Chloe batucava com os dedos na mesa descontroladamente.

— Será? — Ela se inclinou até mim, como se fosse me beijar e começou a sussurrar. — A menos que você se importe que as pessoas daqui

saibam do seu breve encontro com meu primo pelos corredores à noite. — A gêmea do mal abriu um sorriso iluminado. — Se não se importar, acredito que não tem o que temer.

— Sabe em que eu acredito? — Inclinei meu corpo para frente. — Acredito que seus pais são separados, porque é isso que falam de você pelos banheiros desse lugar. E quer saber em mais o que eu acredito?

Seus olhos começaram se transformaram em duas esferas de ódio em tom avelã.

— Que você recebeu tudo nas mãos, dos dois lados, mas nunca teve o que realmente queria. Um pai e uma mãe. *Se* apegou ao seu primo, porque ele, mesmo tendo todos os defeitos que tem, é o que você conhece como família, e ainda assim é melhor do que seus pais. O que eu acredito, Hannah, é que você mexeu com a pessoa errada. — Minha voz se exaltava a medida que o ódio pelas maldades daquela garota me consumia.

— Eu sei o significado de família e adivinha? Eu perdi a minha e não estou nem um pouco propensa a discutir com uma garota mimada e idiota que nem você. Aprenda a ter valores antes de falar qualquer coisa comigo. — Encarei a morena que a acompanhava, encontrando seu olhar repugnante. — Talvez um dia você se sinta completa. Até lá, não tenho tempo a perder com você. — *Precisava encontrar meu pai.*

Hannah perdeu a fala. Olhou para Chloe e Lucy como se não as reconhecesse mais. Uma expressão indecifrável assumiu sua face e ela se retirou a duros passos, levando consigo todo o ar pesado do ambiente.

Chloe esboçou surpresa, abrindo a boca em forma de O ao máximo que conseguiu. Se não a conhecesse, pensaria que estava sofrendo algum infarto. Chegou a tropeçar em algumas palavras tentando esboçar como estava se sentindo com a situação que acabou de presenciar. Olhei para o lugar que Hannah havia adentrado, pensando se um dia aquela afronta

voltaria a se repetir. Temia que sim. Não precisava de problemas com os comandantes, e aquela garota exalava confusão.



O final da tarde havia chegado, trazendo consigo o frio, que por sua vez arrepiava a pele como ondas de um grande mar. Corri até meu quarto, na esperança de encontrar em meio a algumas malas jogadas ao canto da cama, minha velha blusa de moletom preta. Após desenterrar duas calças jeans, três camisetas, uma legging vermelha e as minhas pantufas amarelas, encontrei ao fundo a blusa que procurava. A enfiei pela cabeça, sentindo o tecido frio tocar minha pele como cubos de gelo. Em poucos minutos, já estava me sentindo aquecida.

Olhei para o relógio, simetricamente posicionado em cima da penteadeira que ficava ao lado direito da cama, exatamente no mesmo lugar que havia deixado em Dashville. Faltavam dez minutos para as cinco da tarde e não havia mais nada programado. Cogitei sobre minhas opções e percebi que existiam apenas duas. Na primeira opção, eu voltaria ao salão principal e ouviria por mais infinitas horas sobre os sentimentos de aventura que todos nesse lugar cultuavam como as corridas organizadas, o tiro ao alvo, ou pior, sobre a aula de defesa pessoal e os músculos que o instrutor exibia discretamente sobe o uniforme ou, na segunda opção, poderia apenas ficar sozinha e conhecer um pouco mais sobre o lugar.

A segunda opção era irrevogavelmente mais atraente.

Desci as escadas colocando o capuz sobre meus cabelos, chamando menos atenção. Passei despercebida por todos, inclusive Chloe e Lucy que discutiam arduamente sobre sistemas de inteligência da computação com um

rapaz, não menos nerd que Lucy. Alcancei a parte de fora como um prisioneiro encontrava a liberdade. Uma corrente de ar frio soprou meu capuz para trás, fazendo com que meus fios dançassem livres ao ar gelado. Caminhei ainda sem saber aonde iria. Uma trilha de pedras chamou minha atenção. Andei por ela, estreitando-me por seus caminhos, decorados por árvores exuberantes, com seus galhos enormes e vivos.

Um pouco mais à frente, me deparei com um prédio de aproximadamente cinco metros de altura. Suas paredes eram de vidro, tão negros quanto a noite, impedindo que qualquer um visse o que existia no interior daquele lugar. Adiantei-me em direção ao monumento, que a cada segundo aguçava ainda mais minha curiosidade.

Subi dois degraus e me vi parada diante uma porta pesada de madeira esculpida. Havia uma placa de madeira presa a ela. Aproximei-me, afim de ler o enunciado.

Biblioteca

A palavras estavam embaçadas pelo tempo. A vogal “o” praticamente não existia.

Ah, eu preciso entrar! — Minha curiosidade ainda me levaria direto para o túmulo. Mas a fé que eu mantinha de que ninguém costumava ser assassinado dentro de uma biblioteca me encorajou a continuar.

Tolice? Sim! Mas, que se dane...

Antes de entrar, olhei ao redor, sentindo que estava sendo observada. O número de soldados armados circulando pelo lugar havia aumentado generosamente. E por mais que eu devesse me sentir segura, insistia em temer todos aqueles homens estranhos.

A porta rangeu ao ser aberta, me fazendo sentir calafrios. A mantive aberta, para evitar aquele barulho constante e irritante causado pelo vento. Levantei meus olhos, sendo surpreendida com a imensidão daquele lugar.

Pelo lado de fora, eu havia imaginado cinco andares, mas existia apenas um, onde os livros eram distribuídos de forma sistemática, alcançando o teto.

Caminhei olhando para o alto e rodopiando no mesmo lugar, ainda extasiada com tanta beleza. Existia uma escada em cada uma das extremidades, que dariam acesso aos lugares mais altos. Procurei com os olhos o responsável por aquele lugar.

— Olá! — Gritei quando não consegui encontrar ninguém. — Olá! — Tentei mais alto e o retorno que tive foi de um eco, que ironicamente era bem irritante. Minha voz não era tão azucrinante assim.

Sem resposta, comecei a perambular pelo ambiente rústico. O cheiro de essência de lavanda chamou minha atenção. Observei a pequena mesa com um computador à direita, e ao lado de um porta-retratos, uma garrafa de água pela metade e algumas canetas coloridas espalhadas pela mesa, havia um vidro aberto de essência de lavanda.

Bingo!

Esperei por mais dois minutos antes de começar a seguir as placas indicativas. Na sessão de letra “A”, encontrei nas subdivisões alguns temas interessantes.

Academia de arte — *Não*

Artes Marciais — *Quem sabe?*

Astrónomos e Astrofísicos — *Com certeza, não.*

Antes que eu pudesse chegar nas sessões de Biologia, Cartunistas e Dinossauros, algo esplendoroso chamou minha atenção.

Mais à frente, distante das prateleiras de livros e bem no centro da biblioteca, revelando seu grande destaque, havia uma plataforma de pouco mais de um metro de altura e menos que a metade desta medida de largura, retangular e grossa*, bem grossa,* lembrando-me o púlpito da igreja central de DashVille. Sobre ela, havia um livro fechado e novamente a curiosidade me

guiou até lá.

Aproximei-me, notando a caixa de vidro que protegia o livro e automaticamente, percebi que não estava trancada como deveria, pois, havia espaço para um cadeado ali, por outro lado, não existia cadeado.

Quando li o título do livro, que permanecia quase intocável de tão bem guardado, meu coração se inquietou.

“Área Militar — História e origem”

O título flutuava diante os meus olhos como uma tentação impossível de se ignorar. Fui até ele e com cautela abri a tampa de vidro.

Deslizei meus dedos para dentro até que tocassem o livro e o puxei delicadamente, com medo de que um alarme estrondoso soasse em algum lugar. Era um livro pesado. Em sua capa preta, havia em relevo uma insígnia dourada. Senti uma vibração de ansiedade quando li no rodapé da capa o nome Willian Clarent. Seria o criador da Área Militar?

Se a resposta fosse positiva, significaria que eu estava segurando nas mãos um livro escrito pelo pai do Primeiro. O início de tudo, uma verdadeira lenda, assim como seu filho.

— *O que você tem para me contar?* — Murmurei, alisando a capa grossa. Seja lá o que fosse, eu necessitava descobrir.

Percebi naquele momento que a realidade à minha volta havia mudado. A Área Militar fazia parte de mim agora e querer negar aquilo era perda de tempo.

Se esse local era o meu lar, eu precisava conhecer seus detalhes minuciosamente. Suas forças e seus perigos. Precisava aprender a usar tudo ao meu favor. E eu iria, por mim e por meu pai. Começando por ali, com as palavras de Willian, o primeiro comandante da Área Militar.



Capítulo 10

O livro é um mestre que
fala, mas que não responde.
Platão

Kimberly Digory

VARRI COM OS olhos a grande sala amadeirada a minha volta, em busca de um lugar confortável para me sentar. O cantinho no chão aos fundos da biblioteca parecia o lugar perfeito. Era quente, devido ao piso de madeira não permitir que o frio se alastrasse.

Joguei-me naquele cantinho e esvaziei a mochila de tudo que poderia amassar. Não que eu tivesse muita coisa, longe disso. Meus pertences não passavam de uma bisnaga de pão e um pacote de biscoitos que trouxe comigo para caso sentisse fome.

Coloquei a mochila atrás das minhas costas e me recostei nela, estiquei as pernas e suspirei, sentindo-me confortável.

Eu adorava me sentar no chão e isso deixava minha mãe maluca. Ela se preocupava com minha saúde. Dizia que uma hora ou outra eu iria adoecer de tanto ficar jogada no chão gelado. Ela não entendia o motivo pelo qual sempre preferi trocar as cadeiras e sofás pelo chão duro.

Ali eu me sentia a vontade, livre. Algo que as cadeiras de ferro que estavam espalhadas pelo lugar não poderiam me dar.

Contorci os lábios, quase conseguindo escutar a voz da minha mãe berrando comigo e me senti feliz por um momento. Aproveitei a sensação e com uma curiosidade indisfarçada, aconcheguei-me e abri o livro, me entregando ao mundo de Willian Clarent.



Área Militar — História e origem

Dedicado à família. O alicerce primordial de nossas lutas diárias.

Índice

1. História Geral 1
1.2 Estatutos e Regimentos 20
1.3 Criação do método Clarent 35
1.4 Adaptação Militar 43
2. Polícia Criminal 55
3. Armamento 67
3.1 Pistolas e Metralhadoras 85
3.2 Munição 92
4. Forças Especiais 101
5. Treinamento 115
6. Recrutamento Militar 126
7. Exército dos Estados Unidos 133
8. Ataque Iminente 150

8.1 Ação e reação.....160
8.2 Locais de fuga 169
8.3 Ataque em equipe 175
9. Análise de perfil 186
10. Defesa Pessoal 201
11. Reeducando a mente militar 235

Capítulo 1

História Geral

Em 1985, eu havia alcançado um alto patamar nas forças armadas. Comandante das forças especiais e responsável pela inteligência militar do exército dos Estados Unidos, eu me vi em uma situação intrigante. Tive acesso ao banco de dados de todas as unidades Americanas e me assustei de forma avassaladora com o número de acometimentos contra os familiares de agentes do governo. Mulheres, crianças, jovens e idosos. Todos os tipos. Alvos fáceis e inocentes.

Havia dois tipos de variações. Ataques hostis e ataques fatais. Em ambos, eu conseguia distinguir o desespero nas chamadas de emergência. Vozes clamando por ajuda, que talvez não chegariam a tempo. O número de mortos era assustador, e os sobreviventes viviam perseguidos pela lembrança dos ataques e a possibilidade do acontecimento se repetir. Uma roda sem fim se erguia.

Inocentes eram brutalmente atacados e bons agentes se afastavam do cargo, alegando incapacidade, mas todos estavam cientes do real motivo pelo qual se baniam da organização. Aquilo não poderia prosseguir.

Brutalmente atacados?

Meus olhos arderam, arregalados de pavor.

Minha mente começou a ser invadida por todo o tipo de cena de terror. As mais agonizantes possíveis. Ele falava de mulheres, como minha mãe, além de crianças, jovens e idosos.

Santo Deus, até crianças eram mortas?

Forcei meus olhos a voltar para as páginas amareladas e gastas daquele livro, corrompida pelo medo do que poderia vir a seguir.

Em 29 de outubro de 1989, Leah, minha esposa e parceira, comandante responsável por uma de minhas equipes na inteligência, me deu um presente inigualável. Um garotinho de cabelos claros e olhos de esmeralda, que tinha o sorriso mais inocente desse mundo. Eu soube naquele momento que havia chegado a hora de mudar toda aquela história de uma vez por todas. Acionei a Presidência, com os fatos reunidos e um plano arquitetado.

Aquele garotinho... era ele!

Meu coração palpitou, encontrando ali uma chance de descobrir um pouco mais sobre o comandante Primeiro.

Com o Decreto Presidencial, de 09 de junho de 1990, foi criada a Área Militar, sob meu comando e o de Leah. E, dali em diante, as famílias de nossos agentes tinham um recurso ilimitado para recorrer à segurança primordial de seus entes.

Dez anos mais tarde, o comando das organizações secretas do governo dos Estados Unidos foi diretamente ligado a mim. A partir deste

momento, eu havia assumido o controle sobre as tropas de treinamento e tudo começou a fazer sentido. As ligações de ordens internas passavam por mim e eram subdivididas entre os órgãos de segurança Nacional. Não perdi nenhum membro que entrou para a Área Militar nos meus dezenove anos de comando. Muitos dos jovens que entraram na Área Militar se tornaram agentes como seus pais, mas trinta por cento desse número retornou a vida comum que desejava, com segurança. O nosso principal objetivo estava sendo alcançado.

Havia uma escolha!

Continuei devorando aquelas páginas, sentindo algo crescente em meu peito.

Poderíamos nos tornar agentes ou, pensando positivamente, levar uma vida normal.

Suspirei, desejando que as palavras daquele livro se tornassem realidade. Eu queria uma vida normal. Queria a MINHA vida de volta, mas eu sabia que aquilo seria impossível. Minha mãe estava morta e sem ela, não existia a vida que eu conhecia. Nada seria como antes. Sempre faltaria algo e estar lendo as palavras de um homem morto buscando esperança, parecia-me ainda mais insano.

A partir daquele momento, assumi como pessoal todos os ataques relacionados aos meus protegidos. Um comandante tem como principal objetivo arquitetar e controlar cada um dos movimentos ao seu redor. Seus, e de seus soldados. Assim como arcar com toda e qualquer consequência que por ventura venha a acontecer. Nada aconteceria sem que eu soubesse e para atingir qualquer um naquele lugar, teriam primeiramente que atingir a mim. Segurança...

A palavra ressoou no meu íntimo com pesar. Tudo o que eu desejava naquele momento era que meu pai e eu ficássemos em segurança. Aquele era o objetivo do comandante Willian.

Ainda que eu me mantivesse segura na Área Militar, eu me sentia completamente infeliz sem saber em que lugar do mundo Paul Digory se escondeu. Estaria em segurança como eu? Estava com fome, frio, medo?

O desespero transpassou em meus olhos. Balancei a cabeça, expulsando aquele sentimento. Ele precisava estar bem, meu pai era treinado para isso. Se Willian Clarent, sozinho, mobilizou a presidência e todos os órgãos do governo, a fim de criar uma fortaleza segura, meu pai, meu super-herói, ficaria bem.

A necessidade eufórica de saber mais sobre aquele homem fez com que meus dedos percorressem as páginas do livro até a contracapa, onde uma foto antiga revelava a semelhança entre Willian Clarent e seu filho, o Primeiro. Embaixo do quepe, os olhos verdes brilhavam, surrealmente idênticos aos do filho. Arqueei as sobrancelhas, vendo a versão do Primeiro com o dobro da sua idade. Sua farda verde escura poderia ser de uma década passada. Era uma imagem nostálgica e admirável. Seu rosto demonstrava orgulho, mas seu sorriso transparecia as noites severas já vividas.

Os dizeres abaixo da foto me fizeram sentir um nó na garganta.

Willian Clarent
Comandante Oficial do Exército dos Estados Unidos
Extrema autoridade da Área Militar
27/08/1955 — 29/10/2009
In Memorian

Um assombro percorreu meu corpo notando a data de falecimento de Willian.

Não pode ser!

Voltei algumas páginas, incrédula. Abri os lábios instantaneamente quando constatei a dura realidade. Pisquei para que as lágrimas que embaçavam meus olhos caíssem de vez, enquanto tentava segurar as páginas do livro com firmeza. Uma tarefa quase impossível, visto que minhas mãos tremiam convulsivamente. Envolvi o estômago com as mãos, contendo a náusea súbita que me abateu.

Meu Deus! Willian e Leah haviam falecido no aniversário de vinte anos do Comandante Primeiro.

— Por isso estavam reunidos — compreendi aflita, percebendo o quanto minha voz saía esganiçada.

Era cruel demais.

Minha garganta secou, me obrigando a fechar o livro. Vaguei por pensamentos, tentando sorver aquele nó em minha garganta.

Willian revolucionou tudo à sua volta, era um homem grande demais para habitar no meio de nós. Uma faísca de orgulho incendiou meu peito. Minha mãe também havia mudado tudo à sua volta. Ela não era qualquer uma, e sim, Savanna Digory. Conhecida por suas habilidades estratégicas, por sua bondade e, em meu coração, ela ficou conhecida por ser a melhor mãe do mundo. Foi um orgulho ter seu amor em minha vida e levar seu sobrenome comigo para sempre. Ainda que viver sem ela fosse um castigo, lembrar-me do seu carinho me constituía forças que eu nem sabia que existiam. A dor que eu sinto dia após dia não vai cessar, nunca. Mas eu vou viver para lhe dar orgulho.

— Cuide dela, Willian! — Murmurei olhando para a capa do livro, sentindo meu coração dilacerar.

Quanta dor meu peito era capaz de suportar antes de ceder?

Um ruído afastou meus pensamentos e voltou minha atenção para a porta escancarada. Olhei na direção da entrada sem me mover, tomada por um medo absurdo. A luz acendia através do sensor de presença e desde que eu entrei na biblioteca, ela estava acesa apenas do lado de dentro, onde eu estava. Mas agora, ela iluminava a noite escura do lado de fora da varanda. O que significava que não estava sozinha ali. Lentamente, coloquei as mãos no chão, forçando meu corpo a se levantar e descobrir o que estava acontecendo.

— Digory?

— Santo Deus!!! — Exclamei aos berros, soltando o livro entre minhas pernas, que por sua vez caiu aberto ao meio. Meu coração palpitava descontroladamente pelo susto que havia levado.

— Perdão! — O homem se aproximou. — Não era minha intenção te assustar.

A voz firme, o perfume amadeirado e os longos coturnos pretos revelaram quem era, sem que eu tivesse o trabalho de olhar para cima. Subi os olhos pelo sobretudo preto encontrando aquele olhar fulminante.

— Primeiro! — Disse às pressas, catando o livro com uma das mãos e a mochila com a outra.

Ele estendeu a mão, oferecendo ajuda. Mantive as minhas mãos ocupadas por tempo suficiente, na esperança que ele se afastasse, tentando a todo custo evitar qualquer contato físico que prolongasse meus estranhos pensamentos a respeito dele.

Diferente do que imaginei, ele se manteve em pé, com a grande mão estendida em minha direção. Soltei a mochila e a segurei de uma vez. Seu toque firme me ergueu instantaneamente. Um toque forte e delicado.

— A luz interna estava acesa. — Ele olhou para o ambiente ao meu redor, parando os olhos nos lanches que eu havia deixado pela metade ao

lado da mochila. — Passei para conferir quem estava aqui além do horário permitido. — Ali estava a voz impenetrável novamente.

— A noite chegou sem que eu percebesse. — Olhei dentro de seus olhos, perdendo-me por um segundo naquela imensidão esverdeada. — Não foi minha intenção quebrar as regras. — Admiti contra a minha vontade, percebendo meu descuido. — Desculpe.

— Não se desculpe. — Ele me encarou. — Apenas não permita que aconteça novamente. — Sua postura se mantinha impecável.

— Eu não fazia ideia que existia alguma restrição. — O Primeiro meneou a cabeça no sentido da porta de entrada.

Meu rosto incendiou quando notei a placa pendurada na porta.

“Fechado”.

Alguns dizeres minúsculos que de longe eu não conseguia ler, provavelmente informavam o horário de funcionamento e o horário que não deveríamos entrar ali. Como agora, por exemplo.

Droga!

— Área Militar! — Ele quebrou o silêncio constrangedor. — Escolha interessante.

Encarei o livro, sem graça, apertando-o em minhas mãos até sentir um formigamento desconfortável.

— Ele é formidável. — Assumi.

— Leve-o consigo, leia no quarto ou em outro lugar, mas evite sair a qualquer custo a noite.

— Pensei que esse fosse o lugar mais seguro do mundo. — Retruquei baixo.

— A precaução é para que continue sendo o lugar mais seguro do mundo. — A preocupação ameaçou aparecer em sua voz, mas, com uma respiração longa, ele logo recuperou a postura.

— Está acontecendo alguma coisa? — Arrisquei, observando seus olhos de gato em cima de mim, lendo as entrelinhas de todo o meu corpo.

Ele ergueu as sobrancelhas grossas como se escondesse algo importante.

— Quero que procure por Madeleine, a psicóloga, amanhã, no primeiro horário. Ela vai te orientar e você vai entender do que se trata. — Mas que diabo de informação era aquela? Torci o nariz e falei mais alto do que deveria.

— O que te impede de me explicar? — Ele contraiu com força a linha do seu maxilar e eu percebi minha arrogância novamente o atacando.

— Digory, já disse o quanto você pode ser inoportuna?

— Pode me dizer o que quiser, depois de revelar o que está acontecendo. — Um jogo havia começado. Ele esperava que eu recuasse? Estaria bem enganado se essa fosse sua intenção.

Por um segundo, jurei ter visto um sorriso satisfatório em seus lábios, que logo se desfez quando seu rosto quadrado se transformou em uma carranca.

Ele passou a mão sobre o queixo extremamente liso. Parecia ter acabado de fazer a barba, pois nem marca tinha. Percebi que sem o rastro da barba, o comandante aparentava ser bem mais novo do que realmente deveria ser.

Ele bufou, impaciente.

— Já que não consegue esperar, — ele esfregou a testa, provavelmente travando uma guerra interna — sente-se. — Meus lábios se abriram e um sorriso inconveniente se apossou do meu rosto.

Ele havia cedido e eu mal conseguia esconder a surpresa.

Caminhamos até a mesa mais próxima. O barulho do coturno contra o piso de madeira era irritante e ensurdecedor. O Primeiro puxou uma cadeira

para que eu me sentasse e se recostou na mesa à minha frente. Cruzou os braços e me encarou, provavelmente vendo a minha alma e odiando minha petulância.

— Pode ser que, saber de alguns detalhes te faça bem.

— Como? — Ergui o nariz, confusa.

— Existem coisas que você deve saber para sua própria segurança. — Começou, deixando-me ainda mais perdida.

— Devo me preocupar?

— Não enquanto eu estiver aqui! – Completou ríspido em um tom quase inaudível. — Cabe a você confiar em mim e ter o máximo de cautela possível. — Batucou os dedos na mesa. — Isso inclui não frequentar a biblioteca à noite.

— Tem toda a minha atenção. — Disse apreensiva.

— Existia um grupo de cinco cientistas, que estavam sendo acompanhados de perto pela nossa inteligência. Descobrimos que a intenção destes cientistas era finalizar um projeto que vinha sendo desenvolvido há anos. Um protótipo, capaz de localizar e transferir valores entre contas bancárias sem a permissão dos usuários.

— Roubar os usuários?

Ele concordou com a cabeça.

— Colocamos dois agentes infiltrados na operação que ficava em DashVille. — Suguei o ar como se tivesse levado um susto. — Seus pais. — Fiquei paralisada. — Os cientistas estavam próximos do sucesso e os Digory eram nossa melhor chance de pegá-los. Foi quando tudo aconteceu. — Senti uma dor forte no peito. Como uma ferida aberta, toda vez que tocávamos no assunto, doía.

— Como tudo aconteceu? — O tom da minha voz revelava o pânico que sentia. — Me diga, como... como... — Ah, Deus... Ajude-me! — Como

eles mataram minha mãe?

Contra a minha vontade, meus olhos denunciaram o que meu coração sentia e se encheram de lágrimas. O Primeiro se conteve. Observando minha expressão com um assombro. Ele parecia ter medo de mim, ou melhor, medo que eu começasse a chorar bem ali, como uma criança.

Raspei a garganta e me controlei.

— Para o seu bem, é melhor que não saiba. — Ele desviou os olhos dos meus e eu sabia que dizia o certo. Eu não suportaria imaginar aquela cena, repetidas vezes, dia após dia.

— Ela sofreu? — Não me contive e tapei os lábios com as mãos para evitar que ele os visse tremer.

— Não. — Olhou-me novamente. — Eu prometo por minha vida, — Sua mão pousou sobre a minha com carinho. Imediatamente olhei em seu rosto cálido, esperando o final da frase. — Ela... — Ele retirou a mão, percebendo o contato que tivemos. — não sofreu.

Tossiu indisfarçadamente e prosseguiu. Ainda podia sentir a pele quente onde ele havia tocado.

— Sobre a emboscada... ainda não sabemos como, mas eles foram atacados no dia que o projeto foi finalizado. Quem organizou o ataque matou todos os cientistas e a sua mãe. — Existia uma compaixão escondida em sua voz. — Acabando assim com a pesquisa de anos que eles haviam desenvolvido. Por outro lado, Paul pegou o único protótipo ativo do projeto e desapareceu com ele.

Naquele momento, tudo fazia sentido. Meu pai estava em posse de tudo o que eles mais desejavam ter.

— Por isso, ele não voltou! — Pensei alto, olhando para a mesa. — Ele não me abandonou. — Essa ideia havia aparecido em meus pesadelos no dia que soube da morte da minha mãe.

Pensei ter sido demais para meu pai ter que aguentar a morte dela e me encarar dia após dia. Ouvi dele por toda a minha vida sobre a minha semelhança com a minha mãe. Cheguei a temer que ele não conseguisse mais olhar para mim.

Deus, como eu estava enganada! Mesmo que ele quisesse voltar, ele não poderia.

— Paul jamais abandonaria você! — A certeza em sua voz me tranquilizou. — Entende agora por que precisa tomar cuidado? Seu pai arriscou tudo, tomando posse do protótipo para que não caísse em mãos erradas. E hoje, a única forma de chegar até ele, seria chegando até você.

Meus olhos ficaram ligeiramente perdidos, sentindo o vazio adentrar meu peito com força. Talvez ele jamais voltasse. Não por falta de amor pela única filha, mas talvez por medo de que uma hora ou outra eles conseguissem colocar as mãos em mim.

Aquele inferno teria fim um dia?

— Eles vão matar qualquer um que cruzar o caminho deles até meu pai. — Meus olhos se perderam. Minhas mãos estavam abertas de forma estranha sobre a mesa, como se sustentassem todo o meu corpo.

— Mantenha-se sob nossos olhares e tudo ficará bem. Paul é o agente mais experiente que conheço. Você não faz ideia das coisas que ele já fez. — Seu semblante se tornou mais leve por segundos. Talvez meu pai significasse para ele mais do que eu pudesse imaginar. — Não há com o que se preocupar.

Respirei fundo, assimilando toda aquela informação. Ele me olhava cauteloso. Parecia querer dizer algo, mas se continha.

— Digory. — O comandante se inclinou em minha direção, fazendo-me perceber pela primeira vez o arco negro ao redor de sua íris verde. Sua respiração pousou em meu rosto. Ele estava perigosamente perto demais. —

Eu posso te proteger, mas preciso que permita que eu faça isso.

Sua voz se perdeu em um sussurro enquanto seus olhos encontravam os meus e se demoravam ali, observando meu rosto com curiosidade. Entreabri a boca, sentindo meus lábios descolarem em um estalado baixo e no mesmo instante o comandante acompanhou o movimento. Ele encarava meus lábios como se ali eu escondesse algo perigoso, como um veneno a ser provado. Não entendi o que vi naquele olhar. *Brilhava*. Seria... compaixão? Angústia ou... desejo?

O ar se prendeu em meus pulmões com essa última possibilidade e tão rápido quanto se aproximou, ele se afastou, deixando-me apreensiva com meus próprios sentimentos.

O que significava tudo aquilo? Algo retumbava forte em minhas entranhas. Meu coração esmurrava o peito com a força de cem cavalos. Todo o meu corpo formigava, imaginando que, de todas as formas que eu poderia me meter em algum problema dentro de uma Área Militar, desejar o maior comandante do lugar era, sem sombra de dúvidas, a pior delas.

Prendi a respiração, ignorando aqueles pensamentos estranhos, mas, ainda assim, sendo incomodada por duas perguntas que rondavam minha mente desde a primeira vez que ele me defendeu, quando encontrei o primo de Hannah naquele corredor maldito.

O que o comandante Primeiro seria capaz de fazer para proteger a minha vida? E até aonde eu seria levada por aquele sentimento que crescia em meu peito a cada vez que eu o via?

— Eu permitirei. — Respondi atordoada, tentando não me perder no par de olhos à minha frente.

O Primeiro se levantou, caminhou por algumas estantes, me deixando sozinha com meus pensamentos.

Quando retornou, três livros estavam empilhados em seus braços.

— Trouxe livros suficientes para te manter afastada daqui por alguns dias. — Organizou os livros em seu colo e puxou um dos três. — Os sete pilares da sabedoria, de T.E Lawrence. — Colocou um livro grosso de capa dourada sobre a mesa. — A arte da guerra, de Sun Tzu e Não há dia fácil. Esse último foi escrito pelo membro do Seal da marinha dos Estados Unidos, Mark Owen. Um grande homem.

— Fala como se já tivesse lido todos eles. — Passei a mão por cima de um dos livros, sentindo o relevo da capa.

— E li. — Completou. — Estão na minha lista de preferência. Acredito que vá gostar. Também eram os preferidos de Savanna.

Olhei para ele, entendendo o significado de tudo aquilo.

— Vou te acompanhar até a sede. — O Primeiro pegou todos os livros sobre a mesa e seguiu em silêncio até a porta, esperando que eu o acompanhasse.

Caminhamos pela pequena trilha, que antes, parecia um caminho secreto para um bosque mágico. Porém, a noite havia assombrado tudo, fazendo com que o verde musgo das folhas das árvores perdesse sua beleza. A única coisa que me chamava atenção em todo aquele breu era o homem que andava ao meu lado, controlando a velocidade dos seus passos, ciente de que eu jamais conseguiria acompanhá-lo caso corresse ladeira acima.

Mesmo que sua alma parecesse mais escura que a própria noite, sua presença era capaz de me manter distraída.

Observei o Primeiro e a áurea poderosa que emanava ao seu redor. Mesmo que eu não quisesse, meus olhos fugiam para sua direção. Sua simples presença era algo perturbador para mim.

O silêncio ensurdecedor ao nosso redor era incômodo, mas ele não parecia se importar. Apenas me ignorou por todo o caminho, o que com toda a certeza quase me fez surtar.

Aproximei-me, alcançando seus passos e no embalo das nossas passadas, nossos braços se encontraram, roçando um no outro. Ele imediatamente enrijeceu o corpo e deu um passo para o lado, abrangendo a distância entre nós.

Quanta ignorância! Por acaso meu toque transmitia algum tipo de choque?

Eu me perguntava insistentemente o que eu teria feito, consciente ou inconscientemente, que o incomodava tanto. Ele não olhava em meus olhos por mais de dois segundos e quando sustentava o meu olhar, eu me sentia um livro aberto, sendo lido da forma mais reveladora possível. Quando ele falava, se apressava em dizer tudo de uma só vez, acabando logo com o diálogo entre nós. Levei as mãos até o pescoço inconscientemente e quando o encarei mais uma vez o peguei me observando. Entretanto, ele virou o rosto para o lado oposto com tanta rapidez que eu quase duvidei que realmente estivesse olhando.

Alcançamos a entrada do salão principal, ainda ao som inebriante do silêncio. O sobretudo do Comandante causava um reboliço ao vento, deixando exposta em diversos momentos sua arma presa à cintura. Peguei-me lembrando da fatídica noite em que ele enfiou aquela arma na minha cara quando nos encontramos na piscina e, enquanto percorríamos salão que estava vazio, ocorreu-me uma ideia. Talvez fosse por isso que ele se mantinha distante. Por medo de me assustar mais uma vez, afinal, ele se mostrou arrependido. Ao menos eu preferia que essa fosse a verdade.

Não foi necessário olhar para o grande relógio dourado pendurado no meio do salão, para saber que estava tarde. Subimos as escadas, como algo natural. Comecei a me sentir extremamente incomodada.

Fui levada à conclusão de que minha presença não era desejada por ele, porém, o motivo eu ainda não sabia. Entretanto, eu estava a um passo de

descobrir.

Para isso, uma decisão deveria ser tomada. Uma vez que eu descobrisse, tudo poderia mudar... para pior. O que eu deveria fazer? Descobrir a verdade ou viver na mentira?

Eu nunca fui covarde.

— *Vale a pena se sentir assim*? — Olivia me aconselhou no dia que decidi terminar meu relacionamento com Marcus. — O cara mal te beija. Não é possível que tudo isso seja medo do seu pai. Quem é que tem medo do sogro a esse ponto?

— Você não conhece meu pai. — Afirmei.

— O que ele vai fazer? Matar Marcus por ter tocado em você?

— *Pode acreditar que sim.*

Olivia achou tudo aquilo um exagero absurdo. Apenas quem conhecia o verdadeiro Paul Digory entenderia o que eu estava falando. Ele mataria Marcus ao mínimo sinal de que ele tivesse me tocado sem minha permissão. O problema era até que ponto meu pai entenderia que eu estava me permitindo ser tocada?

— Tente falar com ele, Kim. — Ela insistia. — Diga a Marcus o que está sentindo. Caso ele fuja, você já sabe que decisão tomar. Mas se não tentar, nunca vai saber. — Ela embolou os cabelos em um coque e sorriu de forma graciosa. — *Nunca*.

Ela estava certa. Afinal, Olivia era o tipo de amiga que sempre está certa. E eu sou o tipo de amiga que nunca escutava seus conselhos. Jamais disse a Marcus o que sentia e assim, nosso namoro acabou antes do que eu imaginei em meus piores presságios. Guardar meus sentimentos não diminuiu a dor do término, ou minimizou a sensação de que eu nunca seria boa para ninguém. Pelo contrário. Eu me senti abatida por um longo tempo. Cheguei a pensar que fosse pelo final do nosso breve e emocionante relacionamento,

mas na verdade, eu comecei a me afundar no poço da covardia. Eu me arrependia todo santo dia por não ter falado que amava seu beijo e as conversas longas que tínhamos ao telefone. Que adorava sua amizade, assim como seu toque e a sensação de borboletas no estômago que ele me causava.

Eu fui covarde uma vez e não repetiria o mesmo erro. Aquele comandante iria dizer o motivo pelo qual me tratava daquela forma, tão diferente de Kian Ross e de todos os outros que pude conhecer. De um jeito ou de outro!

Meu corpo e minha alma estavam exaustos por pensar nele e em seus dilemas dia e noite, enquanto um confronto emocional se abatia sobre mim. Aqueles olhos mexiam com cada uma das células do meu corpo. Sua voz incendiava meu peito e os raros momentos em que me tocou, um reboliço foi criado em meu estômago. Eu não suportava mais. Não sabia o que aqueles sentimentos significavam, mas precisava descobrir para tentar dormir em paz.

— Boa noite Digory, aproveite a leitura! — O Primeiro me entregou os livros de forma dura e se virou de costas, prestes a sair pelo corredor.

Ah, não! Não vai fugir de mim...

— Que diabos eu fiz para você para me tratar assim? — As palavras pularam da minha boca.

— O quê? — Ele se virou, atônito, e eu percebi que me faltava mais coragem do que eu realmente gostaria.

Uma voz em meu subconsciente me alertava que eu deveria ir até o final. Provavelmente, o capataz da morte querendo ver meu fim, e mesmo sentindo as pontas dos dedos trêmulas, eu a obedeci.

— Comandante, acredito que tenha me escutado. — O tremor tomou conta de minhas pernas. — O que eu te fiz? — Ele caminhou lentamente em minha direção. O ranger de seus coturnos conseguiram deixar o momento mais dramático.

— Senhorita Digory, não estou entendendo seu questionamento. — De forma constrangedora, ele cruzou os braços e me lançou um olhar devastador.

— Pensa mesmo que eu não reparei a forma como age comigo? — Disparei. — Você ignora cada um dos habitantes desse lugar, mas quando se trata de mim, Comandante, as coisas mudam.

Em silêncio, ele observou minha irritação se apossar da pouca sanidade que me restava.

— Você me olha como se algo em mim roubasse o que existe de bom em você. — Explodi. — Parece que te faço mal. Percebo quando fala e me afasta com palavras ríspidas e duras. — Meu peito subia e descia, ritmado pelo meu desespero. — Sei que pode ser seu trabalho, mas não precisa deixar óbvio assim o desejo de me ver longe de você. Não é... educado!

Não é educado? Ahhhhhhhhh, não foi tão ruim assim, foi?

Merda, foi assustadoramente horrível!

— Você não sabe o que está falando, Digory! — Rosnou sem se mover.

Aquilo despertou em mim uma raiva descomunal. Cada palavra que estava saindo dos meus lábios era em vão.

— Sei que sente obrigação de me manter segura por causa dos meus pais, comandante. E sinto muito que esse peso tenha sido largado em suas mãos. — Apontei o dedo trêmulo para ele, parecendo uma louca. — Mas deixe eu te contar uma novidade. EU NÃO PEDI PARA ESTAR AQUI!

Perdi o controle.

— Não pedi para largar tudo em DashVille. A universidade, meus amigos e a minha vida. Jamais cogitei a ideia daquele ataque contra meus pais e muito menos estava preparada para isso. E sabe o que mais? — Bufei. — Não pedi para te conhecer. — Balancei a cabeça desviando o olhar do seu

rosto surpreso. — Não queria sentir a necessidade de ouvir essa sua maldita voz quando está perto de mim e muito menos me sentir a pior das companhias por você mal olhar na minha cara. — Fechei os olhos e coloquei a mão sobre o rosto. — Não entendo. — Esfreguei os olhos e segurei as têmporas, sentindo-as pulsar. — Porque você aparece em meus sonhos, ou melhor, pesadelos, me mostrando o quão longe pretende ficar, e eu acordo, aflita, sem saber se é um sonho ou realidade. Tentando entender o motivo dessa distância.

A adrenalina em meu corpo desapareceu após ser usada como uma válvula de escape e meu tom de voz diminuiu drasticamente, sentindo meus pensamentos retornarem à realidade.

— Que Droga, Digory! — Ele balançou a cabeça, sorrindo sarcasticamente. — Não faz ideia da tolice que acaba de dizer. — Seus olhos assumiram um tom escuro e perturbador. — Quer saber qual é o meu problema em relação a você? Pois bem! — Deu um passo em minha direção, sem desviar os olhos dos meus. Continuei paralisada, encarando aquele monte de músculos humano cada segundo mais próximo do meu corpo.

— Meu maior problema nesse lugar é não conseguir parar de pensar em você, nem sequer por um segundo dos meus dias. — Ele manteve os lábios abertos e meu corpo bambeou. — Me faz mal olhar para você e ter que fugir de toda a atração que sinto por esses olhos.

Com cautela, o Primeiro tocou meu rosto com o dorso da mão. Permitindo-se deslizar pela minha face até alcançar meu maxilar enrijecido. Meu coração batia bruscamente, lutando contra a caixa torácica. Tive medo que, pela proximidade, ele conseguisse escutar a loucura que acontecia em meu peito.

— Eu não te pedi para fugir. — Murmurei.

— Talvez fosse melhor pedir. — Ele franziu o cenho, transformando

seu rosto quadrado em um mar de vincos. — Você nunca foi o problema, Digory. Diferente de mim. — Fez uma pausa dando mais um passo. Permitindo-me sentir sua respiração quente. — Eu atraio a destruição e jamais envolveria você nesse meio. — Sussurrou. — Não importa o quanto eu deseje tocá-la. Preciso manter sua segurança. É um preço que estou disposto a pagar.

— Agora sabemos a verdade! — Inspirei, soltando o ar lentamente. Desejando ser tocada por ele. Ansiando por um beijo que eu jamais poderia ter. Nem em meus sonhos. O que definitivamente não me impedia de sonhar.

— Sim. — Ele afastou seu corpo do meu sem olhar novamente em meus olhos. — Isso não facilita as coisas.

Eu entendia sua posição. Queria gritar que essa escolha deveria ser minha e não, dele. Afinal, era a minha vida. Ao contrário disso, fiquei ali parada. Talvez, a qualquer momento, eu fosse acordar em minha cama e ver que meu sonho havia chegado ao ápice da realidade, mas ainda assim não passava de um sonho.

Ele me encarou mais uma vez e com uma confusão estranha no olhar, respirou fundo e se virou para o corredor. Meu pequeno coração ardia de dor, desejando algo inalcançável para mim. O que mais o destino armaria para me surpreender? Não bastava ter virado minha vida de ponta a cabeça?

Sem se demorar, o comandante virou o corredor e sumiu do alcance do meu olhar. Sem despedidas ou formalidades, afinal haviam sido ditas palavras demais para uma noite.



Capítulo 11

Há sempre alguma
loucura no amor.
Mas há sempre um
pouco de razão na loucura.
Friedrich Nietzsche

O Primeiro

CAMINHEI O MAIS rápido que pude, almejando distanciar-me daquele lugar e... daquela garota. O corredor que me levaria às escadas principais ficava cada vez mais estreito, deixando-me sufocado, zonzo. Meus passos pesados quebravam o silêncio cálido da noite, ecoando pelo vazio a minha frente, aumentando o meu nervosismo. Meu coração batia freneticamente, sussurrando algo que meus ouvidos não queriam escutar.

— Que diabos! — Brequei, tentando inutilmente organizar os sentimentos conflituosos que perpassavam minha mente.

Recostei as costas na parede, olhando para o teto branco. Bastava subir mais alguns andares e eu estaria livre daquela sensação. Tomaria um banho relaxante, leria alguns relatórios e deitaria em minha cama, como de costume. Naquele momento, minha consciência diria sarcasticamente que nada me livraria daquela sensação.

Soltei um ar pesado pelas narinas, endireitei a postura e tomei a

decisão mais insana dos últimos tempos... Voltei ao quarto da Digory.

Avistei a porta de madeira escurecida que pertencia a seu quarto, idêntica às demais espalhadas pelo longo corredor bem iluminado. Apenas uma coisa a diferenciava das demais... Ali dentro havia uma pessoa capaz de me fazer titubear nas minhas mais rígidas decisões. Alguém de sorriso leve e olhos marcantes. Uma mulher dividia entre a dor da perda e a força da esperança. Uma mulher que não saía dos meus pensamentos.

Um súbito de agitação se apossou de mim. Olhei para os dois lados do corredor, assegurando-me de que não tinha ninguém por perto.

Havia muitas luzes, como em todos os corredores dos dormitórios. Tudo era muito bem iluminado e eu sabia o motivo para aquela precaução... isso não me impediu de desejar que, apenas naquele momento, essa merda ofuscante desaparecesse.

Como um adolescente, senti um calafrio percorrer meu corpo. Com cautela, bati três vezes na porta, causando um barulho estrondoso diante o silêncio imposto.

Remexi os pés, esperando o momento que ela abriria a porta. O que eu faria a partir dali em diante?

Porra! Eu não fazia ideia.

— Quem é? — Sua voz foi abafada pela porta.

— Sou eu, o comandante. — Tentei me identificar sem despertar suspeitas nas vizinhas de quarto.

Apoiei a mão no batente, ouvindo o destrancar da porta. Trinquei os dentes, aguardando ainda mais ansioso. Segundos depois, surgiu diante de mim a visão mais bela desse mundo.

Digory ainda usava as mesmas roupas. Uma blusa preta de frio e calças de malha. Os cabelos desalinhados ao redor do seu rosto exibiam uma beleza singela e avassaladora. Ela não estava surpresa em me ver. Olhei para

o lado quando pensei ter escutado um barulho e encarei seu rosto no mesmo instante.

— Como espera que eu consiga dormir depois de tudo que foi dito? — Sussurrei tendo meus olhos focados aos dela.

— Não espero que consiga dormir. — Respondeu segurando a respiração em leves momentos de descontrole, me atraindo ainda mais.

— Temos que conversar! — A urgência em minha voz era aterrorizante para mim.

Ela deu um passo para trás, permitindo que eu entrasse em seu quarto. O cheiro adocicado era típico de um ambiente feminino. Passei rapidamente pela porta e a fechei logo em seguida. Percorri com os olhos o ambiente ao redor, notando que o quarto estava diferente. Pequenos detalhes haviam sido alterados por ela mesma. Um aparelho de som com vários adesivos antigos pregados, antes habitava a estante branca de duas repartições do quarto. Agora, estava em cima da mesa de estudos, que por sua vez, já não tinha papéis e livros escolares jogados sobre ela. Até mesmo o porta-canetas tinha sido retirado. Suspeitei que a caixa marrom no canto do quarto alojava todos esses itens de pequeno porte.

Ordenei aos agentes que organizassem aquele quarto em uma cópia idêntica ao original, buscando uma forma de familiarização entre Digory e a Área Militar. Almejava que ela desejasse permanecer e que se sentisse à vontade. Afinal, aquele seria seu lar. Pelo visto, alguns pequenos detalhes estavam a incomodando naquela nova atmosfera. Talvez a necessidade de se afastar do que deixou para trás a fizesse bem. Consequentemente, percebi que se ela estava bem, eu também estaria bem.

Ela fixou os olhos em mim firmemente, lendo em meu rosto mais do que eu desejaria revelar. Algo me dizia que aquilo era errado, mas em hipótese alguma desejei estar certo.

— Preciso que me escute com atenção! — Aproximei-me passo a passo, sentindo um imã me arrastando lentamente em sua direção. Adiantaria lutar?

Ela recuou à medida que eu me aproximava, em uma dança silenciosa, me atraindo para mais perto de si, até seu corpo encontrar a parede do quarto pouco iluminado. Olhos inocentes me encaravam. Olhos sinceros. Alguém que eu mal conhecia. Que perambulava em meus sonhos, criando desejos até então adormecidos em meu corpo. Não necessitava de muito, bastava estar próximo dela para me esquecer de quem eu era ou o que representava na vida dela.

— Há sete anos, jurei não me envolver com mais ninguém. — Encostei a mão direita na parede ao lado de seu rosto sendo sugado pela atmosfera que a cercava. — E até o momento me mantive firme. Mas você tinha que aparecer, não é mesmo? E olha aonde eu vim parar.

Um enigma se formou em seu rosto e em silêncio, eu a observei pela luz fraca vinda do abajur.

Ao lado da cama existia uma pilha de livros feita com tudo que havia entregado a ela na biblioteca, e mesmo que por segundos, notei uma foto de sua família ao lado daquela pilha.

Paul e Savanna confiaram a vida da única filha do casal Digory a mim e tudo o que estava prestes a fazer me levava para o lado contrário ao que eles esperavam do comandante da Área Militar. Tudo que eu esperava de mim mesmo.

— Odeio que me afaste! — Desabafou me fazendo estremecer.

— Odeio ter que te afastar. — Conclui com pesar, rendendo-me aos pensamentos que me atormentavam. — Sou o Primeiro comandante e tudo que envolve a mim, envolve perdas. — Continuei quando ela abriu os lábios para me interromper. — É egoísmo demais, ao menos, pensar em te trazer

junto comigo para essa confusão.

Apoiei a mão esquerda ao seu lado, fazendo com que seu corpo estivesse exatamente entre meus braços. Seu peito subia e descia em um ritmo frenético. Mesmo estando próximo, eu me recusava a tocar em sua pele. Sabia que a partir dali, não teria mais controle sobre meus atos. O que andava sentindo por aquela mulher era o mais puro descontrole. Uma atração forte demais, irresistível a ponto de me fazer questionar minha própria fé.

— E se não for uma escolha sua?

— É escolha minha! — Afirmei, tentando ser o mais convincente possível, sabendo que eu jamais estaria certo daquilo.

— Nesse caso, comandante. — Ergueu a cabeça. — Qual é a sua escolha? — Arqueou as sobrancelhas. — A verdadeira escolha?

Seu olhar brilhava, assim como tudo à sua volta.

Meus lábios se entreabriram, incapazes de pronunciar qualquer som. Ela continuou ali, encarando-me de forma arrebatadora, aguardando uma resposta que eu estava prestes a dar, quando conseguisse me livrar da hipnose que seus olhos enormes causavam. Ergui com cautela uma das mãos e toquei em seu rosto. Sua pele fria corou encantadoramente. Desci os dedos por seu pescoço fino, afastando algumas mexas perdidas por ali, ciente de que aquele era um caminho sem volta, mas tão inconsequente quanto. Meu toque a fez arrepiar e automaticamente, prendi a respiração.

— Isso pode ter consequências! — Murmurei inebriado, perdendo o discernimento do que estava falando.

— Nós seremos a consequência.

No segundo em que seus lábios se fecharam, envolvi sua nuca com uma das mãos e com a outra, enlacei sua cintura. Sua pele, antes fria, começava a queimar. Senti tremores em meus braços, que não vivenciava nem quando realizava a ronda por horas, tendo nas mãos um dos fuzis de

precisão que pesava quatro quilos. Tê-la em meus braços era surreal.

Olhei para seu rosto, doce e frágil e compreendi que havia chegado o momento. Uni meus lábios aos dela, sentindo o encanto causado pelo seu gosto em todo o meu corpo. Lábios doces e macios, através dos sentimentos que nos embalavam. Arfava a cada movimento, como se aquele beijo não bastasse. E não bastava.

Segurei firme em sua cintura e pressionei seu corpo contra o meu, tomando a precaução de não a machucar por um deslize de força mal aplicada. Sua pele clara lembrava porcelana e temi conseguir quebrá-la com tamanha ânsia que me possuía. Suas delicadas mãos acariciavam meus cabelos, transportando-me para um lugar que eu não visitava há anos. A sensação de prazer invadiu cada uma das minhas células. Nossos lábios dançavam um som que apenas nós dois éramos capazes de ouvir. O som da mais completa e prazerosa despreocupação. Percebi a reação que o calor daquela mulher causava em meu corpo e soube que, se continuasse, avançaria as barreiras. Soltei-me dos seus lábios naquele exato momento.

— É melhor eu ir embora! — Encostei minha testa na dela e fechei os olhos, sentindo todas as veias do meu corpo pulsarem.

— Não pode ficar?

— Esse é o meu maior desejo. — Suspirei soltando seu corpo. — Infelizmente, não posso. — Se eu ficasse acabaria me entregando ao desejo em meu peito. Isso eu não poderia permitir.

Beijei sua testa pensando em como eu agiria dali em diante. Desci os lábios por seu rosto, criando um rastro de beijos até alcançar sua boca. Demorei-me mais um pouco ali, aproveitando cada precioso segundo, como em um sonho do qual não desejava despertar.

— Você é a minha perdição. — Por ela eu quebrei as regras mais absolutas que já havia estipulado. E quebraria mais mil, se necessário fosse,

apenas para beijar aqueles lábios novamente.

— Tenha uma boa noite, comandante! — Suas bochechas avermelhadas estavam escondidas pela sombra da porta.

— Durma bem, Digory! — Caminhei três passos de costas, ainda olhando para ela que deu um sorriso tímido.

Virei para frente cerrando os punhos, controlando a vontade de voltar para ela.

Nós somos a consequência.

As palavras de Digory ecoaram em minha mente enquanto subia as escadas em direção ao meu quarto. Não conseguia prever o que aquilo significaria para nós dois. Pela primeira vez em tempos, a situação havia fugido do meu controle.



Capítulo 12

Deve-se temer mais o amor de uma mulher
do que o ódio de um homem.
Sócrates

O Primeiro

ENFIEI A CABEÇA embaixo do jato quente do chuveiro, sentindo o vapor da água preencher minha mente. Certa exaltação se manifestava em meu peito, recordando os poucos minutos que vivi com ela. O toque de suas mãos, a maciez de seu corpo ou o aroma que exalava de sua pele, tudo era extremamente inebriante. Estava me viciando na droga mais poderosa, corrosiva e absolutamente deliciosa que existia na face da terra. E por mais que devesse, não desejava me curar daquele vício.

Entrei em meu quarto sem acender a luz. Estava tarde, e nesse outono, diferente dos demais, o frio estava presente, em uma sensação de 14ºC. Desabei em minha cama, puxando para junto de mim o edredom e a coberta, que prestava reforços. Coloquei as mãos relaxadamente atrás da nuca e encarei o teto sob o barulho do vento nos vidros da janela. As folhas das árvores resistiam bravamente, mas acabavam se entregando a nova geração de folhas que estava por vir, em suas cores ocre e laranja, ambientando toda a Área Militar de enfeites coloridos.

Assim como o outono mudava cada uma daquelas árvores a ponto de

não se reconhecerem mais, Digory havia mudado algo em mim. Jamais, em hipótese alguma, me imaginava entrando no quarto de uma das moças daqui ou sequer tendo a vontade de fazer algo do tipo.

Remexi meu corpo na cama, sentindo-me desconfortável pela quantidade de sentimentos conflituosos que cercavam minha mente. O que estava acontecendo comigo? Eu nunca fui tão descuidado em toda a minha carreira. O que havia mudado?

Ergui o braço e acendi a luz do abajur, disposto a resistir ao sono e encontrar uma resposta para todas as dúvidas que cercavam minha mente.

Desci meus olhos para a arma colocada estrategicamente na cabeceira da cama, sobre o armarinho que sustentava o abajur e um frio, diferente do que corria do lado de fora daquelas paredes, serpenteou por minha coluna.

Aquilo era... medo?

Não! Impossível!

Eu não tinha motivos para temer. Mesmo que necessitasse usar minha HK, aquilo fazia parte do meu serviço. Manusear aquela arma. Mirar. Atirar. Ainda que o alvo estivesse em posse de algo precioso demais. De *alguém* valiosa demais.

Soltei o ar pelas narinas, inquieto com a hipótese de ter Digory sob a mira de alguém.

Quantas vezes eu ainda teria que passar por algo daquele tipo? Eu deixei de sentir medo há anos quando entendi que eu não podia fazer muito mais do que dar a vida por aqueles que amava e protegia. Foram tantas às vezes que desejei que tudo fosse diferente, para descobrir que, na verdade, aquele era meu lugar. Aquela era a minha arma.

— O que mais iremos vivenciar juntos? — Encarei a nove milímetros em seu tom preto reluzente, como se ela pudesse me ouvir. Meus olhos pesados de sono começaram a viajar pelo passado, enquanto a cama deixava

de ser macia, e um frio assolador, que nada tinha a ver com o vento lá fora, tomava conta de cada centímetro do meu corpo.

Em muitos momentos a única companhia verdadeira que dispunha era a daquela arma. Em negros momentos, contei com sua resistência e me vi buscando alguma força similar dentro de mim. Julgava o homem que havia me tornado no momento que decidi usá-la. A mesma arma que pertenceu ao meu pai, a mesma que tirou e salvou vidas, mas ainda assim, perdeu a guerra mais importante de todas.

29 de outubro de 2009

O dia tinha nascido espetacularmente claro e florido. Eu estava completando meus vinte anos em uma das melhores fases da minha vida. Acabei de finalizar o bacharel em Engenharia e Artes Liberais em primeiro lugar da Academia Militar em West Point, Nova York, a qual possuía uma acirrada competição para ingressão. Aceitavam como alunos apenas jovens extremante bem indicados por Senadores, Governadores ou pelo Primeiro Comandante da Área Militar, ou seja, meu pai.

Ainda sentia a energia adquirida no curso de quatorze semanas destinado a oficiais que iniciei logo após ter recebido meu diploma. Um curso em que também me formei com méritos.

Era a primeira vez, em anos, que eu poderia comemorar com minha família. Desfrutando de um tempo agradável com as pessoas que eu mais amava na vida. Com certeza, existiam inúmeros motivos para comemorarmos. Então meus pais resolveram que seria apropriado fazer uma comemoração familiar, onde não havia lugar para as nossas armas e patentes, nem para a guerra que nos esperava dia após dia. E sem nenhum arrependimento, deixamos todo a armamento trancado na sala de armas — se desconsiderarmos as pequenas armas escondidas fixamente pela casa. Aquele seria um dos nossos raros dias de folga.

Melissa me recebeu com um pequeno presente, mal sabendo que naquele dia reservei a maior surpresa de todas para ela. Abri a caixinha vermelha decorada, puxando de dentro uma correntinha de prata com um pingente de insígnia militar. Sorri satisfeito, e dei-lhe um beijo, sentindo o aroma doce que exalava de seu corpo. Eu estava ansioso, deveria admitir e como um animal acuado, esgueirei-me até a sala, colocando discretamente o meu presente para Melissa junto aos outros.

Olhei para o montante de presentes e lembranças que recebi da minha família, de Melissa e de vários amigos e mais uma vez me senti a pessoa mais sortuda do universo. Minha mãe me obrigava a fazer essa pequena pirâmide ano após ano, com a justificativa de que atrairiam mais presentes no ano seguinte. Jamais a indaguei, mas furtivamente inclui uma caixinha dourada no meio dos outros presentes. Aquela caixinha abrigava fisicamente meus sentimentos por Melissa. E para mim, não existia hora mais adequada para pedi-la em casamento.

— Meu anjo — Sua voz me pegou desprevenido e como um bandido descoberto, arregalei os olhos. — Sua mãe quer aqueles talheres de prata antigos para pôr a mesa. — Sorriu pidona. — Poderia ir buscá-los? Estou ajudando Leah na cozinha.

— Claro. — Fui até ela e roubei-lhe um beijo. — Volto em minutos.

Desci o alpendre da varanda e me dirigi até o salão principal. Em questão de minutos, estava separando os talheres de prata dentro da adega ao lado do refeitório. Separei garfos, facas e colheres de tamanhos variados, evitando ter que retornar ali novamente. Sai do salão encontrando um grupo de jovens.

— Bom dia, senhor! — Senti uma sensação estranha. Ainda não havia assumido os regimentos da Área Militar e todos pareciam saber que o momento estava se aproximando. Tratavam-me como se eu já possuísse

alguma autoridade naquele lugar, e aquilo me dava medo. Há alguns meses eu me peguei cogitando novas ideias. Em nenhuma delas estava incluso assumir o comando da Área Militar. Suspirei fundo, libertando-me daquela confusão de pensamentos. Hoje era meu dia de folga, e eu iria aproveitá-lo ao máximo.

Andei a passos largos, ansiando retornar para a nossa pequena comemoração. Pensava nas reações diversas de Melissa quando fizesse o pedido ou de minha mãe. Não sabia qual delas deveria temer. Uma felicidade satisfatória invadiu meu peito quando, ao longe, avistei nossa casa e suas paredes brancas de madeira.

Em um segundo a casa estava ali, firme diante dos meus olhos. Abrigava toda a minha família em um dos raros momentos de descontração que poderíamos usufruir. Tudo o que eu tinha e todos os meus planos estavam dentro daquelas paredes, dividida em dois andares e ornamentada por vasos de rosas. No segundo subsequente, um barulho estrondoso abalou a estrutura do chão sob meus pés. Fui atingido por uma forte pressão, que projetou meu corpo a dois metros de distância de onde eu estava.

— AHHHH!

Desabei no chão, colocando as mãos sobre os ouvidos e urrei, tentando inutilmente diminuir o som que estourava minhas têmporas. Os talheres de prata se espalharam por todos os cantos, assim como as madeiras da minha casa.

—Pai... — Sussurrei em meio ao caos. — PAI! — Meu corpo estava paralisado. Era um pesadelo. Um terrível e doloroso pesadelo. Eu não podia acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo.

As pessoas se aglomeravam ao meu redor em uma rapidez impressionante. Revirei meu corpo no chão de terra, sentindo a dor se alastrar por toda a minha pele e, com dificuldade, consegui me levantar.

— Senhor Clarent, consegue me ouvir? — Um dos soldados havia me alcançado enquanto vagava sem rumo em direção aos destroços da explosão, ora cambaleando, ora enxergando através da visão turva.

O batalhão ao redor da minha casa aumentava, os curiosos também se aproximavam. Ouvi o choro dos habitantes da Área Militar, lamentando a perda de seus comandantes. Meu coração estava parado, endurecido em um pesadelo do qual eu implorava para acordar.

Caminhei embaixo dos clamores e chamados das pessoas ao meu redor até chegar próximo ao que restou de nossa casa. O odor de morte que somente uma bomba poderia deixar para trás empesteava o ar. A cena à minha frente era desoladora. Havia pedaços de tudo que me restava espalhado por cada um dos centímetros ao meu redor. Não havia sangue, não restavam corpos. A explosão destruiu tudo.

Naquele momento, me entreguei.

— Draco! — A voz desesperada de Savanna conseguiu me alcançar. —DRACO! — Meus pulmões entraram em colapso. Não havia espaço para o ar. Não havia mais motivos para continuar respirando.

Caí de joelhos, sem forças antes mesmo que ela me alcançasse. Larguei os braços ao lado do corpo e desejei no meu íntimo estar dentro daquela casa ao lado de minha família.

Savanna me alcançou e se ajoelhou ao meu lado, me puxando para seus braços sem encontrar resistência. Minha garganta ardeu, meus lábios se abriram e fui tomado por uma dor inacreditável. Desabei em um choro profundo, silencioso e imóvel, sendo amparado por ela. Seria menos doloroso arrancar minha pele parte por parte. Aceitaria de bom grado ser morto mil vezes se aquilo me livrasse de testemunhar a destruição de toda a minha família.

Eu perdi tudo naquele dia maldito! Tudo o que tinha, tudo que ainda

viria a ter!

Ainda sentia o odor fétido. Ainda via a morte em cada um dos cantos que olhava. Ainda sentia a dor cortante e pulsante...

Pisquei os olhos por incontáveis vezes, tentando expurgar do peito aquele aperto repentino. Enrosquei os lençóis de linho entre os dedos e olhei para os lados várias vezes, conferindo a normalidade ao meu redor, tentando voltar à realidade do meu quarto.

Inspirei o ar frio, até que se alojassem em meus pulmões.

Passei as mãos pelo rosto tentando esquecer os pensamentos do passado que vieram à tona, mais uma vez.

A dor excruciante que passei não me destruiu por completo por dois motivos. Paul e Savanna Digory. Kimberly não fazia ideia do meu objetivo em localizar os assassinos de sua mãe. Não era apenas pelo meu dever de comandante. Era pessoal. Eu tinha o dever e a necessidade de encontrar os assassinos de Savanna, assim como proteger Digory com minha própria vida. Olhei novamente para minha arma, sabendo que jamais estaria sozinho naquela caminhada.



Capítulo 13

Há algo em mim que me puxa
pra baixo da superfície
Consumindo, confundindo
Linkin Park - Crawling

O Primeiro

ABRI OS OLHOS com uma lentidão exasperada, sentindo um peso absurdo me prender à cama. Há quanto tempo eu não dormia mais que quatro horas?

Estiquei os braços e no mesmo instante senti uma fisgada de dor aguda no ombro. Provavelmente eu dormira de mau jeito na noite passada. Varri o quarto escuro com os olhos, buscando na penumbra qualquer sinal dos raios de sol que geralmente adentravam o cômodo pela manhã, mas tudo que consegui enxergar foi a escuridão que me envolvia. Tateei o móvel ao lado da cama até que meus dedos tocara o relógio sobre ele.

Cinco horas da manhã.

Girei meu corpo para o lado, tentando recuperar mais uma hora de sono. Revirei para o lado oposto, repuxando todas as cobertas, porém não obtive resultados. Tentei de bruços, de costas e nada. Tão rápido como surgiu, o sono havia fugido para longe de mim.

Respirei fundo e ergui o corpo sem vontade, disposto a fazer algo

mais útil do que lamentar o sono perdido. Preparar um café me livraria da sensação estranha que se apossara de mim. Meu corpo gritava por descanso, mas minha mente não permitiria que isso acontecesse. Era como andar em uma esteira. Meu corpo se movimentava, sem realmente sair do lugar.

— Cafeína... — Sussurrei, mentalizando a solução dos meus problemas.

Os aposentos dos comandantes eram diferentes dos demais do prédio. O ambiente foi desenvolvido baseado em modelos lofts, para me abrigar durante tempo integral, caso fosse necessário. Dois quartos de tamanhos iguais, uma sala conjugada com uma pequena cozinha e um banheiro. Tudo decorado de forma rústica e aconchegante. Uma ideia original da mente cautelosa de Leah Clarent.

Minha mãe se preocupava com a hipótese de os comandantes enlouquecerem de stress afastados de suas casas e famílias. A forma que ela encontrou para diminuir esses impactos foi criando esses ambientes, um a um. Uma das minhas partes prediletas era, sem sobra de dúvidas, a sala. O grande sofá cinza aveludado abrigou meu corpo cansado em inúmeras noites, onde o trabalho falava mais alto e eu adormecia sobre meus relatórios. O quadro pendurado na parede central, posto com cautela sobre a parede branca, transformava a sala em um ambiente rústico e moderno. Na grande estante clara que segurava a TV, haviam jarros de barro em formatos artísticos que coloriam todo o lugar. O chão era coberto por um piso de madeira que deixava o local ainda mais aconchegante e quente. Dentro do meu loft, as noites de inverno não eram tão rigorosas.

Eu detestava o frio quando era jovem. Minha mãe dizia que minha energia era puro sol e luz, por isso eu odiava o inverno. A verdade era que eu me divertia mais indo à praia com minha família, nas raras férias que tivemos, do que enfiado em um chalé, impossibilitado de fazer qualquer coisa

pela neve que bloqueava tudo a nossa frente.

Cheguei a me perguntar se minha mãe cogitou a ideia de que um dia eu viveria em um de seus lofts, e por isso, preocupou-se em mantê-los o mais aquecido possível.

Um sorriso tolo surgiu no canto dos meus lábios imaginando que sim, ela teria pensando nisso. Meus olhos se perderam ao perceber que, hoje eu não era mais o jovem cheio de luz que ela conheceu. Parecia-me mais com o inverno do que gostaria de admitir. Ergui os olhos, contemplando mais uma vez o lugar desenhado por minha mãe, sentindo um orgulho enorme crescer em meu peito, assim como a saudade. A dor pulsante começava a retornar. Balancei a cabeça, decido a não permitir que aquilo me afetasse. O dia estava apenas começando e havia muito que se fazer.

Segurei, de maneira familiar, minha xícara de café quente com uma das mãos e com a outra, alcancei meu notebook. Caminhei em direção ao sofá e me joguei ali. Abri todos os relatórios referentes ao ataque aos pais da Digory, procurando algo que relacionasse uma coisa à outra.

Perguntas vagavam em minha mente sempre que eu pensava em como tudo ocorreu. Quem ordenou o ataque? Sabiam da existência de dois agentes do governo infiltrados? Conseguiriam rastrear Paul?

Baseava tudo em uma probabilidade imperfeita. A mais pura e infundada intuição. Não tínhamos material algum para começar a trabalhar, a não ser o testemunho de Paul, que por sinal, estava desaparecido.

Havia um nome no topo da minha lista de suspeitos. O motivo? Ele era o chefe de uma das maiores organizações criminosas com a qual já tivemos que lidar. Em minhas suspeitas, não havia ninguém, além desse homem, capaz de promover e custear um projeto que envolvia cientistas conceituados e a elaboração de um decodificador de senhas bancárias de alta eficiência. Ele tinha o capital necessário para bancar cada uma das exigências

desses profissionais, assim como, apenas ele teria homens treinados e capazes de encurralar os Digory de forma tão violenta. Não passavam de alegações vãs, mas ainda assim, elas me levavam a crer que Morton estava por trás de toda aquela merda e geralmente minha intuição não falhava.

Vaguei pelas escritas me entregando aos detalhes, buscando alguma brecha. Eu precisava encontrar algo, um detalhe que fosse. Qualquer coisa que podemos ter deixado passar. Os segundos começaram a correr, ligeiros. Depois os minutos e em seguida as horas. E absolutamente nada fazia sentido.

— Merda! — Joguei o monte de rabiscos que fiz aleatoriamente no canto do sofá, contendo a ira que me induzia a fazer o mesmo com o notebook depois de horas trabalhando sem encontrar nenhuma resposta.

Desviei minha atenção dos relatórios e endireitei o corpo no sofá quando ouvi passos parando rente à porta de entrada. No mesmo instante, desferiram três batidas fortes na porta.

Caminhei até a entrada, retirei as travas e abri a porta, encontrando o rosto sólido de Kian ao lado de Jason.

— Primeiro! — A voz de Kian surgiu abafada enquanto ele passava por mim e entrava em meu loft.

— Comandante. — Jason meneou a cabeça, seguindo-o.

— O que houve, Kian? — Perguntei esperando o pior. Ele raramente se dirigia até o meu loft tão cedo.

— Sucederam novas interferências nos infravermelhos do setor zero meia, Primeiro. — Kian revelou reflexivo.

— Estamos a caminho agora mesmo, comandante. Compareceremos no setor. — Jason concluiu, olhando apreensivo pela janela da sala.

— O que quer que seja, desvendem. Pode ser nossa única oportunidade. — Meus olhos se perderam em um abismo imaginário. — Está

claro que há algo errado. O sistema nunca falhou antes.

— Nada passará por nós! — Kian enfatizou, distribuindo uma amostra de sua tranquilidade.

— Acredito nisso! — Desviei meus olhos para o homem de cabelos negros, agora escorado no batente da janela.

Jason sempre foi o tipo de agente calado, eficiente e inteligente. Um homem de muitas ações, mas poucos olhares. Era difícil imaginar o que passava por sua mente. Nos últimos dias ele pareceu ter ficado cada vez mais distante, apreensivo. Aquela atitude não era comum, principalmente diante das novidades que se estabeleceram na Área Militar. Havia riscos que eu não estava disposto a correr e imaginar a vida de um dos meus, nas mãos erradas, com certeza era o primeiro item de uma lista de coisas que eu jamais permitiria. Não admitiria, não suportaria a ideia de perder mais alguém. Não confiaria a vida de Digory a um homem com os princípios duvidosos. E infelizmente, o caráter de Jason se tornou questionável. Ele não poderia fazer parte dos meus planos, não enquanto eles envolverem... ela!

Uma nova organização havia surgido em minha mente e um novo nome seria responsável por conduzir Kimberly até o setor Zero Quatro.

Escondido pela natureza, o setor Zero Quatro contava com os sistemas antibombas mais potentes do mundo. Sua sala a prova de sons manteria a calma, evitando um colapso nervoso causado pelo combate nos habitantes. Os vidros eram temperados e a prova de munições alto calibre e granadas. Todos ficariam seguros naquele lugar, inclusive ela.

— Jason, — o homem ergueu o olhar negro e solitário em minha direção, mantendo a rígida postura — peço que desconsidere as ordens passadas a você na nossa última reunião. — Kian cravou os olhos em mim, como se eu tivesse lido seus pensamentos.

— Algo mudou? — Jason comprimiu os olhos, fazendo com que um

vinco surgisse entre as suas sobrancelhas. Estava tenso.

— Sim. — Apertei os lábios, sustentando seu olhar, tentando enxergar qualquer resquício de dúvida que sustentasse minhas suspeitas — Preciso que sua atenção seja voltada para a zona de comando. Em qualquer atividade suspeita, quero que reúna os soldados e organize a defesa.

— Primeiro, — após sugar o ar de forma discreta, Jason começou a ficar inquieto, encarando Kian e eu de forma alternada. Ele estava evitando meu olhar? — não acredito que exista alguém mais capaz que eu para conduzir a senhorita Digory até o setor Zero Quatro. Por isso, — mais uma vez seus olhos escaparam dos meus — discordo de sua decisão. — Ele aplumou o corpo, criando mais coragem. Kian comprimiu os olhos e percebi quando seus dedos se fecharam ao redor do encosto do sofá.

— Você compreende que o que sai da minha boca são ordens, comandante? — O rosto de Jason perdeu a cor em instantes, o que me deixou ainda mais intrigado. Ele emitiu um som estranho, como se tentasse recuperar a voz antes de prosseguir.

Arqueei as sobrancelhas, sentindo minha paciência se esvaindo entre meus dedos. Coloquei as mãos tensionadas na cintura, esperando sua resposta.

— Compreendo. — A palavra saiu cuspida.

— Essa função foi repassada ao soldado Billy Underwood. E somente ele tem a autorização para remoção da Digory a partir deste momento. — Continuei, reforçando a informação. — Entendido?

— Entendido! — Resmungou entre os dentes.

— Sua responsabilidade aqui é grande, Jason. Espero não me decepcionar com suas convicções. Não gosto de ser desapontado.

— E não será! — Ele correu os olhos de Kian para mim mais uma vez e sem mais palavras, me lançou um cumprimento e saiu pela porta de entrada.

Observei-o fechar a porta e deixar para trás um silêncio inquisidor.

— Jason não ficou muito satisfeito com as novas direções. — Kian observou.

— Não me importo. Preciso confiar em quem realiza as retiradas. Isso já não acontece mais em relação a Jason. — Esfreguei os olhos.

— Underwood é confiável. Um jovem centrado. Além de não ser um rosto desconhecido para Kimberly, por ter participado da retirada em Dashville. Foi uma boa escolha. — Kian deu dois passos em minha direção antes de se jogar no sofá ao meu lado. — O que está havendo com você?

— Estou preocupado, mas isso você já tem ciência. — Respondi, escondendo um sorriso nervoso. Sempre soube que Kian tinha como característica marcante em sua carreira o desenvolvimento de análise de perfis.

Naquele momento, tive medo que ele pudesse ler meus pensamentos e descobrisse a paixão avassaladora que habitava meu peito.

— “Nada é permanente nesse mundo perverso, nem mesmo nossos problemas.” — Cruzou os braços olhando para mim. — Charles Chaplin, comandante.

— Isso deveria me tranquilizar?

— Sim. — A voz de Kian era calma, ainda que estivéssemos navegando em meio a uma tempestade avassaladora. — Nem sempre haverá um problema, uma nova retirada de urgência, uma situação estressante. Mentalize isso. — Suspirou. — Em algum momento, teremos paz, mesmo que por questões de milésimos de segundos.

— Está sendo difícil. — Apertei as têmporas. — Esse ano mais que os outros.

— Não se trata somente de você, estou certo? — O silêncio entre nós responderia à pergunta de Kian. Acanhado, concordei com a cabeça.

Não sabia se isso o incomodaria, entretanto, segredos jamais eram mantidos entre nós dois.

— Cada passo em direção a ela te aproxima mais de seus temores. — Ergui meus olhos para ele.

— Reconsiderou a vaga de Analista comportamental que o FBI te ofereceu? — Comecei a rir seguido por Kian que negava insistentemente com a cabeça. — Fico aliviado.

— Sei que é difícil, mas não abra mão de uma chance de felicidade. — Ele se referia a ela.

— Trazê-la para esse mundo é injusto demais para aceitar de bom grado, Kian. Sabe muito bem o que pode acontecer. Chego a temer cada um dos segundos que sequer vivi ao lado dela.

— O medo deriva da nossa sabedoria e conhecimento sobre a área que escolhemos servir. — Ele apoiou os cotovelos nos joelhos, olhando para um horizonte distante. — Tenha em mente meu amigo, que Kimberly nasceu nesse meio e sempre estará envolvida. Isso você jamais poderia mudar.

Percebi que sentia falta dos raros momentos que Kian e eu podíamos deixar nossas patentes de lado e viver bons momentos entre velhos amigos. A última vez que me lembrava, saímos para beber em uma noite agradável de verão na parte mais badalada ao norte de Bristol. A nossa frente, os gigantes braços de dois violões abraçavam a adega de bebidas e ornamentavam o lugar, ao som do melhor do rock. Ninguém fazia ideia de quem éramos e como sempre, nossas armas foram as parceiras que nos acompanharam na noite.

— "*Ame tudo, confie em alguns, não faça mal a ninguém.*" — Kian recitava a caminho do carro, inebriado pelo álcool.

— Quem disse essa *droga*? — Completei a gargalhadas.

— Willian Shakespeare. Um sábio avançado em seu tempo. — Jogou

os cabelos para trás em uma encenação terrivelmente engraçada.

— Meu ditado seria claramente o contrário. Shakespeare não sabia de nada! — Protestei. Minhas vistas embaçavam. — Não ame ninguém, não confie em ninguém e não faça merda nenhuma. — Kian brecou.

— Meu amigo, não negue ao homem dentro de você as alegrias do "não saber".

— Kian Ross, declaro publicamente que você, como comandante, nerd e coração de manteiga, não sabe mais o que está falando.

— Tem razão! — Ele me deu um soco no ombro e rompeu em gargalhadas. — E faça mal a quem te fizer mal. — Seu lado "quase" do mal apareceu, o que me fez cair em uma crise de risadas descontroladas.

— Principalmente, se tiver uma arma apontada para você. — Gritei.

Não fazia ideia do que estava falando. Apenas um bêbado frustrado, trocando as pernas, apoiado em meu melhor amigo que, apesar de tudo, prosseguia firme.

— Eu dirijo. — Afirmou, olhando para os lados sistematicamente, confirmando se não havia ninguém por perto. Mesmo bêbado, Kian era incapaz de não ser precavido. — Você não está em condições.

— E você está? — Perguntei me jogando no assento do passageiro.

— Mais firme que você, Primeiro? — Seu rosto parecia um borrão com cabelos compridos até as orelhas. — Com certeza. — Kian riu alto e acelerou o carro.

Assim que pegamos a estrada para a Área Militar, nosso corpo entendeu que deveria aumentar a adrenalina em nosso sangue. Kian já estava sóbrio enquanto eu sentia as dores de cabeça começarem. Um dia excepcional, que nos fez perceber que além da farda, dos treinamentos intermináveis e poderes militares, éramos apenas dois homens que necessitavam de um momento de distração.

— Kian... — Voltei à realidade, em que meu parceiro me encarava, sentado na minha frente, provavelmente imaginando em que lugar do mundo eu tinha ido parar.

Pensei em dizer a ele tudo que se passava em minha mente. Meus pensamentos começaram a vagar por lugares sombrios e inóspitos.

O desespero que sentia quando lembrava de Melissa e o fim que eu levei até ela. Uma jovem, com um futuro promissor pela frente em sua carreira médica. Não teve sequer a oportunidade de se formar, sendo levada de forma covarde desse mundo rijo. Começava a recear que a história se repetisse em um déjà vu hediondo.

— *Eu sei*! — Seu olhar escureceu. Ele esteve ao meu lado em meus momentos de trevas, onde eu não me reconhecia. — Agora estamos aqui para manter as coisas em ordem. Apenas confie.

— Sempre expus que não existe alguém em quem eu confie mais que você, Kian. Sabe disso.

— E pretendo continuar vivo por muito tempo. Sendo assim, continue a confiar. — Relaxei os músculos. — Encontro com você assim que conferir os infravermelhos.

— Está com o M16? — Kian não soltava aquele fuzil.

— Hoje não será necessário. — Confirmou confiante prestes a partir. Gesticulei um adeus e ele se foi.

Concedi a minha mente um repouso de cinco minutos, antes de regressar a pesquisa dos meus infinitos relatórios, mas, quase uma hora depois, ainda não havia encontrado nada sucinto. Soltei o notebook esfregando o rosto. Bati os dedos sobre o teclado e me peguei tendo uma nova ideia no sentido oposto à pesquisa. A dona dos cabelos ruivos estava envolvida e dei liberdade para que esses pensamentos aflorassem. Levantei organizando melhor meu plano. Ah, meu Deus! Aquilo era uma loucura.

Irremediável e provavelmente assustadora, mas que se dane. Eu precisava encontrar uma cesta. Rápido!



Capítulo 14

O amor é como a guerra, fácil de
começar e muito difícil de terminar.
Ninon de Lenclos

Kimberly Digory

MEUS OLHOS ESTAVAM perdidos na relva que cobria parte da Área Militar sob um horizonte lindo. Atrás das infinitas árvores do bosque, nascia um sol brilhante e tímido, escondendo-se atrás das nuvens, tornando tudo ao seu redor alaranjado e brilhante. Abracei meu corpo, enquanto me apoiava na janela do meu quarto. *Meu quarto!*

Por mais que aquele lugar ainda parecesse desconhecido para mim, eu deveria começar a aceitar que havia coisas e... pessoas que faziam com que eu me sentisse em casa, por mais estranho que fosse.

O sol havia nos agraciado nessa manhã e a animação pairava sobre mim. Tamborilei os dedos no batente da janela, lembrando-me que a noite anterior tinha grande influência sobre toda aquela euforia. Ainda sentia os lábios quentes do comandante passeando por meu pescoço. Sem esforços, ele tirou de mim qualquer chance de dormir tranquilamente. Podia ouvir sua voz, firme, porém temerosa, através da porta do meu quarto, aguardando que eu fosse até ele.

Eu desejava sua presença mais que tudo naquele momento e quando ele me tocou, algo acordou em meu peito.

Era diferente de tudo que havia vivido. Uma pulsação estranha se alastrava pelo meu peito, misturando-se a falta de ar que aquele par de olhos me causava. Meu corpo tremia apenas de vê-lo, e algo me dizia que, depois da noite de ontem, as coisas iriam piorar... e muito. Eu necessitava descobrir o que tudo aquilo significava.

Meus olhos se perderam no instante em que o vi, minhas mãos amoleceram, transformando-se sem cerimônia alguma em um par de gelatinas e eu poderia jurar que ele sentia o mesmo. Um aroma emanava de seus lábios e se misturava em sua respiração, me deixando completamente estupefata. Sua barba recém-cortada provocava um rastro de arrepios onde quer que tocasse, como se eu estivesse sendo eletrocutada. E para meu maior espanto, estava amando cada uma daquelas estranhas sensações.

Peguei-me desejosa de mais apenas com aquelas lembranças. Mais beijos, toques, sussurros. Qualquer coisa que não necessitasse ter fim. Naquela noite, enfrentei sensações jamais conhecidas por mim. Ergui os olhos e lá estava ele. Seu olhar me consumia, mas suas mãos se controlavam. Seria ardiloso demais cobiçar menos controle de sua parte?

Passei as mãos pelos cabelos, envolvendo-os em um alto rabo de cavalo, ainda com os olhos pregados naquela janela enorme que mais parecia um quadro vivo, vendo ao longe todas as árvores em uma dança casual embaladas pelo vento. As cerejeiras se preparavam para seu espetáculo anual de outono conhecido mundialmente. As folhas começavam a mudar de cor. Algumas voavam por todo lado, enquanto outras esperavam pelo momento certo, onde cada folha brilharia de uma forma diferente, com cores mais vivas em seu deslumbramento. Assim como aquelas folhas, eu também deveria encontrar uma nova forma de brilhar, viver e renascer das cinzas em que

havia sido jogada.

Pulei por cima da cama e peguei um pequeno pen drive guardado na gaveta do armarinho. Conectei ao som e deixei a playlist ecoar pelo quarto. Ao som de Lonely Day, do System of a Down, regressei há alguns meses, quando minha amiga e eu aproveitávamos momentos que agora pareciam muito distantes. Olivia havia escolhido cada uma daquelas músicas e afirmava com convicção que eu adoraria todas elas. Não poderia negar, ela conhecia bem os meus gostos. Seu rosto amarelado me veio à mente. Os cabelos negros partidos ao meio, olhos marcados por um delineador escuro, um coração de ouro e um sorriso acalentador. Nada poderia descrever melhor aquela garota. Olivia tinha o poder de sugar meus pensamentos tenebrosos e aliviar minha vida.

A faixa de som mudou e eu percebi que não suportaria toda aquela nostalgia. A voz cadenciada do cantor preencheu os poros do meu corpo com um pesar absurdo, fazendo com que minha respiração fraquejasse de saudade.

I Miss You
Eu sinto sua falta

E como sentia.

Um aperto forte flamejou meu peito e antes que a melodia avançasse e me transportasse para a beira da loucura, corri até o som e apertei o pause. I Miss You, do Blink 182, acabara de ser listada na minha nova playlist de músicas proibidas.

Afastei-me refletindo o motivo daquela vontade louca de chorar. Era a saudade que espremia sem piedade meu coração. Aquela breve felicidade foi afastada violentamente.

Ansiava por vê-la novamente. Aquele sorriso que sempre levantava

meu astral. Sua energia positiva, sua graça.

Oh Deus, sua amizade!

Eu precisava ouvir sua voz agitada, ao menos. Ligaria, se não tivessem tirado meu celular de mim.

Mordi o lábio inferior, enquanto imaginava o que se passou na mente de Olivia quando sai correndo, largando tudo para trás e não retornei. Tinha tanto para contar a ela. Precisava desabafar sobre esse sentimento que descontrolava minha respiração no momento que ele tocava minha pele, ou talvez ir além, e revelar a vontade de fechar os olhos e permitir que ele se aproximasse ainda mais. Queria contar para minha amiga como as primeiras noites foram difíceis, e como a morte da minha mãe ainda latejava em cada uma das minhas células. Queria contar como estou começando a me equilibrar sobre os dois pés, sem cair, bem... ao menos estou tentando.

Ela adoraria Chloe e Lucy, assim como iria amar cada um dos soldados que trabalhavam naquele lugar. Provavelmente, iriamos apelidar metade deles e rir juntas, decidindo com qual casaríamos e teríamos uma penca de filhos de cabelos raspados.

Suspirei fundo, controlando-me mais uma vez. Fechei os olhos e a imaginei. Tão linda como sempre foi. Por fora e por dentro. Minha amiga, minha irmã de alma...

Precisava de você aqui, *Olivia*!



Lavei o rosto umas cinco vezes, tentando me livrar de todas essas sensações conflitantes. Coloquei uma roupa leve e confortável, que incluísse calças largas e um tênis preto. Comecei espreguiçando o meu corpo e quando

percebi, estava fazendo um alongamento quase completo no meio do meu quarto entulhado de coisas por guardar. Tudo a procura de um pouco de paz interior.

Prendi meu cabelo novamente, tentando melhorar meu visual. Abri a porta do meu quarto e espiei o corredor que mais uma vez estava vazio e com as luzes apagadas. O que significava que ninguém havia passado por ali. Fechei a porta as minhas costas e prometi a mim mesma que continuaria meu dia da forma mais leve que conseguisse. Aquelas mudanças de humor estavam acabando comigo. Como em uma montanha russa, os momentos de alegria logo eram abandonados pelo desespero. Considerei uma visita a psicóloga Madeleine.

Desci as escadas rumo ao pátio central. Desviei de um jovem dos cabelos claros que andava distraído, segurando um livro em frente ao rosto. Minhas opções de atividades do dia variavam e não existia hipótese que não envolvesse minhas duas novas amigas, Lucy e Chloe. Pessoas singulares e fiéis. Completamente diferentes uma da outra, mas me agradava tê-las por perto.

Caminhei para fora. A brisa tocou suavemente em meu rosto. Um sopro morno, nada frio nem quente demais, apenas agradável. Por mais que meus olhos procurassem duas garotas de estatura baixa, meu coração ansiava por encontrar um homem alto, dos cabelos de ouro e dos olhos de esmeralda.

Percebi que ao meu redor alguns jovens olhavam na direção oposta à que eu estava indo. Torci o pescoço para trás e encontrei o motivo de toda aquela atenção.

— Senhorita Digory! — O som quase inaudível de sua voz fez com que meu rosto corasse instantaneamente.

— Primeiro! — Saudei tomada por uma mistura de timidez e pânico absurda.

— Espero que tenha dormido bem. — Um sorriso tomou conta do seu rosto, clareando dos lábios aos olhos profundos.

— Depende do que chama de bem. — Cuspi as palavras sem raciocinar o que elas significavam.

— Se teve problemas, deve me contar. — A veia em seu pescoço, quase escondida pela gola da blusa negra, se movia com suas palavras. — Provavelmente, posso ajudá-la. — Deu de ombros como se *ele* não fosse o meu problema.

Toda aquela roupa preta não ofuscava sua beleza, apenas realçava os olhos claros como o dia, o rosto quadrado, firme como o de um príncipe. O semblante quente e silencioso. Meu corpo começava a reagir, quase entrando em combustão. Temia que ele pudesse ouvir os batuques do meu coração daquela distância, apenas por sua presença. Eu estava completamente apaixonada por ele. No meio daquela guerra, eu havia sido a mais atingida.

— Nem todos os problemas podem ser solucionados de forma simples. — Argumentei, tentando me manter firme.

Seus olhos fugiram discretamente para o ambiente ao redor de nós dois, como se contasse o número de pessoas que nos observava.

— Vem comigo para uma volta rápida? — Cochichou.

Evitei olhar por cima dos ombros. Pelo olhar do comandante, a situação poderia estar menos discreta do que eu desejava.

— Eu adoraria, mas preciso tomar café. — Ponderei pensando no tremor que atingia meus dedos. Talvez não fosse uma paixão maluca a responsável por aquela breve fraqueza, afinal.

Eu não me perdoaria se meu estômago roncasse na presença dele.

— Não pretendo desmaiar na sua frente. — Afirmei categórica.

Ele sorriu e clareou ainda mais aquele dia lindo.

— Meu jipe está parado ali na frente e nele há, misteriosamente, uma

cesta de lanches.

— Como pode? — Entreabri os lábios, surpresa.

— Fui até seu quarto lhe convidar para um breve piquenique. — Ele apertou os lábios me fazendo notar uma pinta próximo a sua boca. — Mas a senhorita já tinha descido.

— Gosto de piqueniques. — Nunca havia ido a um e não fazia ideia de como me portar. Principalmente na presença de um comandante.

— Gosto de ver seu sorriso. — Pegou-me de surpresa, fazendo-me prender a respiração.

Será que aceitar aquele convite era uma boa ideia? Eu não sabia... meu corpo gritava que sim, meu coração também, somente o que restou da minha, nada saudável, mente, alegava que eu precisava ter cuidado. Principalmente, com beijos quentes e descontrolados.

Ah, Deus, eu estava perdida!

Caminhamos rápido até o jipe, como dois bandidos fugindo de espiões. O Primeiro acompanhava meus pequenos e rápidos passos, tentando não me ultrapassar. Chegamos próximo ao jipe camuflado. Com certa dificuldade, ele me ajudou a subir. Percebia que ele evitava o contato de nossos corpos e por mais que eu soubesse que ele fazia o certo, havia um imã dentro do meu peito que discordava completamente com aquele afastamento.

Quando entrei no jipe, bisbilhotei o banco traseiro e vi a cesta repleta de pães doces e salgados. Alguns biscoitos caseiros, bolo de chocolate e suco natural.

Seria indelicado da minha parte atacar um pedaço de bolo?

— Cinco minutos e estaremos lá. — Anunciou entrando com facilidade pela porta do motorista.

— Posso saber aonde vamos? — Indaguei.

— Não sabia que era curiosa. — Conseguia ver o rastro de seu sorriso

pela sua bochecha.

O frio deu uma trégua e os casacos negros espalhados por aquele lugar também. Escorri os olhos por sua vestimenta preta, observei de relance os músculos volumosos, que na noite passada haviam me envolvido de forma arrebatadora e antes que pudesse desviar o olhar, encontrei em sua cintura o objeto habitual de 9 milímetros na cor preta de todos os dias, levemente escondida pela blusa sem mangas.

Coloquei meus dois pés esquerdos para fora do jipe, com o auxílio da mão firme do Primeiro e instantaneamente arregalei os olhos quando encontrei a natureza me cercando. Deslumbrada pela visão, rodopiei no mesmo lugar, tentando captar todas as imagens. Podia sentir minhas pupilas alucinadas com tamanha beleza.

Havia um riacho curvo de águas claras, cercado por árvores coloridas. Suas folhas mudavam de acordo com a estação e agora, estavam em um tom vermelho vivo. Pedras apontavam de dentro do riacho, criando minúsculas ilhas por toda a sua extensão. Era a paisagem mais bela que já tinha visto. Um quadro vivo, pintado a dedo por Deus.

Meu corpo entrou em um estado de êxtase, enquanto eu respirava aquele ar frio e puro, senti minha mente desacelerar de tudo o que conflitava meus sentimentos e fui invadida pela mais absoluta paz.

— É incrível. — Balbuciei.

— Você é incrível! — Antes que eu me virasse ele me alcançou. Segurou firme em minha cintura e me abraçou por trás. — Você é mais bela que as cerejeiras mais brilhantes, e mais doce do que as águas desse lago. — Sua voz rouca me fez fechar os olhos.

— Como pode existir tanto em apenas uma pessoa? — Disse com dificuldade.

Ele me virou para frente, encarando meus olhos.

— Se soubesse as falhas que possuo, não diria isso. — Seu olhar era atrativo, mas existia algo sombrio ali.

— O que eu vejo é alguém forte, que além de sobreviver, se tornou destemido — Soltei o ar preso em minha garganta. — E temido.

— Temido, sim. Destemido, talvez. — Olhou para o céu. — Agora, forte? Se eu fosse forte estaria longe daqui. — Sussurrou. — Mas sou fraco. — Ele se aproximou, fazendo com que sua respiração quente tocasse minha pele e com delicadeza, envolveu meu rosto com uma das mãos. — Não cogito a ideia de não te tocar e isso é hoje minha única fraqueza. — Meu coração batia freneticamente contra a caixa torácica, enquanto uma das mãos do comandante enlaçou minha cintura, fazendo com que uma avalanche de sentimentos percorresse meu corpo, que agora estava ainda mais próximo do dele.

Com um pequeno impulso seus lábios se aproximaram dos meus e aquele frenesi que vivenciei retornou com força total.

Seus lábios quentes pressionaram os meus e logo, se afastaram, levando consigo todo o calor e expectativa.

— Você precisa comer. — Sentenciou e vergonhosamente meu estômago agradeceu. A frustração por ele ter interrompido nosso beijo perdeu bruscamente para a fome avassaladora que havia se instaurado sobre mim.

Escolhi o bolo de chocolate em meio às variedades apresentadas. Mastiguei, me sentando em um lençol azul esticado por ele na beirada do riacho. A proximidade permitiu que eu tocasse com as pontas dos dedos a água fria e límpida. Por um momento, cogitei pular de cabeça naquela imensidão, mas o frio que sentiria me levou a desistir covardemente.

— No que está pensando? — Perguntou observando cada parte do meu rosto como se mapiasse os detalhes.

— No quanto minha vida mudou desde que cheguei aqui. E que este

bolo está maravilhoso. — Sorri sem mostrar os dentes.

O Primeiro encostou o dedo em minha bochecha.

— Quero que se sinta em casa. — Arqueou as sobrancelhas.

— Estou me acostumando aos poucos. Agora nem tudo me dá medo.

— Nem tudo? — Franziu o rosto. — O que ainda te dá medo?

— Bem. — Alcancei um pão de creme. — Já me acostumei com os soldados circulando pelo lugar. Também me acostumei com a falta de cachorros. Isso é um absurdo. — Ele sorriu. — Acostumei a dividir experiências estranhas com Chloe e Lucy. E me acostumei com você. — Desviei meus olhos para o lençol esticado. — Pouco a pouco, as coisas que eu temia já fazem parte da minha vida.

— Tinha medo de mim? — Um vinco se ergueu entre suas sobrancelhas, enquanto ele inclinava o corpo para frente. Obriguei-me a olhar para ele.

— Tinha medo do que estava sentindo por você. — Senti meu rosto corar, tentando me lembrar se em algum momento da minha vida eu senti um pulsar tão forte abraçando meu peito como agora, apenas por estar ao seu lado e sentir seus olhos em mim, como uma águia vigiando sua presa. Eu, com toda a certeza, era a presa mais feliz do universo. — É muito confuso... e-eu...— Tentei formular alguma frase coerente. Não queria parecer uma tola, gaga. Então corri os olhos até sua cintura e algo ali me fez estremecer.

— Elas ainda são estranhas para mim. — Apontei para a arma presa na lateral do seu corpo, continuando a lista enorme de coisas que ainda me faziam estremecer. Ele seguiu meus olhos e pousou a mão sobre o objeto. — São imprevisíveis. E mesmo que controladas, elas são o controle. — O comandante suspirou fundo, como se inconscientemente dissesse que aquilo não representava perigo para mim. — Tenho medo de não rever meu pai. — Senti a garganta arder e notei a coluna do Primeiro se endireitando. — E por

fim, tenho medo do terceiro comandante. — Seus olhos negros apareceram nitidamente em minha mente. Como um corvo, ele observava tudo, prestes a atacar.

— Stevens? — Rugiu. — Ele te fez algo? Digory, se ele fez, deve me contar, agora. — Ele trincou o maxilar, tentando inutilmente conter a raiva que exalava de seu corpo. Havia mais ali do que eu poderia imaginar.

— Não! — Apressei-me em dizer. — Ele não me fez nada, mas não gosto dele. Ele é... estranho. Parece um Urubu, — dei um leve sorriso na esperança de anuviar o clima — rondando a carniça com aqueles olhos enormes e dentes e...

Ele me observou como se procurasse algo que indicasse o contrário.

— Não se preocupe com ele. — Endireitou a postura. — Jason pode parecer algo que não é. Por trás daquela capa, existe um bom comandante. — Alegou. — Não significa que tenha que se aproximar dele.

— Não me aproximaria. — Respondi, sentindo certa repulsa. — Lembro do nome dele. Tem algo que ele faça em Dashville?

— Já ouviu esse nome antes? — Sua expressão mudou. Os olhos preocupados o denunciaram.

— Sim. — Olhei para o lago, envolvida em pensamentos. Mergulhei fundo dentro das minhas lembranças em busca de respostas.

Em que lugar ouvi aquele nome? *Jason Stevens. Jason Stevens.*

— Consegue se lembrar? — Ele ainda me encarava. — Foi em algum anúncio recebido em sua casa? Visita de rotina? Ligação?

Como um susto, engoli o ar, lembrando da ligação que meus pais receberam minutos antes de arrancarem o carro e seguir para o que parecia apenas mais um dia de trabalho.

— Ele ligou para meus pais. Jason Stevens. Tenho certeza. — Disse com convicção. — Precisava encontrá-los com urgência.

— Impossível! — Afirmou sem me olhar nos olhos.

— O que há de errado?

Cogitei a ideia de que minha cisma contra Stevens existisse apenas pelo motivo do meu subconsciente ligar o nome dele ao último dia que vi meus pais. No fundo, eu sabia que existia mais. Nunca me enganei a respeito do olhar de alguém. Talvez esse seja um dom que me foi dado. A percepção.

— Nada com o que se preocupar. — Tentou suavizar o semblante, inutilmente. — Vou procurar saber qual o motivo que levou Jason a ligar para seus pais. Ele não tinha permissão. Apenas Kian e eu podemos entrar em contato com agentes do nível hierárquico dos seus pais.

— Nada com o que se preocupar? — Repeti sua frase na intenção de descobrir mais. Havia algo de estranho ali, ele não conseguia me enganar. Se esse tal de Stevens teve alguma ligação com a morte dos meus pais, eu precisava descobrir.

— Nada! — Ele piscou.

— O que tenho que fazer para coagir o comandante a me dar informações? — Resmunguei. — Eu não posso viver no anonimato, Comandante. — Ergui o nariz, disposta a encontrar respostas. — São meus pais, droga.

— Onde estão seus modos, senhorita? — Ele ignorou a minha cena, aproximando-se rápido demais. Seu hálito quente me distraiu, mas podia sentir a tensão em seu corpo desde o momento que citei o nome de Jason.

Deveria me preocupar? Meus pais se preocuparam? Eu abriria mão das respostas naquele momento, mas ficaria atenta. Esse tal de Jason me cheirava mal, e se ele escondia algo em relação aos meus pais, eu daria um jeito de descobrir.

Antes que eu concluísse meus pensamentos, o comandante se curvou sobre mim e depositou um beijo casto no canto da minha boca, fazendo-me

arrepiar por inteira. No segundo seguinte, seus lábios firmes tomaram os meus. O calor do seu corpo varreu toda e qualquer insegurança. Não havia pensamentos, não existiam preocupações. Mas acima de tudo, sua língua dançava em minha boca, levando-me para lugares nunca antes visitados. Um torpor se abateu sobre mim.

Oras, era apenas um beijo... Então por que parecia que todos os meus sentidos estavam se desfazendo?

De uma forma nada sutil, ele conseguiu afastar os devaneios da minha mente para bem longe dali, mantendo-me presa em seus braços. Aquele, para mim, estava sendo o lugar mais seguro do mundo.



O céu ficava mais azul a cada segundo, as folhas brilhavam e cada flor exalava um perfume exuberante. Como poderia ser mais prazeroso e chamativo? Os dedos percorriam meu braço, em uma estrada sem fim até as curvas do meu pescoço. Ele estava perfumado e meu olfato já estava distorcido em meio a tantas sensações prazerosas. Como uma despedida, ele beijou minha clavícula e anunciou que deveríamos ir embora. Eu desejei protestar com todas as minhas forças, mas em meu subconsciente eu sabia que o comandante provavelmente deveria ter inúmeras atividades pelas quais estaria incumbido.

Entrei no jipe ainda sentindo a pele queimando como brasa. Seus olhos raramente encontravam os meus e eu acreditava saber o motivo. O mesmo desejo estampado em meu rosto estava à mostra no dele. Mas o comandante o escondia, diferente de mim, que sentia as pernas bambearem.

— Gostaria de poder ficar mais. — Assumiu e eu sorri desejando que

aqueles minutos que restavam pudessem ser prolongados.



Capítulo 15

Só o inimigo não trai nunca.
Nelson Rodrigues

Kimberly Digory

DEFIZ-ME DE SEUS braços com dificuldade. Seu perfume se fixou em meu corpo e trazia a lembrança de seu toque em minha pele. Seus olhos passeavam pelas linhas do meu rosto com um vinco preso entre as sobrancelhas.

— Tome cuidado! — Alertou repentinamente, refletindo algum pensamento.

— Todos estão dispostos a me dizer isso. — Ergui as sobrancelhas, insatisfeita.

— Existe um motivo. — Parou me encarando por um longo segundo. Aquelas esferas verdes em seus olhos faziam todo o resto perder a cor. Singelamente, segurou uma pequena mecha dos meus cabelos entre os dedos e a deixou escorrer. — O diamante vermelho é uma das joias mais raras do mundo. É duro por fora e, a olhos nus, pode parecer frágil demais. Esse diamante não tem preço para quem o estima. — Ergueu uma das mãos e acariciou o meu rosto. — Digory, você é o meu diamante. — Segurei a respiração, sentindo um calor invadir meu peito. — Uma joia rara e a mais cobiçada neste momento, por pessoas que não querem o seu bem.

Enlacei seu pescoço com meus braços. Fiquei na ponta dos pés, conseguindo encarar ainda mais o seu olhar. Ele inclinou o corpo e encostou sua testa na minha.

— Vou tomar cuidado. — Fechei os olhos, mentalizando suas palavras.

— É uma promessa?

Concordei, recebendo um beijo rápido nos lábios e observei enquanto ele se desfazia dos meus braços e entrava no jipe novamente.

— Vou descobrir o motivo da ligação de Jason para os seus pais.

Notei a musculatura do seu rosto se movimentar. Algo estava errado. Naquele momento, descobri que eu, mais do que o Primeiro ou qualquer outro, necessitava saber o motivo daquela ligação. Havia pontas soltas e se eu pretendia encontrar meu pai e trazê-lo em segurança, precisava unir aquelas pontas.

Segui para o pátio envolta em pensamentos. Nunca havia sequer ouvido falar de Jason. Escutei histórias sobre o comandante Primeiro, e, da mesma forma, o sobrenome Ross era citado em meio a casos misteriosos e grandes conflitos ganhos. Associava os dois comandantes à inteligência, força e uma forma de equipe deturpada. Davam-se bem apenas entre si. Em minha imaginação, os comandantes da Área Militar não deveriam passar de dois senhores, ainda sem cabelos brancos, mas com idade o suficiente para ser meu pai. Entretanto, encontrar dois comandantes jovens e de beleza imensurável, estava fora dos padrões que havia estipulado.

Esfreguei o rosto quando me sentei em uma mesa afastada. Socializar estava longe das minhas intenções. Principalmente, hoje. Encontrar Lucy e Chloe era meu objetivo principal. Mas logo, quando percorri os olhos pelo lugar e não as encontrei, desisti.

Vencida pelo cansaço de noites mal dormidas e dias exaltantes,

encostei a cabeça na mesa. Meus olhos ardiam e meus pensamentos começaram a vagar em um breu silencioso. Minha respiração diminuía. O sopro leve do vento me embalava. Meus sentidos foram descansando ali mesmo, na mesa do jardim principal.

— Kim! — Uma voz doce sussurrava ao meu lado de forma que eu me recusava a acordar. — Bela adormecida, é hora de acordar. — Descolei os olhos com dificuldade.

Brilhantes orbes negros me encaravam.

— Kian! — Exclamei quando me dei conta do que estava acontecendo. — Como eu...

— Dormiu no meio do pátio? Acontece em algum momento da vida. — Sorriu arrancando um sorriso dos meus lábios. — Noites difíceis?

— Todas elas! — Afirmei.

Olhei ao redor e as mesmas pessoas estavam paradas nos mesmos lugares. Não havia passado muito tempo, mas, pelo peso nos meus olhos, senti que havia apagado completamente.

Kian usava um colete preto por cima da blusa e coturnos compridos. A arma estava presa em um coldre que pendia em seu dorso, diferente das vezes que a vi escondida em sua cintura.

— Onde é a festa? — Perguntei apontando para os novos acessórios.

— Prevenção. — Observei Kian endireitar a coluna. — As coisas estão um pouco mais complicadas do que de costume, Kim. — Contorceu o rosto. — Por isso andei um pouco distante.

Havia percebido que não era fácil ver Kian andando no meio de nós. Os breves momentos que o vi, ele estava apressado, acompanhado do comandante Stevens e de seis ou mais soldados.

— Algo que eu deveria saber? — O Primeiro definitivamente não estava disposto a me atualizar sobre o que andava acontecendo na Área

Militar.

— Gostaria de dizer mais. — Um “Não” com classe. — Pense que tudo ficará bem em breve. E vai ficar. Você precisa ter noites tranquilas e boas refeições. Fiquei sabendo que você prefere bolos a comida de sal. Vai acabar desmaiando na aula prática. — Franziu os olhos.

— Quem me dedurou? — Dei um tapa leve na mesa.

Ele riu.

— Senti sua falta. — Revelei, reconhecendo a necessidade da calma que Kian transpassava.

— Posso dizer o mesmo. — Olhou para o horizonte, se perdendo em alguns breves pensamentos.

Seu rosto pálido ficava mais iluminado quando era alcançado pelo pouco sol que nos banhava. O bip em seu bolso tocou. Ele olhou para a tela por meio segundo e a ignorou.

— Existem pessoas más nesse mundo, Kimberly. — Suspirou, como se estivesse se obrigando a continuar falando. Seu olhar me alcançou novamente. — Existem pessoas cruéis e existem pessoas piores que esses dois tipos juntos. Um terceiro patamar. Avançado até para os piores, entende?

Um nó se formou em minha garganta, prevendo o que viria dali em diante.

— É esse tipo de gente que está atrás de você. — As palavras eram duras, mas ditas por Kian, elas perdiam seu efeito amedrontador.

— Você faz parecer fácil passar por isso. — Suspirei.

— E pode ser, mas preciso que confie apenas em quem mandarmos, caso aconteça qualquer coisa. — Lancei um olhar desconfiado em sua direção.

— O que devo esperar daqui em diante, Kian? — Temi.

Ele respirou fundo. Afastou a pouca tensão que apareceu em seu rosto

e respondeu como se a pergunta real nunca houvesse existido.

— O florescimento das cerejeiras. É o que eu espero.

Olhei para o céu, que assumiu um tom claro, e percebi que um pesadelo havia sido criado em minha mente. A sensação de que, a qualquer momento, alguém tentaria tirar sua vida ou te usar para ferir quem você mais amava era perturbadora. Fazia com que a beleza da vida em si não tivesse graça.

— Olha, trouxe uma coisa! — Sorriu enfiando a mão em um dos bolsos. — Posso não ter estado completamente presente nesses últimos dias, mas quero que saiba que me importo com você.

Meu rosto corou vendo o pequeno embrulho preso no meio de seus dedos brancos.

— Isso é para que não se esqueça. — Entregou-me o embrulho.

— Não precisa me provar nada. — Balancei a cabeça de um lado para o outro comprimindo os lábios. — Não me esqueceria, nem se quisesse. — Suspirei fundo. — Sabe, Kian, por mais que seja idiota, sinto um aperto no peito quando os vejo correndo de um lado para o outro, armados até os dentes. — Fiz uma careta em negação. — É como se não fossem mais voltar. E esse sentimento só reforça o que eu disse. É impossível esquecer.

— Não é idiota! — Havia uma alegria escondida em sua voz. — E claro, sempre voltaremos! — Afirmou. — Todos nós. — Seu olhar me impossibilitava de recusar o presente.

Senti meus lábios abrirem no instante que rasguei o pequeno embrulho. Uma pulseira prata, com pequenas rodelas em seu fecho e três pedras azuis presas em sua extremidade fez meus olhos arderem.

— Kian, é incrível! — Sussurrei quando consegui mexer os lábios. A pulseira lembrava algo ancestral, familiar. — Se significa algo para você, vai significar algo para mim. — Concluí, aceitando o presente mais lindo que já

ganhara. E com certeza, o mais caro.

Ele se inclinou respeitosamente e beijou minha testa, se levantando. Segurou a pulseira novamente e delicadamente a colocou em meu pulso.

— Não perca essa pulseira. Ela representa nossa amizade. Ande sempre com ela e nunca estará sozinha.

— Vou cuidar bem dela. — Pressionei o pulso contra o peito.

O som do Bip em seu bolso desviou nossa atenção. Ele precisava partir.

Kian meneou um aceno usando um chapéu invisível, sacudindo os cabelos pretos escorridos até o pescoço. Girou sobre os calcanhares e seguiu em direção ao estacionamento. Olhei em sua direção até que desaparecesse completamente.

Não cogitava a ideia de perder mais ninguém em minha vida. Kian era um deles. Assim como o Primeiro e meu pai. Um medo verdadeiro se instalou em meu peito. Afinal, eu conhecia as probabilidades que, com certeza, estavam contra mim.



Existia um canto ao lado esquerdo da quadra esportiva, onde, na parte da manhã, se escutava uma música baixa que corria por toda a quadra através de caixas de som distribuídas pelo lugar. Sentei-me ali sem me preocupar com nada além da música e o ar claro e refrescante que abraçava toda a Área. A luz ricocheteava na pulseira fazendo-a brilhar e, como se fosse possível, ela ficou ainda mais bela.

A sensação de sufoco havia passado. Entrei em um estado neutro, onde apenas respirar era primordial. Fiquei ali pelo que pareceram horas. O

barulho leve da sirene chamou minha atenção para o horário.

Meio dia a sirene do almoço soava e todos se reuniam no refeitório, que era dividido em duas partes. Uma das extremidades era coberta por parte do prédio principal e a outra ficava embaixo das árvores ao redor da cobertura. Levantei-me esticando o corpo e segui para o refeitório.

— Kimberly! — Chloe gritou vindo ao meu encontro. Estava vestida com uma calça branca e blusa rosada. Talvez o mais próximo de delicado que ela chegaria. — Onde você estava? — Perguntou agarrando o meu braço. — Te procurei durante toda a manhã.

— Procurei por vocês, mas não encontrei. — Espremi os olhos.

— Eu estava fazendo uma pesquisa de campo.

— Pesquisa de campo?

— Sim. — Sibilou. — Estava avaliando a mercadoria contratada para trabalhar na Área Militar. Tem muita gente incompetente por aí, precisava checar. — Dei uma gargalhada. — O que foi?

— Você ficou observando os soldados de longe. Estou certa? — Seu rosto empalideceu.

— Ordinária, você me viu secando o Doyle, não foi? — Chloe deu uma risada estranha e engasgada num surto de euforia. — Ele é mais gostoso do que meu cérebro consegue resistir.

— Na verdade, não vi, mas já imaginava de qual mercadoria você estava falando.

— Ele é um sonho. Mas não vamos falar em público do cara que pretendo caçar até a morte. — Olhou ao redor, confirmando que ninguém a escutava. — Lucy ainda não voltou.

— Onde ela está?

— Na biblioteca, como sempre. — Revirou os olhos. — Parece que encontrou em meio aos mofos uma coleção de não sei o que, misturada com

tanto faz e está lá desde que acordou. Levou lanche para não ter que sair para almoçar.

— Depois do almoço, podemos ir até ela. Tenho um exemplar para ler.

— Dispenso o convite. Vou para o meu quarto, comer alguma besteira e jogar vídeo game. Está convidada para o lado bom da vida.

Pegamos as bandejas e escolhemos o cardápio. A carne cozida estava com um cheiro inebriante e não pude evitá-la.

Meu apetite estava voltando aos poucos. Bem aos poucos. Sempre tive preferência para comer besteiras e coisas não nutritivas. E nada mudou. Quase engoli inteiro o bolo de chocolate oferecido pelo Primeiro, mas aqueles momentos de almoço e jantar me deixavam deprimida.

Meu rosto havia afinado dentro de poucos dias, desde que cheguei aqui. Não por falta de comida. Os alimentos eram fornecidos depois de uma dieta estipulada pela nutricionista. O café da manhã, almoço, café da tarde e jantar eram servidos sempre nos mesmos horários e com fartura. Meu emagrecimento repentino se devia a falta de apetite.

Como voltar a comer depois da morte de sua mãe? Como comer tão bem sem saber ao certo o que seu pai estaria comendo por aí? Em qual abrigo ele se enfiou? Tem água quente? Uma cama para dormir? Esses pensamentos faziam o meu estômago virar e novamente percebi que não conseguiria comer mais do que duas pequenas colheres de arroz e um pedaço de carne.

Chloe disparou a falar quando nos sentamos à mesa. As pausas eram feitas entre uma mastigada e outra. Cheguei a ficar animada com as histórias empolgantes que ela contava sobre a própria vida. Era bom ver a vida de outra pessoa, não totalmente perfeita, mas completa.

— Tenho um Terrier Australiano. Ele é o máximo, você adoraria conhecê-lo.

— Amo cachorros! — Empolguei-me, escondendo a decepção de não ter encontrado nenhum naquele lugar.

— Uma vez ele fugiu. Maldito! — Praguejou. — Fiquei louca. Pensei que ia morrer. Não consegui dormir. Fiz cartazes e divulguei em todo o canto, oferecendo recompensas. No outro dia, recebi uma mensagem do meu ex-namorado, dizendo que encontrou o Max na rua com um homem e que abordou o tal homem, dizendo que o cão era dele. O tal homem, com medo, entregou o cachorro.

— Nossa, que sorte!

— Sorte? Meu ex chegou na minha casa com um cachorro de pelos negros que eu nunca tinha visto na vida. O Max era marrom, cor de terra. Nem se parecia. Ele roubou o cachorro de alguém para se aproximar de mim.

Tive um acesso de risos incontrolável imaginando a cena.

— A minha verdadeira sorte foi a vizinha ter encontrado Max perdido a dois bairros de distância.

— E o cachorro? O sequestrado? — Fiquei preocupada com o destino do cão roubado.

— Ele devolveu ao dono com mil pedidos de desculpas. — Ela enrugou a cara em desaprovação.

Eu ri.

— Quem dos seus pais tem cabelos ruivos iguais aos seus? — Perguntou. — Já ouvi falar deles, mas nunca os vi antes.

O que me agradava em Chloe era que ela não me tratava diferente depois de tudo o que aconteceu. Ela falava dos meus pais como se eu ainda morasse com eles. Aquilo me fazia bem. Todos os outros seres do mundo achavam doloroso demais lembrar da existência deles.

Antes que eu pudesse responder, um som alto esganiçado e repetitivo invadiu o lugar. Era agudo o suficiente para me fazer tapar os ouvidos.

— O que é isso? — Gritei enquanto Chloe jogava os cabelos de um lado para o outro tentando entender o mesmo que eu.

— É o alarme! — Respondeu eufórica, ficando de pé, como todos no refeitório.

A correria começava a se generalizar. Em segundos, o lugar foi tomado de soldados cercando cada um dos habitantes. As sirenes ligadas se uniam ao alarme em uníssono.

— POR AQUI! RÁPIDO! — Um moreno alto fardado gritava insistentemente. Sua voz podia ser escutada por cima da sirene aguda.

— A Lucy ainda está na biblioteca. — Chloe berrou.

A multidão nos embalava, como ondas livres no mar. Olhei o caminho do nosso destino e avistei vários furgões e jipes, que estavam sendo aglomerados um atrás do outro. Os soldados conduziam dezenas de jovens, um por um foram entrando nos furgões. Lotando os jipes, sendo levados sabe Deus para onde.

Avistei Lucy e tentei gritar inutilmente. Chloe se juntou a mim em gestos e pulos para que ela nos avistasse. Lucy balançava seus cabelos curtos a cada empurrão que recebia, se espremendo com dificuldade em meio a correria.

— Temos que seguir os soldados! — Gritou recuperando o ar.

— Que alarme é esse?

— É o alarme de evacuação. — Lucy concluiu, olhando para os lados. Senti meu estômago embrulhar. — Ei! — Berrou agarrando um dos soldados pela farda. Seus olhos estavam arregalados e sua posição firme dava medo. — Estamos sendo atacados? — A voz trêmula de Lucy conseguiu dissuadir o homem moreno dos cabelos raspados a respondê-la.

— Senhorita, é o primeiro alerta. Suspeitamos de uma tentativa de invasão. Siga por aqui e mantenha a calma. — O soldado nos conduziu para

um dos furgões.

Abaixei a cabeça, entrando no furgão escuro, acompanhada de Lucy, Chloe, duas moças e um rapaz. O cheiro de óleo diesel estava forte. Enruguei o nariz e me sentei.

— Será que vamos para aqueles túneis submersos, onde os fugitivos da guerra se escondiam antigamente? — O rapaz dos cabelos claros e nariz fino estava eufórico.

— Nunca, nunca, nunca... — Lucy murmurava. — Jamais invadiram a Área. Esse tipo de alarme nunca soou. — Concluiu com pesar, alternando o olhar entre Chloe e eu.

— Digory! — Olhei para a entrada do furgão e encontrei o rosto de um soldado conhecido. Ele esteve em Dashville com os comandantes no dia da minha retirada. Lembrava-me perfeitamente do medo que sentia ao encarar seus olhos escuros e me surpreendi ao perceber que ali, na Área Militar, ele parecia bem mais amigável. Quase inofensivo. Sem contar a arma em sua cintura, claro. — A senhorita vem comigo. — Estendeu a mão em minha direção.

As palavras de Kian vieram à minha mente. Alguém viria me buscar.

— Vamos com você! — Anunciou Chloe.

— Não! — Segurei a mão do soldado saindo do furgão. — Se essa confusão toda for por minha causa, não quero vocês perto de mim. — Murmurei para que apenas as duas me escutassem. — Quero que fiquem em segurança.

— Por qual motivo isso seria culpa sua? — Lucy reivindicou confusa. — De qualquer forma, não importa. Podemos ajudar!

— Sinto muito, mas tenho permissão para levar apenas a senhorita Digory! — O Soldado meneou um aceno para elas.

Lancei meu melhor sorriso de “vai ficar tudo bem” e virei de costas,

seguindo os passos do soldado.

— Underwood. — Li na targeta pregada em seu uniforme. — Para onde vamos? — Perguntei desviando das poucas pessoas que ainda restavam correndo pelo lugar.

— Setor Zero Quatro. Os comandantes encontrarão você lá.

— Por que não posso ir com os outros? — No fundo, eu sabia a resposta.

— Ficará mais segura ao lado dos comandantes, senhorita. — Ele concluiu. — De qualquer forma, todos irão para o Zero quatro, a diferença é que a senhorita estará na sala de comando com Ross e o Primeiro.

Underwood, diferente do que eu imaginava, era um homem gentil. Seu rosto demostrava empatia com a situação catastrófica ao seu redor e diferente de muitos, eu não tive medo quando ele se aproximou, mesmo que segurasse uma arma enorme nas mãos.

Avistei o jipe parado a poucos metros e por um instante, pensei que se o alcançasse estaria segura. Como se um jipe fosse me proteger da tempestade que estava se aproximando de mim.

— Underwood! — Escutei um grito vindo ao norte. Virei o rosto por cima do pescoço tentando localizar aquela voz.

— Comandante Stevens? — Ele veio correndo em nossa direção. — Pensei que estivesse no comando da verificação de área, senhor.

Senti um arrepio percorrer todo o meu corpo, como uma corrente elétrica. Os olhos de corvo estavam ali, se aproximando, ficando cada vez mais persuasivos e tenebrosos. Definitivamente, não gostava dele.

— Estava soldado, até que as ordens foram alteradas. — Underwood franziu o cenho. — O Primeiro solicitou que eu escoltasse a senhorita Digory para o setor Zero Seis. E solicitou sua presença imediatamente no Zero Quatro, junto com os demais.

— Senhor, o comandante me passou ordens claras. Eu devo levá-la até o Zero Quatro. — Underwood entrou na minha frente, se impondo contra a ordem do comandante. Minhas pernas tremiam.

— Talvez queira questionar pessoalmente a autoridade do Primeiro. Sabe como ele adora ser contrariado, não sabe? — Ele franziu o cenho. — Ainda mais em uma situação de caos como essa.

Underwood permaneceu em silêncio, provavelmente ponderando as suas opções. Olhou para mim de relance e voltou a encarar o comandante Stevens. Apertei os dedos de nervosismo.

— Não temos tempo, Underwood. — O comandante o apressou. — Preciso levá-la.

— Positivo, senhor. Vou me dirigir ao setor Zero Quatro. — Stevens sorriu satisfatoriamente.

Pensei em recusar, em me debater e definitivamente não seguir os passos de Jason, que já marchava esperando que eu o acompanhasse. Olhei para Underwood, sentindo falta da falsa esperança que tive ao avistar o jipe, minutos antes.

— O que está esperando, Digory? — Stevens brecou e se virou para mim.

Precisava decidir. Aquele era o momento e não me restavam muitas opções. Kian insistiu que eu confiasse apenas em quem eles enviassem. E ali estava um dos enviados. Se eles mandaram aquele homem até mim, eu deveria confiar.

Apressei os passos até alcançar o comandante Stevens. Caminhamos a passos largos. Jason não olhou em minha direção. Fiquei aliviada. Odiava aquele olhar. O som do alarme cessou repentinamente e um silêncio invadiu nossos ouvidos. Nem mesmo os pássaros ousaram quebrar aquela atmosfera.

Olhei para trás ainda caminhando sem rumo. Não conseguia mais

reconhecer em que lugar estava. Chegamos a uma trilha íngreme de pedras soltas. Desci com dificuldade. Escorreguei três vezes. Em uma delas, tentei me apoiar com a mão e uma pequena pedra perfurou a pele, causando um ardor incômodo. Limpei o sangue sem reclamar e continuei a descer. A trilha nos levava a uma rua de asfalto, onde um carro preto estava parado.

— Por que descemos pela trilha se a rua estava bem aqui?

— Cortamos caminho. Agora, entre no carro. — Jason entrou no carro e deu a partida assim que fechei a porta.

— Estamos muito longe?

— Você fala demais!

Arregalei os olhos diante daquela grosseria e me calei. Não fazia ideia de onde estava e brigar com a única pessoa que sabia, não era a opção mais inteligente.

Pouco tempo depois, o comandante parou o carro no encostamento da estrada. Alguma coisa me incomodava e meus sentidos começavam a me alertar de algo, que provavelmente eu já sabia.

Abri a porta e desci do carro, olhando para os lados. Não havia nada além da estrada, uma área florestal à esquerda e uma entrada íngreme para o meio do mato à direita.

— Vamos descer por aqui! — Anunciou trancando o carro.

Caminhei em direção a trilha e fiquei a observando. Seria ainda mais difícil de descê-la. Era mais estreita e, com certeza, mais escorregadia do que a anterior.

— Não. — Vociferei, cansada daquele jogo. — Não vou com você para lugar nenhum. Chega!

— Como é? — Lançou-me uma cara de deboche que eu ignorei.

Virei-me de costas e comecei a seguir a estrada. Onde quer que estivesse, com certeza, teria um final, e bem longe daquele idiota. Ouvi seus

coturnos baterem com força contra o asfalto. Olhei por cima do ombro e senti medo no instante que encontrei seu rosto contorcido vindo em minha direção, como se não tivesse freio.

— Você vai para onde eu mandar, garota. — Segurou meu braço com força.

— Você ficou louco? Tire suas mãos de mim. — Tentei me desvencilhar inutilmente.

Ele me arrastou com raiva até chegarmos na beirada da estrada. Meu coração batia com força contra a caixa torácica.

— Qual é o seu problema? — Tentei o empurrar para que me soltasse, a confusão deixando-me ainda mais perdida.

— Você! — Sorriu. — Não sabe descer trilhas? Boa sorte com essa.

Com um movimento, Jason me empurrou pela trilha, fazendo com que eu descesse escorregando sem controle. Minhas mãos se arrastavam pelo chão, tentando controlar meu corpo. Sentia pequenos pedaços de pele ficarem para trás, deixando uma ardência em minhas mãos e braços. Percebi tarde demais que não deveria ter seguido o comandante Stevens. Meu subconsciente tentou me alertar, mas eu ignorei.

Com facilidade, ele desceu pela trilha e me alcançou. Segurou firme em meu braço e continuou a me puxar. Finquei os pés no chão terroso, tentando causar algum tipo de impedimento e comecei a arquitetar um plano, em que o atacaria quando menos esperasse.

— Para onde está me levando? — Reclamei dando trancos para trás, tentando adiar os passos de Jason.

— Cale a boca. — Rosnou. — Ou eu posso calá-la para você.

Respirei fundo, temendo por minha vida. Minhas mãos tremiam e minhas pernas pareciam ter adquirido a consistência de uma gelatina. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Precisava me livrar das garras

daquele homem, antes que fosse tarde demais.

Avistei um galho grosso e pontudo caído pela minha direita e uma ideia nasceu em minha mente. Seria minha oportunidade.

Meu estômago embrulhou, mas me mantive firme. Quando nos aproximamos do galho, o segurei com força e o desferi contra Jason, acertando seu rosto.

— Droga! — Ele soltou meu braço por instantes.

Tentei correr de volta para a estrada, mas em menos de cinco segundos, ele me alcançou.

— Quer brincar, vadia? — Agarrou meu braço com força e me sacudiu.

Seus olhos estavam vermelhos de ódio. Em seu rosto estava estampado o corte feito pelo galho.

— Vai ter que me matar para conseguir o que quer! — Disse entre os dentes, sem fazer ideia do que ele realmente queria.

Jason agarrou meu pescoço e bateu minha cabeça contra uma das árvores. A dor lancinante me fez fechar os olhos e gemer alto.

— Sua sorte é que preciso de você viva, minha querida. — Ele aproximou o rosto do meu. Pude sentir sua respiração tocar meu rosto. — Do contrário, já estaria morta.

Minhas suspeitas se confirmaram. Jason Stevens me levaria para o fim. O meu fim.



Capítulo 16

Nunca se vence uma
guerra lutando sozinho.
Raul Seixas

O Primeiro

OBSERVAR A JANELA já não era suficiente. Comecei a caminhar de um lado para o outro na pequena sala de controle do setor Zero Quatro. O nervosismo estava prestes a me controlar e uma batalha interna foi travada quando não consegui criar uma linha de raciocínio entre a razão e a emoção. Assim que as sirenes irromperam o silêncio, meus pensamentos foram tomados de preocupação e não consegui pensar em absolutamente nada além de como Digory estaria. Underwood era competente e aquela fé era o que me sustentava enquanto os pensamentos mais absurdos e terríveis rondavam minha cabeça.

— Sabe que criar um buraco no chão não vai adiantar em nada, não é? — Kian resmungou olhando para a tela do notebook.

— Não me resta muito mais a fazer. — Respondi mal-humorado.

Organizei a retirada de todos os moradores para o Setor Zero quatro. Cada um dos soldados foi escolhido a dedo para aquela tarefa. A única certeza que tínhamos no momento era que não poderíamos confiar em ninguém.

Nos dirigimos o comando do setor Zero Quatro em busca de respostas e na tentativa de bloquear o invasor de nossos sistemas de proteção. Kian travava uma guerra com seus próprios sistemas, enquanto jipes camuflados não paravam de chegar, entrando na passagem subterrânea.

A olhos nus, o sistema de segurança da Área Militar havia falhado e desligado. Mas os olhos de Kian viam além e localizou a falha injetada no sistema.

— Comandante, na escuta? Câmbio.

A voz de Doyle ecoou pelo rádio, chamando nossa atenção.

— Na escuta, Doyle. Câmbio. — Respondi.

— Todos os integrantes da Área Militar foram conduzidos ao setor Zero Quatro. Estou fechando as portas, senhor. Evacuação concluída com sucesso. Câmbio, desligo.

— Eles conseguiram. — Afirmei encarando Kian.

— Ela também vai conseguir. — Ele se levantou, caminhou pela sala, passando a mão pelo rosto. — Ainda não entendi como conseguiram desabilitar os links de segurança.

— Conseguiu rastrear?

— Não. Tudo foi apagado. — Apontou, desolado. — E o pior, o sistema de defesa não identificou nada vindo de fora. É como se o ataque tivesse vindo de dentro para fora. Como um cavalo de Tróia. — Kian espremeu os olhos e se sentou novamente. — Não foi um bom dia para deixar o M16 guardado. — Lamentou colocando sobre a mesa sua submetralhadora Israelita.

— Não foi um bom dia! — Concordei.

— Primeiro! — Kian se inclinou pregando os olhos na porta aberta que possibilitava uma boa visão da estrada. O barulho dos pneus sobre as pedras soltas antecipava as palavras de Kian. — Underwood chegou.

As palavras de Kian tiveram efeito tranquilizante. Ansiei pelo momento que encontraria os olhos de Digory passando por aquela porta, agora sob minha proteção.

— Ele está sozinho! — Kian soltou a metralhadora na mesa quando viu Underwood descer do seu jipe.

A tranquilidade instaurada deu lugar ao desespero. Arregalei os olhos e engoli o ar que veio como um susto. Corremos até a porta. Entrei em um pesadelo no momento que vi Underwood caminhar a passos lentos em nossa direção, sozinho.

— Comandantes! — Cumprimentou se aproximando.

— Cadê ela? — Minha voz transmitia o que eu estava sentindo.

— A senhorita Digory? — Alternou o olhar entre Kian e eu, confuso. — Segui suas ordens, comandante.

— Que seriam? — Kian completou.

— Os senhores precisavam de mim aqui, no Zero Quatro. O comandante Stevens levou a senhorita Digory para o Zero Seis. Exatamente como ordenado pelo senhor.

— Desgraçado! — Praguejei.

— Jason é o cavalo de Tróia. — Kian constatou, pensando por um segundo. — Tudo faz sentido. — Ele voltou correndo para a sala de comando. Fiz o mesmo, sendo seguido por Underwood que, a essa altura, estava ciente de que fora enganado. — Vamos encontrá-la. — Anunciou, se sentando novamente frente ao notebook.

— Senhor, posso contar tudo o que houve e indicar o caminho que seguiram. — Underwood sobrepunha às palavras.

— Não será preciso. — Kian ergueu um dedo no ar. — Vou rastreá-la.

— Como pretende fazer isso? — Questionei.

— Dei a ela uma pulseira hoje pela manhã. Antes disso, coloquei nela um rastreador dentro da parede de prata. — Franzi o rosto e o encarei surpreso. — O que foi?

Inclinei o corpo, tentando ver o resultado do rastreador. Uma onda de eletricidade percorreu meu corpo. Desejava a localização, como quem precisa de água para sobreviver.

— Senhor, o que devo fazer? — Underwood perguntou ansioso.

— Emita uma alerta. — Kian se pronunciou. — O fugitivo é Jason Stevens e está indo para a saída norte. Informe que ele está na companhia de uma jovem de estatura média e cabelos ruivos. Deve ser trazida em segurança. Comecem as buscas e feche as saídas da Área Militar. — O pequeno ponto vermelho na tela representava Digory.

Em uma das mãos, Kian segurou firme a submetralhadora e me encarou.

— Procurado... Vivo ou morto. — Sentenciei.

— *Alerta máxima*! — Underwood saiu correndo com o rádio colado aos lábios.

Uma sequência de confirmações ecoou pelos rádios. Estavam todos unidos no mesmo objetivo. Encontrar Jason e Digory.

A tensão aumentava a cada segundo. Minha mente oscilava em pensamentos. O rosto de Kian endurecido me alertava que da mesma forma que eu, ele também estava preocupado.

— Jason não vai machucá-la. — Afirmei.

— Será mesmo? — Kian retrucou enquanto dirigia. — Ele não tem escrúpulos. — Rosnou.

— Vou matá-lo antes disso! — Senti minha mandíbula trincar de raiva.

As rodas do jipe ameaçavam descolar do asfalto com a velocidade que

Kian fazia as curvas. Eles não estavam longe, de acordo com o mapa indicado pelo rastreador.

— Saíram do asfalto. — Constatei. — Estão indo para a saída norte. — Uma das saídas secretas da Área Militar, destinada a urgências. Um local que apenas os comandantes conheciam.

— É um difícil trajeto. — Kian constatou. — Vamos ganhar em tempo. Jason não tem habilidade florestal.

Quando o jipe alcançou a entrada da trilha, avistei o carro de Jason estacionado na beira da estrada. Os planos dele foram confirmados naquele exato momento. Jason pretendia retirar Digory da Área Militar.

Meus lábios secaram. O ar que entrava em meus pulmões cessou. Desci do jipe confuso e atordoado. Escorei a cabeça no jipe, fechei os olhos e respirei fundo, tentando controlar novamente meu corpo e minhas ações. Tê-la desaparecida mexeu com o meu interior. Se aquela era a intenção de Jason, ele conseguiu. Definitivamente, encontrou meu ponto fraco.

Coloquei os pensamentos no lugar. Retornei ao momento em que assumi a liderança e me tornei O Primeiro. A carga negativa e positiva que invadiram o meu corpo e o trabalho que tive para controlá-las. Naquela época, trilhei um árduo caminho para longe dos meus sentimentos e desliguei a tomada que me dizia que algo poderia ser tirado de mim. Já não possuía nada a ser tirado. Nada com que me preocupasse.

Percebi então que jamais seria o mesmo outra vez. Kimberly Digory invadiu minha vida e me tomou para si. Diferente de meus últimos combates, precisava vencer para continuar a viver. Se a perdesse, perderia tudo que me restava. E por ela, mais uma vez, desligaria aquela maldita chave de sentimentos e voltaria ao meu foco principal.

— Tudo bem? — Kian se aproximou, segurando sua metralhadora. Encarei seus olhos e vi ódio através deles.

— Agora estou. — Ergui o corpo, sacando minha HK USP 9mm e caminhei até a beirada da trilha.

Vários rastros foram deixados para trás. O início da trilha estava marcado por escorregões e algumas galhas quebradas.

— Ela não conseguiu descer. Provavelmente, foi empurrada. Veja as marcas. — Kian observou. — Espero, para o bem dele, que ele morra antes que eu ponha minhas mãos nele. — Meus olhos ardiam.

— Não! Quero ele vivo. — Minha voz rouca revelava meus planos para Jason. Nada sútil como a corte marcial.

Adentramos a mata silenciosamente. O fator surpresa estava ao nosso lado. Apesar de Jason saber que viríamos atrás dele, ele não fazia ideia do rastreador no braço da Digory.

A lama ainda estava úmida e, em diversos momentos, localizei deslizes e marcas grossas pelo chão. Houve resistência e isso me preocupava. Jason não era paciente e poderia ter perdido a cabeça.

Aquela probabilidade me deixou ansioso novamente. Mais uma vez, eu estava incapacitado de proteger quem eu amava. Uma gota de suor desceu pelo meu rosto enquanto, agachados, seguíamos a rota. Cobiçava o momento que encontraria Jason. Quase conseguia escutar minha arma chamando seu nome.

Passamos pelas árvores de raízes mais densas e escorregadias em segundos. Chegamos até o matagal que nos impedia de ter visão total da saída da zona norte. Assim que atravessássemos, encontraríamos Jason. O radar indicava que haviam parado pouco à frente.

Passo a passo seguimos diante o matagal, deitando o mato amassado a nossa frente. O momento estava chegando e por segundos a morte de Melissa veio à tona em minha mente. Sempre me perguntei coisas que jamais teria a resposta.

Ela teve medo? Sentiu dor? Chamou por mim? Sentiu-se sozinha?

Mesmo sabendo que não houve tempo para nada daquilo, aquelas perguntas me torturavam há anos. E agora, me fazia as mesmas perguntas pensando em Digory.

Estava machucada? Com medo? Pensando em mim?

Queria poder ouvir suas perguntas e poder responder a cada uma delas. Gostaria de ter a chance de dizer que ficaria tudo bem. E que sempre estaria aqui para protegê-la. Diria que tudo não passou de um sonho ruim, mesmo que aquele sonho fosse mais real do que eu poderia permitir.

— Primeiro! — Kian sussurrou e afastou de vez aqueles pensamentos.

Ele apontou para a estrada de terra que surgia após uma grande encosta. Foquei o olhar onde seu dedo pontudo indicava e então a encontrei. Pressionei o cabo da arma, sentindo um frio no estômago.

Seus cabelos ruivos estavam jogados para trás e ela se mantinha imóvel. Jason segurava seu braço com força e tudo que eu quis naquele momento era poder cortar sua mão. Ela deu um tranco com o dorso para frente e cruzou os braços insatisfeita. Os dedos de Jason continuaram no mesmo lugar. Um carro azul escuro estava parado na frente de Jason e distraído, ele perdeu a retaguarda traseira.

— Quem está no carro?

— Ainda não tenho visão. — Respondi.

Agachei lentamente sendo seguido por Kian. Começamos a nos arrastar ao encontro de Jason. Em nenhum momento afastei meus olhos de Digory. Em caso de uma reação rápida, a melhor chance que tínhamos era atirar em todos. Para isso, precisava saber precisamente onde ela estaria, para que ficasse livre do fogo cruzado.

A porta da frente do carro começou a abrir. Fiz um sinal para que Kian esperasse. Saberíamos quem estava por trás de tudo aquilo naquele

exato momento. Espremi os olhos quando vi o homem de estatura média e cabelos escuros vir ao encontro de Jason e Digory. Conseguia ver sua cicatriz, mesmo à distância, passando dos cílios até os lábios. Ele não havia mudado em absolutamente nada. Sua face monstruosa revelava mais do seu interior do que qualquer outra coisa. Era o mesmo monstro de sempre.

— Oscar Blake! — Jason anunciou alto.

Consegui perceber o nervosismo no tom exaltado de Jason. Ele sequer sabia o que estava fazendo. Mas sabia que a crueldade de Blake ultrapassava os limites humanos. Aquilo com certeza o apavorava. Mais um ponto a nosso favor.

— Já faz tempo, não é mesmo? — Jason prosseguia.

— Da última vez que nos encontramos, o seu chefe meteu uma bala na cabeça do meu irmão. — Blake apontava uma arma em direção aos dois, o que me deixava mais apreensivo. — Não é uma bela lembrança.

Blake se aproximou. O olhar sarcástico estampado em seu rosto demonstrava que suas intenções ali eram maiores do que Jason poderia perceber.

Como se calculasse cada passo, Blake esticou a mão para o rosto de Digory, fazendo com que os meus pés se mexessem involuntariamente em direção a eles. Kian desferiu um tapa em meu ombro, impedindo que eu fizesse alguma besteira.

— A arma está apontada para ela. — Murmurou.

A prática era mais difícil do que os simples planos arquitetados teoricamente. O quadro de uma refém com uma arma apontada para seu corpo mudava tudo. Cada movimento errado poderia custar a sua vida.

— Tire sua mão de mim! — Digory gritou assim que sentiu o toque de Blake em seu rosto.

— A garota tem fibra! — Blake gargalhou. Fechei os punhos com

tanta força que senti os dedos formigarem. — Talvez seja útil para mais alguma coisa depois que tudo acabar.

— Ele não vai encostar um dedo nela.

— Não se depender de nós. — Kian concordou.

— Não vou com vocês! — Digory gritou.

— Cale a boca! — Prendi a respiração quando vi Jason agitar a mão esquerda em direção a ela. Não sabia o motivo, mas ele conteve o golpe no meio do caminho.

Se Jason tocasse em Digory, não existiria barreira que me impediria de pular sobre eles naquele exato momento.

— Depois disso, vou quebrar cada um dos ossos de Jason. — Sentia meus olhos ferverem de ódio. — Está na hora de agir.



Capítulo 17

A maior glória não é ficar de pé,
mas levantar-se cada vez que se cai.
Confúcio

Kimberly Digory

JASON ME ARRASTOU por toda a trilha. Resisti o quanto podia, sem me importar com as escoriações que estava causando em mim mesma. Torci o pé em algumas pedras soltas pelo caminho e gemi de dor, sentindo a fisgada subir pela minha perna. Fui obrigada a ignorá-la. Precisava de um plano mais elaborado. Algo melhor do que um pedaço de galho pontudo para me livrar de Stevens.

— Escuta aqui, garota. Não vou avisar novamente. Comece a mexer esses pés ou vou esfolar você viva até o final da trilha. Pode ter certeza que seria um imenso prazer. — Seus olhos arregalados me apavoravam.

Caminhei, sem opção, ao seu lado. Os pássaros voltaram a cantar como em um dia lindo de outono e escondiam a escuridão que assolava a trilha de pedras que seguíamos.

Como um animal em um abatedouro, eu estava encurralada.

Jason apertou meu braço até me ouvir gemer.

— Assim está melhor. — Disse colocando a arma no coldre e pegando o celular. Rapidamente, apertou a discagem. Em segundos, uma voz

masculina atendeu. — Estamos nos aproximando do ponto de encontro. Estejam lá em cinco minutos. — Sussurrou.

— Então é isso? Uma troca de interesses? O que está ganhando com isso, Jason? Espero que seja o bastante para trair seus comandantes e seu país. — Esbravejei.

— O bastante para não te matar agora mesmo. — Puxou meu braço em direção a um matagal de aproximadamente um metro e meio.

Adentramos naquele lugar sem saber onde pisar. Jason caminhava com a arma em punho, assegurando-se que eu não tentaria mais nada contra ele. Uma ou duas vezes ele escorregou pelo caminho, levando-me junto com ele.

Passamos pela encosta e antes de descermos, um carro azul escuro nos esperava. Jason parou observando o carro. Uma fagulha de estranha e temerosa incendiou seu rosto e eu estremeci mais uma vez, imaginando o que viria a seguir dali em diante. Se ele estava com medo, o que eu deveria sentir?

A porta traseira se abriu e um homem desceu. De relance, consegui avistar um segundo homem no banco de trás do carro. Algo em sua mão brilhava, lembrando um charuto aceso. Diferente do primeiro homem, aquele não desceu do carro. Sequer perdeu tempo olhando em nossa direção.

Minha respiração oscilava. Em momentos, ela acelerava como um cão que acabou de correr. Em outros, ela cessava e nem sequer um suspiro eu era capaz de emitir.

O homem caminhou ardiloso até se aproximar da encosta. Seu terno era de grife e seus cabelos estavam bem alinhados. Em suas mãos, levava uma arma preta e em seu rosto uma cicatriz pavorosa. Dei um tranco para trás quando fui atingida pela realidade. Aquele homem estava ali para me levar.

— Blake! — Um silêncio pairou no ar. As mãos de Jason suavam. —

Precisamos conversar a respeito do valor negociado. Creio que saiba o valor real que essa garota possui. — Balançou-me. — Muito acima do que combinamos.

Meus joelhos ardiam, meus pés doíam e minhas mãos estavam sujas de restos de sangue misturados à terra devido à força que fiz me agarrando a pedras e raízes. Tudo para chegar até aqui e presenciar a negociação da minha vida.

— O valor foi fechado há dias. Não existe motivo para uma nova conversa. — Blake mal olhou para Jason.

Seus olhos estavam ocupados demais, percorrendo cada centímetro do meu corpo. O medo me anestesiou. A dor não era nada comparada ao pavor que senti ao olhar para o rosto daquele homem. Paralisada, pensei que meu corpo não me obedeceria mais. Desistir jamais foi minha intenção. Pensar que aquele momento decidiria a minha vida, e a vida do meu pai, me deu forças para aproveitar talvez a única chance que teria. No momento em que eu colocasse os pés dentro daquele carro, aquela chance desapareceria e seria o fim, para meu pai e para mim.

— Você não está em vantagem, Blake. — O rosto de Blake se contorceu. Dei um passo para trás. — Se quer ter Paul Digory nas mãos, terá que pagar mais. — Impôs aos gritos.

— É melhor falar baixo, Jason. Ou posso querer arrancar sua língua. — Completou com sutileza. — Você e eu sabemos que não se trata de dinheiro. Você quer desobedecer às regras, assim como seu pai, não é mesmo? Sentir o que ele sentiu quando matou sua mãe. Uma traição descabida. Está no seu sangue ir contra a maré. — Jason permaneceu em silêncio e um frio gelado percorreu minha espinha. O pai dele matou a esposa? Ah, meu Deus! — Acho melhor saber a quem deve trair. Sabe que se colocar em meu caminho não é sua melhor opção.

Um sorriso enorme brotou por trás daquela cicatriz hedionda e tive duas certezas. Jason Stevens não sabia com quem estava lidando. E eu fugiria dali a todo custo.

Blake se aproximou. Pude sentir o odor de suor alcoólico impregnado em sua pele no momento que ele agarrou meu braço, incentivando Jason a me soltar. Aquele era o momento. Não me importei com a arma de Blake apontada em minha direção. A morte era um destino melhor do que diversos tipos de vida.

— Me solta! — Dei um empurrão em Blake com toda força que ainda me restava e corri em direção à encosta.

— Não atire, idiota. Preciso dela viva. — Ouvi Blake gritar com Jason e uma luz de esperança se acendeu em meu peito. Eu conseguiria fugir. Existia uma possibilidade.

Alcancei o final da encosta sem ar e sem parar para respirar. Meus pulmões ardiam, meu peito parecia querer explodir, mas eu não desistiria.

O matagal estava próximo. Em questões de segundos, todo aquele mato seria meu abrigo. Escorreguei e levantei-me no mesmo instante. Ouvi os passos desesperados atrás de mim e pressenti o que aconteceria. Alguém segurou meu pé antes que tivesse a oportunidade de me embrenhar mata adentro. Ele me alcançou.

Jason me puxou com força. Cai rápido o bastante para não entender o que tinha acontecido. Senti gosto de sangue em minha boca e percebi que havia perdido aquela batalha. Mas como um bom soldado, eu cairia lutando.

— Confiei em você! Os comandantes confiaram em você! — Me debati, relutando contra meu destino e rolando com Jason pela encosta.

— Vadia! — Urrou quando lhe acertei um chute no rosto.

— Gatinha fujona. Vamos ter que dar um jeito em você. — Blake soltou mais uma gargalhada, admirando o espetáculo. —Vai ficar bem

mansinha! —Meus olhos encheram de lágrimas, mas me recusei a soltá-las.

— NÃO! — Gritei o mais alto que podia. Apelos e súplicas vinham em meus lábios a todo o momento, mas não os liberei. De nada adiantaria. Minhas forças estavam acabando, mas meu subconsciente me obrigava a continuar lutando até que não restasse mais nada.

Como um relâmpago, em um momento Jason puxava minhas pernas, desviando-se com facilidade dos chutes que eu insistentemente aplicava. E no segundo seguinte, um lampejo me fez piscar. Um ruído baixo, um vulto, uma faísca de esperança.

Um homem pulou sobre a encosta como um urso, rugindo alto, caindo em cima de Jason.

— É o Primeiro! — Blake berrou para o motorista e as vozes foram silenciadas por incontáveis tiros.

Tapei os ouvidos e me encolhi em meio ao caos ao meu redor.

— Fique abaixada! — Mais um homem pulara a encosta. Suas roupas negras o camuflavam.

Lágrimas quentes rolaram soltas pelo meu rosto no momento que identifiquei a voz de Kian.

Eles estavam ali!

Kian passou ao meu lado agachado, atirando sem parar. Fechei os olhos e envolvi meu corpo com meus braços em uma tentativa inútil de me proteger.

— Aquela é a sua vadia, Primeiro? — Blake urrou me fazendo abrir os olhos.

Jason corria em direção ao carro, olhando para trás com seu rosto ensanguentado. Blake manteve uma das portas abertas como escudo e atirava cegamente em direção aos comandantes, gritando ofensas em meio a gargalhadas.

Jason conseguiria fugir se chegasse até o carro de Blake. Era o que eu pensava, mas os planos daquele homem eram outros. Blake esperou que Jason se aproximasse e atirou duas vezes contra ele, que foi ao chão como um boneco que teve as pilhas retiradas. Fechei os olhos, engolindo o ar. As lágrimas molhavam meu rosto e se misturavam na terra. Ouvi o cantar de pneus derrapando e os tiros foram cessando.

Acabou! A palavra ressoou em minha mente.

Acabou! Eu havia sobrevivido.

Acabou! Eu jamais seria a mesma.

— Ei, ei! Estou aqui. — Senti os braços do Primeiro me erguerem do chão lentamente.

Meu corpo tremia compulsivamente. Tentei enxergar através dos olhos embaçados. Várias viaturas, jipes e carros pretos começavam a cercar o lugar. As sirenes ligadas faziam minha cabeça doer ainda mais.

Olhei para ele e aos poucos, minha visão começou a realçar seu rosto. Um olhar indecifrável e acolhedor tomou sua face. Olhei para seu colete, que estava intacto.

— Ah, Deus! — Ele soltou junto a um suspiro, enquanto percorria os olhos por meu rosto machucado. — Digory, Perdoe-me! — Ele disparou. — Minha função era cuidar de você e eu falhei.

— A culpa não foi sua. — Minhas palavras saíram ranhosas. Assustei-me com a dor provocada por um movimento tão simples.

Ele percorreu os olhos pelo meu corpo, buscando mais ferimentos. Segurou minhas mãos arranhadas e sujas e olhou em meus olhos, encontrando minha alma.

— Você ficará segura. Eu vou garantir isso. — Podia ver a dor em seu rosto. Com cautela, ele se aconchegou ao meu corpo e me conduziu para uma ambulância que havia estacionado próximo a encosta.

— Como me acharam? — Olhei para ele sem entender.

— Sua pulseira.

— Essa aqui? — Balancei a pulseira que Kian havia me dado.

— Sim. — Ele tocou meu pulso com cautela, como se eu estivesse prestes a me desfazer bem na sua frente. — Kian colocou um rastreador nela. Parece que ele sabia que iria precisar.

— Onde ele está? — Procurei ao redor e o avistei agachado ao lado do corpo de Jason. Meu estômago revirou, presenciando a morte de perto pela primeira vez.

— Jason dispensou os agentes responsáveis por esta saída. Foi fácil para aquele desgraçado entrar na Área. — Vociferou. — Além disso, aquele carro era a prova de balas, por isso conseguiram fugir. — Olhou em direção a estrada, decepcionado. — Ainda assim, conseguimos o mais importante. Tirar você das mãos deles.

Era insano temer algo que não aconteceu. Eu estava viva e quase ilesa. Mas a sensação de morte ainda estava ali. Era como se tudo pudesse se repetir e diferente da primeira vez, eu não teria tanta sorte.

— Sou a enfermeira Mary! — Fui recebida com um largo sorriso dentro da ambulância.

Cada um dos meus músculos parecia doer, mas olhar para aquela senhora de cabelos presos em um coque alto, sorriso, ameno e uma tranquilidade na voz, me fazia pensar que tudo passaria.

— Está sentindo algo, querida? — Levemente ela tocou em minhas mãos assim que me sentei. O Primeiro escorou o ombro na porta da entrada e observou cada um dos meus movimentos.

— Estou um pouco tonta, meu calcanhar está latejando. — Respirei contendo a dor — Tem sangue em minha boca e mãos... — Estiquei-as em direção à enfermeira.

Não precisei dizer mais nada. Mary pegou uma gaze e umedeceu em soro fisiológico, começando a pequena tortura que retiraria os restos de terra ou pedras presas dentro dos meus pequenos cortes.

— Não foi nada grave. Apenas escoriações que, cá entre nós, pode doer mais que um corte profundo. — Se inclinou como quem conta um segredo e deu uma risadinha engraçada.

— Tem certeza? — A voz rouca do comandante invadiu a pequena ambulância. — E essa tontura? — Franziu o cenho.

— O nervosismo pode causar tontura, comandante. Isso é extremamente normal. — Ele ajeitou o corpo. — Vou medir a pressão dela, de qualquer forma, para tranquilizar o senhor.

— Estou tranquilo. — Espremeu os lábios. — É, estou tranquilo!

— Sabemos que está! — Mary piscou para mim.

— Primeiro! — Kian o chamava do lado de fora da ambulância. Seu rosto parecia mais pálido, como se parte de sua vida tivesse sido tirada. Aquilo me entristeceu ainda mais.

— Volto logo.

— Salvo pelo gongo! — Mary sussurrou assim que o Primeiro colocou os pés para fora da ambulância. — Homens não sabem esconder o que sentem, então ficam confusos. — Novamente disparou uma risadinha eufórica e contida. — Vocês formam um belo casal.

— Não somos um casal. — Assustei-me.

— Não são um casal ou não podem assumir que são um casal? Existe diferença. — Mary riu novamente e começou a aferir minha pressão.

Minhas mãos ainda tremiam. Mary tentou me receitar alguns tranquilizantes, mas recusei. Queria estar firme, acordada e preparada para o que viria depois. Talvez o desespero que me aguardava fosse ainda maior do que presenciei. Por um segundo, passou por minha mente uma pergunta. E se

tivesse sido diferente?

Jamais veria novamente o pôr do sol ou os pássaros cantando. Não poderia ouvir as músicas que tanto amo ou abraçar meu pai mais uma vez. Não poderia sonhar em ter uma família ou em finalmente ter meu próprio carro. Ter um cachorro para chamar de meu e viver ao seu lado até seus últimos dias. Mas que dias? Se para mim tudo acabaria ali? Lágrimas brotaram no canto do meu rosto. Silenciosas, traiçoeiras.

— Querida, chore o quanto for necessário para limpar esse coraçãozinho. Mas não se esqueça... — Mary se aproximou com um lenço. — A beleza da vida não está nos momentos difíceis, mas no que vem depois deles.

Olhei em seus olhos e encontrei duas bolinhas de avelã ternas. Mary sorria com o olhar.

— Hoje você teve uma nova chance de recomeçar. E não está sozinha. — Nossos olhares correram para fora da ambulância, onde Kian e o Primeiro acompanhavam os legistas a retirar o corpo de Jason. — Nem todos têm a mesma sorte. Veja aquele jovem. Lembro-me do dia em que ele chegou aqui. Muito magro, vivia espremido pelos cantos. — Levantou os ombros e os soltou junto a uma respiração profunda. — Ele não tinha família, não criou amigos e mesmo chegando tão longe, traiu os únicos que lhe estenderam a mão e morreu como um traidor. — Franziu os lábios pela primeira vez, escondendo o sorriso. — Seu nome será lembrado, senhorita Digory. Quando se lembrarem do comandante que traiu a Área Militar, existirá uma jovem que lutou com tudo que pôde. — Ela virou a palma da minha mão para cima. — Ficou com algumas lembranças nada agradáveis, mas está aqui para contar novamente essa história. E algo me diz que isso não acaba por aqui.

Meneei um sorriso, ainda com os olhos lacrimejando. Aquela havia sido a experiência mais aterrorizante da minha vida. Talvez a incapacidade de

me defender era o que mais me atormentava. Por mais que tentasse, não conseguia escapar das mãos de Jason e como eu queria ser capaz de lutar contra aquele homem e vencer. De me livrar daquelas garras sem ser presa de forma humilhante.

Uma ideia se infiltrou em minha mente. Talvez eu já tivesse me decidido no momento em que rolei por aquele barranco, quando tentei lutar por minha vida, mas ainda não sabia. A única certeza que eu tinha era que minha vida mudaria da água para o vinho se eu escolhesse aquele novo caminho.

Ser uma agente não estava em meus planos, mas estava cravado em meu sangue e não negamos o nosso sangue. Ele chama e nós escutamos.



Capítulo 18

No meio do caos há
sempre uma oportunidade.
Sun Tzu

O Primeiro

AFASTAR-ME DELA, mesmo que por poucos metros de distância, era difícil. Cada passo continha uma vontade incontrolável de olhar para trás. Não resisti duas ou três vezes, até chegar a Kian.

— Os peritos localizaram apenas um tiro. No meio da testa. — Anunciou. Sua voz estava baixa e firme, carregada de algo que eu ainda não havia identificado. Talvez o mesmo nó na garganta que me incomodava, como se eu estivesse sufocando.

O perito responsável pela investigação lacrou o saco preto que envolvia o corpo de Jason e solicitou a retirada.

— Por mais que eu procure entender a mente humana, ainda não compreendi o que leva um homem a trair seus comandantes, seus amigos e talvez o mais próximo que conhecera de uma família. — Kian confessou. — Ele era nosso amigo há anos. Eu pensei que o conhecia.

— Talvez seja apenas uma questão de caráter. — Enrijeci o corpo, tentando impedir que os pensamentos sobre a traição de Jason me assolassem ainda mais.

Assim como Kian, eu ainda tentava entender como tudo chegou a um

ponto tão extremo sem que ninguém percebesse absolutamente nada.

O dia em que Jason fez o primeiro teste para entrar para a Área Militar, tive dificuldades para avaliá-lo. Meu pai havia o treinado, como os demais, mas a avaliação de aprovação final estava em minhas mãos. Ele se escondia em pequenas brechas e desviava a atenção de sua vida pessoal. O que ele não sabia na época era que nada, absolutamente nada, ficava escondido de mim. Não levou muitas horas até que eu entendesse seu passado conturbado.

Quando Jason Stevens II tinha apenas onze anos, sua mãe foi embora, deixando para trás um garoto inocente e um agente da inteligência, Jason Stevens, seu pai. Um pai que entrou no mundo da bebida, se perdendo da realidade por anos e abandonando o filho em casas de familiares que o tinham como um grande incômodo.

Durante dois anos, ele rodou com seu pai alcoólatra por cidades, onde ele pensava estar indo apenas para passear quando Stevens, na verdade, procurava por sua esposa em segredo. O pequeno Jason já havia se cansado daquela rotina exaustiva e ansiava para que tudo acabasse. Os passeios por cidades próximas, andando a uma velocidade de cinco quilômetros por hora, enquanto seu pai observava as casas ao redor, resistindo a um calor infernal dentro de um carro que exalava cheiro de bebida cara.

Foi quando o agente Stevens encontrou o que procurava. Uma loira, bela e feliz, com seu marido e um bebê recém-nascido há cinquenta quilômetros de distância de sua casa, onde ele raramente dormia com o filho. Um garoto de olhos negros e cabelos lisos iguais ao do pai, que naquele momento olhava pela janela, encarando a mãe que há anos não via, dando o amor que era reservado a ele para outra criança. Outra família.

Jason Stevens, o pai, não pensou duas vezes. Sacou a arma, desceu do carro e caminhou a passos duros até o quintal que abrigava as vítimas talvez

não tão inocentes na mente alucinada de Stevens. O pequeno Jason observava atento do carro, sem saber que estava prestes a testemunhar um crime bárbaro. Ele ainda estava decidindo o que fazer quando ouviu os disparos. Viu a mulher que o trouxe ao mundo cair no chão, ainda agarrada ao pequeno bebê em seus braços, enquanto mais tiros eram disparados contra o novo marido de sua mãe.

Stevens olhou em direção ao carro, encontrando o olhar do pequeno Jason petrificado. Lentamente apontou a arma para a própria cabeça e em segundos fez companhia aos dois corpos jogados na grama quente do Colorado, ao lado de um bebê que gritava alto demais, e que o pequeno Jason jamais tinha conhecido.

Aquele jovem havia testemunhado o assassinato da sua mãe, de seu amante e ainda o suicídio do pai. Viveu por anos em abrigos, depois que foi excluído da lista de adoção por seus parentes. E anos depois, quando alcançou a maioridade, ele procurou a pessoa certa. Willian Clarent. Um nome que ele ouviu diversas vezes em discussões sobre o trabalho que o pai tinha.

“O senhor Clarent não erra. Se ele lhe escolher é porque você tem talento!”

A frase que Jason Stevens disse ao filho antes que a vida deles caísse no abismo ficou tatuada na mente do garoto, fazendo que ele encontrasse na Área Militar o que muitos procuravam. *Abrigo*.

Meu pai obviamente o recebeu de braços abertos, vendo naquele garoto algo em potencial. E depois de tudo o que ele passou, não havia motivos para questionar a falta de empatia que havia nele. Ou sequer mesmo a intolerância à convivência. Eram apenas sequelas de uma vida difícil, enfrentada por uma criança.

Agora, observando o corpo de Jason embalado em um saco preto,

uma tristeza abrasadora irrompeu por meu peito. Sentia por tudo o que ele passou, ainda que alguns minutos atrás ele estivesse prestes a entregar nas mãos de Black uma das pessoas mais importantes da minha vida, não conseguia odiá-lo depois de sua morte. Perdemos Jason há muito tempo e não ter notado o seu distanciamento era, de certa forma, culpa nossa, assim como sua morte.

— Como ela está? — Kian me içou daqueles pensamentos.

— Está se recuperando. — Voltei meu olhar para a ambulância. — Sofreu algumas escoriações, um corte interno na boca e uma torção no tornozelo.

— Ele sempre foi covarde! — Esbravejou entre os dentes, e mais uma vez percebi que Kian sofria dos mesmos sentimentos conflitantes que eu. Entre o ódio, a traição e a perda.

— Ele não terá outra oportunidade de fazer nenhum mal a ela. — Virei-me, almejando voltar até a ambulância.

— Ele não. — Paralisei no lugar. — Mas você sabe quem estava com ele, não sabe? — Engoli em seco.

— Temia que fosse ele. — Virei-me para Kian.

— Busquei as imagens via satélite e em baixa resolução, encontrei isso. — Kian deu zoom na imagem exposta em seu tablet. Mesmo que distorcida, a imagem revelava o rosto do homem que estava no banco de trás do carro de Blake. — Nos segundos que Blake abriu as portas, o rosto de Aidan Morton foi capturado pelo satélite. Ele esteve aqui. E agora ela virou um troféu. — Minha garganta ardeu.

— Ele não vai chegar perto dela.

— Sabe o que ele faria se conseguisse. — O rosto de Kian estava abatido. Não pelo cansaço, mas pela preocupação.

A única certeza que tínhamos era que Morton aguardava a

oportunidade de nos atingir de alguma forma. E naquela tarde, ele a encontrou.

— Reforce a Área Militar! — Sentenciei. — Envie equipes de segurança para as entradas com menos acesso. — Ele espremeu os olhos concordando. — Kian, sabemos quem somos e como trabalhamos.

— E no que fazemos, somos os melhores. — Completou.

— Exatamente. — Respirei fundo, meneei um aceno com a cabeça e comecei a organizar os pensamentos enquanto cada uma das viaturas se retirava do local.

— Comandante, basta assinar esses papéis e ela estará liberada. — Mary me entregou alguns papéis cor de palha e uma caneta preta. — É a alta. Nela, o senhor se responsabiliza a observar a senhorita Digory nas próximas horas para sua segurança, devido a uma batida na cabeça.

— Vou observá-la. — Olhei rapidamente para Digory. Seu rosto estava alcançando o tom de seu cabelo vermelho.

Segurei sua mão com delicadeza, senti as faixas esquentarem minha pele e fui abatido pela tristeza. Não desejava que ela sofresse sequer um arranhão. Mas diferente disso, estávamos ali, saindo de uma ambulância.

"*Ela é um troféu*"

As palavras de Kian rondavam minha mente. Como permiti que aquela situação chegasse naquele ponto? Tudo pelo meu ego, que me instigava a ficar com ela, mesmo sabendo que aquela jamais seria a opção mais razoável ou sequer segura. Coloquei Digory na linha de frente de uma guerra que durava há anos.

Segurei em seu braço, fazendo o mínimo de força possível. Digory mancava e se esforçava para não expressar a dor que sentia. Aquilo talvez doesse mais em mim do que todo o resto. Levantei seu corpo e com facilidade, ela entrou dentro do jipe. Fiz o contorno e me sentei atrás do

volante.

— Quero que saiba de uma coisa. — Antes de arrancar o jipe, encarei seu rosto claro, contando os segundos para anunciar minha decisão. — Eu vou te proteger. — Toquei seu rosto com uma das mãos. — Tudo vai voltar ao normal. Nunca mais esses homens vão chegar perto de você. — Meus olhos consumiam os dela.

— Não estou preocupada com isso. — Respondeu com um leve sorriso.

— Como pode não estar preocupada? — Inqueri, perplexo. — Eles quase te mataram, Digory

Poderia não admitir, mas mesmo sendo o primeiro comandante, temi desesperadamente por sua vida. Kian estava entrando em um colapso nervoso lá fora, ainda organizando a retirada do corpo de Jason e, com toda certeza, planejando mil novas formas de proteger a Área Militar. E ela, que foi arrastada pela mata, e encontrou um dos homens mais maléficos que já pisaram nos arredores de Bristol, estava tranquila. O que Digory não sabia era que uma guerra batia à nossa porta chamando por ela.

— Duas coisas me preocupam! — Desviou os olhos dos meus e encarou as mãos.

— Posso saber quais são?

— Estou preocupada com a segurança do meu pai. — Enrugou os lábios. — E estou preocupada com você. — Arregalei os olhos.

— Comigo?

— Sim. — Ela levantou o olhar em minha direção. — Estou com medo que invente algo para me proteger que me afaste de você. — Aconcheguei-me no banco do jipe, encarando seu rosto.

Seus olhos tímidos vagamente encontravam os meus. Sem saber, ela havia entendido o que eu deveria fazer para mantê-la em segurança. Afastar-

me seria o mais racional. Mas como? De que forma, fingiria que meu coração não acelera quando a vê? De que maneira, não desejaria aquele gosto doce em seus lábios?

Passei os dedos por seu braço e inclinei meu corpo em sua direção, entregando-me ao imã que me levava até ela. Toquei seus lábios com os meus, desistindo de todo pensamento que me conduzisse para outro lado. Era ali que eu desejava ficar. E ficaria.

— Não vou me afastar. Mesmo se quisesse, não conseguiria. — Minha respiração oscilava. — Quero que se mude para meu loft.

— Como? — Digory recuou.

— Preciso manter meus olhos em você. Não apenas pela recuperação. Mas para ter paz enquanto durmo, sabendo que você está próxima o suficiente a ponto de poder ouvir até mesmo sua respiração.

Ela espremeu os olhos, exibindo um largo sorriso que acalmou qualquer inquietação em meu peito. Arranquei o jipe, seguindo mais aliviado.

— Apenas por proteção. — Reforcei o pensamento. — Não é nada demais.

No entanto, o que quer que fosse aquele “nada demais” fazia meu coração batucar em uma velocidade jamais sentida antes.



Chegamos à entrada do salão principal onde Kian e Underwood nos aguardavam. O cenário ao redor era pós-apocalíptico. Os jovens eufóricos gritavam todas as expectativas que tiveram naquelas breves horas de tensão e suspense.

— Senhorita Digory, devo minhas sinceras desculpas. — Underwood

se aproximou.

Suas mãos postas para trás demostravam respeito pela presença dos comandantes. Digory obviamente ficou constrangida com a reverência.

— Não precisa se desculpar. — Apressou-se. — Você queria apenas ajudar. Como saberíamos que aquele corvo havia surtado?

Underwood não resistiu a uma risada e Kian se juntou a ele.

— Como está o tornozelo? — Kian questionou.

— Já esteve melhor, mas vai ficar bem. — Digory se inclinou e deu um breve abraço em Kian. — Obrigada por estarem lá.

— Sempre estaremos. — Ele respondeu quando Digory se desfez do abraço.

— Devo minha vida a vocês. — Olhou de Kian para mim.

— Trate de ficar viva e a salvo. Isso já pagará qualquer débito. — Kian sorriu e encarou Underwood. Estavam de partida.

Kian foi desafiado. Blake conseguiu desativar um dos sistemas mais bem-criados de sua autoria e aquilo o enlouqueceu. A certeza que eu tinha era que o comandante Kian Ross reviraria o mundo, mas encontraria uma forma de deter Blake e qualquer chance de uma nova invasão. E seu plano começaria agora.

— Com licença, Kim, Primeiro. — Anunciou, se retirando.

— Obrigado, meu amigo. — Sussurrei quando passou por mim.

— Estamos nessa junto. — Apertei sua mão e o observei caminhar pelos nossos corredores levando consigo aquele fuzil m16 tão aclamado.

— Vamos até seus novos aposentos. — Estendi meu braço para que ela se apoiasse. Encostei uma das mãos em suas costas e a direcionei até a escada. Digory permaneceu em silêncio.

Adentramos o corredor. A grande porta amadeirada e polida nos levaria ao destino final. O quarto de Kimberly Digory, instalado ao lado do

meu, no loft dos comandantes.

— Chegamos! — Anunciei.

Ela respirou fundo quando segurei a maçaneta.

— Isso não é uma prisão, Digory. — Toquei seu rosto. — Tem liberdade para ir e vir quando bem entender. E até mesmo se não se sentir à vontade aqui, posso te remanejar, talvez deixar soldados em sua porta.

— Não! — Ela respondeu.

— Sinceramente, prefiro ter essa função nas mãos.

— Não é nada disso. Estou envergonhada por não saber como me portar nos aposentos de um comandante. — Seus olhos escaparam dos meus. — Aquilo são armas? — Apontou para o emblema acima da porta.

— Um emblema. — Apressei-me a explicar. — Armas marcando as portas dos comandantes. Uma tradição.

— Vocês são obcecados. — Sorriu.

— Quero que fique à vontade. — Fitei seus olhos, retornando ao assunto. — E eu também estarei.

Abri a porta e estendi a mão para que ela entrasse. Digory entrou, reparando em cada detalhe.

— Adorei! — Enfatizou quando terminou a análise.

Apresentei-lhe o seu quarto, onde metade de suas coisas já haviam sido colocadas. Mostrei-lhe meu quarto, que ficava ao lado do seu. A cozinha, onde fazia meu café diário. E a sala, que abrigava o sofá mais confortável do mundo.

— É aqui que você dorme? — Apontou para as marcas de braços no sofá aveludado.

— Às vezes. — Exprimi os lábios, reparando nos pelos absurdamente claros espalhados em seus braços. Quase transparentes, passavam despercebidos.

— Vou tomar um banho. Estou precisando. — Apontou para as manchas de terra pela roupa e saiu em busca de sua toalha colorida, que afirmou ir buscar caso não tivessem trazido.

Sentei-me naquele sofá marcado e deixei meu corpo relaxar pela primeira vez naquele dia. Meus músculos acordavam junto comigo e ficavam tensionados durante todo o dia. Descansando no momento que eu perdesse a consciência na tentativa de um sono tranquilo.

Agora não. Apenas o som do chuveiro ligado tinha o poder de me acalmar. Saber que ela estava ali, sob minha proteção tinha grande influência sobre aquela calmaria.

As gotas quentes lavariam seu corpo, retirando as marcas deixadas do lado de fora e eu me encarregaria de curar as que restarem por dentro e fazer com que Digory seguisse em frente depois de tudo o que aconteceu.

Meus olhos pesaram e um sentimento de satisfação me envolveu. Meus sentidos se perderam e o sono me embalou naquele sofá macio. Não resisti. Mesmo que quisesse, estava calmo demais para lutar.



Capítulo 19

Sem uma alma
Meu espírito dorme em
algum lugar frio
até que você o encontre
e o leve de volta pra casa
Bring me to life - Evanescence

Kimberly Digory

PERMITI QUE O banho relaxasse meu corpo e afastasse de mim pensamentos temerosos. Esfreguei os olhos com a água, imaginando como seria dormir próximo a ele. Sequei meu cabelo com a toalha, reparando no banheiro incrivelmente branco. O vapor do chuveiro embaçou o espelho e mesmo que fosse o contrário, eu evitaria olhar em direção a ele. Fitar meu reflexo estava sendo a tarefa mais difícil do mundo. Os rastros daquela tarde pelo meu corpo eram dolorosos demais para encará-los no espelho.

Abri a porta, enrolada em minha toalha arco íris e para minha surpresa, encontrei o comandante escorado no sofá. Ele dormia profundamente. Suas mãos estavam apoiadas em seu dorso, preparado para sacar a arma a qualquer instante. Parei por menos de um segundo para observá-lo.

Assemelhava-se a um anjo. O rosto endurecido, os cabelos claros

junto aos seus olhos tom esmeralda. Duas esferas incrivelmente claras. Se estivessem abertos naquele momento, a luz poderia estar apagada, que ainda assim brilhariam.

Desviei de seu corpo e corri até meu novo quarto, a procura de uma roupa confortável. Abri a gaveta e para meu desespero não encontrei absolutamente nada.

— Onde estão minhas roupas? — Revirei todas as gavetas e quando não obtive sucesso, parti para as caixas agrupadas nos cantos do quarto.

Tudo estava ali. Desde cremes de pele, maquiagens e agendas até bijuterias, livros e ursos de pelúcia. Menos minhas roupas.

Esfreguei a testa, encarando minha única opção. Caminhei até ele, torcendo para que estivesse acordando. No fundo, não sabia o que era mais constrangedor. Acordar o comandante de um sono profundo ou encará-lo apenas de toalha.

— Primeiro! — Sussurrei.

Não encostaria a mão nele. Não depois de quase perder a cabeça — literalmente — por pegá-lo desprevenido na piscina.

— Primeiro. — Aumentei a voz.

Ele arregalou os olhos repentinamente e endireitou a postura. Seus olhos percorreram a sala, confuso e então, me encontrou.

— Digory! — Seus lábios se abriram quando notou a toalha que me envolvia.

Para melhorar a situação, meus cabelos gotejavam em seu carpete marrom. Com certeza, um carpete bem caro. Apertei meus dedos ao redor da toalha.

— Não trouxeram minhas roupas. — Meu rosto ardia de vergonha.

— Droga! — Segurou um sorriso e disparou uma corrida até o quarto. — Um minuto.

Demorou um pouco mais que o tempo previsto para que ele aparecesse novamente na minha frente, segurando a menor blusa que havia encontrado e uma calça larga com regulagem.

— Acha que pode usar isso até que tragam o restante? Vou solicitar agora mesmo. — Corri até ele na intenção de agarrar aquelas peças de roupa.

O comandante evitou me olhar nos olhos. Estaria sendo difícil para ele assim como estava sendo difícil para mim?

— Obrigada. — Ele sustentou meu olhar por um segundo.

Segurei as roupas de suas mãos. Seu toque quente me fez engolir em seco. Encarei sua face. Sentia que estava entrando em algum tipo de transe. Naquele olhar, continha magia.

Por que deveria fugir do que estava sentindo por ele? Havia aprendido hoje mesmo que deixar para depois palavras que estavam presas em sua garganta era um erro irremediável. Poderia ter morrido com elas.

Munida de uma coragem pós-tiroteio, segurei sua mão com força.

— Veja, não estão tão arranhadas. — Estendi minha mão dentro da dele.

— Fico feliz que... — Segurou em meu pulso buscando as palavras. — Esteja se sentindo melhor.

Seus olhos me sugavam. Seus dedos roçavam em meu pulso, reparando os batimentos das veias que pulsavam pelo meu braço. Percorreu os olhos pelo caminho que elas trilhavam e encontrou algumas gotas de água caídas de meus cabelos molhados perdidas em meus ombros. Instantaneamente, sua mão correu por meu braço até alcançá-las e como se fossem de grande valor, ele as enxugou. Aproximei-me mais de seu corpo, a ponto de sentir sua respiração.

— Digory! — Alertou sussurrando.

A sensação de descontrole me abraçava. O Primeiro fechou os olhos

quando recebeu meu toque e percebi que já estava completamente perdida em meus sentimentos por ele. Nossa respiração embalava nossos corpos que foram se aproximando lentamente. A fragrância do comandante invadiu minhas narinas. Um cheiro amadeirado, forte que me fez desejar encostar em sua pele.

Como a eternidade, lhe dei um beijo intenso e lento. Ele envolveu meu corpo úmido com seus braços. Tocou meus cabelos, parando nosso beijo em raros momentos, buscando ar. Suas mãos começaram a dançar em minhas costas. Ora subindo, ora descendo, causando arrepios por onde passavam. Senti que aquele era o momento mais intenso e incontrolável da minha vida.

Recuei alguns passos e antes que pudesse perceber estávamos no meu novo quarto, sob oscilações da minha própria respiração. O batucar de seu coração ressoava em sua pele. Ele segurou em minha coxa e me ergueu até a cama. Um toque firme e cauteloso. Seus lábios pediam mais. Pedia algo que eu estava disposta a entregar. O desejava em meu íntimo. E como uma droga, ele estava perto demais para evitá-lo.

Seus dedos arranhavam minha nuca no momento em que nossos beijos ficavam mais intensos. Seu toque delicado estava contido. Evitava com firmeza a toalha fina que nos separava.

— Kimberly, não posso. — Meus olhos saíam da órbita, ansiando por mais. Ele tentou se desvencilhar sutilmente, mas meus beijos o cercaram. Mordi os lábios quando seus dentes alcançaram meu pescoço. — Se soubesse o quanto te desejo, não faria isso.

— Talvez eu saiba. — Arqueei as costas encontrando a cama.

Ele me olhou de forma que nunca vi antes. Seus olhos pareciam ler a minha alma. O comandante tocou na toalha que ainda me envolvia. Parecia querer despedaçá-la. Então, a soltou. Tocou minha perna nua, me fazendo arrepiar. Deslizou sua barba curta por meu pescoço, distribuindo beijos

enlouquecedores. O ouvi arfar, enquanto agarrava minha cintura com força. Senti meu ar diminuir e uma pontada forte de dor emanou por meu corpo.

O que seria aquilo?

Contorci meu rosto contra minha vontade e como um gato assustado, ele saltou para longe de mim.

— Ah! — Um gemido de dor.

Meus olhos lacrimejaram. Talvez não pela dor, mas pelas marcas daquela tarde maldita ainda estarem cravadas em minha pele.

— Sinto muito! — Seu peito subia e descia em uma dança desarmoniosa. — Posso ter te machucado, deixe-me ver. — Uma sombra de desespero tomou seu rosto.

Ele caminhou novamente até mim e se ajoelhou na minha frente. Com cautela, segurou minha toalha e deslizou a mão sobre a abertura lateral. Engoli em seco quando senti a toalha se afastar do meu corpo por poucos centímetros. Apenas minha cintura estava exposta, mas aquilo era o máximo que eu havia chegado perto de um homem.

— Veja! — Ele trilhou um caminho com as pontas dos dedos por minha cintura.

Olhei para baixo, encontrando o hematoma arroxeado que envolvia meu quadril.

— Não foi você. — Agarrei-me a toalha que ainda cobria meu corpo. — Devo ter me machucado em algum lugar. Não é nada demais. — Vi a preocupação em seus olhos. E ele viu tristeza nos meus.

— Kimberly. — Sentou-se ao meu lado. — Não deveria ter me aproximado tanto.

— E eu não deveria ter gostado tanto dessa aproximação? — Sorriu de lado, olhando para minhas mãos jogadas sobre meu colo.

— Tem certeza que está bem? — Puxou uma de minhas mãos para si

e a beijou. — Estou preocupado. Tem que me dizer a verdade.

— Estou bem. — Minha voz embargada me denunciava. — Talvez doa mais por dentro do que por fora.

— Você não precisa esconder toda essa dor dentro do peito. Não precisa aguentar. — Piscou seguidas vezes. — Às vezes ela virá forte e tudo que precisa fazer é deixar que saia. — Seu tom baixo me fazia entender que não se tratava de um conselho jogado ao vento. — Quando ela vem, dói o peito, a garganta seca e a mente cogita a ideia de desistir. Então, você tem duas opções. Guardá-la e criar uma bomba dentro de si ou expô-la e superá-la.

— Foi assim que conseguiu superar? — Senti uma lágrima solitária rolar por meu rosto.

— Nós, comandantes, nunca superamos, apenas aprendemos a viver com isso. — Suspirou, secando meu rosto com o dorso da mão. — Um comandante leva consigo a perda de muitos homens. — E da própria família, pensei. — São muitos números para superar.

— Pode ser que não queira superá-los. — Arrisquei.

— Tem razão. — Disse após alguns segundos de silêncio. — Quero levá-los comigo para sempre. Mas este é meu fardo, não seu. Não se preocupe com isso. Quero que descanse, durma um pouco.

— Vai estar aqui do lado? — Perguntei, agarrando a roupa que ele havia me dado, evitando o pensamento de solidão que me invadiria no momento que ele saísse por aquela porta.

— Claro, não sairei por nada. — Aproximou-se. — Gostaria de lhe mostrar o que você significa para mim.

— Sei que se importa. — Meu rosto acendeu.

— É mais do que isso. Muito mais. — Desferiu um beijo em minha testa, evitando qualquer contato que nos levasse além.

Ele se levantou. Arrumou discretamente a blusa amarrotada por meus dedos e deixou uma promessa antes de partir.

— Estarei ao seu lado sempre que precisar. — Havia receio em seus passos. — Espero que durma bem. — Seu sorriso iluminado, por mais que escondesse a sua preocupação, seria a fagulha a qual eu me agarraria naquela noite quente.



Uma música dos Beatles começou a tocar pela casa e eu sabia quem estaria na cozinha. Levantei-me indo até lá. Tentando evitar que o caos se instaurasse. Desci as escadas correndo e entrei na cozinha seguindo aquele cheiro horroroso. Meu pai abanava desesperadamente algo preto sobre a bancada.

— Savanna! — Cantarolou quando minha mãe adentrou a cozinha.

— Ela vai te matar! — Sussurrei saltitando rumo a bancada.

Minha mãe estava com os cabelos presos e um livro nas mãos. Ela caminhou pela cozinha em direção ao meu pai. Seus olhos observavam tudo.

— O que aconteceu aqui, Paul? — Murmurou quando o alcançou.

— Pai, foi bom conhecer o senhor. — Gargalhei e me retirei da cozinha. Apressei-me até a poltrona da sala e me joguei ali, buscando o controle da televisão.

Meu pai havia feito uma experiência envolvendo o micro-ondas e algo gosmento e fedorento que eu ainda não havia identificado. E o resultado? Uma catástrofe na cozinha.

Contei mentalmente até três, esperando o escândalo iminente que facilmente seria ouvido por toda a casa.

Um, dois, três...

Nada!

Um silêncio horripilante se estabeleceu no ar. Franzi a testa buscando ouvir algo. Um resmungo ou uma reclamação. As luzes estavam apagadas, mesmo que eu não me lembrasse de tê-las apagado. Um zumbido baixo incomodou meus ouvidos.

Algo sombrio me apavorou. Levantei-me e fui de encontro aos meus pais. Diminui meus passos até ficarem quase inaudíveis e caminhei hesitante.

— Mãe? — Chamei.

Passei pela porta da cozinha atenta. Um frio envolveu meus braços, me fazendo arrepiar. Olhei ao redor e tudo estava intacto. A bancada de pedras estava suja exatamente como tinha visto minutos antes.

Dei um passo para frente e encontrei minha mãe ao lado da bancada. A visão do seu corpo ensanguentado me deixou paralisada. Queria correr, tentei gritar, mas tudo foi inútil. Perdi o fôlego, minhas pernas bambearam e, incapaz de andar, entrei em desespero. Um gemido saiu de minha garganta. Segurei seus cabelos, que estavam esparramados pelo chão. Coloquei sua cabeça em meu colo sem conseguir respirar.

— Pai! — Gritei até sentir as cordas vocais falharem. — Pai, socorro!

Olhei para o lado e lá estava ele. Caído em frente ao armário. Seu olhar estava tranquilo. Parecia querer sorrir para mim. O pavor me dominou. Soltei-me do corpo frio de minha mãe e me arrastei até ele.

— Cuidado! — Seu rosto se contorceu em uma explosão momentânea, apontando o dedo para algo atrás de mim. Sua expressão foi mudando e com um gemido sufocante, a luz dentro dele se apagou por completo.

— Não, não! — Murmurei sem ar.

Virei meu pescoço por cima do ombro, olhando para a direção que meu pai indicara. Ouvi passos pesados, vindo ao meu encontro.

— Conseguimos um bônus! — A voz do grande corvo rugiu pela cozinha. Suas grandes mãos vieram ao meu encontro.

— Não! Não! Por favor, não! — Urrava, mas era tarde demais.

Blake sentou em minhas costas estendendo em minha direção a faca que usará para matar meus pais. Senti a lâmina perfurar meu abdômen aos poucos. O quente do sangue deixava um rastro por minha barriga, enquanto Blake ria sarcasticamente. Juntei minhas últimas forças, fechei os olhos e comecei a me debater, gritando o mais alto que podia.

— Não! — *Quanto mais gritava mais forte sentia as mãos daquele homem sobre mim.*

— Não! — *Fui inebriada pelo pavor e a falta de ar, mas ainda assim não desisti de lutar.*



Capítulo 20

Quando você sentir o meu calor
Olhe nos meus olhos
É onde meus demônios se escondem
Demons – Imagine Dragons

O Primeiro

ELA VAI FICAR bem. Ela vai ficar bem.

Repetia mentalmente, buscando forças para me manter afastado. Seria sua primeira noite após uma tentativa de sequestro. Minha real vontade era permanecer em seu quarto, observar seu sono e garantir que ela realmente ficaria bem, mas não conseguia controlar o efeito que aquela garota tinha sobre mim. Mesmo que Digory não soubesse, entreguei a ela meu coração no momento que a vi. Neguei enquanto pude, mas estava claro demais para continuar escondendo.

Sentei-me ao lado da cama, observando a gaveta da mesinha de madeira que amparava o abajur ao meu lado direito. A foto da minha família estava ali, guardada. Aguardando o dia em que a dor viesse forte, lancinante, e eu teria a necessidade de me torturar, olhando para ela mais uma vez. Aquela foto havia se tornado sinônimo de desespero, mas não poderia deixar de agradecê-la. Em momentos difíceis, pensei que iria sucumbir, então encarei os rostos naquela foto, e por mais que a saudade doesse como o partir

de cada um dos meus ossos, lembrava-me que não deveria desistir. Por mim e por eles. Precisava daquela lembrança.

Abri a gaveta e os encontrei mais uma vez, banhados em sorrisos sinceros. A dor que antes atormentava minha alma foi diminuindo com o passar dos anos. Não deixou de doer, mas significa mais do que isso. Hoje, após aquela enorme confusão, percebi que tive mais uma vez a oportunidade de recomeçar. Kimberly sobreviveu ilesa. Um sentimento de gratidão incendiou meu peito. Agradeci em pensamentos a Deus, aos meus pais e a Melissa, por cuidarem de nós neste dia turbulento.

Joguei-me na cama colocando minha arma sobre a mesa e apaguei o abajur. Olhei para a parede que nos separava e desejei que ela não existisse. Desejei poder secar qualquer lágrima dura que rolasse pelo rosto desenhado de Digory. Fiquei esperando o barulho do seu suspiro, do seu choro, ou qualquer som que rompesse o silêncio e me fizesse ir até ela. Minutos depois nem o som da minha própria respiração era audível. Talvez ela tivesse encontrado um pouco de paz para dormir. Seus olhos brilhantes me vieram à mente. Pensei nela até adormecer.



— *NÃO!* — Um grito aterrorizante me fez pular da cama, como alguém que recebeu um balde de água gelada no rosto. — NÃO! — Os gritos eram de Kimberly.

Bati a mão na mesa forçando a visão. Derrubei o abajur e alcancei minha arma.

— *AH*! — O tempo entre os gritos oscilava.

Meu coração batia freneticamente. Por um segundo, parei de respirar

e cogitei a ideia de alguém ter entrado no alojamento. Corri até seu quarto sem acender as luzes. Entrei com a arma em punho, olhando para todos os lados a procura de alguém. Meus braços caíram ao lado do meu corpo quando olhei para a cama e a vi se debatendo, sozinha. Larguei minha arma ao lado da cama e encontrei seu rosto completamente inundado por lágrimas. Sentei-me ao seu lado e segurei seus braços com firmeza.

— Kimberly! — Ela abriu os olhos e saltou na cama. Sua expressão lembrava um animal assustado, com seus olhos arregalados e os cabelos espalhados pelo rosto.

— Por favor... — Implorou sem me reconhecer.

Nada me destruiria mais do que vê-la daquela forma. E novamente, tive a certeza de que mataria por ela, morreria por ela. Faria qualquer coisa para que Kimberly vivesse em segurança.

— Sou eu! — Murmurei mantendo a voz serena. Sua expressão suavizou quando me reconheceu. — Foi só um pesadelo. — Segurei seu pálido rosto entre as mãos.

Kimberly se jogou em meus braços sem dizer nada e suspirou, como quem buscava um refúgio e o encontrou. Seu peito subia e descia, acompanhando um choro incontrolável.

—Vai ficar tudo bem. — Apertei seu corpo contra o meu sem saber ao certo o que deveria fazer.

Por longos minutos ou quem sabe horas, lágrimas silenciosas escorreram por seu rosto e caíram em meu peito. Perdi a noção do tempo, como aparentemente havia esquecido como se falava.

— Primeiro! — Sussurrou trêmula quando endireitei meu corpo para confortá-la. Agarrou minha blusa com seus dedos finos, impedindo que eu me movesse mais.

— Não vou a lugar algum! — Disse a ela.

Uma palavra veio aos meus lábios e percebi que era hora de liberá-la. Desejava que Kimberly estivesse próxima a mim e sentisse que eu jamais a abandonaria.

— Me chame pelo meu nome!

Com esforço ela levantou o rosto vermelho em meio aos fios de cabelo grudados em suas lágrimas.

— Seu nome? — Questionou confusa.

— Draco! — Paralisei meu corpo, aguardando sua reação. — Meu nome é Draco Clarent.

Não conseguia recordar qual fora a última vez que havia dito meu nome em alto som. Talvez sete anos atrás, após conhecer Kian.

— Draco! — Ela repetiu, fazendo-me sorrir. — Poderia ficar essa noite? — Suspirou. — Aqui... comigo?

— Seria um prazer, Kimberly! — Ela enfiou o rosto novamente entre meus braços e antes de adormecer, ouvi meu nome em seus lábios mais uma vez. A sensação era libertadora.

Lentamente, relaxei meu corpo embaixo do seu e acariciei seus cabelos. Passei a mão em seu rosto e o mar de lágrimas havia cessado. Dei-lhe um beijo na cabeça e senti seu leve perfume. Ela havia adormecido e junto ao calor de seu corpo, também adormeci.



Capítulo 21

Em tempos de paz convém ao
homem serenidade e humildade;
mas quando estoura a guerra,
deve agir como um tigre!
William Shakespeare

Kimberly

MEUS OLHOS QUEIMAVAM. Acordei sentindo peso em minhas pálpebras e uma ardência no nariz. O corpo embaixo de mim respirava tranquilamente. Ergui os olhos com dificuldade e encontrei estampado em seu rosto um sorriso sereno.

— Bom dia! — Sussurrou.

Notei o quanto estava envolvida em seus braços. Uma timidez sem tamanho se apossou de mim quando me lembrei da noite anterior. Lembrei da tremedeira, de chorar até perder as forças e de Draco me abraçando.

Draco! Seu nome era forte como ele. Uma revelação que me pegara desprevenida. Ele havia confiado a mim um segredo que poucos sabiam. E ainda assim, encontrava-me à beira de um colapso. O comandante. O homem mais poderoso daquele lugar teve que lidar com a garota chorona do quarto ao lado. Por favor! Não poderia ser mais constrangedor?

— Como está se sentindo?

— Melhor! — Assustei-me com a rouquidão da minha voz.

Draco usava um conjunto cinza de mangas compridas que contornava cada um de seus músculos. Havia uma mancha na manga direita e secretamente, implorei a Deus que não tivesse sido causada por mim. Afinal, havia dormido em cima dele.

— Desculpe por te acordar daquela forma. — Encarei meus próprios dedos.

— Não se desculpe. — Acariciou meu rosto. — Avisei que estaria aqui quando precisasse.

— Há anos não tenho um pesadelo real como aquele. — Suspirei.

— Quer me contar?

Abri os lábios e entrei em uma névoa de lembranças. Retornei ao momento em que pisei na cozinha da minha casa. Relembrei as brincadeiras com meu pai e a voz acalentadora e desconfiada da minha mãe. Vi novamente seus corpos pelo chão, mortos de forma brutal. O homem no escuro agarrando minhas pernas. A impossibilidade de lutar. A sensação de incapacidade. Tudo. Revelei ao comandante que o homem era Blake. Vi seu maxilar ranger algumas vezes enquanto detalhava o pesadelo.

— Tenho medo! — Assumi.

— Não tenha! — Seus olhos haviam escurecido como nunca tinha visto antes. Ele segurou minha mão e a repousou sobre o lado esquerdo de seu peito. — Está sentindo? — Os batuques eram palpáveis. — Está acelerado apenas por imaginar Blake colocando as mãos em você. Jamais permitirei isso. Preciso apenas que se mantenha aqui, embaixo de nossos olhos. Sob nossa proteção.

Deslizei minha mão por entre as suas e a levei até seu rosto de feições duras. Sabia que ainda que quisesse a segurança que aquele lugar me proporcionava ou ainda que temesse de todas as formas encontrar aqueles

homens outra vez na vida, o medo não me paralisaria. Depois das imagens que vi em meu pesadelo, algo despertou em mim. Precisava agir rápido ou aquele desespero jamais cessaria.

— Não posso ficar parada! Esse pesadelo serviu para me mostrar o que preciso fazer. — Seu semblante mudou enquanto minhas mãos se tornaram trêmulas em um ataque de ansiedade.

Cada minuto perdido poderia levar meu pai à morte. Novamente, a imagem dos seus olhos escuros se fechando regressaram a minha mente.

— Kimberly, temos toda nossa equipe trabalhando nisso. — Ele retrucou. — Não posso permitir que se envolva e muito menos saia da Área Militar. Prometa que não vai se arriscar.

— Você disse que esse lugar não era uma prisão.

— E permaneço a dizer o mesmo, mas deve ficar aqui para a sua própria segurança. O mal aguarda lá fora e não estou disposto a deixar que o enfrente sozinha. — Draco se sentou na cama, me encarando.

— Eu não posso ficar parada, esperando que meu pai morra também! — Passei as mãos pelo rosto agitada e o encarei.

Sentia em meu íntimo uma parcela de culpa na morte da minha mãe. Poderia ter feito mais por ela. Talvez a abraçado mais. Quem sabe repetir várias vezes no dia que a amava com minha própria vida? Será que ela sabia o quanto era importante para mim? Aturaria qualquer bronca dela hoje. Gritos, castigos e proibições. Absolutamente, tudo. Se em troca, pudesse ter a chance de vê-la mais uma vez apenas. Não suportaria perder meu pai da mesma forma.

— Não posso perder mais ninguém! — Trinquei os dentes.

— E pretende fazer o quê? — Desafiou. — Sair pela floresta indo atrás do seu pai, sabe-se lá onde ele esteja? Não seria mais fácil pedir a Blake que venha te buscar? Afinal, ele vai te pegar de qualquer jeito! — Seu tom

aumentou.

Ele se levantou visivelmente irado.

— Se necessário, comandante. Não serão árvores nem psicopatas armados que me impedirão de encontrá-lo. — O nervosismo havia tomado minha concepção de racionalidade.

— Você não sabe do que eles são capazes! — Disse apertando os olhos. — Se soubesse, nunca mais iria querer sair deste quarto.

— Não tenho medo! — Menti.

— Deveria. Não conseguirá acordar depois que eles te pegarem. — A amargura em sua voz me afligia, mas havia algo além. Era temor que eu via refletido nos olhos do comandante?

Draco passou as mãos entre os cabelos, caminhou pelo quarto impaciente e parou novamente na minha frente.

— Você não me conhece para me julgar. — Quebrei o silêncio. — Não sabe o que estou sentindo. É algo que preciso fazer, não tenho escolha. — Expliquei.

— Tem razão. Eu não te conheço. — Desviou o olhar do meu e segurou firme na maçaneta. — Cada um tem o poder de decidir qual caminho deve seguir. Existem escolhas, Digory. Se não tem amor pela sua vida, pense em quem tem.

Draco saiu do meu quarto, batendo a porta sem olhar para trás. Não fazia ideia de como aquela discussão havia começado, mas abalou toda a minha estrutura. Mil dúvidas surgiram em minha mente e nenhuma delas parecia me levar até meu pai.

“*Primeiro, responda*”

O rádio ecoou pelo loft.

— Do que se trata Kian?

“*Recebemos um comunicado de Dashville. Precisa ver isso.* ”

Meu coração pulou ouvindo o nome da minha cidade.

— A caminho. — Segundos depois escutei a porta se fechando.

Amarrei na altura da cintura a grande blusa do comandante, que envolveu meu corpo durante a noite, peguei as chaves e sai decidida a descobrir mais. Precisava apenas de um ou dois minutos em meu quarto antigo para me arrumar. E tentaria descobrir seja lá o que fosse. Sem planos ou uma estratégia bolada pela NASA, restavam-me apenas duas opções. Confrontar os comandantes da Área Militar ou revirar tudo que encontrar pela frente, buscando as informações certas, sem que ninguém percebesse minha presença. A segunda opção era bem mais convidativa.



Capítulo 22

A verdadeira sabedoria consiste em saber
que você não sabe de nada.
Sócrates

O Primeiro

GAROTA TEIMOSA. Como poderia ao menos cogitar a hipótese de sair da Área Militar? Meu sobretudo rastejava no chão no ritmo das minhas passadas. Em minutos, estava em frente à grande porta branca sob o elmo de armas do comandante Ross. Na terceira batida, Kian me recebeu perturbado.

— Entre. — Fechei a porta ao passar.

— Temos um problema, Kian. — Anunciei, fumegando de raiva.

— Mais um? O dia começou agitado. — Abriu um sorriso fraco, agarrando o notebook e uma xícara de café.

Ofereceu-me e eu recusei. Meu apetite desapareceu desde o início da manhã.

— Kimberly está disposta a sair da Área Militar e encontrar seu pai. — Cruzei os braços.

— O quê? — Kian tentou não se engasgar com a golada de café que havia tomado. — Em que lugar se escondeu a sanidade mental de Kimberly? O que aconteceu essa noite?

— Tudo o que eu queria entender é o que se passa naquela cabeça.

Ela teve um pesadelo com os pais. Acordou desesperada, adormeceu e quando despertou, estava disposta a salvar o mundo.

Kian libertou uma gargalhada.

— Não ria. — Espremi os olhos.

— Sonhos ruins podem gerar tristeza, confusão e culpa. — Exclamou. — O que Kimberly pode estar sentindo é a necessidade extrema de fazer algo pelo pai e evitar que aconteça na vida real o que aconteceu no pesadelo. — Olhou para mim de soslaio. — Vai passar, meu amigo.

— Não estou convencido disso. — Coloquei o rosto entre as mãos.

— Se essa teoria estiver errada, podemos amarrá-la. — Kian começou a bater as pontas dos dedos no teclado.

— Comandante. — Espremi os lábios. — Não podemos amarrar jovens.

— Quem disse isso? — Kian balançou a cabeça. — Vamos a segunda adversidade do dia.

— Do que se trata? — Pressionei as têmporas.

— De mais um pesadelo! — Anunciou. — Recebi um e-mail hoje pela manhã. Intrigante, admito. A central de Dashville está enviando um agente até a Área Militar.

— Com a permissão de quem? — Galguei os braços.

— Do monitor chefe da cidade. O assunto era restrito. — Kian segurou seu notebook e se sentou ao meu lado no sofá.

— Como essa permissão pode ter sido concedida? — Esbravejei. — Todos os agentes que se descolocam até a Área Militar devem ser direcionados e autorizados por mim. Não podem almejar vir até aqui sozinhos. — As veias em minha testa começaram a pulsar. — Se um agente desses morre no caminho a culpa é minha. Espera! — Parei. — Você disse restrito?

— Disse que “era” restrito!

— Invadiu o sistema?

— Talvez! — Após alguns segundos digitando, Kian me olhou de soslaio, como se soubesse que eu não gostaria de ver o que estava escrito ali.

— Leia! — Virou a tela em minha direção.

Norma 2219

Requerimento

Objetivo exposto – Informar sequestro em andamento e/ou possível sequestro parental efetivado

Solicitação realizada por Marcus Young

Solicitação autorizada por Marcus Young

Data prevista de envio para a Área Militar: Imediatamente

Responsável pelo recebimento da informação: Comandantes Primeiro e Kian Ross

— Essa solicitação foi registrada duas horas atrás. — Respirei fundo, me preparando para o que viria a seguir. — Ele decolou há uma hora. Se não está próximo, já chegou na Área militar.

— Excelente! — Anelei o momento em que o encontraria.

Conheci Marcus quando entrou para as forças especiais do governo. Um jovem esforçado. Em menos de um ano, ele se destacou em meio aos agentes e alcançou o cargo de monitor chefe de sua cidade. Paul ansiava pelo dia que Marcus seria remanejado, ficando o mais distante possível de Kimberly.

“Defeitos inconcebíveis!”

Era a justificativa de Paul pelo ódio mantido sobre o relacionamento entre Marcus e Kimberly. Era evidente que aquela situação já não era uma

preocupação de Paul, mas sim, minha.



Capítulo 23

Para saber falar é preciso saber ouvir!
Plutarco

Kimberly Digory

OS PESADELOS TINHAM o poder de aterrorizar os meus dias. Naquela noite, entrei em uma atmosfera sombria, em que um passo em falso poderia despertar os monstros que perambulavam ao meu redor. Ou pior, tornar real aquilo que existia somente em meus mais terríveis pensamentos.

Desci as escadas, como se tivesse propulsores colados aos pés. Rastreei com os olhos algum movimento que indicasse a passagem dos comandantes por ali. Entretanto, não obtive sucesso. Os jovens caminhavam envoltos a conversas calorosas, enriquecidas de detalhes sobre o dia anterior.

— Os comandantes, com certeza, acabaram com os invasores!

— Não deve ter sobrado nada! — A todo o momento pessoas sopravam comentários pelos corredores.

— Kimberly! — A voz estridente de Chloe alcançou meus ouvidos. — Garota, onde você se meteu? — Lucy se aproximou ao seu lado.

— Você está bem, Kim?

— Foi uma tarde difícil. — Concluí, olhando de soslaio para as mãos ainda raladas.

— Quero saber de tudo! — Chloe prosseguiu. — Tem noção do lugar

que fomos parar? Pensa em um lugar escuro e com cheiro de morte. Estávamos mortos. Sim. Morremos por algumas horas.

— Não exagera, Chloe. — Lucy interferiu. — Não era o lugar mais agradável do mundo, mas estávamos seguras.

— Conte a ela sobre as aranhas e veremos se ela chamará de “Melhor lugar do mundo”.

Meus olhos se perderam das garotas que contavam a história mais empolgante de suas vidas quando na entrada do salão avistei uma silhueta conhecida.

Os ombros largos e postura impecável jamais me confundiriam. Eu o conhecia.

Marcus?

Apertei os olhos para confirmar que não estava delirando e quando olhei em sua direção novamente, havia desaparecido.

— Meninas. — Sibilei. — Preciso mesmo resolver algumas coisas, mas eu juro que hoje o dia é nosso. Contarei tudo assim que voltar.

— Te esperaremos! — Lucy sorriu.

— Será que ela tem medo de aranhas? — Ouvi Chloe questionar Lucy enquanto me distanciava.

Caminhei vacilante até a entrada do salão, sentindo meu coração palpitar. Seria possível? Ou não passava de uma ilusão da minha mente? A cada passo a ansiedade aumentava. Apreensiva, aproximei-me da grande porta de madeira escultural da entrada. Fui alcançada pelo sol que banhava a entrada do salão e como um assombro, lá estava ele, parado. As mãos dentro dos bolsos, como de costume. Seus cabelos negros jogados para o alto e a blusa social largada para fora da calça jeans.

— Marcus!

— Kim! Ah, Deus! Como é bom te ver. — Marcus não se

surpreendeu ao meu encontrar. Diferente de mim, que estava atônita com sua presença.

Ele caminhou em minha direção e sem receio me envolveu em um abraço perfumado, que não foi retribuído.

Havia duas hipóteses para Marcus estar na Área Militar. Assim como eu, ele poderia ser filho de agentes e estava aqui pelo mesmo motivo de todos os jovens naquele lugar. E a segunda opção, e a menos favorita, era que, assim como meus pais, Marcus também se tornou um agente.

Não conseguia ver uma hipótese em que eu não me sentisse completamente enganada por ele.

— O que faz aqui? — Franzi a testa me afastando de seu abraço.

— É complicado, Kim! — Enrugou os lábios.

— Seus pais são agentes? — Considerei. — Aconteceu algo com eles? — O rosto de Sara me veio à mente e torci para que fosse algo diferente.

— Não, não é isso. — Sussurrou. — Eu não moro com meus pais.

— Como assim, não mora com seus pais? — Minha voz assumiu um tom enérgico. — Quem são aquelas pessoas que você me apresentou? — Minha boca salivou de ódio. Fui enganada por todos aqueles meses que namorei com Marcus?

— Deixe-me explicar. — Marcus segurou levemente em meu braço e me afastou da entrada principal. — Fale baixo, por favor.

— Sara e Tom são meus “pais” para todos os efeitos, mas a verdade é que eles são agentes, assim como eu.

O carma estabelecido em minha vida era pior do que eu poderia imaginar. Meus pais eram agentes, meu ex-namorado era um agente e o homem pelo qual estou perdidamente apaixonada não era nada menos que o comandante dos agentes. Ok, o problema estava ligado a mim. Afastei-me de

Marcus.

— Que ótimo! — Frisei com frieza.

— Kim, perdoe-me.

— Pelo que? — Retruquei. — Por mentir para mim ou me vigiar para o meu pai?

Aquilo claramente poderia ser uma hipótese válida. Meus pais seriam capazes daquilo. Solicitar que um agente saísse comigo para manter minha segurança. Afinal, antes viva do que morta.

— Está louca? — Ele se aproximou novamente. — Namorei com você, Kimberly, contra qualquer aprovação dos seus pais. Paul parecia querer me matar. Eles sabiam que eu era um agente. — Suspirou. — Jamais pense isso.

Baixei a guarda que havia estabelecido quando pensei ter sido enganada por ele.

— Namorei com você porque estava apaixonado pela única pessoa no mundo que não poderia ficar.

— Marcus, não tenho tempo para falar sobre isso agora. — Ergui novamente o muro entre nós.

— Eu espero o tempo que precisar. Existe muito que gostaria de te contar. — Sua mão procurou a minha, exatamente como fazíamos quando meu pai estava por perto. Sentíamos como se escondêssemos da polícia alguma droga dentro da delegacia. Meu pai não suportava a ideia de nos ver sequer de mãos dadas. Agora entendi o motivo.

— Na verdade, preciso que fale, mas não sobre nós. — Afastei minha mão da dele. — O que veio fazer aqui, Marcus? É algo sobre meu pai? — Seu semblante endureceu.

Marcus abriu a boca, analisando as palavras que liberaria em seguida. Antes que pudesse dizer algo, fortes passos chamaram nossa atenção.

— Avisei que era um pesadelo! — Kian sussurrou ao lado do comandante de olhos verdes que marchava ao nosso encontro.

Marcus endireitou a coluna o mais depressa que conseguiu.

— Comandante Primeiro, Comandante Ross! Sou o monitor Marc...

— Sei quem você é. Venha até a sala de reunião, imediatamente. — O Primeiro enfatizou rispidamente sem desviar os olhos dos meus.

Aquele olhar me fez retornar ao dia que o vi pela primeira vez na faculdade. Lembrei-me do breve encontro entre Marcus e o comandante pelos corredores. Marcus ficou paralisado, como se visse algo temeroso passar na sua frente. Estava tudo muito claro agora. Eles já se conheciam.

— Sim, comandante! — Marcus deu um passo à frente. — Conversamos melhor depois! — Sorriu para mim e seguiu os passos marcados pelos coturnos de Draco.

— Preciso de uma senha para conversar com você? — Kian brincou.

— Claro que não. — Dei-lhe um sorriso amarelo. Talvez meu primeiro sorriso verdadeiro depois da turbulência de ontem.

— No final da tarde nos encontramos? — Ele sugeriu. — Preciso saber sobre seus planos para salvar o mundo.

— Combinado! — Dei uma pequena gargalhada que se desfez assim que Kian partiu junto aos outros.

Os comandantes subiram as escadas e seguiram em direção ao terceiro andar. A sala de armas, de acordo com o livro da Área Militar, ficava naquele andar e abrigava uma segunda sala interna a qual eles chamavam de Sala de reuniões. Casos extremos eram discutidos naquele lugar e uma centelha de curiosidade me fez questionar...

O que Marcus teria a dizer?



Capítulo 24

Eu tentei tanto e cheguei tão longe
Mas no fim, isso nem mesmo importa!
In The End – Linkin Park

Kimberly Digory

CAMINHEI ATÉ A escada que me daria acesso a sala de armas. Tamborilei os dedos pelo corrimão, ponderando minhas decisões. Sem olhar para os lados, comecei a subir as escadas da forma mais natural que consegui.

Fui cercada pela sensação de que todos que me olhavam sabiam sobre meus planos de invadir uma sala de reuniões cheia de comandantes aos berros, exigindo respostas. Não era nem de longe o melhor plano do mundo. Sinceramente, sequer poderia ser chamado de plano. E provavelmente, não funcionaria, mas eu precisava tentar. O não, eu já tinha. Agora buscava pelo sim.

Atravessei a ala dos dormitórios femininos e continuei a subir mais uma escadaria. Parei em frente ao corredor que se estendia a minha frente. Luzes brancas iluminavam cada uma das portas, incrivelmente parecidas. Torneadas por uma madeira grossa e brilhante. Ficaria confusa sobre qual delas deveria invadir se não fosse pelas vozes exaltadas fluindo pela última porta do corredor.

Aproximei-me. A cada passo os gritos contidos aumentavam.

Deparei-me com uma fresta aberta por onde o som estava escapando. Toquei na porta, relembrando as palavras que pretendia usar a meu favor.

— Você não tem autonomia para sair da sua cidade sem avisar. Nada, absolutamente nada deve passar despercebido por mim. — O Primeiro urrava.

Sua fúria me congelou. Não consegui executar o plano que vinha arquitetando até aqui.

— Qual a minha opção, comandante? — Marcus retrucou. — Esperar sua permissão para vir até aqui? Admita que jamais aceitaria, Primeiro. Era provável que fosse até Dashville ao meu encontro. Eu não podia esperar.

Marcus gritava defesas a seu favor, mas ainda assim, era notável o respeito que mantinha pelo Primeiro. Diferente de mim, que estava escutando secretamente a conversa alheia e perdendo todo respeito digno que ainda me restava. Afinal, pessoas educadas não ficariam escutando escondidas atrás das portas.

— A sua opção era comunicar a seu superior, independente se estivesse acontecendo uma guerra. A sua vida no percurso até aqui é totalmente responsabilidade minha. E a sua irresponsabilidade poderia ter te matado. — O Primeiro soltou o ar em um jato, diminuindo aos poucos o tom de voz.

— Entendo, comandante. Não deveria ter vindo sem avisar com antecedência, mas a informação que trago tem ligação direta com a senhorita Digory. E quando se trata dela, tenho urgência em relatar os fatos. Sei que isso não é profissional, porém...

— Fique longe dela! — Um frio subiu por minha coluna. As palavras de Marcus me desnortearam. Não esperava por elas. Senti-me ainda mais culpada por estar escutando aquela conversa.

— Adivinha quem deu um passo errado? — A voz de Kian surgiu em

meio ao caos.

— O quê? — Marcus disse desnorteado.

— Fique longe dela! — O comandante ordenou mais uma vez. — Agora entendeu, monitor Young? Ou preciso ser mais específico?

— Não acredito! — Marcus sibilou.

Um silêncio invadiu a sala. Temi que minha respiração nervosa pudesse ser descoberta.

— Então, é isso? — A voz de Marcus surgiu incrédula. — Sério?

— Melhor não tirar conclusões precipitadas, monitor. — O Primeiro vociferou.

— Senhores, temos outros assuntos para tratar.

— O senhor não pode ter nada com ela, comandante. — Kian foi ignorado. — Sabe que não. — Marcus parecia desesperado. — Não importa se é meu superior ou não, estamos falando da vida de uma garota. Eu sou um monitor e represento um perigo imenso para ela. Agora você? Você é o apocalipse. Não pode, não deve.

Apertei os dedos das mãos controlando a vontade de invadir aquela sala.

— Quando sua opinião sobre a minha vida for solicitada, você terá o direito de falar. Até lá, fique fora do caminho ou eu mesmo me encarrego disso. — A voz fria do comandante Primeiro novamente me fez temer por Marcus.

— Marcus, Primeiro. — Kian chamou. — Não vamos resolver nada discutindo. Façam um favor a vocês mesmo e prossigam com a reunião. — A voz de Kian sorria. Daria tudo para ver a sua expressão.

O silêncio confirmou que as preces de Kian foram atendidas.

— Sabemos que veio nos relatar sobre um sequestro. E agora, sabemos também que tem relação direta com a senhorita Digory.

SEQUESTRO?

Meu coração irrompeu em um disparo contínuo. Esqueci como se respirava envolta em desespero. Escorei na porta na tentativa de não perder nenhuma palavra sequer. Antes estava receosa, agora percebi que se quisesse saber de tudo deveria ficar ali, escondida.

— Como sabem sobre o sequestro? — Marcus indagou.

— Fontes seguras. — Kian respondeu.

— Comandante Ross, o senhor invadiu o sistema?

— Não. *Talvez.* — Respondeu. — Enfim, sabemos sobre o assunto. Quer nos dizer o que veio fazer aqui, monitor?

— Prefiro mostrar. — Minhas mãos tremiam, enquanto um móvel era arrastado dentro da sala. — Hoje de madrugada recebemos um pacote na central de Dashville, endereçado ao comandante Primeiro.

— A mim?

— Sim. — Marcus suspirou. — Dentro do pacote, encontramos um aparelho de transmissão de canais de TV. Pensamos que continha algum vídeo, mas quando os técnicos avaliaram de perto descobrimos que se tratava de um canal ao vivo.

— Ah, não! — Kian sussurrou, provavelmente já prevendo do que se tratava.

— Fomos surpreendidos quando ativamos o canal e um velho rosto conhecido apareceu na tela. E não acaba aí, ele queria enviar um recado para o Primeiro.

Minhas pernas perderam a movimentação.

Deus, encontraram meu pai antes de mim!

— Quem? — O Primeiro perguntou.

— Oscar Blake! — Senti uma pontada no estômago, ouvindo aquele nome maldito novamente.

Precisava ter visão do que estava se passando dentro da sala. Arrisquei-me mais um pouco e escorei meus joelhos no chão, encaixando meu rosto na fresta da porta. Avistei os comandantes sentados ao lado de Marcus e de costas para mim. Momentaneamente, meu esconderijo estava seguro. Entretanto, não me sentia forte o suficiente para o que estava por vir.

— O que eles querem? — O comandante disparou. — E como descobriram o endereço de Dashville?

— Acreditamos que o endereço da central possa ter sido fornecido por um dos nossos.

— Jason! — Kian concluiu.

— O canal é ao vivo, então gravamos a transmissão para repassar aos senhores. Recebemos apenas um vídeo até agora. E comandantes. — Marcus os encarou. — Precisamos agir agora!

Marcus alcançou o controle e ligou o aparelho a TV, que agora ocupava o meio da sala de reunião. Kian se inclinou para frente e O Primeiro se manteve imóvel. Então, o vídeo começou, inocente como a ponta de um iceberg.

— Comandante Primeiro! Aposto que já estava com saudades, não é mesmo? — O rosto marcado que apareceu na tela era familiar. Senti uma repulsa quando vi novamente o olhar de Oscar Blake. — Vamos direto ao assunto. Você tem uma coisa que queremos e sabe bem o que é.

Draco fechou os pulsos com tanta força, que poderia estar sangrando quando os abrisse novamente.

Blake estava sentado em um lugar claro. Usava um terno azul de linho e tinha o visual de um homem de negócios, exceto pela cicatriz que atravessava seu rosto e o tornava ainda mais aterrorizante. Ele entrelaçou os dedos e prosseguiu seu lento discurso.

— Sei que não vai entregar a filha do Digory e sei que é improvável

que ele nos entregue o decodificador de senhas por sua livre vontade.

Ah, Deus! Não se tratava do meu pai. Então, quem estava envolvido no sequestro?

— Sendo assim. — Continuou. — Restou-me pouquíssimas variáveis com que lidar. — Prendi a respiração quando encontrei um sorriso maldoso na face de Blake. — Faz ideia de como é difícil fazer uma garota parar de gritar? Difícil, mas não impossível.

A câmera começou a se afastar. Um mau presságio corrompeu minha mente. Senti o suor descendo pela minha nuca.

Blake se levantou, revelando em suas costas uma cadeira que, para o meu desespero, estava ocupada por alguém amarrado, com os braços para trás e um enorme capuz preto cobrindo sua cabeça.

A jovem estava vestida com uma calça escura e uma camiseta branca, que nitidamente estava manchada de sangue. Meu estômago ameaçou ceder à ânsia que me atingiu.

— Droga, Droga, Droga! — Kian repetiu enquanto se colocava de pé.

— Pensei que para conseguir o decodificador, precisaria de um incentivo. Eu não vou encontrá-lo sozinho, comandante. Pelo contrário. Você vai trazê-lo para mim. Afinal, o grande Primeiro não perderia uma vida inocente, estou certo?

Blake rodeou a cadeira e manteve por longos segundos, um maldito suspense.

— Diga um “oi”, querida! Saiba que o pai da sua amiga é a única esperança para que você saia viva daqui. — Blake sorriu e arrancou o capuz da vítima.

Engoli o ar incapaz de me mover. Minha garganta ardeu, meu coração pareceu congelar. Um sentimento estranho e doloroso percorreu meu corpo quando vi Olivia, minha melhor amiga, amarrada naquela cadeira com a boca

amordaçada e grandes hematomas espalhados pelo seu rosto claro.



Capítulo 25

Você é livre para fazer suas escolhas,
mas é prisioneiro das consequências.
Pablo Neruda

Kimberly Digory

COMO UMA ESTÁTUA, permaneci no mesmo lugar. Havia perdido a capacidade de controlar meu corpo quando vi a cena mais agonizante de toda a minha existência. Não era um pesadelo do qual eu poderia acordar. Ela estava naquele lugar, presa, sozinha e machucada. Tudo por minha causa.

Aguardei, observando contra minha vontade os olhos de Olivia encharcados por suas próprias lágrimas enquanto o joguinho de Blake continuava.

— Desgraçado! — O Primeiro urrou, chutando uma das cadeiras para longe. — Como permitimos isso? — Passava as mãos pelo rosto, caminhando por toda sala de reunião.

— Comandante, deve admirar a agilidade dos nossos subordinados. Olivia voltava da faculdade para a casa quando a interceptamos. A luz do dia, sem testemunhas. Apenas mais uma jovem desaparecida. Cheia de sonhos. Estou certo, querida? Se formar? — Ele encarou Olivia como se aguardasse uma resposta. — Casar? Ter filhos? Talvez, não. Crianças são pestes difíceis

de controlar. — Monstro. — Ela não terá essa oportunidade, comandante. Não se você não der isso a ela.

Blake caminhou até a câmera, impedindo novamente a visão sobre Olivia.

— Você e seus subordinados têm 24 horas para entregar o decodificador de senhas bancárias no leste do Parque central de Bristol. — Blake encarou Olivia por cima do ombro. — Admito, gostaria de acabar com ela apenas pelo esforço que tive para trazê-la até aqui, mas sou um homem de negócios. Cumpra sua parte e Olivia estará livre. Tenho homens disfarçados por todo o parque, se tentar alguma gracinha, ela já era. E comandante, não espere nosso próximo contato. As próximas cenas não serão tão agradáveis. — Meneou um sorriso sarcástico. — Até lá, nós podemos continuar nos divertindo. — Olivia começou a se debater violentamente, jogando os cabelos negros para todos os lados. Seu grito contido pelas amarras era agonizante. Uma tortura para os ouvidos.

Apertei os olhos, controlando a tontura que estava sentindo. Quando os abri novamente o vídeo havia terminado.

— É isso que temos! — Marcus anunciou.

Não permaneci tempo suficiente para saber o que os comandantes fariam. Olivia não sofreria nem mais um dia por minha causa. Iniciei uma corrida contra o tempo até o loft do comandante Primeiro. Minhas mãos tremiam, minha cabeça latejava.

Bati a porta atrás de mim e entrei como um furacão em meu novo quarto. Não pensava ou sequer queria pensar. Agi controlada por meu desespero.

Caminhei até a janela, contendo a respiração pela primeira vez. Olhei para a infinita área verde que me cercava. Como sair daquele lugar sem ser notada?

Enquanto planos eram bolados por meu subconsciente, pulei sobre a cama e agarrei minha mochila marrom. Precisava chegar até o Parque Central em Bristol. Estando comigo, Blake libertaria Olivia. A pulseira que Kian havia me presenteado seria meu passaporte para fora daquele lugar. Através dela, os comandantes me encontrariam.

Mas e se...

Um alerta soou em meu subconsciente e uma nova ideia me veio à mente. Corri até a cozinha, peguei uma faca pontuda e retirei a pulseira. Tateando-a até encontrar o ponto em que Kian inseriu o rastreador. Com a ponta da faca, retirei o pequeno ponto preto preso entre as paredes de prata da pulseira e comecei a procurar um copo. Aquilo tinha que funcionar.

O plano principal estava traçado. Olhei nos bolsos da mochila, encontrando alguns dólares. Peguei o spray de pimenta que meu pai me deu quando comecei a namorar Marcus e o sacudi. Ainda estava intacto. Blake não era um ser humano, era um mostro. Tinha que me prevenir.

Ouvi um apito da ré de um caminhão e olhei pela janela.

— O caminhão de lixo! — Exclamei.

A ideia mais insana do mundo.

— Vai dar certo!

Arranquei uma folha dos meus cadernos e peguei uma caneta. Deixaria uma carta para Draco, explicando por que fugi. Todos os detalhes me fariam ganhar tempo.

Deixei a carta em cima da minha cama, aguardando que o comandante a encontrasse. Senti um frio na barriga quando percebi que minha hora havia chegado. Deveria partir.

Cheguei ao pátio e encarei meu destino. O motorista robusto, de cabelos ralos e altura mediana estava escorado na porta do caminhão. Precisaria de ajuda para entrar na caçamba sem ser vista por ele. Considerei

minhas opções e revirei os olhos quando percebi que não tinha escolha.

Hannah estava sozinha em uma das cadeiras de repouso do pátio com os olhos vidrados na tela de seu celular. Seria a oportunidade perfeita. Aproximei-me na calada.

— Hannah! — Chamei.

Ela olhou em meu rosto e desviou o olhar, voltando a encarar a tela do celular.

— Hannah! — Sussurrei novamente.

— Por que está falando comigo? — Espremeu os olhos.

— Sei que me odeia e acredite, é recíproco. — Ela me lançou um sorriso cínico. — Quer se livrar de mim, não é? — Sua feição mudou.

— O que você quer? — Perguntou.

— Preciso sair da Área Militar. — Hannah arregalou os olhos. — E assim, saio do seu caminho. É um bom jogo, para as duas.

— Onde me encaixo nisso?

— Não consigo sair daqui sozinha, preciso da sua ajuda. — Ela franziu as sobrancelhas perfeitamente desenhadas.

— Então, você vai embora? Vai abandonar suas amiguinhas e seu comandante? — Abri os lábios para argumentar. — Ah, por favor. Pensa que não sei? É difícil esconder algo de mim, ainda mais quando não fazem questão de esconder. O que devo fazer para que você desapareça logo daqui?

Chegamos próximo ao caminhão, aguardando o momento certo de colocar o plano em prática.

— Não faça nenhuma idiotice. — Hannah me alertou. — Não quero ter problemas com os comandantes.

Respirei fundo enquanto ela jogava seus cabelos lisos por todos os lados, como uma cobra preparando o bote. Hannah apertou as próprias bochechas e seguiu para seu papel teatral.

— Oi, tudo bem? — Ouvi a voz de Hannah se apresentando para o motorista com uma carga extra de sedução. — Você é o novo motorista daqui? — A víbora tinha atacado mais uma vítima. Seu papel foi cumprido.

Esgueirei-me pela pequena abertura na traseira do caminhão. O odor insuportável de lixo me fez tapar a boca, contendo a ânsia de vômito. Segurei a respiração e aguentei firme. Precisava sair dali. A cada segundo que passava, Olivia sofria todo tipo de tortura, física e psicológica na mão daquele lunático.

Alguns minutos depois, o caminhão tremeu ao ser ligado. Segurei em um dos ferros da porta na esperança de não cair no meio do lixo e senti algo molhado e grudento deslizar em minha mão. Tive nojo e não consegui olhar o que era. Precisava continuar segurando ou aquela pasta nojenta, em breve, estaria por todo o meu corpo.

Lentamente, começamos a nos mover. Agora não existia mais volta. Em toda minha vida, jamais pensei que vivenciaria uma situação como aquela. Atingi um patamar alto demais para meus pés. Desfiz-me de minha própria vida por aqueles que eu amava.

Sabia que enfrentaria consequências, mas no fundo não me importava. Ansiava apenas pelo fim de tudo aquilo.



Capítulo 26

Nunca diga que não
consegue sem primeiro tentar.
Jadakiss

O Primeiro

RESSOAVA NO AR apenas os passos que tamborilavam pelo chão no meu percurso de ir e vir entre a mesa de reunião e a janela da sala de armas. Meus pensamentos fervilhavam. Kian batucava os dedos em cima do teclado do notebook e não digitava absolutamente nada. Marcus aguardava instruções, ansioso. Precisava pensar e rápido. A vida de Olivia dependia de nós. Considerar as atrocidades que Blake poderia fazer com ela me deixava atormentado.

— Estou buscando o rastreio do sinal, Primeiro! — Kian despertou de seu transe compulsivo e deu início a uma pesquisa e inclusão de códigos sem fim junto ao seu notebook.

— Monitor, emita o sinal de alerta a todas as unidades e centrais. Vou reunir as equipes e prepará-los para a invasão. — Kian ouvia atentamente, mas manteve os olhos focados em sua tela. — Rastrearemos o sinal e abordaremos a localização. Forças letais estão liberadas. — Marcus me lançou um olhar condenador. — Você não conhece Morton e seus capangas. Se conhecesse, diria que poderíamos enviar um míssil direto para o endereço

localizado.

— Primeiro, todo o nosso grupo de técnicos já tentou rastrear o sinal. E nada. Ele é indecifrável.

— Os seus técnicos não conhecem o comandante Ross. — Bati a mão na mesa. — Apenas deixe que ele trabalhe.

— Sim, senhor! — Ele deu um passo para longe de mim e começou a caminhar pela sala. — Talvez esteja escondido atrás de uma frequência. É raro, mas ouvi os técnicos confirmarem que é possível. Porém, muito difícil de hackear.

— Shhh! — Kian ergueu as mãos para o alto e olhou para frente, perdido em pensamentos. — Primeiro, existem quantos canais de televisão a cabo em Bristol?

— Não faço ideia!

— Nesse caso, senhores. — Retornou para a tela do notebook. — Trata-se de uma questão de tempo até localizarmos o sinal. O monitor Young está certo quando afirma que Blake está escondido em alguma frequência secundária. Os sinais emitidos pertencem a um canal de televisão, porém com os códigos embaralhados, eles conseguem usar essa transferência para outro ponto específico, o que podemos chamar de transmissor. E ainda assim, se mantém escondidos.

— O quê? — Marcus indagou.

— Esqueçam! — Kian reclamou, abaixando as mãos. — Em breve, teremos a localização.

Senti uma faísca de esperança surgir em meu peito.

— Atenção, todas as unidades. Repito, todas as unidades. A Área Militar estará organizando um resgate com indução de combate eminente. Alertamos as centrais e aos membros regionais...

Deixei Marcus e Kian trabalhando no caso, enquanto me restava mais

uma missão, talvez mais cautelosa do que qualquer outra. Respirei fundo, ciente de que deveria conversar com Kimberly sobre o desaparecimento de sua amiga. A forma que ela reagiria a mais uma perda era o que me preocupava. Caminhei pelo pátio a procura de Kimberly. Um frio assombrava meu peito. Precisava encontrá-la rápido.

Fiz uma ronda pelo refeitório, caminhei pela quadra e não parei até avistar as senhoritas Harper e Evans conversando distraídas próximo à entrada principal. Kimberly não estava com elas. Restou-me a opção de conferir no meu loft. Provavelmente, ela estaria alimentando seu ódio contra mim e minhas regras. Ainda sem entender que tudo o que fiz e tudo que farei, serviria apenas para mantê-la em segurança.

Adentrei o loft e me posicionei frente à sua porta.

— Kimberly! — Bati duas vezes na porta de seu quarto e aguardei sua voz permitindo minha entrada.

Esperei e nada. O retorno do silêncio me fez pensar o quanto Kimberly estaria brava comigo.

— Kimberly. — Bati novamente.

Havia algo errado. Esperei longos e aflitos segundos e tombei a cabeça rumo à porta tentando escutar algum ruído. O resultado permaneceu o mesmo. Nada.

— Kimberly! — Abri a porta do quarto com força.

O quarto estava vazio.

Fui acometido de um pavor sem igual quando avistei em cima de sua cama uma folha de papel aberta. De longe vi que era sua letra e no fundo, sabia do que se tratava. Corri até a cama e agarrei o papel. Encontrei ali, em letras cursivas escritas às pressas, o motivo de tudo.

Eu vi o vídeo! Sinto muito por isso, mas não posso permitir que

Olivia sofra em meu lugar. Pretendo trocar uma inocente por outra não tão inocente assim. Estou apaixonada por você com cada centímetro do meu corpo e isso não é novidade alguma. Segui meus instintos e mesmo que temesse pelo que poderia vir daqui em diante, soube que era o certo a se fazer. Estou usando o presente de Kian. Dessa forma, poderão me encontrar. É o que espero com toda a minha vida, mas se algo der errado, saiba que me arrependo apenas de não ter dito o que sentia olhando em seus olhos.

Dê um abraço em Kian por mim. Ele foi um ótimo amigo. Se encontrar com meu pai diga que o amo e faria tudo novamente por ele.

Com todo louco amor que mantenho por você...

Kim!

Meus olhos ardiam quando terminei a leitura. Um frenesi tomou meu corpo e a tremedeira começou. Uma mistura de raiva e medo se apossou de mim.

Como ela teve coragem?

Arranquei o rádio preso em minha cintura e aos berros emiti alertas por toda região de Bristol. Todas as unidades procurariam Kimberly antes que Blake tivesse a chance de colocar as mãos nela.

— Todas as unidades, na escuta? Emitam um alerta de busca. AGORA! Kimberly Digory saiu nesta manhã da Área Militar a caminho do parque central de Bristol. Garota ruiva, estatura mediana, olhos castanhos. — Um sorriso acalentador, o abraço quente e definitivamente a única que conseguia me deixar sem palavras, teimosa, mas de um coração incrível. Peguei-me em desespero. — Preciso que a encontrem, prioridade alta. Ela corre risco de vida.

— Primeiro, o que houve? — Kian acionou meu rádio em seguida.

Pelo tom de sua voz, ele já suspeitava do ocorrido.

— Ela fugiu, Kian. Viu o vídeo e nem me pergunte como, mas está com a pulseira, rastreie-a.

— Agora mesmo!

Alcancei a sala de reuniões mais rápido do que eu poderia imaginar. Adentrei a sala, encontrando todos os soldados e agentes reunidos, aguardando instruções. Kian sequer olhava para os lados, afundado em busca de mais informações sobre Kimberly em seu rastreador.

— Senhores, estamos à beira de uma guerra! Uma guerra antiga e violenta. — Comecei o breve discurso que sucederia à batalha. — E agora, preciso de todos vocês ao meu lado. — Um a um os soldados foram prestando continência, se aliando a mais uma causa.

Ouvimos o barulho de vários carros, percorrendo as ruas de pedra da Área Militar e, em conjunto, nos viramos para a janela. Havia se passado uma hora do anúncio de Marcus a todas as centrais e em velocidade recorde, haviam chegado até a Área Militar.

Ao longe, avistei as sirenes das viaturas de alguma das nossas sedes. Kian se levantou enquanto o rastreador mapeava Bristol atrás de Kimberly. Os incontáveis carros pararam um atrás do outro e me vi arregalando os olhos, estagnado, com a visão que tive.

Um homem alto desceu do primeiro carro, acompanhado de três agentes. Kian me encarou descrente.

— É Paul Digory! — Ele havia chegado e trouxe com ele metade da nossa tropa de resgate.



Capítulo 27

Alguém me disse há muito tempo
Há uma calmaria antes da tempestade, eu sei
Have You Ever Seen The Rain? - Ramones

Kimberly Digory

ENFREITEI OS QUILÔMETROS mais ardilosos da minha vida. Meu olfato sairia prejudicado, com certeza, mas daria sorte se não contraísse alguma doença dentro daquele caminhão de lixo. Meu corpo era sacudido por todos os lados enquanto meu coração ardia de ansiedade. Esperaria a primeira parada que o caminhão fizesse para descer da mesma forma que havia entrado, sem ser vista.

Andamos por um lento e longo tempo. Senti o caminhão brecar e antes que a ânsia de vômito vencesse, o motor foi desligado. Aquela era minha oportunidade.

Ouvi a porta do motorista abrindo e comecei a contar com a sorte. Contei mentalmente até três e abri a porta traseira do caminhão, disposta a correr até perder as forças, sem olhar para trás.

Diferente disso, quando meus pés tocaram o chão, me senti oficialmente uma fugitiva e fiquei paralisada, agarrada a porta do caminhão, olhando para todos os lados. O ar fresco de um dia típico de outono era revigorante, como um copo de água no deserto depois de todo aquele tempo

poupando minha respiração dentro daquele lugar. A rua estava deserta, mas aquela situação poderia mudar a qualquer momento.

Soltei-me da porta com receio e comecei a caminhar da forma mais natural possível. A rua em que paramos estava cercada de casinhas brancas, confortáveis, com vasos de flores pendurados nas varandas e carpetes de boas-vindas nas entradas. Criei coragem e olhei para trás. Percebi que o caminhão estava parado em frente a uma dessas casas decoradas. O motorista morava ali. Senti inveja de toda aquela paz vivenciada por aquelas famílias. Nunca tive aquilo em minha vida e sabia que jamais teria. Talvez paz fosse uma palavra alheia ao dicionário dos Digory.

Entrei na primeira rua que surgiu na minha frente. Encontrei algumas pessoas caminhando por ali. Voltando do trabalho, indo para a escola ou apenas fazendo compras no supermercado vizinho. Seguindo suas vidas enquanto eu passeava entre elas, indo arriscar tudo o que me restava. A minha própria vida.

Meu coração acelerou quando avistei um táxi vindo em minha direção. Corri até ele como se a qualquer momento ele fosse desaparecer.

— Ei! — Gritei, entrando na sua frente. O taxista brecou violentamente. Os óculos do jovem motorista foram parar em seu pescoço.

— Onde é o incêndio, senhorita? — Disse quando invadi o banco traseiro de seu táxi.

Observei por segundos seus cabelos ruivos e as sardas avermelhadas que povoavam seu rosto magro e sorridente.

— Parque Central! —Orientei sem cerimônia.

— É para já! — A velocidade que ele acelerou o táxi me fez repensar minha escolha.

— Está sentindo esse cheiro? — Perguntou.

— Não! — Menti.

Qualquer um que me conhecesse saberia a verdade apenas pela vermelhidão em meu rosto. Não estava tão ruim assim, vindo de alguém que fez uma viagem dentro de um caminhão de lixo.

— Fica longe daqui? — Perguntei.

— Dez quarteirões. — Ele me encarou rapidamente pelo retrovisor. — Você não é daqui, é? Quer dizer, não parece ser daqui. Apesar de ser ruiva, como eu e ter a probabilidade de ser uma prima distante, não parece morar em Bristol. Aliás, meu nome é Henry!

Ótimo, agora o tagarela tinha um nome.

— Sou de Dashville. — Respondi mal-humorada, mas não espantei o olhar curioso de Henry, que ainda me encarava pelo retrovisor, passando a quase cem quilômetros por hora em sinais amarelos. — Meu nome é Kimberly. Olhe para a frente, por favor. Não quero morrer. — Seria irônico.

— Kimberly de Dashville. Nunca fui para aqueles lados, mas aposto que eles não têm um parque como o nosso. — Completou orgulhoso, ignorando meu pavor pela velocidade que alcançávamos. — O parque central é o maior e, com certeza, o mais conhecido de nossos parques. Ele começa no Capitólio e acaba no Memorial da cidade... — Sem querer, havia entrado em um taxi turístico com sérios problemas no velocímetro.

— Parece incrível. — Respondi encarando meus próprios dedos.

Alguns minutos e longas histórias depois, havíamos chegado.

— Olha ele aí! — Henry apontou para o parque majestoso ao meu lado.

— Obrigada! — Agradeci dando a ele o dinheiro trocado. — Desculpe o mau jeito.

— Não se preocupe. Atendo várias corridas de moças fugindo por aí. — Ele riu da própria piada, me fazendo corar. — Foi um prazer te conhecer, Kimberly de Dashville. Talvez nos encontremos!

— Espero que sim, Henry. — Assim como esperava sair continuar viva daqui algumas horas.

Sem retirar aquele sorriso enorme do rosto, Henry arrancou o táxi na mesma velocidade que havíamos chegado.

Mal o conhecia e desejava tê-lo por perto mais um pouco, sabendo que isso adiaria meu encontro com os homens de Blake.

Endireitei o corpo e segurei minha mochila pelas alças, procurando em meio a imensidão, o local certo para o qual deveria seguir. A parte leste do parque.

Em outra situação, ficaria deslumbrada com as imagens à minha frente. Henry estava certo. O parque central era a visão do céu. O sol inebriava meus olhos. Impossível descrever a sensação que aquelas folhas verdes transmitiam. Era como adentrar outro mundo. Celeste, colorido. De longe, podia avistar o Obelisco e toda sua magnitude.

Caminhei pela orla do extenso lago cercado pelo parque enquanto pessoas mais sortudas aproveitavam um passeio de canoa. Peguei-me reparando um casal trocando carícias e olhares compromissados, entre sorrisos e obviamente uma felicidade escultural. Pensei em meus pais e em como se amavam.

Quantos momentos daquele puderam ter juntos?

Lembrava-me de poucos. Porém, ainda assim, nunca vira um olhar apaixonado como o dos meus pais. O sacrifício entre eles era unânime. Deixaram vidas normais para viver uma vida que sequer os permitia a tranquilidade de uma tarde no parque, mas permaneceram juntos, lado a lado, até que mãos maldosas os separassem.

Pela primeira vez, pensei em meu pai de forma diferente. Até agora me preocupava em encontrá-lo. Tê-lo em segurança, dividir com ele meus sentimentos dolorosos ou pelo menos, ouvir sua voz. Esqueci-me

completamente que, assim como eu, ele também havia perdido minha mãe. Sua esposa e sua companheira há mais de vinte anos. Dividíamos o mesmo sofrimento e mesmo que aquilo fosse pesaroso, quão bom era saber que não estava sozinha nisso tudo.

— Não acredito! — Ouvi uma voz masculina sussurrar atrás de mim.

Virei meu corpo para ver quem era, mas fui impedida por uma mão pesada que repousou em meu ombro. Algo foi prensado contra minhas costas e eu sabia o que era.

— Tem noção do quanto nosso chefe vai adorar te ver hoje? — O homem roçou a barba em meu pescoço e pressionou ainda mais sua arma contra meu dorso.

— Tire suas patas de mim. — Puxei meu ombro inutilmente.

— É melhor ficar calma. — Ele envolveu minha cintura com sua mão, de forma que parecíamos dois namorados passeando no parque.

Apertei os pulsos, sentindo a pulseira incomodar como um amuleto. Depositei minhas esperanças no rastreador criado por Kian. Os comandantes iriam nos encontrar. Naquele pensamento, por um segundo, senti prazer, imaginando o que eles fariam com aquelas mãos enormes que enroscavam meu corpo sem pudor.

— Estou aqui porque eu quero! — Anunciei encarando seu rosto.

Seus olhos castanhos eram ternos. Jamais teria medo daquele homem se o encontrasse em qualquer outro lugar. Entretanto, aquela arma mudava tudo.

— Então, você é mais tola do que parece! — Ele franziu os lábios enquanto me arrastava silenciosamente para meu destino.

Passei ao lado de várias pessoas contentes, tirando fotos uma atrás da outra. Totalmente alheias ao que estava acontecendo ali. Seguimos para uma rua erma ao lado do parque, onde um carro negro nos aguardava. A porta se

abriu e um senhor robusto desceu fumando um cigarro.

— Que diabos significa isso? — Seu enorme bigode se mexeu junto com seus lábios enquanto caminhava ao nosso encontro.

— É um presente para Blake, senhor! — O homem respondeu orgulhoso.

— É a filha dos Digory, seu idiota! — O velho parecia estar à beira de um infarto.

— Sei exatamente quem ela é, por isso devemos ir até ele o mais breve possível. — Nitidamente aquele homem era novo demais para ser um mafioso experiente.

— Você é um grande imbecil! Acha que ela apareceria assim, do nada? — Senti minha respiração oscilar.

Os dois começaram a olhar ao redor, como se esperassem um ataque ali mesmo.

— Estou aqui porque a vida da minha amiga está em perigo por minha causa. Quero que Blake a liberte. — Eles se entreolharam. — Não há mais ninguém comigo.

— Ou você é muito corajosa ou é muito burra! — O velho rosnou, fazendo com que o seu parceiro mais novo me encarasse como quem diz “eu avisei, é uma tola”. — De qualquer forma, reviste-a e a jogue dentro do carro.

As enormes mãos daquele homem percorreram meu corpo. Fechei os olhos, escondendo a repulsa que sentia.

— Não precisa disso para onde vai. — Disse agarrando minha mochila e a jogando no canto da rua.

Encarei-o com nojo e suspirei enquanto ele abria a porta do carro para que eu entrasse. Não me opus, entrei ciente de que meus planos estavam dando certo. Apenas quando vi os vidros escuros do carro embaçados pela fumaça do cigarro que o velho fumava, percebi o que estava fazendo. O terror

se aproximou de mim, mas me desfiz daqueles pensamentos. Daria certo. Tinha tudo para dar.

— A pulseira! — O velho anunciou, olhando pelo retrovisor, me fazendo gelar.

— O quê? — O homem perguntou confuso.

— Jogue a pulseira dela fora. — Prendi a respiração.

— Não! — Gritei, imaginando a pulseira ancestral de Kian sendo jogada em um canto na rua. — Por favor, foi um presente da minha mãe e ela está morta. Deixem que eu fique com ela. Não passa de uma pulseira de família. — Meus olhos se encheram de lágrimas, verdadeiras demais. Lágrimas de ansiedade.

O homem olhou em meu rosto, ponderando meu pedido. Havia esperança.

— Senhor?

— Peter, você aprenderá mais uma lição neste momento. — Agora o homem tinha um nome. Entretanto, sabia que nem toda compaixão do mundo despertada em Peter por questões de segundos, impediria o final daquela frase. — Quando se trata da Área Militar e dos comandantes é melhor desconfiar de tudo. Em algum lugar nessa garota tem um rastreador e acredito ser na pulseira, mas cogitei a ideia de arrancar os dentes dela. É uma opção, então pode escolher. A pulseira ou os dentes? — Estremeci atônita e incapaz.

Olhei para Peter, apavorada e rapidamente suas mãos abriram o feche da minha pulseira. A joia estava entre seus dedos e antes que pudesse argumentar mais, Peter abriu a janela e jogou minha pulseira na rua, ao lado da mochila.

Peter fechou a janela e me encarou.

— Não reclame. — Resmungou. — Eu poderia ter escolhido os dentes.

Engoli em seco, evitando que qualquer sentimento revelasse a verdade em meus olhos.

O carro arrancou. Olhei para trás e vi minhas coisas jogadas em um canto escuro da rua. Minha mochila, minha pulseira, assim como uma parte da minha vida. Apenas uma coisa me confortava. Se meu plano desse certo, em breve tudo teria terminado.



Capítulo 28

As guerras vêm e vão, mas
meus soldados são eternos.
2PAC

O Primeiro

QUANDO PAUL CRUZOU a porta da sala de armas atrás do silêncio imposto pela ocasião, havia espanto em nossos rostos. Como um fantasma que ressurge a olhos nus, eu o encarava.

— Paul! — Sussurrei.

— Primeiro, Ross. — Ele adentrou a sala sem desfazer sua postura endurecida.

— Por onde esteve? — Kian não se conteve.

— Por muitas regiões, comandante. Mantive-me escondido em lugares informais. Meu último abrigo foi na central de Seattle. Tenho bons amigos ativos por lá. Tudo foi mantido em sigilo, até recebermos o primeiro alerta, emitido por Marcus. — Suas mãos estavam trêmulas.

— Venha comigo. — Conduzi Paul até a sala ao lado, onde conversaríamos em sigilo.

— Primeiro, o que houve aqui? Ela fugiu? Foi isso? — Paul iniciou uma sequência de perguntas sem parar para respirar. Estava desesperado, mas buscava manter sua postura.

— Sim. — Passei a mão pelos olhos. — Kimberly fugiu. Blake tem Olivia nas mãos e sua filha descobriu tudo.

— Pobre Olivia! — Lamentou desnorteado, segurando as têmporas. — Desgraçados! — Paul desferiu um soco sobre a mesa parada em sua frente.

— Kimberly sofreu muito pela ausência do pai. — Havia julgamento em minha voz, mesmo que sem intenção. — Talvez pudesse ter encontrado uma forma de se comunicar conosco.

— Não faz ideia do quanto sinto por tê-la feito sofrer. Não tive escolha. Precisava mantê-la em segurança. — Eu fazia ideia. — Soube da existência de um delator dentro do comando. Não pude revelar minha localização depois disso. — Ele tinha razão.

— Vamos tirar as duas daquele lugar. — Tentei parecer firme, mas minha voz hesitante me denunciou. — A tropa está disponível.

— Confio em vocês. Sabe disso, filho. — Ele ponderou. — Mas preciso acompanhá-los.

— Não lhe pediria para ficar. — Anui. — Precisamos de você em campo.

Paul era um excelente atirador. Um dos melhores que já vi. Além de ter estratégia e comando, era pai de Kimberly e braço direito dos comandantes da Área Militar.

— Primeiro! — Kian gritou da sala ao lado, fazendo com que Paul e eu corrêssemos até ele.

— Encontrei a pulseira! — Meu coração saltou.

— Pulseira? — Paul questionou.

— Kimberly está usando uma pulseira com rastreador. — A face de Paul suavizou em um instante, antes das palavras de Kian dissiparem nossas esperanças.

— A pulseira não está com ela!

— Como? — Arqueei o corpo em direção ao notebook. As imagens via satélite confirmavam. A pulseira estava jogada próximo ao parque, ao lado da mochila de Kim.

— Ah, droga! — Marcus lamentou do canto extremo da sala de reuniões. Parecia se esconder e eu sabia que o motivo para aquilo era a presença de Paul.

— Santo Deus! É a mochila dela! — Paul observou, rodando no mesmo lugar. — Temos que encontrá-la, Primeiro. — Não era o pedido de um agente, tratava-se do pedido de um pai.

— Prometo que iremos! — Olhei em seus olhos, jurando com minha própria vida revirar o mundo e trazer Kimberly em segurança. Porém, meu íntimo estava desestabilizado. Corrompido pelo ódio.

— Espera! Tem algo de errado. — Kian encarava o monitor do seu notebook confuso.

— O que quer dizer com isso, comandante? — Paul interferiu.

— A pulseira está caída no chão, mas o rastreador continua em movimento, ainda que o sinal esteja drasticamente mais fraco... eu não entendo. — Os olhos de Kian se perderam por um segundo e como se despertasse de um pesadelo, ele saltou na cadeira e começou a digitar, desesperadamente. — Não acredito que ela fez isso! — Ele colocou a cabeça entre as mãos por dois segundos, interrompendo seu frenesi.

— O que ela fez? — Perdi a paciência. — Não nos deixe no escuro, Kian. — Fui bombardeado por hipóteses monstruosas relacionadas à Blake e Kimberly. Temia que aquele visor de televisão fosse ligado novamente, dessa vez, com Kimberly sentada naquela cadeira.

— A pulseira está jogada em um canto no parque. — Kian gritou, olhando para o notebook como se sua explicação fosse óbvia demais. Senti

meu coração parar de bater. — Então por qual motivo o ponto vermelho na tela do rastreador continua em movimento?

O ponto vermelho representava Kimberly.

— O rastreador ainda está com ela. — Marcus se aproximou, entrando no campo visual de Paul.

— Mais do que isso, senhores. — Kian parecia brilhar a cada nova palavra que emitia. — Creio que, pela força de emissão do sinal, o rastreador esteja sob a influência de algo corrosivo. Onde encontramos ácido no corpo humano?

— No estômago. — Marcus respondeu, enquanto eu e Paul encarávamos a tela com uma visível esperança no olhar.

— Ela engoliu o rastreador. — Repeti a informação, descrente.

— Santo Deus! — Paul suspirou fundo. — Essa é a minha garota.

— Se está no estômago não vai resistir muito tempo antes que corroa. Consegue rastreá-la antes disso, Kian? — Arregalei os olhos, me agarrando novamente a um fiasco de esperança.

— Já rastreei. — Vociferou. — Temos o endereço, Primeiro!

— Atenção, preparem-se! — Gritei para todos os soldados e agentes ao meu redor. — Vamos sair para caçar!

— Sim, senhor! — Um coral de homens armados respondeu ao meu pedido.

— Prestem atenção. Entraremos em formação. Andem em grupos e não se separem. Atirem no que se mover e não tiver esses rostos. — Apontei para eles fotos de Olivia e Kimberly. — Não tenham misericórdia, eles não pensarão duas vezes antes de matar vocês. Duas vidas dependem de nós agora. Confiram as armas, munições, granadas, coletes e máscaras de proteção. Eu quero a cabeça de Aidan e Blake!

— Uma a uma! — Kian me encarou de forma sombria. — Vamos!

Marcus me interceptou assim que alcançamos nossas armas, nitidamente ainda fugindo de Paul.

— O que devo fazer? — Olhei de soslaio para Kian que deu de ombros. — Marcus, quero que fique na Área Militar. — Assumi.

— Primeiro, com todo respeito, não posso ficar. Kim significa muito para mim e...

— Preciso de alguém graduado responsável pela Área Militar na minha ausência. — Seus olhos brilharam.

— Nesse caso, não posso dizer não. — Sua postura mudou. — Kim ficará bem, os comandantes estão a caminho. — Seus valores também pareciam ter mudado. Independente se eu gostasse daquilo ou não, precisava dele.

— Acione a central mais próxima se tiver problemas. Estaremos de volta em breve. — Deixei Marcus com a feição de um jovem que ganha o primeiro carro dos pais e segui para o combate mais importante da minha vida.

— Primeiro! — Marcus gritou. — Cuidarei da Área Militar com minha própria vida. — Anunciou.

— É o que espero! — Meneei um comprimento e dei as costas.

— Uma atitude desesperada? — Kian sussurrou.

— Um mal necessário! — Confirmei.

Escondi meus medos em um lugar que não me atrapalhariam, teria que fazer o meu melhor. Olhei para a bancada de armas parada a nossa frente, aguardando que cada um escolhesse a sua. Aquilo era o que eu fazia de melhor e hoje não seria diferente. Segurei minha HK USP 9 milímetros enquanto Kian agarrou seu fuzil M16.

— Mais um dia no paraíso, parceiro! — Kian comentou. Estava preocupado, eu podia sentir.

No banco de trás, Paul aguardava ansioso. Kian segurou o volante e deu a partida, aguardando meu sinal.

Cada um daqueles homens significava toda a minha vida. Paul me estendeu a mão quando mais precisei, quando não me restava nada além da dor. Kian, da mesma forma que eu, havia perdido tudo. Não tinha absolutamente mais nada e ainda assim, tinha mais a dar do que desejava receber. Kian completou a Área Militar com sua inteligência, perspicácia e seu grande coração. Kimberly fez de mim um novo homem. Aflorou em meu peito algo escondido há anos e não cogitava a ideia de viver longe daquele sorriso lindo. Olhei pelo retrovisor e vi fileiras de jipes e carros negros, aguardando minhas ordens. Aqueles soldados matariam por mim e, se necessário fosse, morreriam também.

O Primeiro comandante não era Draco Clarent, o Primeiro comandante representava cada um daqueles homens e mulheres dispostos a dar mais do que receber por seu país e por seus irmãos de farda. Por isso, minha obrigação, um dever do Primeiro, era trazer todos eles em segurança de volta para casa. Aquela era minha missão individual!

Bati na lataria do jipe, emitindo o sinal.

— VAMOS!



Capítulo 29

A morte parece menos terrível
quando se está cansado.
Simone de Beauvoir

Kimberly Digory

POR TODO CAMINHO, senti meu coração parar regularmente de bater. Uma brasa descia por minha garganta enquanto percorria quilômetros por uma cidade desconhecida, com pessoas estranhas e que, de forma alguma, almejavam o meu bem.

O que um comandante faria no meu lugar?

Sem opções de fuga, completamente desarmada e temendo que o rastreador em meu estômago não me fornecesse alguma chance de ser rastreada, o medo começava a me dominar. Minhas chances chegavam a ser ridículas.

O velho rançoso estacionou o carro em um estacionamento abandonado. Peter apertou o meu braço, assegurando-se que eu não tentaria fugir.

— O gato comeu sua língua? — Disse enquanto me arrastava em direção a um galpão enferrujado. — Se não comeu, logo comerá. Sabe como Blake adora mulheres! — O bigode do velho parecia ter adquirido vida própria e se mexia a cada nova palavra desferida contra mim.

Peter deu três batidas em um grande portão enferrujado que ecoaram como se o fundo do galpão fosse oco. Alguém atendeu a seu chamado e em segundos, a porta estava aberta. Fomos envolvidos por um breu. Não conseguia enxergar absolutamente nada. Aos poucos, minha visão se adaptou ao ambiente úmido e com cheiro de enxofre.

— Que cheiro é esse? — Perguntei.

— Recebemos mercadoria recentemente.

— Cale a boca. — O velho reclamou. — Garoto imbecil!

Tratava-se de um galpão onde havia recebimento de drogas. Logo à frente, as luzes fracas e amareladas começaram a aparecer, como em um filme de terror. Ora piscavam, ora permaneciam iluminadas. Reparei na construção enferrujada, caindo aos pedaços. Enquanto contava as portas no caminho que percorríamos. Precisava decorar cada pedaço, afinal seria nossa rota de fuga.

O único som era os de sussurros e risadas amotinadas ao longe. Tremia de medo e pavor, mas me mantive firme. Havia contado cinco seguranças além do velho asqueroso e Peter. Não seria fácil escapar, ainda mais sem saber manusear uma arma. Entretanto, aquilo não me impediria e sabia que a Olivia também não. Ela sempre foi bem mais aventureira do que eu. Usaria aquilo a nosso favor.

Paramos bruscamente na penúltima porta de um estreito corredor. Peter segurou a maçaneta e me encarou receoso. Apertou os olhos e abriu a porta, deixando-me frente a frente com Olivia.

— OLIVIA! — Gritei. Meu coração saltitando dentro do peito em meio ao desespero.

Tentei correr em sua direção, mas fui segurada por Peter.

— Kim! Meu Deus, Kim! — Ela gritava eufórica, entrando em um choro desesperado.

— Aidan, temos visita! — Ouvi Blake rinchar quando colocou os olhos em mim.

Ele se aproximou observando cada parte do meu corpo, assim como havia feito em nosso breve encontro na Área Militar.

Ergui as sobrancelhas, sustentando o olhar macabro do homem em minha direção. Blake sorriu ao perceber minha atitude e pressionou os dedos contra os lábios.

— Está esperando o líder da sua matilha? — Provoquei-o sentindo meus dedos tremerem com o ódio que me consumia. Ele ampliou o sorriso e então, um homem surgiu à suas costas.

— Matilha? É assim que nos chamam hoje em dia?

O homem de quase dois metros que aparecera em minha frente usando um terno de grife preto, com seus cabelos loiros partidos ao meio, aparentava ter a idade do meu pai. Seu semblante frio não era o que me apavorava, mas sim, a maldade em seu olhar.

— Um bando de lobos deveria ser chamado de alguma outra forma? — Arrisquei, escondendo o medo que ameaçava dominar meu semblante.

— Senhor Morton, estávamos aguardando a encomenda. E então, ela apareceu. — Peter explicou enquanto o velho aguardava do lado de fora da sala.

— E já estou aqui, como desejam. — Ergui o nariz. — Podem libertá-la. — Exigi, olhando para Olivia de soslaio.

Não poderia demostrar fraqueza, mesmo que meus ossos não aguentassem mais tamanha tremedeira, precisava me manter forte.

— Agradeço por trazerem a senhorita Digory em segurança! — Aidan começou. — Podem se retirar.

A porta bateu e novamente colei meus olhos aos de Olivia, ignorando Aidan e suas formalidades. Não conseguia entender, como um homem formal

como aquele se dispunha a um trabalho cruel e criminoso como tinha visto.

— Vou te chamar de Kimberly, ok?

— Não perca seu tempo, solte-a. — Alterei a voz. — Olivia não vai dar o que você quer.

— Garota, você não está em condições de exigir absolutamente nada. — Desviei meus olhos de Aidan, retornando-os para Olivia.

Seus cabelos negros estavam espalhados por seu rosto, mas, ainda assim, era nítido os hematomas arroxeados espalhados por ali.

— Covardes! — Trinquei os dentes em um acesso de fúria e corri até ela sem pensar nas consequências.

Antes que minhas mãos pudessem tocá-la, senti Blake agarrando meus cabelos e os puxando com força para trás contra o chão.

— Não! — Ouvi Olivia gritar enquanto um, dois, três ou mais chutes eram desferidos contra meu estômago.

Pensei que aquela dor não teria fim, assim como acreditei não ser capaz de conseguir voltar a respirar. Blake escorou minhas costas no chão e se sentou sobre meu estômago, a fim de que eu visse seu rosto. Meus olhos lacrimejaram, a dor aguda se espalhava por todo o meu abdômen. Nunca havia sentido algo daquela forma. Tentei continuar firme, mas foi impossível. Quando consegui voltar a respirar, um gemido de dor escapou por meus lábios.

Aidan apenas observava com um sorriso no rosto enquanto eu me debatia, buscando fôlego.

— Olhe para ela, Morton. Fraca, como qualquer uma delas. Inofensivas, como ratos. — Ele sorriu. — Mulheres! — Mordeu os lábios. — Se quer dificultar as coisas, querida, é uma opção sua. — Ele se levantou, permitindo que o ar circulasse novamente em meus pulmões e um alívio atingiu meu peito, mesmo que momentâneo.

— Coloque-a em algum lugar e, em breve, entre em contato com a Área Militar. — Aidan seguiu em direção à saída. — Blake, mostre a eles que não estamos brincando. Se livre da garota. — Meneou a cabeça em direção a Olivia. — E não faça muita bagunça.

Entrei em pânico. Ele faria algo contra ela.

— Garotas, já volto. — Anuiu, virando-se para a saída. — Comportem-se! Caso queiram tentar alguma coisa, peço que se lembrem que essa sala não tem saídas. Então, vocês conseguirão apenas me irritar. E ninguém quer isso, estou certo? — Blake saiu pela mesma porta que Aidan e a trancou.

No mesmo instante, forcei meu dorso contra a dor aguda que me afligia e me coloquei de pé. Cambaleei até Olivia.

— Você está bem? — Perguntei. — Amiga, me perdoe. — Um nó se instaurou em minha garganta. — Você não deveria estar aqui, passando por tudo isso.

Olivia apenas tentou sorrir.

— A culpa não é sua! — Revelou trêmula. — Não é sua! — Tentei conter meu pânico, mas senti as lágrimas jorrarem como lava, queimando meu rosto. — Ele é cruel! — Chorou.

Segurei sua mão e ela gemeu de dor. Percebi que dois dedos pareciam estar quebrados. Apavorei-me e segurei um grito.

Eu deveria ser forte e mostrar a ela que havia esperança. Mas a quem eu estava enganado? Estávamos perdidas.

Tentei desamarrar as cordas que envolviam seus finos braços, mas não consegui.

— Vou tirar você daqui!

Vasculhei o lugar atrás de algo pontiagudo e por sorte, encontrei uma garrafa vazia de Bourbon. Bati a garrafa com cautela em um dos cantos da

parede e ela se rachou. A usaria para duas finalidades. Libertar Olivia daquelas cordas e perfurar uma das veias do pescoço de Blake. Diferente de Jason, daquela vez, eu atacaria para matar.

— Kim! — Olivia me alertou sobre o barulho de alguém mexendo na fechadura da porta. Ele havia retornado. Mostrei a ela a garrafa quebrada e apontei para Blake que estava prestes a entrar.

— Você precisa sair daqui e chamar ajuda. — Orientei-a.

— Se tentar algo, ele matará a nós duas. — O pânico em sua voz me fez vacilar por um segundo.

— Se eu não tentar, já estamos mortas! — Respirei fundo, ciente de que aquela era a mais dura realidade.

— Olá, garotas! — Blake adentrou a sala, trancando a porta. Caminhou em direção a Olivia e cheirou o ar ao seu redor. Ela se manteve paralisada, os olhos fechados e o rosto encolhido.

Segurei a garrafa, mentalizando meu ódio por Blake, pelo seu olhar, pelo seu toque. Pelo mostro que aquele homem era. Ele merecia morrer.

Em um segundo eu segurava a garrafa, ainda cogitando os motivos pelos quais eu precisava ter êxito em meu próximo passo, no segundo seguinte, eu o ataquei. Cravei fundo a garrafa quebrada em suas costas, sentindo em minhas mãos os tecidos de sua pele se romper. O sangue vermelho e grosso jorrou, seguido de um urro amedrontador.

— Vadia! — Berrou, arrancando a garrafa de suas costas, como se a dor tivesse desaparecido. Prendi o ar. — Então, é assim que quer brincar? — Blake veio rápido em minha direção e acertou um soco em meu nariz.

Perdi o fôlego novamente, sentindo a ardência tomar conta de todo o meu rosto, mas não me contive. Nossa vida dependia daquilo.

Pulei sobre ele, dando socos em sua cabeça, gritando alto, arranhando-o com toda a minha força, sentindo minhas unhas se soltarem

com a pressão aplicada contra a pele do desgraçado. Ele revidou, visivelmente assustado com a minha reação, mas ainda assim, incrivelmente mais forte que eu.

— Não! Não! — Olivia urrava e balançava presa em sua cadeira, enquanto Blake tentava se livrar de mim.

Em um impulso ele me jogou no chão. Levantei-me rapidamente e corri para o canto direito da pequena sala.

— Saia de perto de mim! — Berrei acuada, com os pulsos levantados, pronta para começar de onde havia parado, andando para trás até que minhas costas encontraram a parede.

Blake se jogou sobre o meu corpo, segurando-me pelo pescoço e começou a apertar. Tudo começou a rodar, como se o chão se abrisse e uma tontura assumisse meus movimentos. Seus olhos penetrantes me observavam friamente. Senti meu corpo formigar e antes que eu desmaiasse, ele me soltou e deixou que eu respirasse novamente. Despenquei no chão com toda força. Antes que pudesse me recuperar, Blake me atingiu com vários chutes novamente. A cada um deles, os gritos de Olivia se intensificavam. Ela implorava por minha vida e ironicamente, ela estava presa ali por minha causa.

Aos poucos, sua voz foi se afastando. Um escuro calmo e não tão doloroso foi se aproximando e tudo começou a embaçar. Foi então que desejei me perder naquela escuridão.



Acordei vagarosamente. Havia perdido a noção do tempo. No chão ao meu lado, havia rastros do sangue que jorrou de minha boca. Meu corpo

dolorido não encontrava forças para se mover.

— Olha quem acordou! — Blake bateu palmas se ajoelhando ao meu lado. — Estávamos esperando você. Quero que veja isso!

Meus olhos procuraram Olivia. Encontrei-a amordaçada, encarando-me com o olhar mais sereno que conseguia.

Blake se levantou num gesto rápido. Segui-o com os olhos. Quando ele se aproximou de Olivia, um aperto em meu peito doeu mais do que qualquer dor física que ele me proporcionou. Queria gritar, queria implorar para que ele se afastasse dela, porém não conseguia me mexer. Blake rodeou Olivia enquanto ela apertava os olhos, temendo pelo que aconteceria. Ele olhou em minha direção e com uma satisfação estampada em seu rosto, Blake tirou da cintura uma grande faca prateada.

— Sabe, Kimberly, não me agrada enfrentar mulheres. Nem um pouco. — Apertou os lábios. — Gosto de boas brigas e vocês nunca me proporcionaram isso. Como disse, são como ratos. Fáceis demais de matar. Mas, ainda assim, podemos aproveitar vocês. A única mulher que conheci, que, por acaso, me deu um pouco mais de trabalho foi sua mãe. — Meu mundo se embrenhou um pouco mais na escuridão, meus olhos quase perderam o foco na menção de minha mãe. Fixei meu olhar contra Blake, antes que desmaiasse mais uma vez. — Se está pensando que eu a matei, está enganada. Gostaria, mas esse foi um prazer de Aidan. Ela lutou bem, mas, como qualquer outra, perdeu.

— Desgraçado! — Cuspi sangue com o esforço.

— Ele a matou pelas costas. Nada muito glorioso. — Admitiu. — De outra forma, teria gerado uma boa briga. Desejava isso, mas, enfim, prossigamos. — Suspirou.

Aidan havia matado minha mãe sem que ela tivesse a chance de se defender.

Meu Deus! Existia possibilidade de o coração se romper fisicamente? A dor em meu peito dizia que sim, era possível.

Aquela, sem sombra de dúvidas, seria a dor mais agonizante que poderiam me causar.

Ao menos era o que eu pensava, mas estava prestes a descobrir o quanto me enganara.

— Por que uma faca com tantas opções de armas? — Perguntou a si mesmo. — Porque doí mais, é elegante e menos clichê. Simples. — Deu de ombros como se participasse de um diálogo entre amigos. — E tem mais. Sabe o que dizem? — Ele escorreu as mãos pelos seios de Olivia alcançando seu coração. — Dizem que se você acertar o lugar certo, a pessoa morre somente quando você arranca a faca. Vou testar isso hoje! — Olivia chorava compulsivamente.

— Por favor... — Sussurrei juntando todas as minhas forças. — Não precisa fazer isso. Eu faço o... que você quiser. — Falar doía, respirar doía, ver aquela cena chegava a ser excruciante, tamanha as fincadas que eu sentia em meu peito.

Antes que pudesse fechar os lábios, Blake enfiou a faca no peito de Olivia, encontrando seu coração. Uma dor lancinante rasgou meu corpo ao meio, sendo obrigada a testemunhar uma atrocidade daquelas, incapaz de fazer nada.

Fechei os olhos dominada pelo pânico.

Draco! Clamei em meus pensamentos.

Nos filmes, os mocinhos sempre chegavam bem na hora em que alguém estava prestes a ser morto e salvavam o dia. Deveríamos alimentar esperanças, mas diante o que acontecia bem ali, era impossível sequer cogitar a ideia de um final feliz.

O som de dor que Olivia emitia era torturante, algo rouco, vazio,

triste. Percebi que, de olhos fechados, eu estava a abandonando. Olivia não estava sozinha, eu permanecia ali com ela, e iria até o fim se assim se fizesse necessário.

Abri os olhos, encontrando seu olhar. Estava alucinada pela dor. Comecei a encará-la, como se o mundo ainda fosse nosso. Tudo aquilo terminaria em breve e poderíamos seguir juntas o caminho mais claro que escolhêssemos. Ignorei a dor causada pelo frio do chão e continuei com meus olhos colados aos dela.

Aos poucos Olivia me encarou docemente, como se repetisse que a culpa não era minha. Sua boca amordaçada impedia que ela dissesse qualquer coisa. Temi não ouvir mais o som de sua voz.

Blake olhou em meus olhos e segurou a faca encrustada no peito de Olivia, fazendo-a fechar os olhos de dor e gemer alto através da mordaça. Queria lutar, gritar, empurrá-lo para longe dela, mas estava incapaz.

Em um movimento, ainda mais cruel que o anterior, Blake arrancou a faca fazendo os olhos de Olivia reviraram por menos de um instante. Sua cabeça pendeu para frente, espalhando seus cabelos pelo rosto. E assim ela partiu daquele lugar para outro, onde ninguém mais a alcançaria.

Não tinha mais forças para lutar, mas sentia em mim aquela dor angustiante que ela sofreu por minha causa. Era injusto, era cruel. A vontade de ter morrido junto com Olivia superava todos os meus sentimentos. Tudo teria um fim. Uma lágrima fraca escorreu por meu rosto e se juntou ao sangue acumulado em meus lábios.

Blake olhou para mim como quem via um animal machucado e o queria morto. O medo não me abalava mais. A esperança morreu junto com Olivia.

Desisti e fechei os olhos. O rosto do meu pai se mostrou à minha frente, calmo como sempre, como um anjo à minha espera e eu percebi que

ele ainda precisava de mim. Eu era tudo o que havia lhe restado. Tornei a abrir os olhos, ciente de que me restava apenas uma opção, lutar até meu coração também parar de bater.



Capítulo 30

Sob a direção de um forte general,
não haverá jamais soldados fracos.
Sócrates

O Primeiro

AS PROPORÇÕES DAQUELA guerra eram avassaladoras. Conhecia os riscos e sabia que o sucesso nos rodeava em igual proporção ao fracasso. Não almejava manter tais pensamentos em meu peito, mas jamais cogitaria a ideia de ver Kimberly ou Olivia feridas. Restava-me reconstruir os destroços em mim, para conseguir alcançá-las.

O plano já estava traçado. Entretanto, os últimos acontecimentos me obrigaram a repensar em uma segunda rota, caso precisássemos. Tínhamos a nosso favor a vantagem da surpresa. A equipe de Aidan não esperava que a Área Militar conseguisse rastreá-los. Porém, estava levando até eles um prêmio maior. Paul Digory. O que tornaria Kimberly descartável para Blake.

Chegamos a um beco e nos deparamos com um galpão de tamanho colossal, escuro e enferrujado. O ponto perfeito para trâmites entre as gangues. Os soldados desceram, se posicionando no solo. Liberando passagem para os comandantes e Paul, que nos seguia de perto. Encaixamos as máscaras antigás e nos preparamos para a entrada. Enquanto Kian habilidosamente destravava a porta principal com sua chave mestre, perdi-me

em pensamentos longínquos.

Por um momento agonizante, relembrei o calor das labaredas que começaram a consumir a casa dos meus pais. Em um relâmpago, seguido de um enorme estrondo tudo havia sido destruído. O som doloroso do tilintar de talheres se espalhando pelo chão era tão real quanto a arma em minha mão naquele momento. O grito que eu não havia libertado naquele dia ainda estava preso em minha garganta. Talvez se eu tivesse gritado mais ou quem sabe vivenciado o verdadeiro luto, entregando-me a dor e me destruído por fora, como qualquer um faria, não seria hoje completamente destruído por dentro. Kimberly me ajudara a ver que ainda existe mais, entretanto estava aqui, correndo o risco de perdê-la. Aquilo sim, era desesperador.

A porta foi destravada. A guerra havia iniciado. A grande porta de ferro ressoou um rangido fino e agudo quando foi aberta. Segurei duas granadas de fumaça entre as mãos enquanto Kian abria passagem. Corri até a porta e as arremessei para dentro. A nuvem de fumaça subiu instantaneamente cobrindo todo o lugar.

— Estamos dentro! — Anunciei no rádio. — Segunda equipe, permissão para avançar.

Caminhei ao lado de Kian, que através da fumaça, apontava alguns corpos sufocados jogados no chão. Contamos três baixas da equipe inimiga até o momento. Acreditei se tratar dos seguranças da entrada. Meus olhos alcançavam cada milímetro daquele galpão, aguardando pelo momento que encontraríamos os homens de Aidan.

— Tudo limpo! — Kian dissipou a informação pelo rádio.

Três soldados escoltavam meu lado esquerdo, assim como a mesma quantidade escoltava o lado direito de Kian. O soldado Underwood, semelhante a um gato raivoso, estava elétrico seguindo os passos de Kian, alerta.

O silêncio era devastador. O soldado Doyle acendeu a lanterna, buscando iluminar o caminho a ser seguido. Havia duas aberturas, duas escolhas. Kian apontou para a extremidade direita. Seguiríamos por ela. O grande esconderijo de Aidan abrigava mais do que duas garotas sequestradas. Tratava-se de um depósito de armas e drogas. Um ponto neutro para negociações e intermediações entre Aidan, Blake e seus clientes.

As equipes se dividiram para vasculhar o local. Paul, Kian e eu permanecemos lado a lado, seguindo o centro de um lugar que mais parecia um labirinto. Um estrondo irrompeu o ar. Os alarmes soaram e a movimentação começou. O galpão, que antes aparentava ser um lugar praticamente vazio, mostrou-se muito habitado por homens bem armados.

— Franco atirador à esquerda! — Ouvi um dos monitores da segunda equipe gritar alto e claro.

Abaixei-me em defesa, buscando visualização dos oponentes. Estávamos cercados, era hora de agir.

Os disparos começaram. Removi a máscara de proteção e a joguei em um canto do galpão. Necessitava ver e ouvir tudo que se passava ao meu redor. Avistei mais um franco atirador na sala de vigilância que ficava acima do andar onde estávamos. Disparei uma vez e o vi cair. Kian apertou seu fuzil contra o peito e iniciou uma caçada, alcançando os atiradores à distância, enquanto Paul abria desesperadamente cada uma das portas espalhadas pelo galpão, à procura de Kimberly e Olivia. Até o momento a única coisa que encontrávamos eram mais atiradores dispostos a nos matar.

Alguns minutos e incontáveis tiros depois, ainda não havíamos encontrado pistas sobre o cativeiro. A quantidade de oponentes parecia ter aumentado, mas nosso exército estava preparado para o dobro daquela quantidade. O sangue ardente em meus olhos ansiava por encontrar apenas duas pessoas em meio aquele mar de inimigos.

— Primeiro! Resolveu nos fazer uma visita, velho amigo? — Uma voz conhecida chamou minha atenção.

Lamentei apenas não ter notado sua presença antes.

Aidan estava parado no corredor a minha frente. Encarava-me desejoso enquanto o bico de sua pistola automática mirava meu peito.

— Desgraçado! — Disse mantendo minha 9mm abaixada.

Senti o olhar furioso de Kian enquanto apontava o fuzil para o rosto de Aidan. Chegamos a um impasse.

— Não vê que não vai conseguir chegar a lugar nenhum? — Aidan dizia tranquilamente, enquanto rajadas de tiros entre nossos homens permeavam nossas costas. — Tenho homens demais em um local fechado e desconhecido por vocês. A probabilidade está a meu favor. Além disso, tenho uma arma apontada para você, comandante de merda. Não importa que o seu parceiro atire em mim, o importante é que antes disso, eu terei o prazer de vê-lo cair ao chão.

— Então por que está perdendo tempo? — Trinquei os dentes. Necessitava apenas de uma chance para erguer minha arma e acabaria com todo aquele teatro.

— E dissipar o gosto de vê-lo sendo derrotado? O grande e único Primeiro? — Sorriu maliciosamente. — Você não passa de um garoto com poder nas mãos. E você, Ross? O capacho dele. Não tem vida própria e, com certeza, teria um futuro melhor e mais brilhante se não fosse a sombra do Primeiro!

— Você está frustrado por termos alcançado sua fortaleza, não é? — Kian debochou. — Estamos sempre dois passos à sua frente. Sabe por quê? Você comanda homens tolos, assim como você. Mal sabem a diferença entre hardware e software. E a Área Militar tem os melhores agentes dos Estados Unidos incrustados na base.

Aidan ergueu as sobrancelhas, irado. Meus dedos começaram a arder com a força que eu os contraía.

— Será que a inteligência de vocês revelará o que procuram? A vadia do Primeiro, a ruiva? — Continuou seu joguinho irritadiço. — Talvez sobre alguma coisa dela para vocês levarem embora, caso consigam sair daqui. Agora abaixe essa arma, Ross. Antes que eu atire na cabeça dele e espalhe miolos por aqui...

Antes que Aidan terminasse a frase, três tiros foram disparados, mas Kian não parou. Caminhou em direção ao corpo caído de Aidan e atirou cinco vezes. Quando pensei que pararia, ele deu um chute na cabeça de Aidan. O corpo mórbido remexeu.

— Ele falava demais! — As palavras de Kian vieram seguidas de uma chuva de tiros que cobriu o lugar e a guerra aumentou. Porém, agora a cabeça da cobra enfim havia sido cortada, mas havia alguém pior, muito pior que Aidan em seus escrúpulos e aquele homem ainda respirava. Precisava mudar aquilo.

Se Aidan estava conosco, Black estava com as garotas.

— KIAN! — Gritei enquanto eliminava atiradores do segundo andar. — BLAKE ESTÁ COM ELAS. NÃO TEMOS TEMPO.

Kian caminhou de costas, retrucando os tiros que recebia, seguindo o corredor de onde Aidan havia surgido. Sem querer, ele havia nos dado a maior pista de onde Kimberly e Olivia estavam.

Um dos atirados de Aidan acertou a luz principal do corredor, nos jogando dentro de um breu. Paul nos encontrou aturdido. Da mesma forma que Kian e eu, trocando tiros às cegas.

— Estamos próximos, Paul. — Kian gritou.

Suspirei, abandonando qualquer pensamento. Excluindo os sons à minha volta. Precisava alcançar o foco. Um tiro foi disparado em nossa

direção. Mirei e disparei, ouvindo um corpo colidir contra o chão.

— Em frente! — Kian anunciou.

— Droga! — Um dos capangas de Aidan gritou quando colidimos frente a frente no escuro.

Não ouve sequer necessidade de atirar. Dei um soco em seu rosto que o fez bambear, Kian completou batendo o fuzil em sua nuca, fazendo com que ele caísse desacordado. Paul seguiu na frente, olhando o caminho que ainda não nos era favorável. Logo, percebi onde havíamos caído.

— É uma emboscada! — Urrei atirando nos homens que surgiram pela direita. Kian e Paul revidaram pela esquerda. A visão não nos privilegiava, mas bastou segundos para que o cessar de fogos revelasse nossa vitória.

— DRACO! — Paul me gritou pelo nome enquanto eletrizado, eu olhava para todos os lados em busca de mais oponentes. — DRACO!

Quando encontrei Paul em meio a fumaça e tanto barulho, pude ver o motivo do seu desespero, não havia mais homens nos atacando. Kian estava caído ao lado de Paul, cercado por uma enorme poça de sangue.

Por um segundo, os barulhos pararam. Conseguia ouvir nitidamente as batidas descontroladas do meu coração.

Kian não, por favor!

Kian, não!

Em uma oração silenciosa, me desprendi do chão e me joguei de joelhos ao seu lado. O mundo mais lento do que o normal.

— Kian, não ouse. — Rompi um discurso desesperado. — Fique conosco. Eu lhe imploro. — Meus dedos tremiam.

— Você precisa encontrá-la. — Ele dizia repetidas vezes, fechando os olhos de dor. — Precisa!

— Cara, você é meu irmão. — Completei rendido. — Não posso

deixar você aqui! — O que eu faria? Pela primeira vez, a situação estava fora do meu controle.

— Você. Nunca. Foi. Tão. Fresco. — Kian resmungou entre as tentativas de respirar. Meus olhos fumegavam.

A cada palavra mais sangue jorrava. Tentei localizar o ferimento, mas não consegui pelo breu ao nosso redor.

— Mínimo três tiros. — Paul concluiu quando notou o que eu procurava. Olhei para ele, desolado.

— Vai, precisamos de você. Encontre elas e acabe com isso de uma vez. Eu vou cuidar dele. — Resisti a princípio, mas sabia que não haveria outra opção.

— Draco. — Kian chamou, piscando várias vezes os olhos. — É necessário ter o caos cá dentro para gerar uma estrela. — Esticou os dedos sujos de sangue em minha direção.

— Quem disse essa idiotice? — Olhei para ele envolto em escuridão, a garganta seca, impedindo que o ar chegasse a meus pulmões.

— Friedrich Nietzsche! — Paul respondeu quando percebeu que Kian não conseguiria abrir novamente os lábios.

Coloquei meu rosto em seu campo de visão e reuni toda a minha força.

— Escute bem, Kian Ross, trate de não virar nenhuma estrela. Isso é uma ordem. Não aceito perdê-lo. — Vociferei. — Nem mesmo para Deus. — Kian meneou um sorriso.

Ergui meu corpo possuído pelo ódio. Guardei em meu subconsciente os olhos negros de Kian. Eu voltaria para resgatá-lo, mas antes faria cada um naquele lugar pagar.

Avancei sentindo cada passada mais pesada que a anterior. Meus coturnos pareciam carregar aço em cada uma das solas. Deixei brotar em

mim cada fúria que há muito estava guardada. A explosão em meu peito revelou minha pior versão. Iria destroçar a vida de quem cruzasse o meu caminho. Meu corpo estava carregado de uma dose extra de vingança. Aquilo me inspirava.

Sentia minha HK USP 9 milímetros leve como um papel, enquanto mirava em todos os cantos, ansiando encontrar meu alvo.

Era um caminho sem volta! Pensei quando arrombei aos chutes a primeira porta fina, de madeira oca e fraca, como quase todas naquele lugar, jogando-a sem piedade ao chão.

Era um caminho escuro e sem volta! Derrubei outra porta, envolto em angústia, cego pela raiva, causando um estrondo ainda maior.

Quando parei na penúltima porta percebi, antes mesmo de tocá-la, que era diferente das outras. Desde a madeira até a maçaneta.

Acima dela havia um símbolo negro em forma de estrela. Observei por segundos tudo o que a luz amarelada e abatida me permitia. Foi quando escutei claramente uma voz feminina, dissipada em pavor e desespero. Instantaneamente, senti meu sangue congelar.

Kimberly!

Trinquei os dentes, possesso. Já não podia me reconhecer. Era um caminho pelo qual jamais voltaria.

Não sem ela!



Capítulo 31

Leve-me até a margem do rio
Leve-me até o combate final
Lave o veneno pra fora da minha pele
Mostre-me como é estar inteiro novamente
Castle Of Glass - Linkin Park

Kimberly Digory

A DOR NÃO me preocupava, mesmo sabendo que minha vida estava por um fio. O corpo de Olivia foi jogado ao chão, como um resto de lixo descartável. Uma cena que doía mais do que as costelas que eu provavelmente havia fraturado. A cadeira, antes ocupada por Olivia, agora recebia meu corpo mole. As amarras não foram necessárias. Não havia forças sequer para me mover, que dirá para fugir.

— Está confortável, querida? — Blake se inclinou em minha direção. Seus olhos profundos demostravam prazer pela cena asquerosa que havia criado. Existia crueldade, covardia e deleite naquele olhar. Mantive-me em silêncio. — Isso deve significar um sim. Então, vamos gravar nossa próxima mensagem para a Área Militar. Preciso que seja bem convincente. — Blake endireitou a câmera em minha direção. — Sabe, essa é uma sala muito especial, criada por mim. — Completou orgulhoso. — É a prova de sons externos. Isso facilita a gravação, sem ruídos posteriores. Escutamos tudo que

se passa aqui dentro e pode acreditar, querida, essa sala tem mil e uma utilidades. — Esboçou um sorriso.

Blake se aproximou. Seu rosto estava a poucos centímetros do meu. Ergui meu olhar, ignorando sua intimidação.

— Vai dizer o que eu mandar! — Afirmou.

Reuni toda a minha força e cuspi em sua face.

— Sua vagabunda! — Arrastou as palavras.

Senti meu pescoço estalar com o violento tapa que recebi no rosto. Gemi. Blake agarrou meu rosto com a mão, apertando o local afetado.

— Nunca mais repita isso!

Não suportei a dor. Gritei, empurrando suas mãos com a pouca força que ainda me restava, na esperança que ele parasse.

Um tremido na porta fez com que Blake soltasse meu rosto e um suspiro de alívio irrompeu por meus lábios. Meu cabelo caiu sobre minha face quando comecei a desistir. Não havia saída. Escutei mais um estrondo na porta e algo alarmou Blake, que sacou a arma presa em sua cintura. Eram chutes.

No terceiro chute, a porta veio ao chão, como feita de papel. Ergui a cabeça, buscando entender o que havia acontecido. Meus lábios se abriram quando encontrei com aqueles olhos verdes mais uma vez.

O comandante Primeiro!

Um breve sorriso surgiu em meus lábios, mas desapareceu no momento em que aqueles olhos encontraram com os meus. Ele parecia não me reconhecer ou sequer parecia o próprio Draco. Algo havia mudado.

— BLAKE! — Urrou. — Solte a arma! — O comandante apontava sua arma para a cabeça de Blake.

— Veja só quem chegou! — Blake zombava, visivelmente surpreso. — Ok, está aqui! — Lentamente ele abaixou a arma e a chutou em direção a

Draco.

O Primeiro olhou ao redor e se deparou com meu filme de terror particular. O corpo de Olivia virado de bruços no canto esquerdo da sala.

— Olivia! — Li em seus lábios, que sussurravam.

— Vamos lá, Primeiro. Atire! — Blake instigou. — Sou um homem desarmado, em desvantagem. E você não passa de um covarde. Mate-me assim como matou meu irmão! — Provocou.

Prendi a respiração quando o comandante retirou o pente de sua arma e o descartou. Blake havia conseguido desarmá-lo. Queria implorar que ele não fizesse aquilo. Cairia em uma armadilha. Entretanto, antes que meus pensamentos assimilassem o que estava acontecendo, Draco começou a caminhar até Blake. Havia fogo em seu olhar.

Blake puxou sua faca e uma luta corporal se iniciou. Vi quando a lâmina afiada roçou o braço do comandante e uma linha fina de sangue brotou através do seu uniforme. Meu coração não iria resistir.

Draco encarou o machucado e uma fúria transpassou seu olhar. Ele desarmou Blake em questão de segundos. Incontáveis golpes foram desferidos no rosto do homem, que logo após, foi arremessado como palha no chão duro. O comandante começou a chutá-lo até que Blake perdesse as forças e em desespero implorasse por sua vida, buscando as poucas forças que ainda o restavam. Draco o levantou no ar e o jogou contra a parede. Jatos de sangue escoaram por sua boca. Então, o comandante caminhou até seu pente, antes arrancado de sua arma, agora recolocado em seu devido lugar. Mirou no rosto de Blake, que o encarava sadicamente. Fechei os olhos e escutei três disparos. Soltei o ar preso em meus pulmões.

Acabou?

Soltei o ar...

Acabou!

Tentei pensar que Blake mereceu aquilo, que pagou pelo que fez e ninguém mais sofreria em suas mãos.

Quando tornei a abri-los, o Primeiro estava ajoelhado a minha frente com uma expressão estagnada no rosto opaco.

Como desejei poder correr até ele, mas mal conseguia manter os olhos abertos. Encarei-o e quando ele levantou o olhar, pude ver que meu Draco estava de volta.

— Kim! — Veio até mim, com receio em me tocar. — Sinto muito. — Seus braços me envolveram, tapando a visão do corpo de Olivia. — Não chegamos a tempo. Perdoe-me! — Sua voz melancólica fez meus olhos marejarem, mas nenhuma lágrima escapou. Era como se eu tivesse me tornado um poço seco e sem fundo.

— A culpa não é sua! — Sussurrei, lembrando-me das palavras de Olivia.

Draco encostou a mão delicadamente em meu rosto que se contraiu de dor.

— Consegue se mover? — Ajudou-me a ficar de pé e com muito esforço, caminhamos para fora daquela sala maldita.

Olhei para trás, encarando o corpo de Olivia.

— Não posso deixa-lá aqui. — Olhei para o corredor e avistei quatro soldados correndo em nossa direção.

— Senhor, todos os homens de Morton foram eliminados. — Apressou-se. — Examinamos o local. A ambulância se aproxima. Nenhuma baixa entre os soldados.

— Tivemos uma baixa aqui! — Draco olhou para o corpo de Olivia. — Quero que retirem Olivia desse lugar e cuidem de todo o processo.

— Sim, senhor. — Os soldados adentraram a pequena sala, envoltos em conversas nos rádios, solicitando os materiais necessários para retirada do

corpo.

— Obrigada! — Agradeci.

— Não agradeça! — Draco envolveu-me em seus braços. — Morreria mil vezes para salvar sua vida, Kimberly.

Respirei fundo, ignorando a dor lancinante em meu dorso. A sala ao lado abrigava o corpo do velho robusto, caído de costas. Perguntei em meu íntimo o que haveria acontecido com Peter. Provavelmente morrera como os outros.

— Precisamos ir. — Seus olhos assumiram um tom escuro. — Kian precisa de mim.

— O que houve com Kian? — Questionei enquanto caminhávamos. — Onde ele está?

— Ele foi atingido. — A dor em sua voz era nítida, suas mãos tremiam.

— Não, não! — Sussurrei quando ao longe avistei o corpo de Kian caído. Ajoelhei-me ao seu lado, sujando-me na poça de sangue que o envolvia. O soldado ao seu lado se levantou. — Kian! — Sussurrei observando sua palidez e seus lábios arroxeados.

— Senhor, a ambulância chegou! O agente Paul foi de encontro a eles.

— Paul? — A palavra ecoou na minha mente. Meu pai?

Segurei a mão de Kian, sentindo um pesar enorme em meus olhos. Várias pessoas corriam ao nosso encontro. Muito barulho podia ser ouvido, mas minha mente não reconhecia as palavras.

Estamos juntos! Pensei quando, por fim, cedi a fechar os olhos. Draco insistia que eu os mantivesse abertos. Conseguia reconhecer sua voz, mas jamais teria forças para fazer o que me pedia. Entreguei-me aquela calma que me abraçava. Estava cansada demais para continuar lutando.



Abri os olhos, que logo se irritaram com a luz forte. Aos poucos as cores começaram a tomar formas. Olhei ao redor e tudo começou a fazer sentido. Havia dois leitos vazios de frente para o meu, cobertos por lençóis azuis. Uma cortina branca me separava da cama ao lado. O cateter inserido em minha veia estava levando soro ao meu organismo e não sentia mais dor ou fraqueza, apenas um ressecamento em meus lábios. Encarei a estátua vestida de preto e armada parada ao lado do meu leito. Tentei reconhecer aquele soldado, mas nada.

— Ei! — Minha voz surgiu em um tom rouco e insuportável. — Que lugar é esse?

— A senhorita está na ala de recuperação do hospital da Área Militar. — Respondeu sem ao menos olhar em minha direção.

— Voltamos! — Concluí.

Aos poucos, flashs de lembranças foram me bombardeando. Olivia, Kian, meu pai. Tudo ao mesmo tempo. Recostei as costas na cama e segurei firme na barra de ferro que a cercava, relembrando toda a dor que vivenciei naquele lugar.

— Sabe me dizer algo sobre o comandante Ross? — Um silêncio constrangedor inundou o lugar e o soldado permaneceu olhando para frente. Fui tomada pelo medo.

— Não seja rude, soldado. É uma simples pergunta.

Ouvi uma voz atrás da cortina. Um som que me trouxe a vida novamente.

— Abra logo essa droga! — Rapidamente a cortina se abriu pelas

mãos de outro soldado que escoltava o leito ao lado.

— Kian! — Quase gritei, fazendo minha voz parecer um rosnado de bicho.

— Kimberly Digory! — Ele estava deitado, abatido, com soro e sangue ligados a suas veias. — Pensei que não acordaria agora. Dormiu mais do que eu. — Seu sorriso pálido me alegrou mais do que eu esperava.

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Dois dias! — Anunciou. — Dois dias em que você dormiu e eu passei por duas cirurgias para retirada das balas. Foram três tiros que me fizeram perder uma grande quantidade de sangue, mas nada com que se preocupar. — Disparou. — Agora, você quebrou três costelas e ainda deve sentir um incômodo no lugar. Elas se curam sozinhas. Aplicaram anestésicos para diminuir a dor. — Apontou para o soro. — Quanto aos hematomas pelo seu corpo. — Engoliu em seco. — São superficiais. Logo, não existirão mais.

— Descobriu isso como? — Crispei os olhos. — Andou xeretando meu prontuário, comandante?

— Precisava assegurar que engolir aquele rastreador não tivesse causado nenhum efeito colateral... — Ele sorriu. — E em falar nisso, que ideia genial. Perigosa e assustadora, porém, genial.

— Situações extremas, pedem soluções extremas. — Ergui os ombros.

— Por favor, não faça mais isso. Já tenho cicatrizes demais para toda uma vida. — Uma risada baixa escapou por meus lábios e uma pontada de dor na lateral do corpo me incomodou.

— Enfim, tentei alcançar o prontuário, mas não consegui. — Sorriu de lado. — O Primeiro me atualizou das informações contidas nele.

— Ele esteve aqui? — Perguntei sentindo um palpitar irromper meu peito.

— Ele acabou de sair. Esteve aqui todo o tempo. Não repare na educação do nosso amigo ao seu lado. — Apontou para o soldado. — O Primeiro pediu que ele não lhe dissesse nada em sua ausência. Tivemos medo que despertasse aflita.

Kian não sabia, mas havia tatuado em meu corpo as aflições daquele dia. Eram marcas que levaria comigo para todo o sempre.

Bastava fechar os olhos para rever Olivia e toda a dor que ela sentiu antes de morrer. O sentimento de perda me assolava de uma forma que eu não fazia ideia de como deveria começar a me reerguer. Primeiro, perdi minha mãe e meu mundo começou a se desfazer, e agora, Olivia também havia partido. Ouvir a menção ao comandante Primeiro me fazia sentir um fio de esperança em meio ao caos. De alguma forma ele conseguiu sobreviver a uma perda semelhante, será que eu também conseguiria?

— Ele não estava comendo, não bebia nada e muito menos dormia. — Kian prosseguiu. — Avisei que ele acabaria nos fazendo companhia no leito ao lado se continuasse assim. Por isso, ele saiu. Mas, em instantes, estará de volta.

— Kian. — Encarei seus negros olhos. — Obrigada! — A lembrança de seu corpo jogado ao chão era desesperadora. Kian quase perdeu a vida para me salvar. Seria grata pelo resto dos meus dias.

— Não agradeça. — Ele clareou o quarto com um enorme sorriso. — Faria novamente.

A porta se abriu e quando o homem alto de cabelos escuros penteados para trás cruzou-a, senti que algo dentro de mim dançava de euforia.

— Pai! — Coloquei as mãos sobre a boca.

Meus olhos arregalados acompanhavam seus passos em minha direção. Kian me observava atentamente. Não era minha imaginação, ele esteve no galpão.

Sentei-me na cama, ignorando o latejar de minhas costelas reclamando pelo movimento inesperado.

— Minha filha! — Ele me alcançou, puxando-me para seus braços. Tudo que eu tinha estava ali, bem na minha frente.

Sangue do meu sangue. Minha família.

Lágrimas sinuosas desceram por meu rosto quando senti seu toque quente. O pesadelo havia terminado. Tivemos perdas irreparáveis. Minha mãe, Olivia e a inocência da minha mente haviam partido para nunca mais retornar. Entretanto, sobre os destroços tentaríamos nos reerguer.

— Sinto muito, minha pequena! — Ele acariciou meu rosto com a voz embargada, lutando contra seus próprios sentimentos. — Acabou. Tudo acabou. Vamos começar do zero. Levarei você para longe dessa vida.

— Vamos embora? — Questionei.

— Presumo que seja essa sua vontade. — Enrugou as sobrancelhas. — Estou errado?

— Pai, não quero ir embora! — Anunciei de uma vez.

O frio em minha barriga havia retornado. Estava preparada para revelar meu desejo, ciente de que era aquilo que almejava dos meus próximos dias. — Não desejo sair da Área Militar e nem esquecer o que aconteceu. Tudo aquilo me moldou. Sendo experiências ruins ou não, não desejo esquecê-las. — Soltei em um rompante. — Na verdade, o que desejo é muito simples. — Comprimi os lábios.

— E o que deseja? — Perguntou receoso.

— Quero ser uma agente! — Senti o sorriso de Kian com minhas palavras e vi o rosto de meu pai se transformar em aflição. — Quero ser como o senhor. Como mamãe, Kian e Draco!

— Draco? — Ele comprimiu as sobrancelhas, revelando que eu havia falado demais.

Seu olhar se voltou para Kian.

— Acho melhor fechar as cortinas. É uma conversa particular. Soldado, faça o favor! — Kian rapidamente desapareceu atrás da cortina, deixando-me sozinha com meu pai e sua interrogação sobre Draco.

— Querida. — Suspirou. — Admito que amo o que eu faço e seria doloroso partir em busca de uma nova vida além da que conheço, mas não era isso que eu e sua mãe desejávamos para você. — Meus olhos mal piscavam, aguardando suas palavras. — Entretanto, se sua atitude fosse diferente, você não seria filha de Savanna Digory.

Coloquei o rosto entre as mãos após a permissão do meu pai e pela primeira vez em dias, tentei sorrir de verdade.



Capítulo 32

Isto é um sonho, bem sei, mas
quero continuar a sonhar.
Friedrich Nietzsche

O Primeiro

HAVIA MUITO A ser resolvido. A aquela altura, eu já me encontrava no modo automático. Engoli um sanduíche natural com gosto de salada e um café extraforte. Aquele lanche me sustentaria pelas próximas horas, evitando que me afastasse novamente de Kimberly e Kian.

Os últimos dias foram intensos. Vivemos a base de adrenalina e temor. O sentimento de culpa pela morte de Olivia ricocheteava em minha alma e aquela era mais uma perda que eu carregaria. A pior parte era comunicar aos familiares a perda de uma jovem como ela. Alheia de qualquer culpa, indefesa. Vi nos olhos de seus pais o que encontrei refletido no espelho por todos aqueles anos. A escuridão da perda de um ente querido ou um amigo de profissão.

Respirei fundo enquanto caminhava em direção ao quarto de número 23. Avistei a porta branca que me daria acesso a ele e novamente me peguei ansioso para vê-los.

Recebi uma mensagem no bip. Os veterinários haviam chegado na Área Militar juntamente com as vinte e duas encomendas e aguardavam as

orientações do comandante. A sensação de esperança brotou em meu peito, ansiando contar a Kimberly as novidades.

Kian estava acordado há um dia e não parava de tagarelar coisas que ninguém entendia. Havia um projeto em sua mente. Estudar o decodificador de senhas bancárias entregue por Paul. Apenas tocá-lo despertou grande interesse em Kian. Ele jurava que com seu notebook poderia descobrir a base utilizada em sua criação e desvendar a rede de criminosos ligados a ela. Paul ficou maravilhado com a hipótese.

Paralisei na entrada da porta quando ouvi a voz de Kimberly. Ela conversava concentrada com Paul. Seus olhos brilhavam ao vê-lo. Fiquei observando com tristeza os hematomas arroxeados ainda visíveis em seu rosto. Aquilo estava me matando. Ter permitido que alguém tocasse em sua pele era um erro que eu jamais cometeria novamente. Mantive-me em silêncio até que ela me notou. Seus cabelos ruivos estavam jogados pelos ombros de forma desalinhada. Linda. Ela sorriu para mim, retirando um sorriso de meus lábios que pensava ser incapaz de dar.

— Draco!

— Olá, como está se sentindo?

— Draco! — Paul repetiu, cruzando os braços em minha direção. Ele sabia!

— Vou ficar bem. — Respondeu, ignorando o olhar raivoso de seu pai.

— Como estou, ele não pergunta! E se diz meu amigo! — Kian resmungou da cama ao lado, chamando nossa atenção.

Puxei a cortina que nos separava. Kian ainda estava abatido, mas se recuperava muito bem. Quanto a mim, ainda não havia me recuperado do susto que ele me dera. Kian era a única família que eu tinha, perdê-lo significava perder a mim mesmo.

— Com licença! — Uma voz feminina adentrou o quarto.

— Chloe! — Evans caminhou até Kimberly encarando cada um de nós, como se aguardasse ser chamada atenção.

— Pensou que conseguiria fugir de nós?

— Que bom vê-las! — Kimberly se alegrou e como um tolo, fiquei observando seus momentos de alegria.

— Comandante Primeiro! — Lucy Harper caminhou até Kimberly com as mãos cruzadas, nitidamente nervosa. Talvez o ambiente de hospital a incomodasse. Ou seria a presença dos comandantes? — Ah meu Deus, comandante Ross? — Seu espanto pegou a todos nós de surpresa.

— Olá, Harper! — Kian a cumprimentou.

— Parece que os últimos dias não foram fáceis, não é mesmo? — Chloe percorreu os olhos entre Kimberly e Kian. Lucy, por sua vez, encarou o comandante Ross com mais do que uma breve preocupação.

Ergui minhas sobrancelhas para Kian que desviou o olhar instantaneamente, fazendo-me segurar o riso.

Lucy Harper e Chloe Evans trouxeram certa luz para aquele quarto. Kimberly ria dos comentários exagerados de Chloe, enquanto Lucy a atualizava de todos os acontecimentos que ocorreram em sua ausência, hora e outra fugindo com os olhos para a direção de Kian, que admirava o ânimo da conversa.

— Primeiro, vamos caminhar! — Paul inqueriu.

Como um adolescente, eu temi que minha vida estivesse por um fio.

Sobrevivi a tudo nos anos de comando na Área Militar, mas receei não sobreviver ao pai de Kimberly.

— Voltaremos em breve! — Anunciei. Ou ao menos era o que eu esperava.

Kimberly grudou os olhos nos meus, provavelmente adivinhando o

motivo da conversa.

Caminhei ao lado de Paul pelos corredores do hospital.

— Você tem feito um ótimo trabalho nesse lugar, filho! — Disse.

— Tenho muita ajuda! — Paramos na sala de descanso, onde a luz do sol banhava nossa pele, transpassando a grande vidraça à esquerda. — Tenho a impressão de que não me chamou até aqui para falar sobre meu comando na Área Militar.

— Tem razão. — Paul enfiou as mãos nos bolsos da calça. Seu olhar passou por mim e alcançou o horizonte além da vidraça. — Vejo como olha para ela, Draco. — Um nó se formou em minha garganta. — Da mesma forma como eu olhava para Savanna.

— Como se estivesse disposto a morrer por ela! — Completei.

— É isso que pensa? — Voltou a olhar para mim.

— Todos os dias! — Respondi com sinceridade. — Eu a amo, Paul. — Assumi. — Sei que não vai concordar. E não sei lhe explicar como aconteceu, mas seria mentira dizer o contrário.

Paul ficou pensativo, olhando-me cautelosamente. Sentou-se ao meu lado e colocou uma das mãos sob meu ombro.

— Draco, você sofreu muito. Trabalhou em cima de dores insuportáveis. Acreditei em meu íntimo que você jamais se envolveria com outra pessoa, mas minha mulher, não. Ela acreditava que na hora certa, tudo mudaria. — Seus olhos se entristeceram. — Perder Savanna foi a minha destruição, mas, por Kimberly, eu estou de pé. Ela precisa de mim e outras pessoas também precisam. Não somente de mim, mas de nós. Você sabe o que seu cargo representa para a minha filha. — Senti meu peito gelar. — Eu jamais permitiria esse relacionamento em outra situação, mas quem sou eu para impedir alguém que está disposto a dar sua própria vida por ela? Vi como lutou naquele lugar e por mais que meu coração de pai esteja trêmulo,

não creio encontrar pessoa no mundo que a ame dessa forma, além de mim. Vocês têm minha benção.

Segurei o ar boquiaberto.

— Não pretendo decepcioná-lo. — Sorri apertando sua mão. Uma aliança estava estabelecida. Cuidaria de Kimberly por todos os seus dias, enquanto ela permitisse.

— Parece que terei cabelos brancos mais cedo. Já não bastava ela querer ser uma agente. — Paul sorriu, orgulhoso da filha decidida que tinha.

— Espera, ela quer ser o quê? — Ergui as sobrancelhas.

— Parece que ela ainda não teve tempo de lhe contar a novidade, não é? — Enfiei as mãos nos cabelos. — Bem-vindo ao meu mundo, filho.

Definitivamente não haveria paz em meus dias, mas, ainda assim, ansiava por aquilo.



Quatro dias depois

Em uma tarde nublada, ela recebeu alta. Estacionei em frente ao hospital e avistei Kimberly me aguardando na entrada. Desferi um beijo em sua testa que a fez corar. Ela usava um vestido claro acima dos joelhos. Seus cabelos soltos dançavam com o vento.

— Preparada para ir embora, senhorita? — Perguntei. — Ou gostou da comida daqui?

— Vamos embora! — Kim enlaçou o braço ao meu e olhou mais uma vez para o hospital. — Gostaria que ele também pudesse ir conosco.

— A alta de Kian sai em dois dias e estarei aqui, da mesma forma,

para buscá-lo. — Aspirava por aquele momento.

Abri a porta para que ela entrasse.

— Vamos para seu loft? — Perguntou olhando para frente.

— Sim! A menos que queira ir para outro lugar. Posso solicitar que te mudem de quarto a hora que quiser. — Mesmo que não desejasse aquilo.

— Não! — Apressou-se. — Por mim, está ótimo.

— Antes temos que passar em um lugar! — Não consegui esconder minha satisfação. — Quero que veja algo.

— O quê?

— Novos membros da Área Militar! — Seu rosto se enrugou com a incógnita criada.

— Tudo bem! — Concluiu sem entender.

Acelerei o carro e um quilômetro mais tarde, havíamos chegado ao novo setor da Área Militar.

Abri a porta para que Kimberly descesse. Os ruídos eram audíveis.

— Que lugar é esse? — Indagou.

— É o Setor K-9! — Anunciei.

Ela olhou em meus olhos, reconhecendo os latidos e rosnados de filhotes eufóricos, e, então, pude testemunhar o aparecimento de uma estrela. Ela brilhava de alegria.

— Comandante! — O agente veterinário prestou continência quando nos aproximamos.

Kimberly passou pelo cercado e foi de encontro aos vinte e dois filhotes de pastor alemão abrigados naquele lugar. Eles estavam divididos em dois ambientes diferentes e por um momento, ela se pegou escolhendo um dos cercados para visitar.

— De onde eles vieram? — Perguntou eufórica. — Posso pegar?

— Claro, senhorita. Ainda serão treinados. — O veterinário informou.

— São cães militares. Logo após o treinamento serão ligados a um agente humano e formarão parceria. Precisam criar um laço de amizade e confiança com os parceiros humanos e logo, estarão trabalhando juntos. — Continuou enquanto Kimberly observava cada um dos filhotes barulhentos a sua frente. — Vieram pela solicitação do comandante Primeiro.

Ela entrou em um dos cercados e foi abraçada por onze filhotes sedentos por diversão.

— Como podem ser tão lindos?

— Realmente, é uma beleza imensurável. — Olhei para ela, perdido em seus traços delicados.

— Comandante, que ideia maravilhosa! — Encarou-me e sorriu.

— Alguém me disse que não deveria existir uma Área Militar sem cães militares e acredito que ela estava certa.

— Eles auxiliam muito. São bons em farejar armas, munição, drogas e pessoas. — O veterinário informou. — Por isso, estão separados. Os do cercado direito, onde a senhorita está, serão especializados em farejar pessoas e drogas. E os da esquerda, serão treinados para farejar armamento e munição.

— A nova turma de agentes será responsável pelo treinamento dos cães, assim que a turma se iniciar.

— Ah, meu Deus! — Exclamou. — Poderei escolher um deles para treinar?

— Parece que um deles já te escolheu. — Uma bolinha marrom de orelhas pontudas e nariz comprido insistia em morder os cadarços do tênis de Kim.

— Ela é linda! — Segurou a pequena fêmea nas mãos, que logo começou a se sacolejar querendo brincar.

— Apenas os de pelugem negra têm donos. Pode escolhê-la, se

desejar. — O agente instruiu.

— Seja bem-vinda! — Kim esfregou o rosto no focinho escuro da bolota de pelos. — De quem são os negros? Agentes?

— Não, senhorita, pertencem aos comandantes Primeiro e Ross. — Ele meneou um aceno em minha direção.

Caminhei em direção a Kimberly. Quando coloquei os pés para dentro do cercado, fui alvejado por pelúcias vivas. Agachei-me rendido a eles e os acariciei. Fariam bem aos habitantes da Área, assim como a nossa segurança seria reforçada. Novas cores pretendiam pintar o céu ao nosso redor e eu estava inclinado a permitir.



Uma hora mais tarde, adentramos o salão principal a caminho do loft.

— O que houve por aqui? — Kimberly observou o lugar vazio.

— Paul e suas infinitas palestras. Seu pai é um excelente educador. — Elogiei.

— Eu que o diga! — Riu.

Subimos as escadas.

A todo o momento observava se algum movimento a causaria dor, mas até então estava tudo bem.

Entramos no loft que estava exatamente como eu havia deixado. Exceto pelas caixas com as roupas de Kimberly que eu havia solicitado.

— Como está se sentindo? — Perguntei, cansado de observar e não encontrar nenhum sinal de dor.

— A dor não me incomoda. Quase não existe mais. Além disso, estou dopada vinte e quatro horas por dia de anestésicos. — Desferiu um leve tapa

no próprio dorso. — Está tudo em ordem.

Aproximei-me de seu corpo e coloquei seu rosto entre minhas mãos. Observei cada detalhe. Suas pequenas sardas espalhadas pelo nariz, quase invisíveis a olhos nus. O olhar cor de mel, que escondia uma bondade infinita. Até mesmo uma marca que se formava no contorno dos seus lábios quando sorria. Era de uma perfeição imensa. Toquei seus lábios com os meus e a beijei.

— Vem comigo! — Desfiz-me do beijo e segurei suas mãos, levando-a até meu quarto. — Quero que veja uma coisa. — Sentei em minha cama e a conduzi a fazer o mesmo.

Abri a gaveta da escrivaninha e retirei a foto da minha família, colocando minha arma em seu lugar.

— Estes são eles, a minha família. — Entreguei em suas mãos, sentindo meu coração palpitar.

— São tão lindos! — Achei graça em sua observação.

— Você é a primeira pessoa que vê isso. Nem mesmo Kian jamais viu essa foto. Não na situação que ela representa.

— E o que ela representa?

— Tudo o que eu tinha. — Olhei para a foto. — Vinha até ela todos os dias e lamentava o que foi tirado de mim. Resolvi não ter nada, assim não teriam mais o que roubar de mim. Então, quando te conheci, percebi que sempre haveria algo a ser tirado de alguém. Quando Kian caiu naquele lugar, me vi desnorteado pela primeira vez em sete anos. E entendi, eu já tinha algo que não suportaria perder. Desde aquele momento, algo mudou.

— O quê? — Perguntou atenta aos detalhes da foto.

— Hoje não vejo essa foto como um motivo de desespero. — Comecei, inclinando-me até seu rosto. — Vejo com carinho, porque mesmo que eles tenham partido, sempre farão parte de mim. E se em vida eles eram

tudo para mim, em morte continuarão sendo. Guardo as lembranças boas. Sugiro que faça o mesmo. — Seus olhos encontraram os meus.

— Essa foto não deveria estar guardada em uma gaveta. — Ergueu a fotografia no ar. — Vamos encontrar um porta-retratos para ela. Você vai poder olhá-la todos os dias e lembrar o quanto foi amado e o quanto ainda é.

— Por onde você esteve todo esse tempo? — Perdi-me em seu olhar.

— Você leu a carta? Leu o que eu disse sobre você? — Perguntou, sabendo a resposta.

Pensei em responder, mas aqueles lábios me fizeram esquecer as palavras. Em um impulso, segurei sua nuca e a beijei. Seus lábios doces me transportaram para outro universo. Ela retribuiu entre suspiros que me enlouqueceram.

Senti sua pele arrepiar quando apertei levemente sua cintura. Por um tempo, permaneci imóvel, saboreando o gosto de seus lábios, apreciando cada toque de suas mãos pelos meus braços. Já não aguentava mais e sentia que ela também não. Então, puxei Kim para meu colo, medindo minha força com cautela. Ela envolveu suas pernas ao redor de minha cintura, fazendo-me sentir o toque de sua pele. O clima quente me alertava do que poderia acontecer, mas eu já não era dono das minhas atitudes.

Ela enlaçou os dedos nos cabelos em minha nuca e me beijou intensamente. Arfei quando mordeu meus lábios. Deitei-a sobre a cama, tomando o máximo de cuidado possível. Havia medo em meu toque. Temia machucá-la. Suas curvas se acentuaram sob o fino vestido que eu almejava rasgar. Deixando-me ainda mais louco de desejo por ela. Beijei sua clavícula e tracei um rastro por seu pescoço, demorando-me ali. Voltei ao seu rosto, que corado, pedia mais.

— Se existe algo de bom em mim, resolvi entregar a você! — Sussurrei em seu ouvido, fazendo com que se contorcesse embaixo de mim.

Afastei-me um pouco mais para olhar em seus olhos. Ela sorriu e me puxou para seus lábios. Minhas mãos encontraram a alça de seu vestido e dançaram por ela por um instante. Puxei-as para baixo lentamente, contemplando seu corpo, pouco a pouco. A pele clara parecia brilhar a cada novo toque. A visão mais bela que existira.

Kimberly agarrou minha blusa de forma tímida e a arrancou. Passeou com os dedos pelas cicatrizes expostas em meu peito. Seus olhos se perderam nelas, enquanto eu admirava seu rosto. Irrevogavelmente, eu a amava.

Kim estava preparada, da mesma forma que eu. Joguei seu vestido no canto do quarto e me deitei sobre ela. Inebriado pelo prazer, beijei cada centímetro do seu corpo, demorando-me, sentindo-a pulsar em minha pele, em meu coração. Entregando a ela tudo o que me restava. Conhecendo seus desejos, ouvindo seus gemidos, entrelaçando nossos corpos.

Quando não aguentávamos mais, elevei seus braços acima de sua cabeça, absorvendo cada sensação e gemido que exalávamos. Desci meus quadris sobre ela e senti suas unhas cravarem em minhas costas. Ela me olhava de forma inocente e sedutora, como se quisesse guardar cada instante do que nascia entre nós. Fechava os olhos quando não conseguia mais segurar o prazer. Agarrava-se a mim de todas as formas, enquanto eu reprimia meus músculos para não a machucar. Envolvi seu corpo em meus braços e gemi de prazer, perdido no êxtase que era aquela grande mulher.

Naquele dia, eu a fiz minha, como nem em meus melhores sonhos havia imaginado.

O céu nublado escurecia meu quarto, enquanto em silêncio, eu a admirava. Deitada sobre o meu braço, com as bochechas coradas, um lençol cobrindo parte do seu corpo e um olhar acanhado em minha direção.

— O que foi? — Sussurrou.

— Eu te amo!



Capítulo 33

E aqueles que foram vistos dançando
foram julgados insanos por aqueles
que não podiam escutar a música.
Friedrich Nietzsche

Kimberly

AMARREI OS CADARÇOS dos tênis e levantei-me encarando o espelho à minha frente. Senti falta da minha calça jeans e meu moletom enquanto estive no hospital. Meu pai pediu que um dos homens do Primeiro o chamasse pelo rádio, solicitando minha presença na saída do salão principal. Iríamos ver minha mãe.

Desfiz-me dos braços de Draco assim que ouvi a notícia. Não sabia se estava preparada para aquele momento, mas tinha consciência que deveria ir.

Passei as mãos pela nuca, ainda eufórica. Havia me entregado de corpo e alma para ele e me sentia completa como nunca.

— Está pronta? — Draco bateu na porta e se escorou no batente. Observei suas roupas negras e como seus olhos brilhavam atrás de toda aquela escuridão. — Temos que estar lá em dez minutos ou serei um homem morto.

Caminhei até ele, que alcançou minha cintura e me puxou para seus lábios. Eram mágicas as sensações que ele me proporcionava.

— Estou pronta! — Anunciei.

Breves minutos depois, Draco observava da porta de entrada o carro de meu pai arrancar em direção ao cemitério Moravian.

— Fique tranquila, vamos voltar ainda hoje! — Meu pai avisou.

— Algumas horas de viagem! — Concluí.

— Lembra-se daquele travesseiro redondo e estranho que você enfiava no pescoço quando viajávamos? —Olhou-me pelo canto dos olhos. — Está bem ali atrás.

— Não acredito! — Era raro que acontecesse alguma viagem em família e quando aconteciam, mal duravam um final de semana, mas elas existiam. E por onde eu ia levava comigo meu travesseiro de pescoço. — Como ainda o tem?

— Na verdade, não tenho. — Assumiu. — Rodei por todas as lojas que encontrei pelo caminho atrás de um idêntico ao seu.

Sorri estupefata.

— Pai, eu te amo! — Abracei o travesseiro e logo, senti o sono me ninar.

— Eu também te amo, minha pequena!

Percebi que desde que cheguei a Área Militar, era a primeira vez que saia sem sombras querendo me atacar. Respirei fundo e tranquilamente, fechei os olhos.



Duas horas depois, senti o carro diminuir a velocidade.

— Estamos chegando. — Abri os olhos, encontrando uma larga rua de pedras sobre um rio de cores escuras que corriam fazendo um enorme

barulho.

— Cemitério Moravian! — Sussurrei quando li os dizeres no grande portão de aço na entrada do lugar. Havíamos chegado!

Meus olhos ardiam. Minha garganta queimava como se tivesse engolido uma brasa acesa. Sabia que meu pai sentia o mesmo, entretanto em nosso sofrimento escolhemos apenas ficar em silêncio, talvez respeitando a dor do outro ou, quem sabe, desejando que ela fosse menor que a nossa própria dor.

O solo de Dashville exibia outras cores. Os ventos eram mais suaves que em Bristol, mas surpreendentemente não sentia que ali era meu lar. Meu coração e meu corpo pertenciam a Valloren agora, lá em me sentia em casa. Na Área Militar.

Caminhamos lentamente para dentro dos portões e uma imensidão se abriu aos nossos olhos. Era lindo, mas, de certa forma, dava medo. As lápides uma ao lado da outra pareciam sussurrar histórias. Vários nomes, datas, anjos, flores e lembranças espalhados pelo lugar mostrava que cada um ali tinha sua importância na vida de alguém. Não erámos os únicos que perderam alguém, isso me dava certo conforto, saber que mais pessoas viveram algo do tipo e sobreviveram. Meu pai andava olhando para a direita e parecia ver algo no horizonte que eu não via.

— Pai? — Aproximei-me e segurei sua mão. Ele olhou para mim com espanto, mas seus olhos logo se encheram de ternura. — Está tudo bem?

— Vai ficar, querida. — Caminhou ainda segurando minha mão. — Tivemos grandes perdas, não é mesmo? Irreparáveis. Mas tudo um dia ficará bem, em nossas mentes e em nossos corações.

Apenas consenti com a cabeça e seguimos caminhando entre grandes árvores e arbustos em um caminho de pedras que ornamentava o lugar em meio aos túmulos espalhados.

— Estamos chegando! — Alertou.

Segui pelos caminhos de pedra com meu pai. Andamos por cerca de cinco minutos, então paramos em frente a uma grande lápide sob uma escultura angelical. Meu estômago ardeu quando li os dizeres.

"Savanna Digory, esposa amada, mãe dedicada."

Minha mãe, meu mundo que foi tirado de mim. Não pude velar seu corpo, como também não consegui comparecer ao enterro de Olivia. As mulheres mais importantes da minha vida haviam partido sem ao menos me dar a chance de dizer adeus. Estava ali diante dela sem saber o que dizer, apenas sentindo tudo que estava me destruindo de dentro para fora de uma só vez.

Meu pai se ajoelhou em frente ao túmulo de minha mãe, olhou para trás e estendeu a mão para que eu a segurasse. Forcei meus ossos a se moverem, sair da paralisia que me encontrava e sentei ao seu lado.

— Lembra de quando ela cozinhava? — Disse baixo.

— Lembro! — Respondi segurando o choro.

— Ela odiava cozinhar! — Ele irrompeu uma risada contida e colocou o rosto entre as mãos, caindo em desespero.

Fiquei paralisada por segundos, observando meu pai chorar freneticamente e percebi que não existia poder, força ou status social que lhe fizessem esquecer qual era a dor da perda. Passei meus braços ao redor de seus ombros e me juntei a ele em um momento nosso de despedida, onde os nossos corações dilacerados tentavam dizer adeus para a mulher de nossas vidas.



Entramos no carro em silêncio. Um pedaço de nós havia ficado para trás. Ainda assim, senti-me melhor depois de vir até aqui. Uma lágrima escorreu por meu rosto, desatenta. Pensei novamente em Olivia. Havia tido a honra de viver ao lado daquela garota por dez anos da minha vida e não poderia ter conhecido alguém melhor que ela. Por ela e por minha mãe, eu mudarei o rumo da minha vida e do meu futuro, para que nenhum monstro fizesse algo do tipo com outra garota ou outra mãe por aí.

— Kimberly... — Meu pai estendeu um envelope branco, antes de arrancar o carro. — Isso é seu.

— O que é?

— Todos os agentes que são pais ou mães são orientados a escrever uma carta destinada aos filhos. É opcional, mas eu e sua mãe sempre fizemos questão de escrevê-las. É uma despedida, sem hora marcada ou dia exato. Mas uma premeditação. — Suspirou. — Essa é a de sua mãe para você. — Senti meu peito se contorcer de dor. —Também tenho a minha e não pretendo permitir que você precise lê-la.

— Lerei quando estiver pronta.

— Quero que chore o que tiver que chorar, que sofra o necessário, mas quero que viva, minha filha. Acima de tudo, era esse o desejo de sua mãe. Não admito que se afogue no passado.

— Eu não vou. — Garantir. — Vou viver e sobreviver.

Segurei a cartas entre os dedos, como se minha vida dependesse daquilo. Meu pai acelerou o carro e retornamos ao nosso destino principal.

A noite já havia caído quando chegamos à Área Militar. A estrada sinuosa banhada pela escuridão era aterrorizante. As árvores se

assemelhavam a portais, em um túnel sem fim.

— Preciso de um banho! — Anunciei quando descemos do carro. — Te encontro na sala de jantar. — Dei um beijo em meu pai e corri para o meu quarto mais que preparada para ler as palavras de minha mãe.

Abri a porta do loft, sentindo o perfume de Draco no ar. Ele estava no banho. Entrei para o meu quarto, rasguei o envelope e encontrei em letras cursivas, parecidas com a minha, as palavras da minha mãe. Sentei-me na cama buscando refúgio, e então comecei a lê-la.

Um papel, dois lápis, três palavras...

Hoje você acordou diferente. Tem algo em seu olhar que me fez temer.

Adiei tanto esse dia, minha princesinha. Juro, o quanto pude. Mas hoje, quando você me acordou com um bilhetinho colorido de duas cores e um olhar triste e solitário, tive medo. Tive medo por todas às vezes que necessitei te deixar sozinha com estranhos, devido ao trabalho que temos. Tive medo de nunca mais ver esse sorrisinho quando nos vê chegar. Deus! Como eu tenho medo de perder você algum dia, minha pequena. Neste momento você está bem pertinho de mim, sentada no sofá, com sua manta inseparável, que eu sei que esteve mais perto de você do que eu nesses dias. Perdoe-me pelos momentos que perdi, mas nunca esqueça que sempre pensei em seu futuro e o que essa nossa vida poderia te proporcionar.

Talvez você nunca entenda que quando se entra nessa vida, você acaba jamais saindo. Não pelo dinheiro ou pelo status, mas pelo prazer de salvar vidas ou contribuir da forma que precisarem.

Querida, eu não espero que um dia você leia essa carta. Sinceramente, ainda creio que é somente um protocolo meio macabro que

nós nos dispomos a fazer. Mas se um dia, ela se fizer necessária, e como dizem nos filmes que seu pai tanto adora "Se estiver lendo esta carta", eu apenas digo que sinto muito, meu anjinho. Sinto por ter deixado você nesse mundo sem minha proteção. Não quero pensar na ideia de não ter você em meus braços quando tiver um pesadelo ou quando chorar porque caiu e se machucou.

Não quero ter de pensar em todos os seus momentos felizes que eu vou perder. O primeiro namorado, a formatura, o casamento. É difícil escrever quando algumas lágrimas ficam caindo sobre o papel e seus olhinhos me espionam atentos do sofá, sem entender o que acontece hoje comigo nessa mesa de escritório. Escolhi estar aqui olhando para você quando fizesse isso e tentando gravar cada pedacinho seu para levar comigo seja lá para onde eu for. "SE" eu for.

Prometa-me uma coisa? Independentemente do que houver, comigo ou com seu pai, prometa-me querida, que você vai seguir em frente. Que vai seguir seus sonhos, por mais que a dor te sufoque. Que vai procurar ter uma vida somente sua e não vai viver à sombra dos nossos passados. Faça suas escolhas e se for para ser feliz, que enfrente qualquer coisa e lute com todas as forças.

Tudo pode acontecer e esta carta é tão pouco para tudo que tenho a te dizer, mas tem algo que quero que faça, caso eu vá embora antes de seu pai. Quero que cuide para que ele não se destrua. Não deixe que ele se vá comigo, meu anjo. Ele vai precisar de você se assim Deus permitir. Não se afaste dele, não deixe que ele desista e você mesma, não desista. Eu estarei aqui para sempre, como hoje, olhando você com cuidado. Não esqueça, meu amor por você é eterno e incondicional. Daria mil vezes a minha vida por você.

E no fim, devolvo as três palavrinhas que você, com sua letra de uma

garotinha de oito anos, escreveu para mim nesta manhã, a letra meio torta, uma maior que a outra e tudo colorido de vermelho em um desenho que simboliza seu coraçãozinho...

Eu te amo!

Quando sentir saudades olhe para o céu e a estrela que mais brilhar serei eu, balançando os braços para você e dizendo que vai sim, ficar tudo bem!!!

Para minha eterna garotinha de olhinhos pequenos e cabelos de fogo.

Mamãe.



Não me restou forças para reler aquela carta.

Agarrei o travesseiro e gritei com o rosto enfiado nele. Urrei como nunca. Senti minhas costelas doerem pela primeira vez desde a saída do hospital. Enquanto minha garganta seca implorava por minha mãe.

Um esforço inútil de me recompor fez com que minha cabeça doesse e um barulho na porta me chamou atenção. Ele estava ali parado. Braços cruzados e expressão indecifrável. Seus olhos claros me diziam algo que eu não conseguia entender.

Ficamos nos olhando por longos segundos até que ele se afastou da porta e veio até mim, lentamente, como se esperasse que eu fugisse pela janela. Não consegui controlar meu próprio corpo que tremia compulsivamente. Ele se sentou ao meu lado, retirando da minha mão a carta amassada de minha mãe. Minhas lágrimas molharam o papel, assim como as

dela, tantos anos antes.

Com cuidado, ele a colocou aberta sobre a mesinha do lado esquerdo do quarto para que secasse e me puxou para seus braços. Meu peito ardia como se houvesse algo cravado nele.

— Estou com você! — Sussurrou em meus ouvidos. — E sempre vou estar! — Suspirei fundo, sentindo-me protegida.

Busquei o céu procurando a estrela mais brilhante e a encontrei. Desejei poder gritar aos ares o quanto a amava, e o que me confortou foi ter ciência de que em qualquer lugar da existência, minha mãe sabia que meu amor por ela continuaria vivo até que o sol deixasse de existir.



Epílogo

Kimberly Digory

Um ano depois

Carry on, my wayward son
There'll be peace when you are done
Lay your weary head to rest
Don't you cry no more

Siga em frente, meu filho rebelde
Haverá paz quando você tiver terminado
Repouse sua cabeça cansada
Não chore mais

Kansas.

Hoje é seu dia.

Orgulho-me de quem se tornou. Uma mulher destemida e sem fronteiras, a agente destaque de sua turma, obviamente com seus dois pés esquerdos. E além de tudo, o amor da minha vida. Não tenha medo, estarei no palco aguardando para segurar sua mão.

Com amor, Draco!

A formatura havia chegado. O momento de deixar de ser apenas a filha de Paul e Savanna Digory, e alcançar meus próprios méritos. Reli o bilhete deixado por Draco em nossa cama pela manhã antes que o sol nascesse ao lado de um buquê de rosas vermelhas. Minhas preferidas.

Kian também havia enviado flores amarelas até o loft pela manhã, difíceis de se encontrar em Valloren, como um símbolo de boas-vindas. Eu estava uma pilha de nervos, completamente ansiosa.

Olhei meu reflexo novamente, vestindo pela primeira vez o uniforme de formatura. O quepe cobria meu cabelo que, preso em um coque, sombreava meu rosto. O verde escuro das roupas era quase negro. Os coturnos praticamente não pesavam. Acostumei-me com eles nos treinos intensivos.

Um, dois, três, quatro...

Contava mentalmente enquanto batia o dedo na pesada arma — escolhida com cautela — presa a minha cintura. Adaptei-me a HK USP 9mm de Draco. Logo, recebi a minha. Lembrei-me com graça dos primeiros tiros que dei. Gritava com os espasmos da arma e cheguei a jogá-la no chão com o susto.

“Um perigo ambulante.” O instrutor alertava sob os olhos atentos do Comandante.

“Vou conseguir.” Repetia a cada erro.

Hoje tudo parecia tão distante. Como um acessório diário, eu necessitava tê-la comigo. Minha mira foi elogiada nas primeiras semanas. Afinal de contas, os treinos noturnos deveriam servir para algo. O comandante Primeiro estipulou três horas de treino nos campos vazios antes de dormir até que eu não representasse perigo para os alunos da turma em formação. A perfeição veio com a insistência.

Cinco, seis, sete, oito...

Meu coração pulsava em descompasso.

Nove, dez, onze...

Éramos vinte agentes em formação e todos aguardando sem dizer uma palavra sequer. Passei as mãos no rosto, tentando manter a calma. Draco estaria ao lado de Kian e saber que eu ocuparia um espaço próximo a eles era, no mínimo, incrível e assustador. Alguns arranhões dos treinos finais ainda estavam marcados pelo meu corpo, mas o meu maior medo era não saber lidar com os próximos arranhões que aquele cargo iria me proporcionar.

— Sejam bem-vindos a mais uma graduação anual de agentes militares! — Ouvi a voz de Madeleine ecoar pelo saguão chegando até nós. — Aos convidados, sintam-se em casa. Aos membros, esta é a sua casa.

Seguia tranquila e convidativa.

— Todos aqui têm um motivo em especial para estar na Área Militar. A vida nos surpreende e nos ensina a duros passos que algumas marés são mais fortes que outras. E que nem sempre seguimos o rumo que esperamos. Mas, independentemente de tudo, nós estamos aqui, superando as barreiras e vencendo. — Ela enfatizou.

“A Área Militar foi criada com o intuito de proteger cada membro das famílias de nossos agentes espalhados pelo país. Willian e Leah Clarent foram os fundadores originais e com muita garra ergueram nossa Área Militar. Infelizmente, tivemos a perda inconsolável do casal de criadores, como inúmeros outros membros da nossa organização. Porém, superando qualquer expectativa, a Área Militar seguiu infindavelmente mais forte, movida talvez pelo incentivo da perda e pela necessidade de se manter em pé para que a proteção de nossos jovens se propagasse pelas décadas.

Ela fez uma pausa.

— E é com extremo orgulho que anuncio o início da formação,

apresentando os comandantes da Área Militar.

Novamente, um silêncio envolvido a grande expectativa calou o lugar.

— Linha de sucessão dos Clarent, bacharel em engenharia e artes liberais, primeiro lugar na academia militar de West Point, recrutador de novos membros e novos agentes. Especialista em armas. Nossa autoridade máxima e orquestrador dos nossos principais combates e defesas, com vocês, o Comandante Primeiro!

Um alarme ecoou pelo saguão e uma salva de palmas irrompeu em seguida. Gritos incontidos raiavam por todos os lados e aos poucos se dissiparam.

— Coordenação estratégica, governamental, Ph.D. em ciência da computação, especialista em análise de inteligência e ciência aplicada. Coordenador do grupo de invasão tática e antibombas, e autoridade máxima na Área Militar. Apresento o Comandante Kian Ross!

Novamente os alarmes soaram e uma gritaria sem fim iniciou.

— Está nervosa? — Um jovem dos cabelos loiros se aproximou, quebrando o silêncio ensurdecedor.

Treinei com ele por um tempo, mas nunca trocamos uma palavra sequer. Gostaria apenas de lembrar seu nome para poder retribuir a gentileza.

— Um pouco! — Franzi a testa. — Na verdade, estou apavorada! — Assumi, abrindo um sorriso.

— Nem me fale! — Disse se escorando ao meu lado. — Vai dar tudo certo.

— Espero que sim. — Respondi.

— Eu também. Meus pais estão lá fora. Consigo ouvir os gritos da minha mãe daqui. Espero não cair em público. — Dei uma gargalhada.

— Seus pais são de Bristol?

— Sim, mas agora vivem em uma cidade vizinha em um novo caso.

— Completou o mais sigiloso possível. — Kimberly, não é? — Seus olhos se voltaram para mim, me fazendo arquear as sobrancelhas.

— Sim. — Fiz uma pausa dramática. — E o seu nome é?

— Austin Rogers! — Madeleine anunciou a plenos pulmões em uma voz sorridente.

— Eu sou esse aí. — Informou sorrindo. Austin correu até a saída. — Boa sorte! — Meneou o quepe e seguiu seu caminho.

Enrijeci o corpo quando vários disparos foram dados ao ar livre assim que Austin avançou para seu destino e em seguida, calorosos aplausos e gritos estridentes o receberam.

“Meu filho, lindo, lindo.”

Todos na sala irromperam em risadas, escutando nitidamente a mãe de Austin no meio da plateia. Meu estômago revirou com a sensação de que a qualquer momento seria a minha vez. Arrumei o quepe mais uma vez e aguardei.

— Kary Mark.

A morena dos olhos claros que estava em uma animada conversa com um rapaz respirou fundo e prendeu o ar atrás de um sorriso. Olhou para nós como se desejasse boa sorte e seguiu pela entrada principal e mais gritos e aplausos tremeram o lugar. Bati o pé repetidamente, já sabendo que eu seria a próxima pela ordem alfabética.

— Kimberly Digory! — Prendi a respiração e olhei ao redor.

Todos me encaravam dando apoio. Acenei para os formandos que restavam e me preparei para entrar naquele ambiente.

Coloquei os pés para o lado de fora e me deparei com uma cena de perder o fôlego. Havia um tapete vermelho de linho, estirado até um palco montado a céu aberto. A noite havia caído e as luzes deixavam o ar incrivelmente harmonioso. Balões luminosos pairavam sobre o palco,

apontando o grande céu. Duas fileiras de soldados armados com fuzis cercavam os dois lados do tapete. Teria de passar entre eles.

Quando dei meu primeiro passo, os soldados ergueram o fuzil e dispararam. Não contive um sorriso aberto de orelha a orelha.

O lugar estava lotado, mas de longe notei as garotas eufóricas gritando na primeira fila. Lucy e Chloe. Ao lado esquerdo, estava meu pai, aguardando que eu completasse minha trajetória.

Comecei a caminhar sob gritos enlouquecedores. Meus olhos lacrimejavam e então, eu os encontrei. De cima do palco, Draco e Kian me observavam. O sorriso dos dois poderia iluminar aquele lugar tranquilamente.

No caminho, encontrei Hannah ao lado de seu primo Hunter. Como se fôssemos boas amigas, ela me cumprimentou. Jamais escutara novamente boatos sobre as ousadias de Hannah. Não depois que chegou aos ouvidos do comandante que ela me ajudou a fugir da Área Militar. A verdade era que ele jamais soube daquele episódio, mas foi interessante que ela pensasse que sim. Pelo visto o plano dera certo, ela procurou novas prioridades. Entre elas, infernizar a vida do próprio primo.

Caminhei até o final e me uni à fila de formandos, aguardando a condecoração. Um a um os formandos fizeram a sua entrada. Então, Madeleine repassou ao Primeiro o microfone. Observei quando ele pigarreou e trocou um olhar cumplice com Kian.

— Sabemos que não somos merecedores, sabemos que somos falhos e levamos conosco muitas vidas perdidas, porém por mais que existam obstáculos, nós sempre seremos os comandantes e absolutamente nada nos impedirá de proteger cada um dos jovens neste lugar. Enquanto vivermos, a Área Militar será o lugar mais seguro que existe. Isso nós garantimos. — Mais aplausos abarrotaram o lugar.

— Estou orgulhoso! — Li os lábios de meu pai e sorri enquanto os

comandantes desciam as escadas do palco com as patentes em mãos e começavam a condecorar cada um dos novos agentes.

Kian se aproximou e me envolveu em seus braços. Um abraço apertado e prestigioso.

— Parabéns! — Afastou-se, alcançando a mão do agente ao meu lado.

— Aqui está você! — Draco anunciou. — Formando-se! — Lentamente segurou a patente em suas mãos e a pregou em meu uniforme. — Seja bem-vinda, agente Digory. — Ele envolveu minha cintura e me puxou para seus lábios. Raiando sobre nós uma chuva de palmas.

— Você é louco? — Perguntei ainda segura por suas mãos.

— Louco? Não! — Sorriu abertamente. — Sou o Primeiro comandante e quero te beijar!

Os fogos de artifício coloriram o céu, em uma noite que uniu a todos. Trocávamos abraços apertados e carinhosos. Marcus fez questão de comparecer à formatura, depois de ser enviado permanentemente para a central de Dashville contra sua vontade. Lucy permanecia com sua troca de olhares silenciosos com o comandante Ross, que os retribuía sigilosamente. Meu pai aceitou um cargo de diretor da central de Bristol, dando um jeito de ficar próximo da Área Militar e de mim. E aquilo era mais um motivo para comemorar.

Olhei para o céu, buscando a estrela mais brilhante e a encontrei. Minha mãe estava lá, olhando por mim, como disse que faria.

Não poderia estar mais feliz, servindo ao país pelo qual decidi lutar, protegendo as vidas que precisarem e vivendo o amor mais insano que poderia existir. Ao lado de amigos e pessoas a quem amava, os problemas, naquele momento, haviam se dissipado.

O som foi ligado e o baile extravagante organizado por Madeleine começou. Segurei as mãos de Draco e Kian. Nos entreolhamos, cercados pelo

som de uma música envolvente que banhava aquela noite brilhante e entre várias incertezas, algumas promessas se concretizaram.

Estaríamos dispostos a lutar lado a lado e viver intensamente, um dia de cada vez. Valorizando o que tínhamos hoje, afinal, não sabíamos qual ameaça enfrentaríamos amanhã, mas passaríamos por tudo da melhor forma possível...

Juntos!

MÃOS AO ALTO! É, você mesmo que está lendo esta mensagem... gostaria de receber em casa os marcadores de Área Militar e poder guardar os mimos desta história emocionante?

Avalie este livro na Amazon, deixando sua sincera opinião, e envie print para o e-mail abaixo:

Nathanyteixeira.escritora@gmail.com

Obrigada por me acompanhar até aqui.

Te espero na próxima!

Sobre a Autora



Nathany Teixeira é mineira, tem 27 anos, é educadora física, escritora e leitora compulsiva. Na infância, descobriu o amor pela literatura. Semanalmente, lia um livro da biblioteca pública pertencente à escola que estudava. É autora de outros títulos militares como O Primeiro, a história antes do poder e Minha essência, meu amor e atualmente se dedica a um novo desafio.

O tenente — Em breve, na Amazon.

ENTRE EM CONTATO COM A AUTORA

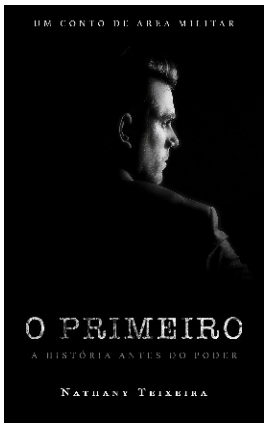
Nathanyteixeira.escritora@gmail.com

ACOMPANHE A AUTORA NAS REDES SOCIAIS:

IG: @nathanyteixxeira
Facebook: /nathanyteixeira
Wattpad: @nathanytrt

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

O PRIMEIRO: A HISTÓRIA ANTES DO PODER (SPIN-OFF DE ÁREA MILITAR)



SINOPSE: Quando um homem perde tudo e a insanidade arrisca corromper sua mente, duas opções lhe parecem o caminho para a saída. Sobreviver ou desistir!

O jovem Draco Clarent cresceu em meio ao mundo militar e quando pensou que poderia seguir um caminho diferente do que lhe foi imposto, um acontecimento mudou o rumo de tudo. Das cinzas e da dor, nasce o Primeiro, comandante da Área Militar!

LINK: https://amzn.to/2XOWPRK

MINHA ESSÊNCIA, MEU AMOR



SINOPSE: Um policial militar vê seu turno virar de pernas para o ar quando precisa salvar sua ex, uma linda jovem com o temperamento bem explosivo, fantasiada de coelha em pleno o carnaval de Belo Horizonte. O coração do soldado Ribeiro está acelerado e ele não sabe se é de susto, raiva ou pelo simples fato de que ele ainda a ama incondicionalmente.

LINK: https://amzn.to/2YC1vrp